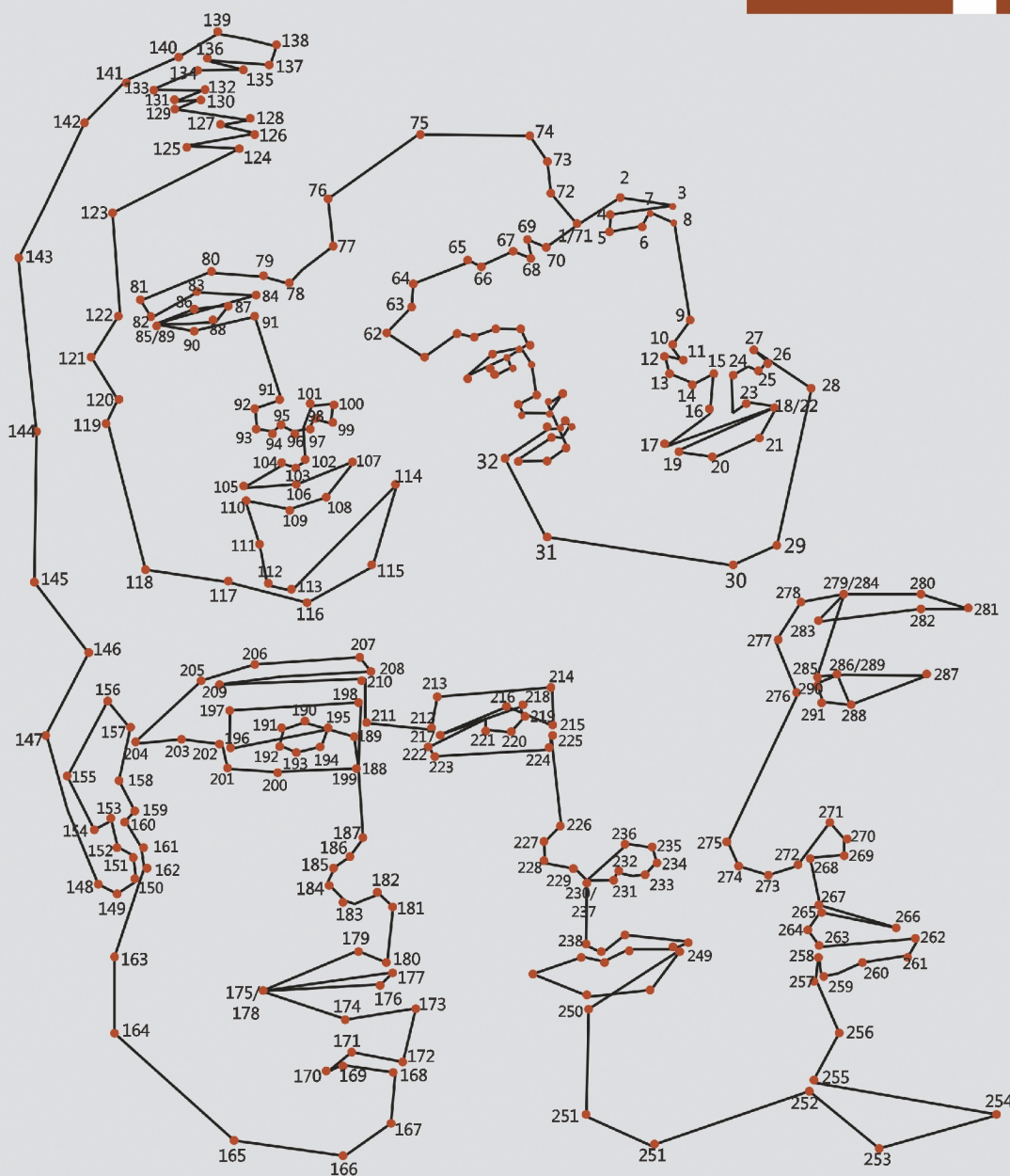


# INTERVENÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA: ATUAÇÃO E PESQUISA

volume 1



ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI  
CENEIDE MARIA DE OLIVEIRA CERVENY  
organizadoras

**Andreza Maria Neves Manfredini**  
**Ceneide Maria de Oliveira Cervený**  
Organizadoras

## **Intervenção Familiar Sistêmica: atuação e pesquisa**



**Taubaté – SP | 2019**

## Expediente

### Administração Superior

Reitora: Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes

Vice-reitor: Prof. Dr. Jean Soldi Esteves

Pro-reitora de Extensão: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

### edUNITAU

Diretor Presidente: Profa. Dra. Nara Lucia Perondi Fortes

### Conselho Editorial

Presidente: Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

Diretor Editorial: Prof. Dr. João Rangel Marcelo

### Projeto Gráfico

Editoração: NDG – Núcleo de Design Gráfico/UNITAU

Coordenador NDG: Alessandro Squarcini

Capa: Gabriela Rangel Cunha Manfredini

Impressão: Eletrônica (E-book)

### Colaboração

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi UNITAU

Coordenação: Márcia Marai de Moura Ribeiro

**SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**  
**Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária**  
**Maria Ap. L. de Souza – CRB/8-9087**

M276i	Manfredini, Andreza Maria Neves. [Org.] Intervenção familiar sistêmica: atuação e pesquisa / Andreza Maria Neves Manfredini (Org.), Ceneide Maria de Oliveira Cerveny (Org.) – Taubaté/SP: EdUnitau, 2019. 350p. : e-book. -- (Série Em Família)  Formato: PDF Requisitos do sistema: Adobe Modo de acesso: Público ISBN : 978-85-9561-083-5  1. Psicoterapia familiar. 2. Orientação familiar. 3. Pesquisa I. Cerveny, Ceneide Maria de Oliveira (Org.). II. Série. III. Título.  CDD 616.8914
-------	--

*Índice para catálogo sistemático*

1. Psicoterapia familiar 616.8914
2. Orientação familiar 616.8914
3. Pesquisa 001.42

**Copyright © by Editora da UNITAU, 2019**

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

## PREFÁCIO

Fiquei muito feliz ao receber o convite para escrever o prefácio desta obra com temática relevante nos dias atuais, uma vez que o papel da família é uma pauta que tem gerado debates em diferentes esferas. Por exemplo, como a exposição a lares desestruturados na infância pode acarretar problemas sociais na vida adulta? Além da necessidade de aceitação social de novos modelos familiares. Embora baseado em dados regionais os resultados aqui apresentados são capazes de induzir reflexões profundas que não seguem os mesmos limites geográficos. Uma obra que requer um leitor de mente aberta e disposto a assumir o papel do outro antes de tirar conclusões precipitadas ou estabelecer julgamentos.

A maternidade tardia é uma realidade. Mas se as mães tardias estão financeiramente mais independentes e dotadas de alta satisfação pessoal por que são ainda tão vulneráveis à pressão social? Talvez esta seja na verdade uma pressão de cunho mais individual. De qualquer forma o ajuste biológico necessário para alinhar os períodos reprodutivo e de ascendência profissional pode requerer algum tempo. Nesse contexto a mulher e mãe ainda busca seu ponto de equilíbrio emocional sem no entanto ter o apoio daquele que era o ponto “forte” da família tradicional. Afinal, os homens também estão revendo seu papel de pai e companheiro na sociedade pós-moderna. Juntos eles têm de aprender sobre conjugalidade sem perder a individualidade diante, literalmente, de milhares de “amigos” das redes sociais. Juntos eles têm de aprender para então poder ensinar seus filhos adolescentes a usar a internet de forma mais produtiva inclusive para os estudos e para manter a família mais unida. Juntos eles têm de aprender a impor limites aos seus filhos, muitas vezes únicos e isolados em mundo globalizado. Mais que isso eles têm de ensinar carinhosamente aos seus filhos que o mundo não se curva à sua mera vontade. E prepara-los para que de forma saudável no momento oportuno eles possam iniciar um novo núcleo familiar. Finalmente, juntos esses homens e mulheres, mães e pais, filhos, maridos e esposas, amigos e amigas, terão de se preparar ainda para a “melhor idade”. Para que a conjugalidade não tenha anulado a individualidade e que a família se mantenha unida não apenas física mas emocionalmente quando o corpo talvez não mais consiga acompanhar toda a força de vontade e de pensamento.

Caros leitores, convido vocês a realizarem a leitura completa desta obra que os deixará mais bem preparados para vários dos desafios da vida em família.

**Profa. Dra. Sheila Cavalca Cortelli**  
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UNITAU

## APRESENTAÇÃO

Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação é o nome do curso de pós-graduação *lato sensu* da UNITAU (Universidade de Taubaté) com início em 2014. Esse curso, oferecido anualmente, já está na sua quinta turma e tem como um de seus objetivos produzir conhecimento na área da família. Pesquisas, atendimentos clínicos e sociais realizados por alunos e docentes constituem rico material para ser compartilhado por profissionais que militam na área da saúde.

Essa produção, contempla as famílias principalmente circunscritas na área do Vale do Paraíba, Mantiqueira e Litoral Norte, por meio de trabalhos e pesquisas feitos por alunos do Curso oriundos dessas localidades. Esses trabalhos têm sido apresentados com sucesso em Congressos e Encontros da área de Família nacionais e internacionais e ainda contribuem para políticas de intervenção social e de saúde.

Como coordenadoras deste curso de Pós-Graduação, queremos deixar nosso testemunho da consolidação e sucesso deste curso até o momento presente, com o engajamento dos alunos nos estudos e pesquisas, que, de maneira apaixonante, se dedicaram à tarefa da construção desta obra. Ademais, observamos aceitação crescente dos profissionais de diferentes áreas que trabalham com famílias, fazendo parte, cada vez mais, dessa rede de pós-graduandos.

Agradecemos, ainda, o interesse da editora da UNITAU – sempre atenta à divulgação do conhecimento que junto a ela produzimos – em publicar este livro, o que contribui para tornar acessível e reconhecido o aprendizado registrado nos capítulos, consolidando, assim, o campo da Terapia e Orientação Familiar na nossa realidade.

**Andreza Maria Neves Manfredini**  
**Ceneide Maria de Oliveira Cerveny**

## AUTORES

**Adriana Leônidas de Oliveira.** Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Pós-Doutora em Administração, pela EAESP-FGV. Diretora do Departamento de Psicologia da UNITAU. Professora do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, na UNITAU. Professora do Curso de Especialização em Intervenção Familiar, na UNITAU. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Hospitalar e da Saúde, na UNITAU. Líder do Grupo de Pesquisa Saúde, Qualidade de Vida e Desenvolvimento.

**Andréa Nogueira de Castro Porto.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.

**Andreza Maria Neves Manfredini.** Psicóloga. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU. Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Curso de Terapia Colaborativa pelo Instituto Houston (EUA) em parceria com Interfacci – São Paulo. Coordenadora e Professora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar, na UNITAU. Professora Efetiva do Departamento de Psicologia, na UNITAU.

**Angela Maria da Silva.** Psicóloga. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU.

**Ceneide Maria de Oliveira Cervený.** Psicóloga. Especialista em Terapia Familiar, pela PUC-SP. Mestre em Psicologia Social, pela PUC-SP. Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Vice-Coordenadora e Professora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar, na UNITAU e Coordenadora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar Sistêmica, na FAMERP. Professora do Programa de Pós Graduação de Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, na PUC-SP.

**Denise Terezinha Rebessi Carrillo.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU. Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Reabilitação e Neuropsicologia Cognitiva, pela Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas – USP. Formação Técnica em Canto Lírico e Formação Básica em Piano, pela Escola Municipal de Artes “Maestro Fêgo Camargo”.

**Eleonora Alexandra Andruli.** Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP.

**Fabiana Gabriel Chemin Gomes Carneiro.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Reabilitação e Neuropsicologia Cognitiva, pela Faculdade de Medicina do Hospital das Clínicas – USP.

**Giovana Nogueira dos Santos.** Bacharel em Ciências Jurídicas. Graduada de Psicologia. Especialista em Direito e Processo do Trabalho, pela UNISAL. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU.

**Glaucia Silva Moreira Assis de Oliveira.** Socióloga. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU.

**Juliana Ciciliati de Andrade Corrêa.** Bacharel em Computação Científica. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU.

**Lúcia Andréia Gomes de Souza Silveira.** Psicóloga. Especialista em Orientação Familiar, pela UNITAU.

**Maria José Lima.** Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Mediadora, pelo Instituto Conversações. Professora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar, pela UNITAU. Professora da Pós Graduação em Psicopedagogia, pela UNIVAP. Membro do Instituto Empresa.

**Mônica Borges Iglesias Rufino.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.

**Monique Marques da Costa Godoy.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU. Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional, pela UNITAU. Pesquisadora participante do grupo de pesquisa Saúde, Qualidade de Vida e Desenvolvimento Regional, na UNITAU. Professora Colaboradora do Departamento de Psicologia, na UNITAU.

**Mychelly Dias de Carvalho.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.

**Sofia Gláucia Gonçalves Dedini.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.

**Sônia Maria de Oliveira.** Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Professora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar, pela UNITAU. Membro do Instituto Empresa.

**Sueli Maria de Souza Migoto.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.

**Wanda Rogéria Campos Lima Assis.** Psicóloga. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela PUC-SP. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Curso em Terapia Comunitária e em Terapia Narrativa de Michel White, pelo Dulwich Centre (Austrália). Curso de Terapia Colaborativa pelo instituto Houston (EUA) em parceria com Interfacci – São Paulo. Estudos com psicoterapeuta familiar Marcelo Pakman no Centro di Mlanese di Terapia della famiglia (Itália). Professora do Curso de Pós-Graduação em Intervenção Familiar, pela UNITAU.

**Valeria Maria Meirelles.** Psicóloga. Especialista em Terapia Familiar e de casal, pela PUC-SP. Mestre e Doutora em Psicologia Clínica, no núcleo de Família e Comunidade, pela PUC-SP. Extensão Universitária em Psicologia Econômica, pela PUC-SP. Professora convidada do CEFATEF. Professora do Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar, pela UNITAU.

**Vera Lúcia Lopes Monteiro.** Psicóloga. Especialista em Neurologia Infantil: ênfase em terapias de reabilitação, pela UNITAU. Especialista em Psicoterapia de Família e de Casal, pela UNITAU.



## SUMÁRIO

### CICLO VITAL DA FAMÍLIA

<b>Capítulo 1- Relatos de experiência de duas mães tardias: os sentimentos e a conciliação com o trabalho.....</b>	<b>10</b>
Adriana Leônidas de Oliveira Sofia Gláucia Gonçalves Dedini	
<b>Capítulo 2- Conseguiremos caminhar juntos? individualidade e conjugalidade na fase de aquisição do ciclo vital da família.....</b>	<b>31</b>
Adriana Leônidas de Oliveira Mychelly Dias de Carvalho	
<b>Capítulo 3- A parentalidade na perspectiva dos homens na fase de aquisição do ciclo vital da família.....</b>	<b>49</b>
Mônica Borges Iglesias Rufino Sônia Maria de Oliveira	
<b>Capítulo 4- E foram felizes para sempre? Os desafios da conjugalidade na pós-modernidade.....</b>	<b>69</b>
Andréa Nogueira de Castro Porto Ceneide Maria de Oliveira Cervený	
<b>Capítulo 5- A visão de pais e filhos sobre o exercício da autoridade parental na fase adolescente do ciclo vital da família.....</b>	<b>97</b>
Andreza Maria Neves Manfredini Denise Terezinha Rebessi Carrillo	
<b>Capítulo 6- Conciliando a internet com os estudos: o desafio para os pais de adolescentes.....</b>	<b>122</b>
Ceneide Maria de Oliveira Cervený Juliana Ciciliati de Andrade Corrêa	
<b>Capítulo 7- Desvendando a adolescência: a visão do adolescente sobre essa fase.....</b>	<b>142</b>
Adriana Leônidas de Oliveira Angela Maria da Silva	
<b>Capítulo 8 – Aposentei, e agora? Um estudo exploratório sobre as implicações da aposentadoria na vida do indivíduo.....</b>	<b>160</b>
Eleonora Alexandra Andruli Sueli Maria de Souza Migoto	
<b>Capítulo 9- O impacto da aposentadoria da mulher na organização familiar na fase madura do ciclo vital da família.....</b>	<b>182</b>
Andreza Maria Neves Manfredini Giovana Nogueira dos Santos	
<b>Capítulo 10- Idoso e internet: inclusão ou exclu</b>	
Ceneide Maria de Oliveira Cervený Vera Lúcia Lopes Monteiro	
<b>Capítulo 11- O filho único na família contemporânea: suas vivências ao longo do ciclo vital da família.....</b>	<b>219</b>

Adriana Leônidas de Oliveira  
Monique Marques da Costa Godoy

## TEMAS DIVERSOS

**Capítulo 12- Estudo de caso: o significado da música na família numa perspectiva intergeracional.....236**  
Adriana Leônidas de Oliveira  
Denise Terezinha Rebessi Carrillo

**Capítulo 13- Espiritualidade: compreendendo as crenças e os valores de instituições evangélicas para os líderes e liderados.....255**  
Andreza Maria Neves Manfredini  
Lúcia Andréia Gomes de Souza Silveira

**Capítulo 14- O dinheiro no cotidiano das famílias .....277**  
Andreza Maria Neves Manfredini  
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny  
Valeria Maria Meirelles

**Capítulo 15- Migração e identidade familiar na percepção da mulher.....298**  
Fabiana Gabriel Chemin Gomes Carneiro  
Maria José Lima

**Capítulo 16- A influência do consumismo infantil na educação das crianças.....319**  
Andreza Maria Neves Manfredini  
Glaucia Silva Moreira Assis de Oliveira

**Capítulo 17- A prática reflexiva na formação clínica em terapia familiar.....335**  
Maria José Lima  
Sonia Maria de Oliveira

## REFLEXÃO

**Capítulo 18- Presença e representação no FOFAT.....344**  
Wanda Rogéria Campos Lima Assis

## **CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

## Capítulo 1 - Relatos de experiência de duas mães tardias: os sentimentos e a conciliação com o trabalho

Adriana Leônidas de Oliveira

Sofia Gláucia Gonçalves Dedini

### 1 INTRODUÇÃO

Há décadas, as transformações nos papéis femininos vêm gerando reflexões acerca das relações conjugais e parentais, exigindo que pais e filhos se adaptem a novos modos de viver em família. O fenômeno da maternidade, dentro desse cenário, mostra-se complexo e multideterminado, por variáveis sociais, culturais e históricas.

A partir das últimas décadas do século XX, os papéis da mulher e as dinâmicas familiares vêm se transformando em função de inúmeros fatores, entre os quais a entrada das mulheres no mercado de trabalho, além de inúmeras outras conquistas sociais das mulheres na atualidade, que as colocam em um lugar mais igualitário diante dos homens (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

A inserção da mulher no mercado de trabalho trouxe ganhos à mulher como pessoa. Em contrapartida, as mulheres pagam até hoje pelo sucesso profissional, cumprindo muitas vezes uma dupla jornada de trabalho e sendo ainda as responsáveis pelos cuidados familiares, quando não assumem sozinhas os papéis de cuidadoras e provedoras das famílias (BERTHOUD, 2003).

Essas transformações fazem com que a família atual não tenha mais uma imagem estereotipada, com papéis rigidamente estabelecidos, e, por isso, exigem que seus integrantes se readaptem a esse novo cenário e ressignifiquem padrões familiares até então definidos, pois, como ressalta Berthoud (2003), as mudanças nos papéis sociais e familiares das mulheres exerceram influência nos papéis e nos padrões de comportamento dos homens, influenciando a relação conjugal e a divisão de tarefas nos cuidados com os filhos.

No entanto, depois de tantas mudanças de valores, de conquistas de natureza profissional e econômica e de transformações nos papéis familiares e sociais, a tendência na cultura ocidental ainda é de que as mulheres continuem sendo vistas, prioritariamente, por sua natureza biológica, ou seja, prevalece a ideia de que o feminino está associado ao fato de a mulher tornar-se mãe (BADINTER, 1985).

Embora esses conceitos sobre instinto materno sejam questionados há algum tempo, ainda continuam presentes no discurso social. Por isso, na visão de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), mesmo que tenham mudado os valores e as crenças e que atualmente haja incentivo à vida profissional da mulher, ainda existe a cobrança para que sejam mães. Coincidentemente, os melhores anos para a mulher ter filhos são os melhores anos para a estabilização de suas carreiras no mundo do trabalho. Diante desse cenário, algumas mulheres acabam por adiar a maternidade em prol da realização profissional (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Segundo dados do DATASUS, divulgados pelo Estadão (2017), em duas décadas, o aumento no número de mulheres que são mães depois dos 40 anos foi de 49%, e entre os 30 e 39 anos foi de 61,4%. As razões para esses aumentos, segundo o Estadão (2017), são a busca pela realização profissional e pela estabilidade financeira.

Além disso, o aumento da longevidade, a evolução do mercado de trabalho e outras mudanças têm feito com que muitos casais optem por adiar a chegada do primeiro filho, devido à dificuldade de aliar maternidade e trabalho. As mudanças recentes no papel da mulher na sociedade e as suas consequências na vida da família são fatores que têm levado muitos casais a buscarem psicoterapia (FALCETO; WALDEMAR, 2009).

Assim, vemos que a maternidade é um fenômeno complexo e pode envolver riscos, desafios e vantagens, abrangendo aspectos biopsicossociais que precisam ser considerados nos estudos. Dessen e Braz (2000) afirmam a importância de estudar a interdependência entre a dinâmica de funcionamento da família e os outros sistemas extrafamiliares, como a escola, a rede social, o trabalho e a comunidade, os quais influenciam os relacionamentos e o desenvolvimento dos membros da família. O estudo desse tema pode contribuir para desmistificar e romper estereótipos que envolvem a maternidade, auxiliando profissionais no sentido de construir formas de convivência mais adaptadas às realidades das mulheres, das mães ou das famílias que os procurem.

Neste capítulo, buscamos compreender a vivência da maternidade para mães tardias, com filhos até 12 anos de idade. Para tanto, os objetivos específicos correspondem a refletir sobre a visão de família, os sentimentos associados à vivência da maternidade e a maneira como as mulheres pesquisadas conciliam maternidade e vida profissional.

A seguir, a revisão de literatura foi subdividida em dois capítulos, quais sejam: a transformação do conceito de família e de maternidade e a maternidade tardia. Logo em

seguida, é apresentado o método de pesquisa, seguido dos resultados e da discussão dos dados apresentados. Na quinta e última seção, são apresentadas as considerações finais.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1- A TRANSFORMAÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA E DE MATERNIDADE**

Os significados atribuídos à família variam conforme o momento histórico e a cultura na qual os indivíduos estão inseridos. Ao longo dos últimos séculos, houve mudanças significativas, relacionadas aos papéis parentais, às estruturas e às dinâmicas familiares, em função de diversos fatores, como os movimentos sociais, as transformações no cenário econômico e as mudanças de paradigmas. Assim, a família sofre transformações em função de variáveis sociais, culturais e históricas. Biasoli-Alves (1997), ao considerar essas variáveis, entende a mudança como um processo dialético, quando afirma que a família é, ao mesmo tempo, sujeito e agente de transformação social.

Ao longo do século XX, em virtude dessas transformações e do acesso à educação e à formação profissional pela mulher, a maternidade passou a ser cada vez mais uma questão de escolha, embora tenha sido influenciada por múltiplos fatores, como a subjetividade da mulher e o contexto socioeconômico em que está inserida (SCAVONE, 2001). Entretanto, importante lembrar que, no início do século XX, predominava o modelo de família tradicional, no qual existia uma hierarquia entre os membros, sendo que era destinado ao homem o papel de provedor e à mulher o dever de cuidar do trabalho doméstico e dos filhos (PRATTA; SANTOS, 2007).

Essa desigualdade em relação aos homens foi abordada pelos estudos feministas, por volta do ano de 1970, ao colocar em debate a questão do significado da maternidade, chamando atenção para os efeitos sociais e políticos desse fenômeno. Nessa época, a recusa da maternidade foi uma alternativa encontrada pelas feministas para romper com o fato de que, por ser mulher, precisava ser mãe (SCAVONE, 2001).

Meyer (2005), ao defender o argumento sobre a politização da maternidade, também estabelece relações entre o feminismo e a maternidade, referindo-se a movimentos sociais como a urbanização e o fortalecimento do sistema capitalista que posicionaram a mulher no papel materno, mencionando políticas e programas de estado nas quais se difunde o modelo da mulher-mãe, que precisa ser educada e orientada em

nome da responsabilidade que tem por seus filhos, visando o desenvolvimento biopsicossocial desses, independente das circunstâncias envolvidas nesse processo de maternagem. Para Meyer (2005, p. 85), o feminismo produziu, ao longo do século XX, uma discussão política acerca da maternidade, ampliando a questão para a esfera social e cultural, ao questionar “[...] o pressuposto biologicista que permitia inscrever o feminino no sexo anatômico e passou a prestar atenção nos modos pelos quais, no âmbito do social e da cultura, somos produzidos e educados como sujeitos de gênero”.

Scavone (2001) cita a contracepção moderna como uma das conquistas tecnológicas que possibilitou a escolha da maternidade no século XX, embora afirme que o controle da fecundidade não é um fato novo na história, já que em diferentes períodos da história as mulheres tinham acesso aos métodos abortivos. Conforme aponta a autora, a maternidade tornou-se com o passar dos anos uma escolha com aspectos ambíguos, visto que essa escolha não é tão livre, pois está atrelada a múltiplos fatores, entre os quais os subjetivos, os sociais e os econômicos. Os fenômenos sociais, citados pela autora, como as condições econômicas e culturais das famílias e as possibilidades profissionais, não determinam a escolha da maternidade, mas influenciam suas características e possibilidades, visto que variam conforme a classe social e as condições oferecidas pelo país onde a mulher vive.

O avanço da globalização e da urbanização e as transformações no mundo contemporâneo, bem como todos os movimentos sociais que buscaram a igualdade entre os gêneros, exerceram influência direta nas transformações dos padrões de maternidade, das relações familiares e dos padrões de relacionamentos entre os gêneros, construídos ao longo do século XX, até os dias atuais. No entanto, o novo modelo de maternidade, que para Scavone (2001) tem como ideal a igualdade na responsabilidade parental, ainda está longe de ser alcançado, pois a autora considera que a mulher precisa ser vista além de sua dimensão biológica. Além disso, mesmo considerando as rupturas de padrões relacionados à maternidade, vemos que a maternidade ainda é vista dissociada da sexualidade da mulher. Essa ideia encontra fundamentação nas palavras de Cervený e Berthoud (2010), nas quais enfatizam a ideia dos mitos que perpassam gerações e exercem influência na manutenção dos padrões de maternidade:

Historicamente, constatamos a força que os mitos exercem sobre a construção dos valores e da ideologia de um grupo, assim como a influência sobre os padrões comportamentais. Nossa cultura ocidental de tradição judaico-cristã tem um forte mito

relacionado com a maternidade. Na bíblia, já constatamos o padrão ideológico da maternidade associada à assexualidade (Maria concebeu sem pecado), retratando a função materna como sublime e pura. Já Eva representa a mulher pecadora e sensual, que merece punição. Há uma completa dissociação entre as funções de mulher e mãe; entre sexo e maternidade (BERTHOUD; CERVENY, 2010, p.60).

Conforme observamos, a mulher teve papel central em todo processo de transformação da família. Por isso, consideramos importante saber, do ponto de vista das mulheres, como vivenciam a maternidade e constroem seus significados, com todas as suas influências, numa época de questionamentos de paradigmas e intensas transformações dos sistemas familiares, considerando a maternidade não como um fato isolado, mas inserido em um contexto social, cultural e familiar em constante interação.

## **2.2- MATERNIDADE TARDIA**

A entrada da mulher no mercado de trabalho, o comprometimento com a profissão, os inúmeros papéis que desempenham atualmente e as novas técnicas de controle da fertilidade estão levando as mulheres a optarem pelo adiamento da maternidade (BOECKEL; LOPES; ZANON, 2014; OLIVEIRA et al., 2013; ALDRIGHI et al., 2016). O adiamento da gestação para depois dos 35 anos tem sido considerado um fenômeno mundial nos últimos 30 anos (ALDRIGHI et al., 2016; GOMES et al., 2009; CAETANO; NETTO; MANDUCA, 2011). Caetano, Netto e Manduca (2011) apontam a escassez de estudos sobre o assunto. No entanto, os poucos dados e informações presentes sobre essa realidade da mulher brasileira sinalizam mudanças em sua vida reprodutiva. Oliveira et al. (2013) pontuam que esse é um fenômeno mais significativo nas classes sociais mais altas.

Do ponto de vista biológico, depois dos 35 anos, ocorre na mulher uma diminuição de sua capacidade reprodutiva, já que as células sexuais femininas ficam escassas. Além disso, há um aumento, depois dessa idade, na incidência de abortos, anormalidades fetais, baixo peso do recém-nascido e outras complicações (ALDRIGHI et al., 2016; GOMES et al., 2008; GOMES et al., 2009). Por esses motivos, a idade materna é considerada como um fator gerador de risco para a gestação, exigindo dos profissionais maior atenção (ALDRIGHI et al., 2016; CAETANO; NETTO; MANDUCA, 2011). Tedesco (1997 apud GOMES et al., 2009) complementa que a



definição de gravidez de alto risco cria um estereótipo, que, somado à maior frequência de consultas e exames, contribui para potencializar sentimentos como culpa e incapacidade da gestante, que podem deixá-la mais ansiosa nesse período e preocupada com o aparecimento de problemas durante a gestação e depois do parto.

Boeckel, Lopes e Zanon (2014), em estudo sobre a multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia, afirmam que a maternidade tardia é uma opção para as mulheres que trabalham e mantêm relações estáveis, embora também observem sentimentos de medo, insegurança e ambivalência com relação à maternidade tardia. Foram identificadas três categorias: multiplicidade de papéis da mulher contemporânea, reflexões sobre a maternidade e maternidade tardia versus rotina atual.

Com relação à multiplicidade de papéis desempenhados, as mulheres mencionaram o trabalho como principal fonte de satisfação, ocupando lugar central na vida das participantes. As mulheres se sentem satisfeitas pessoal e financeiramente, queixam-se, no entanto, da sobrecarga de trabalho, pois acabam não disponibilizando tempo para cuidar da saúde. (BOECKEL; LOPES; ZANON, 2014).

Na categoria reflexões sobre a maternidade, as mulheres identificaram a busca de satisfação profissional, independência financeira e estabelecimento de uma relação estável como prioridades antes de serem mães, e, por isso, a maternidade tardia seria uma opção (BOECKEL; LOPES; ZANON, 2014).

Ao investigar o fenômeno do adiamento da maternidade na atualidade e a influência dos fatores conjugalidade, carreira profissional e história de vida, considerando as transformações que a família e a paternidade vêm sofrendo, Lima (2012) encontrou um aumento do número de mulheres que adiam cada vez mais a maternidade, influenciadas pela possibilidade de controlar a reprodução. Diferente dos outros estudos que apontam a importância da carreira, os resultados desse estudo demonstraram que a conjugalidade é relevante na decisão de adiar a maternidade. Todas as mulheres pesquisadas valorizaram a vivência da relação conjugal por um período de tempo antes da decisão de terem filhos. No entanto, duas mulheres deram mais importância à construção da carreira em detrimento da maternidade e também da conjugalidade.

Lima (2012) identificou que ainda existe entre as mulheres uma visão romântica da maternidade. Em sua pesquisa (2012), todas as mães pesquisadas apresentaram alto nível de exigência, culpando-se quando não conseguem atingir seus objetivos baseados em suas idealizações, ocultando a ambivalência existente na maternidade. Essa

afirmação confirma a ideia de Badinter (1985) de que o amor materno é algo construído, produto da evolução social e variável de acordo com a cultura, chegando a essa conclusão baseada em dados históricos.

Outra questão importante apontada por Lima (2012) diz respeito à maternidade tardia relacionada aos sentimentos de impotência/potência frente a seus corpos e ao controle sobre a reprodução. O estudo aponta uma dificuldade de integrar esses sentimentos, uma vez que as mulheres se deparam com situações nunca antes vividas, influenciadas por uma história profissional bem sucedida que contribui para o sentimento de impotência frente às dificuldades da maternidade. Lima (2012) destaca a ilusão de controle sobre o tempo e o corpo nas mulheres pesquisadas. Fundamentando-se nas ideias de Winnicott, psicanalista inglês, a autora aponta para a importância de integrar onipotência e impotência, elementos masculinos e femininos, o ser e o fazer, afirmando que uma vida criativa e saudável está relacionada com a integração desses elementos, ou seja, aceitar as falhas, os medos e as frustrações e também reconhecer os ganhos. Os dados encontrados pela autora remetem a um sentimento de imaturidade para a maternidade, mesmo em mães tardias, demonstrando que a ambivalência independe da idade.

Com o objetivo de investigar a relação entre a maternidade tardia, a ambivalência e as alterações psíquicas no puerpério, Feres-Carneiro e Rodriguez (2013) realizaram uma revisão de literatura, constatando ambivalência intensa no período de adaptação aos bebês em mães tardias, com mais de 35 anos, e dificuldade de conciliar os novos papéis com a vida profissional. Feres-Carneiro e Rodriguez (2013) também concordam com esta ideia de que as mulheres são influenciadas por uma cultura, herdada dos últimos séculos, que supõe amor incondicional aos filhos, por isso, a maternidade ganha conotação romântica. Nessa visão, ser mãe significa amar incondicionalmente, sacrificar-se e ter disponibilidade completa. Concluem que a mulher, atualmente, convive com a maternidade atrelada à culpa, pois não existe na atualidade reflexões acerca da ambivalência materna. Esse fenômeno pode estar atrelado às altas expectativas dos casais, que, em grande maioria, já estão satisfeitos com a vida profissional. Assim, a falta de experiência e a visão romantizada que se contrasta com a realidade podem fazer com que a mulher se sinta fracassada e tenha dificuldades para conciliar a vida já estruturada com a maternidade. Por isso, as autoras apontam para a necessidade de intervenções específicas para pais tardios, que tenham o

objetivo de promover representações mais reais e menos idealizadas da maternidade (FERES-CARNEIRO; RODRIGUEZ, 2013).

Além disso, sem desconsiderar outros aspectos que envolvem a depressão, as autoras enfatizam a importância de refletir sobre a relação existente entre a maternidade tardia e o estado depressivo da mulher. São fatores que merecem destaque nesse contexto: o alto grau de satisfação pessoal e profissional antes da maternidade, as pressões culturais, o suporte social e familiar empobrecido e a maior vulnerabilidade nas gestações acima dos 35 anos, sob o ponto de vista biológico (FERES-CARNEIRO; RODRIGUEZ, 2013).

Do ponto de vista biológico, os riscos à saúde do feto e da mulher podem ser minimizados pela sensibilidade da equipe médica de considerar os aspectos emocionais envolvidos na gestação tardia. Do ponto de vista psicossocial, associa-se a maternidade tardia à busca de satisfação profissional, independência financeira, relacionamento estável e ambivalência de sentimentos (OLIVEIRA et al., 2013). Lima (2012) conclui que, diante de tantos aspectos, o fenômeno da maternidade mostra-se complexo e com uma multiplicidade de significados.

### 3 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa e delineamento de estudo de caso. O objetivo foi realizar um estudo aprofundado e explorar questões referentes à vivência da maternidade em mães tardias, com filhos na faixa etária de 1 a 12 anos.

Esse método foi considerado neste estudo por estar de acordo com os objetivos traçados, considerando a perspectiva familiar sistêmica na compreensão do fenômeno da maternidade. Por isso, foi adotado o pensamento sistêmico para a compreensão das realidades apresentadas, sempre em relação aos contextos em que ocorrem, assumindo três pressupostos básicos: a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade dos fenômenos. Nesse sentido, Vasconcellos (2012) afirma que esta é uma epistemologia que considera o observador, já que suas crenças influenciam as suas práticas e a forma como enxerga os fenômenos. Assim, é ele que faz emergir a “realidade” do sistema, a qual se constrói na interação com o outro.

A pesquisa foi realizada na cidade de Taubaté e as participantes da pesquisa foram duas mulheres que se tornaram mães depois dos 35 anos, com filhos na faixa

etária de 1 a 12 anos de idade. Assim, foram consideradas nesta pesquisa mães tardias as mulheres com idades acima dos 35 anos (FELDMAN; OLDS; PAPALIA, 2009).

Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: a entrevista semiestruturada e a técnica projetiva do Desenho-Estória com Tema, desenvolvido por Walter Trinca (2013). A entrevista semiestruturada foi gravada em áudio e em seguida foi aplicada a técnica projetiva do Desenho-Estória com Tema. Neste capítulo, consideramos e apresentamos somente a análise dos dados obtidos via entrevista semiestruturada, devido à riqueza dos dados obtidos e à possibilidade de alcance dos objetivos propostos por meio dessa análise.

Todos os nomes apresentados nos resultados são fictícios.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (Parecer nº 1.551.231).

## 4 RESULTADOS

### 4.1- APRESENTANDO AS MÃES PESQUISADAS

**Fernanda (mãe madura 1):** Fernanda foi mãe aos 38 anos e, na data da entrevista, sua filha estava com 4 anos. É casada há sete anos com o pai de sua filha, com quem já namorava desde os seus 19 anos. Fernanda é pedagoga e professora, trabalha, no período da manhã, com crianças do ensino fundamental I e dedica-se, no resto do dia, à filha e a casa. Seu esposo é comerciante e trabalha das 8h às 20h de segunda a sábado, e, por isso, é ela quem fica responsável pelos cuidados com a filha e pelos afazeres domésticos, pois afirma que ele já trabalha o dia todo. Na gestação, ficou muito preocupada em perder o bebê, por considerar sua gestação de risco.

**Adriana (mãe madura 2):** Adriana foi mãe aos 37 anos e tem atualmente 48 anos. É casada, funcionária pública em uma universidade do Vale do Paraíba e formada em Matemática. Trabalha 8 horas por dia de segunda a sexta-feira. Seu esposo é engenheiro mecânico da indústria de aeronaves, e trabalha das 8h às 17h de segunda a sexta-feira. Seu filho único vai à escola no período da manhã e fica à tarde em casa sob os cuidados de sua babá. Quando era mais novo, ficava com uma irmã de Adriana o dia todo, e, conforme foi crescendo, ficava na escola no período integral. Assim que seu filho nasceu, Adriana sentia-se culpada por sentir falta de sua vida antes da

maternidade, por não ter mais tempo para fazer suas atividades com calma. No entanto, sempre conciliou a maternidade e a vida profissional.

#### 4.2- DISCUTINDO O CONCEITO DE FAMÍLIA

Os resultados obtidos nas entrevistas das mães tardias apontam, de maneira geral, para uma semelhança na definição de família. O conceito de família foi relacionado a valores de convivência, união, solidariedade, respeito, base segura e cuidado.

Esses dados vão ao encontro da caracterização que Macedo (1994) faz sobre família, por considerar suas relações de afeto e compromisso, e por ser o único grupo social no qual o membro entra por meio do nascimento e sai somente pela morte. A autora acrescenta que a família mantém a continuidade cultural, tendo valor social universal. Por isso, é responsável por organizar a sociedade, na medida em que define os estilos de vida. É vista, também, como o primeiro espaço onde se estabelece a relação com o mundo, e onde se desenvolve o sentimento de pertinência e a consciência de si.

Nesse sentido, apesar de também apresentarem configurações familiares diferentes, as mães apontam para uma visão de família que considera os laços afetivos e não mais o modelo de domínio/submissão nas relações conjugais e parentais do final do século XIX, na qual a figura do homem era enaltecida (ARIÈS, 1981; BERTHOUD, 2003; SCAVONE, 2001; PRATA; SANTOS, 2007).

Esse dado remete à conceituação de família como instituição social em constante transformação. “Conceituar a família como instituição social permite-nos vê-la em processo de interação social” (COELHO, 2012, p.201). É preciso considerar as regras de seu funcionamento e de relação e funções designadas a seus membros, que estão em constante processo de interação. A mudança em um elemento acarreta mudanças nas relações. As transformações, na organização ou nas dinâmicas, de qualquer instituição, refletem as ideologias que as permeiam e estão em constante movimento e se concretizam no modo de representar as relações de afeto e de parentesco (AFONSO, 1981 apud COELHO, 2012; BAREMBLIT, 1992 apud COELHO, 2012).

As mães tardias apresentaram também uma visão tradicional de família, aquela composta por homem, mulher e filhos. Esse dado demonstra que – apesar de atualmente a mulher tenha conquistado uma igualdade nas relações conjugais e parentais, ou seja,

as responsabilidades pelos filhos são divididas e as decisões não são tomadas somente pelos homens, diferente do que acontecia no final do século XIX e início do século XX – ainda prevalece a ideia de uma família como a tradicional (BADINTER, 1985; SCAVONE, 2001). Isso pode estar relacionado às transmissões intergeracionais a respeito do conceito de família, o que encontra fundamentação nas palavras de Biasoli-Alves (1997) que, ao considerar variáveis sociais, culturais e históricas, entende a mudança como um processo dialético, quando afirma que a família é, ao mesmo tempo, sujeito e agente de transformação social. Segundo essa autora, dificilmente será possível haver uma ruptura total de antigos padrões, visto que em uma família há o encontro de diferentes gerações e, por isso, os valores e as normas construídas no passado influenciarão as novas gerações.

Além disso, como afirmado por Ribeiro (1994 apud COELHO, 2012), há uma crise de institucionalização de novos princípios que integrem novos e antigos valores. Referindo-se aos novos formatos familiares que mudam a organização da família brasileira, Coelho (2012, p. 199) afirma que: “[...] conviver com o novo e o tradicional constitui um processo característico da não linearidade e da complexidade dos processos sociais”.

Esse modelo que toma como base o grupo conjugal como forma universal de família, demonstrado pelo discurso das duas mães tardias, é formado por uma visão naturalizante de família, a qual valida socialmente a reprodução e o sexo. Os teóricos atuais veem a família não como fazendo parte da natureza humana, mas como uma criação humana, que, de acordo com a época e a sociedade, apresenta-se de diferentes formas e organizações (DURHAM, 1983 apud COELHO, 2012). Complementando essa ideia, Berthoud (2003) afirma que a parentalidade como a conhecemos é uma construção recente, já que os significados da família e da parentalidade estão ligados a um contexto social e cultural de uma época. Portanto, independente da época, a família atua como mediadora principal dos padrões culturais, sendo responsável pela transmissão dos valores e das crenças das diferentes sociedades (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003; KREPPNER, 1992 apud DESSEN; POLONIA, 2007).

Constatamos que, embora tenham mantido alguns padrões da família de origem, as mães pesquisadas adiaram a maternidade por conta das transformações da época atual, escolhendo desenvolverem-se primeiro na profissão para então vivenciarem a maternidade. Esse fato encontra apoio nas palavras de Scavone (2001), ao afirmar que,

ao longo do século XX, em virtude dessas transformações e do acesso à educação e à formação profissional pela mulher, a maternidade passou a ser cada vez mais uma questão de escolha, embora tenha sido influenciada por múltiplos fatores, como a subjetividade da mulher e o contexto socioeconômico em que está inserida. Boeckel, Lopes e Zanon e (2014) corroboram com essa afirmação ao identificarem a busca de satisfação profissional, de independência financeira e de uma relação estável como prioridades para as mães tardias.

Os significados atribuídos pelas mulheres à família refletem as mudanças ocorridas ao longo dos anos e a necessidade de olhar a família como um sistema complexo e em constante interação com outros sistemas. Diante de contextos de vida completamente distintos, podemos afirmar que não há uma configuração familiar ideal e que, dentro de suas famílias, as mães pesquisadas procuram assegurar o bom desenvolvimento de seus filhos, adaptando-se às suas realidades, como retrataram nas entrevistas. De acordo com essa ideia, Macedo (1994) afirma que continua presente no imaginário social um ideal de família, embora as experiências vividas contradigam a visão idealizada. Com isso, a autora quer mostrar que não existe uma família sem problemas, mas que todas são capazes de construir caminhos para seu enfrentamento, e que ao pensarmos em família não podemos naturalizá-la, tomando-a como uma realidade em si. É preciso considerar as pessoas que a concebem, pois cada sistema possui particularidades e diferentes formas de interação.

Portanto, a família, independente de seus arranjos, continua sendo vista como tendo uma forte influência na formação das crianças, as quais constroem suas relações e forma de estar no mundo a partir dos valores aprendidos na família (DESSEN; POLONIA, 2007; MACEDO, 1994). Contudo, os padrões familiares vão se transformando, exigindo adaptações às realidades enfrentadas (WAGNER; HALPERN; BORNHOLDT, 1999 apud DESSEN; POLONIA, 2007), como mostraram as mães pesquisadas.

#### **4.3- DISCUTINDO A CONCILIAÇÃO DA MATERNIDADE E VIDA PROFISSIONAL**

Os dados indicaram que as duas mães tardias pesquisadas demonstraram dificuldades na conciliação da maternidade com a carreira profissional.

Fernanda diz que sentiu bastante dificuldade em conciliar o trabalho e a maternidade no início. Quando voltou a trabalhar, deixou os trabalhos da escola atrasados, pois não conseguia dar conta da filha e do trabalho, simultaneamente, demonstrando culpa e insatisfação por não conseguir dar conta dessas atividades sozinha. Conta que não pôde contar com o marido durante a licença maternidade, pois ele é autônomo e trabalha o dia inteiro, justificando que, por esse motivo, não pode dividir o trabalho doméstico. Assim, demonstra uma crença de que é a maior responsável por essas tarefas.

Para Adriana, a maternidade não interferiu muito em sua vida profissional, pois tinha o apoio de sua irmã para cuidar do filho. No entanto, quando o filho fica doente e precisa ir ao médico é sempre ela que toma as iniciativas. Chamou atenção uma expressão usada por Adriana durante a entrevista “O filho é da mãe”, que denota o quanto ela se sente mais responsável pela vida do filho, apesar de ter o apoio do marido.

Beltrame e Donelli (2012), em um estudo sobre maternidade e carreira, fizeram uma revisão de literatura, encontrando o fato de que as redes de apoio são formas encontradas pela família neste momento em que a mulher se depara com a volta ao trabalho. As concepções de maternidade e carreira influenciam na tomada de decisões para conciliar os papéis de profissional e mãe, como demonstraram as mães tardias.

Por um lado, o excesso de valorização da carreira pode gerar uma terceirização demasiada da criança. Por outro lado, estudos também apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar de seu filho provoca ansiedade e insatisfação na mulher, como vimos mais intensamente na entrevista da mãe tardia Fernanda (AMAZONAS; VIEIRA; PINTO, 2011).

Amazonas, Vieira e Pinto (2011) fizeram uma pesquisa com 6 mulheres de nível socioeconômico médio, com o objetivo de discutir os modos de ser mulher na atualidade. Os resultados indicam que o contexto histórico atribui às mulheres um discurso de sujeito autônomo e livre, no qual o trabalho é valorizado, ao mesmo tempo que precisa atender às demandas familiares. Assim, apesar de se sentirem sobrecarregadas e esperarem a divisão do trabalho doméstico com o marido, acreditam que as mães são mais aptas a cuidar, como demonstraram os discursos das duas mães tardias. Dessa forma, continuam divididas entre atender às exigências do mercado, sendo profissionais competentes, e corresponder ao que esperam de uma mulher como mãe. As autoras afirmam que a mulher se sente desconfortável ao dividir com o marido os cuidados com os filhos, mesmo que reivindiquem sua participação efetiva. Isso



ocorre, segundo as autoras, por uma crença na natureza feminina de que só a mulher sabe cuidar.

Weber et al (2006) entrevistaram 67 mães pertencentes a níveis socioeconômicos distintos, e constataram que a maioria das mães de menor nível socioeconômico não planejou a gravidez e prefere cuidar dos filhos em vez de colocá-los em creches. O sentimento de culpa esteve mais associado às mães de nível socioeconômico mais alto.

Mães de nível socioeconômico mais baixo não sentem tanta culpa ao deixar seus filhos em creches, pois trabalhar é uma questão de sobrevivência. Por outro lado, as mulheres de nível socioeconômico mais alto trabalham também pela realização profissional, o que, segundo os autores, pode causar culpa, uma vez que poderiam escolher ficar em casa cuidando dos filhos (WEBER et al., 2006).

A mãe tardia Adriana, embora demonstre que é a maior responsável pela organização da vida do filho, não se sente culpada por ter sua profissão, nem mesmo quando o filho era pequeno, pois tinha uma rede de apoio confiável para acompanhá-lo. Ao mesmo tempo, Adriana se sentia diferente das outras mães por querer um espaço particular, um tempo para si mesma, um tempo para não pensar no filho.

Diversos autores destacam a multiplicidade de papéis assumidos pela mulher atualmente, fato que exige a reorganização das famílias frente a essas mudanças (AMAZONAS; VIEIRA; PINTO, 2011; BELTRAME; DONELLI, 2012). Diante disso, Beltrame e Donelli (2012) destacam a importância de levar em consideração a realidade de cada família e de cada mãe ao pensar nas estratégias de conciliar maternidade e trabalho.

Apesar das diferenças nas histórias de vida, notamos que as mulheres são comprometidas e valorizam a maternidade, mas também desejam se desenvolver profissionalmente.

Com relação à mãe tardia Fernanda, verificamos que o trabalho e as atividades com a filha ocupam todos os períodos, não sobrando tempo para o autocuidado. Já Adriana mantém, aliada ao trabalho e aos afazeres com o filho, uma rotina de atividade física diária, embora levante bem cedo para dar conta dessa rotina. Esses dados estão de acordo com Meirelles (2007 apud RODRIGUES, 2008), que ressaltou o impacto sobre a qualidade de vida das mulheres em função do acúmulo de funções. Independente de suas realidades sociais e econômicas, pensar na maternidade aliada aos seus outros desejos e projetos torna-se fonte de angústias e preocupações.

#### 4.4- DISCUTINDO OS SENTIMENTOS COM RELAÇÃO À MATERNIDADE

Com relação aos sentimentos gerados pela maternidade, Fernanda demonstrou insegurança nos primeiros cuidados com a filha, atribuindo o cuidado excessivo à maternidade tardia. Fernanda tem uma ideia romantizada da maternidade e associa o amor materno ao instinto. Teve muitas dificuldades nos primeiros cuidados com a filha recém-nascida. Quando voltou a trabalhar, foi difícil conciliar o trabalho com o papel de mãe, o que a deixava se sentindo culpada. O fato de ser bastante exigente e ter expectativas altas com relação ao seu desempenho aumentavam ainda mais a sensação de fracasso. Atualmente percebe que tem dificuldades no estabelecimento de limites com a filha.

Adriana também demonstrou ambivalência com relação aos sentimentos gerados pela maternidade, pois tinha uma vida profissional e conjugal já estável e o nascimento do filho trouxe uma instabilidade no sentido de fazer com que o casal tivesse que se adaptar a algumas mudanças e rever questões relativas ao papel parental. Adriana demonstrou culpa por sentir falta de sua vida sem o filho, demonstrando ter uma visão romantizada da maternidade, como se a mulher/mãe não pudesse demonstrar esses sentimentos.

Os dados encontrados nas entrevistas se assemelham, e também os confirmam, a alguns dados da pesquisa de Feres-Carneiro e Rodriguez (2013), que encontraram ambivalências intensas no período de adaptação ao bebê em mães tardias. As duas mães tardias preferiram ter uma vida profissional bem estabelecida antes de serem mães. Fernanda se destacou pela visão romantizada da maternidade, imaginando que, por ter experiências com crianças, ficaria mais fácil cuidar de sua filha. Feres Carneiro e Rodriguez (2013) afirmam que a falta de experiência e a visão romantizada da maternidade que contrasta com a realidade podem fazer com que a mulher se sinta fracassada e tenha dificuldades para conciliar a vida já estruturada com a maternidade. Por isso, a importância de intervenções para pais tardios que tenham o objetivo de desmistificar a maternidade, promovendo representações menos idealizadas.

A ambivalência demonstrada pelas mães pesquisadas foi apontada por Lima (2012), que as relacionou aos sentimentos de impotência/potência frente a seus corpos e ao controle sobre a reprodução, apontando uma dificuldade de integrar esses sentimentos, uma vez que as mulheres – influenciadas por uma história profissional bem

sucedida que contribui para o sentimento de impotência frente às dificuldades da maternidade – deparam-se com situações nunca antes vividas. Fundamentando-se nas ideias de Winnicott, psicanalista inglês, a autora aponta para a importância de integrar onipotência e impotência, elementos masculinos e femininos, o ser e o fazer, afirmando que uma vida criativa e saudável está relacionada com a integração desses elementos, ou seja, aceitar as falhas, os medos e as frustrações e, também, reconhecer os ganhos. Os dados encontrados pela autora remetem a um sentimento de imaturidade para a maternidade, mesmo em mães tardias, demonstrando que a ambivalência independe da idade, como verificamos neste estudo.

A discussão dos sentimentos relacionados ao desempenho do papel de mãe traz à tona os discursos acerca da maternidade que são determinados por valores da ideologia social, que, segundo Coelho (2012), atribuem um significado naturalizante à figura materna. São discursos que colocam a mulher como única responsável pela reprodução, gravidez, parto e, também, contracepção; e que discorrem que o amor materno é inerente ao feminino, cabendo à mãe ser a responsável pela socialização dos filhos. O sentimento de culpa e a sensação de não estar fazendo o suficiente pelo filho podem ter relação com esses valores.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos ter trazido reflexões sobre a temática da maternidade tardia que auxiliem as famílias a fim de que possam se adaptar às frequentes mudanças que a contemporaneidade exige e, assim, tenham um desenvolvimento saudável ao longo do ciclo vital familiar. Considerando a importância do contexto na análise dos fenômenos, buscamos compreender as representações de família das mulheres pesquisadas, os sentimentos associados à vivência da maternidade e a maneira como conciliam a vida profissional com a maternidade.

A gestação tardia foi uma opção para as mulheres que foram mães depois dos 35 anos, sendo priorizados a carreira profissional e o estabelecimento de uma relação estável antes de terem filhos. Em contrapartida, a maior experiência de vida e de carreira profissional dessas mulheres não resultou em uma maior segurança na relação com os filhos. Além disso, uma mãe tardia apresentou maior dificuldade no início do processo de maternar, além de medos e ansiedades na gestação, por acreditar que sua

gravidez era de risco. A dificuldade nos primeiros cuidados com a filha também foi relacionada às exigências, às altas expectativas e às idealizações com relação à maternidade.

O significativo aumento do número de mulheres que têm filhos depois dos 35/40 anos está, de alguma forma, bastante atrelado às mudanças de valores das últimas décadas, relacionadas ao casamento, às relações conjugais, à forma como a mulher é vista na sociedade e às transformações ocorridas também nas famílias atuais brasileiras, que valorizam que os filhos fiquem mais tempo vivendo com seus pais. A busca pela estabilidade profissional está atrelada a todos esses fatores. Assim, todo esse cenário nos faz pensar se realmente a maternidade depois dos 35 anos pode ser considerada tardia.

Embora na atualidade haja uma maior divisão das responsabilidades parentais, o que também verificamos neste estudo, as mulheres continuam se sentindo sobrecarregadas e acreditam serem as maiores responsáveis pelos cuidados com os filhos. O excesso de exigências com relação ao desempenho de múltiplas tarefas provocou o sentimento de culpa no que se refere à educação dos filhos, uma vez que lhes dedicam menos tempo. Desse modo, a maternidade mostrou-se um tema complexo, que envolve múltiplas variáveis, de dentro e fora do sistema familiar. Por isso, acreditamos na relevância de estudos que investiguem também a influência do fator gênero na manutenção dos padrões de maternidade e suas repercussões nas dinâmicas familiares e até mesmo no desenvolvimento da carreira profissional de homens e mulheres.

Há algum tempo, vemos um movimento de transformação da identidade feminina, no qual as mulheres se definem a partir de diferentes papéis. Isso implica em um processo de reconstrução das formas de pensar o feminino e em uma revisão dos valores acerca dos papéis que homens e mulheres desempenham em seus contextos, o que pode levar a profundas transformações das relações sociais e dos laços entre os elementos do sistema familiar.

## REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, J. D. et al. As experiências das mulheres na gestação em idade materna avançada: revisão integrativa. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 512-521, Jun. 2016.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342016000300512&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016000300512&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Jun. 2017.

AMAZONAS, M. C. L.A; VIEIRA, L. L. F; PINTO, V. C. Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 314-327, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 23 Abr. 2017.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <[http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2016.

BARBOSA, P. Z; ROCHA-COUTINHO, M. L. Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, Ago, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/12.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

BERTHOUD, C.M.E, (org). **Re-significando a parentalidade: os desafios de ser pais na atualidade**. Taubaté/SP: Editora Cabral, 2003.

BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. (Org.) **Família e Cielo Vital: Nossa Realidade em Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BELTRAME, G. R; DONELLI, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. **Aletheia**, Canoas, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 19 abr. 2017.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 33-49, dez. 1997. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BOECKEL, M. G; LOPES, M. N; ZANON, L. L.; A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400018&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 mar. 2017.

CAETANO, L.C; NETO,L; MANDUCA, J.N.L. Gravidez depois dos 35: Uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Min de Enfermagem**, Belo Horizonte, out./dez., 2011. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=22157&indexSearch=ID>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

COELHO, S.V. **Revedo os papéis na parentalidade: Paternidade e Maternidade**. In: AUN, J.G; VASCONCELLOS, M.J.E; COELHO, S.V. Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais. 3.ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2012.

COELHO, S.V. As transformações da família no contexto brasileiro: Uma perspectiva das relações de gênero. In: AUN, J.G; VASCONCELLOS, M.J.E; COELHO, S.V. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. v. 1. 3.ed. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2012.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, Dec. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-377220000003000005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-377220000003000005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 Abr. 2017.

DESSEN, M. A; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, Apr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Jun. 2017.

ESTADÃO. **Número de mulheres que são mães após os 40 anos cresce 49% em duas décadas**. Março/2017. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,n-de-mulheres-que-sao-maes-apos-os-40-anos-cresce-49-em-duas-decadas,70001687252>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FALCETO, O.G; WALDEMAR, J.O.C. Famílias com bebês. In: OSÓRIO, L.C; VALLE, M.E.P E COLS. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 235-246.

FERES-CARNEIRO, T; RODRIGUEZ, F.T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 111-121, jun. 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 mar. 2017.

FELDMAN, R.D; OLDS, S.W; PAPALIA, D.E. **Desenvolvimento Humano**. 10.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

GOMES, L. M. O. et al. A idade como fator prognóstico in vitro. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 5, p. 230-234, May 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032009000500005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032009000500005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Mar. 2017.

LIMA, M.G.R. **Um estudo sobre o adiamento da maternidade em mulheres contemporâneas**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cad. Pesq. São Paulo**, n 91, nov. 1994, p. 62-68. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2017.

MEYER, D.E.E. A politização contemporânea da maternidade: Construindo um argumento. *Biblioteca Virtual em Saúde*, v.6, n.1, p.81-104, 2005. Disponível em: <<http://saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/pt/int-1131>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

OLIVEIRA, D.R. et al. A mulher contemporânea e a maternidade tardia. **Anais da VI Mostra Científica do Cesuca**, Cachoeirinha, RS, v.1, n.7, p1-12, 2013.

PRATTA, E. M. M; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, Aug. 2007. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Mar. 2016.

RODRIGUES, M.A. **Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: a perspectiva feminina**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa, MG. 2008.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 5, n. 8, p. 47-59, Feb. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Mar. 2016.

TRINCA, W. **Formas compreensivas de investigação psicológica**: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2013.

WEBER, L.N.D. et al. **Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães**. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 24, n.44, p.45-54, 2006. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/Psicologiaargumento/2006/vol24/no44/5.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

VASCONCELLOS, M.J.E. Pensamento sistêmico novo-paradigmático: Novo-paradigmático, por quê? In: AUN, J.G; VASCONCELLOS, M.J.E; COELHO, S.V. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**: vol 1. 3.ed. Belo Horizonte: Oficina de Arte e Prosa, 2012.

## **Capítulo 2 - Conseguiremos caminhar juntos? Individualidade e conjugalidade na fase de aquisição do ciclo vital da família**

Adriana Leônidas de Oliveira

Mychelly Dias de Carvalho

### **1 INTRODUÇÃO**

O presente capítulo foi escrito a partir de uma pesquisa que objetivou investigar como aspectos da individualidade podem ou não influenciar na construção da conjugalidade de casais heterossexuais em coabitação na fase de aquisição do ciclo vital de família. A perspectiva sistêmica familiar foi adotada epistemologicamente como base de análise, a qual focaliza as mudanças através de diferentes estágios, circunscrevendo a visão da família como um sistema e um campo de diálogo, diferenciando a complexidade dos olhares sobre individualidade e conjugalidade.

No Brasil, destaca-se uma classificação do ciclo vital, a partir de estudos com famílias paulistas, sendo a primeira etapa do Ciclo Vital de Família a fase da Aquisição, que inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos (AMARAL et al, 2016; CERVENY, 2009).

Se apenas falar desse assunto trata-se de uma tarefa árdua, imagine vivenciá-lo! Apesar de tamanha complexidade, buscou-se investigar esse assunto acreditando que ele seja de extrema importância, pois o casamento é o início da construção de uma família, ou seja; o seu alicerce. Atualmente os relacionamentos estão cada vez mais temporários e descartáveis, devido ao aumento da individualidade e a diminuição de comportamentos tolerantes perante às dificuldades diárias de uma vida conjugal. Sendo assim, faz-se necessário e essencial compreender essa temática.

Inicia-se o capítulo com a contextualização teórica sobre Pensamento Sistêmico e Terapia Familiar Sistêmica, Ciclo Vital da Família e Fase de Aquisição e, por último, Casamento: Individualidade e Conjugalidade. Posteriormente, o método da pesquisa é apresentado, seguido dos resultados alcançados e discutidos à luz da teoria. Encerra-se com as considerações finais a respeito da pesquisa realizada.



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1- TEORIA DO PENSAMENTO SISTÊMICO E TERAPIA SISTÊMICA FAMILIAR

O pensamento sistêmico faz parte de uma nova percepção da realidade e de uma nova compreensão científica, uma ciência pós-moderna, que compreende o desenvolvimento humano sob a perspectiva da complexidade, onde há a possibilidade de encontrarmos novas respostas para as quais a ciência tradicional não tem dado conta de responder. Assumir esse novo paradigma da ciência significa questionar valores, comprometer-se, inserir-se no contexto desafiador da atualidade, transformando-se a si mesmo para mudar o que for preciso mudar. Através dessa nova compreensão, desenvolveu-se a abordagem Sistêmica-Familiar, a qual salienta que com ideias construtivistas, os sistemas humanos passam a ser considerados geradores de significado, constituindo redes de conversação (TOSIN, 2005).

O terapeuta não é mais um implementador de técnicas, ele busca criar um espaço para conversação, inaugurando um novo sistema. O mesmo passa a acompanhar a visão de mundo da família para co-construir realidades alternativas. O contato entre a Cibernética e as Ciências Sociais produziu a Terapia Sistêmica da família (RAPIZO, 1998).

Compreender a família como sistema significa compreender o sintoma como produto de inter-relações, onde cada indivíduo está imerso numa rede de relações e a família não ser a soma desses, mas uma totalidade. Portanto, desloca-se o foco do sintoma do indivíduo para as relações que o produzem e o mantêm (TOSIN, 2005).

O conceito de homeostase é fundamental na terapia familiar e caracteriza a influência da Primeira Cibernética. Ao terapeuta cabe entender os padrões de relação que os mantêm e alimentam o sintoma, ampliando o foco de observação (TOSIN, 2005).

A terapia familiar moveu-se de uma visão baseada no equilíbrio para uma visão orientada a processos de evolução dos sistemas.

Na terapia familiar, a ênfase desloca-se para a mudança e não para sistemas resistentes, onde o sintoma é visto como sendo um mecanismo homeostático. O terapeuta deixa de buscar apenas regularidade no sistema, passando a explorar os recursos que o sistema possui para gerar soluções. A linguagem da família e sua

singularidade serão vias de acesso do terapeuta, que assume uma postura menos diretiva e mais curiosa, ampliadora (TOSIN, 2005).

## 2.2- CICLO VITAL DA FAMÍLIA E FASE DE AQUISIÇÃO

Família é uma instituição social que sofre modificações ao longo do tempo, sendo que, historicamente, observam-se várias formas de relações familiares (PRADO, 1981; NARVAZ, KOLLER, 2006).

É possível afirmar ainda, baseando-nos nos mesmos autores, que uma família se constitui por relações expressas diferentemente de acordo com o tempo, o lugar e os papéis que cada um desempenha. Dessa forma, uma das perspectivas utilizadas na investigação dos aspectos familiares pode ser a teoria do “Ciclo Vital Familiar”, representada nos Estados Unidos por pesquisadores como Carter e McGoldrick e, no Brasil, por Cerveny e Berthoud e colaboradores.

Como é explanado por essas autoras, os ciclos de vida familiar são os estágios evolutivos pelos quais os indivíduos e todo grupo familiar passam em direção ao crescimento. Cada estágio caracteriza-se por um arranjo familiar e por tarefas a serem cumpridas, para que o desenvolvimento prossiga. Os períodos de transição de estágio, geralmente, são os que geram mais ansiedade e conflito, pois o equilíbrio e a organização da família são afetados. Nestes momentos, sintomas podem surgir como forma de expressar as dificuldades da família em se reorganizar diante das exigências da nova fase.

Os sintomas podem desaparecer com o tempo, quando o próprio sistema encontra recursos para superar a crise e tem flexibilidade para utilizá-los num novo equilíbrio. Caso a família não consiga se rearranjar devido a sua rigidez, o sintoma agrava-se nas fases subseqüentes, caracterizando um funcionamento patológico crônico.

De acordo com Cerveny e Berthoud (1997; 2002) o ciclo vital da família brasileira subdivide-se em quatro fases: aquisição, adolescente, madura e última. Sendo impossível pensar em ciclo vital dissociado de desenvolvimento, movimento, crescimento, ordenação e etapas.

A primeira etapa do Ciclo Vital da família é a fase da aquisição, que inclui a escolha do parceiro, a formação do casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos. A segunda etapa é a fase adolescente, que é determinada pela entrada

dos filhos na adolescência, onde a família também se torna um pouco adolescente devido às mudanças que estão ocorrendo. A terceira etapa é a fase madura, talvez seja a mais difícil no ciclo de vida das famílias, pois é o momento em que o casal se depara com uma ou mais gerações necessitadas de apoio e atenção. E a quarta é a fase última, a qual depende de como foram vividas as fases anteriores, podendo coincidir com a aposentadoria e o retorno para uma vida a dois – o casal (CERVENY, 2009).

Ainda segundo Cerveny e Berthoud (1997), em todas as fases do ciclo vital, as pessoas que fazem parte da família estão em processo de aquisição, no entanto, a primeira fase do ciclo vital familiar recebe esse nome porque a aquisição é a característica mais central e específica. Assim, os objetivos dessa fase estão em encontrar o lugar para morar, o emprego que proporcione condições de sobrevivência, os acessórios domésticos que facilitam a vida, o carro, o seguro saúde, muitas vezes até a complementação educacional. Os filhos pequenos também fazem parte dessa primeira fase, em que se inicia a aquisição de um modelo familiar próprio, com as pessoas selecionando, entre os modelos adquiridos em suas famílias de origem, aqueles que vão adotar em seu casamento.

Dessa forma, a presente fase trata da formação de um novo sistema, que tem como marco o casamento. O casamento não se limita ao conceito popular de união entre duas pessoas, que adquirem a condição de serem pais e que acreditam na possibilidade de êxito da união e, assim, na felicidade dos parceiros (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Uma vez encarada a família como um sistema complexo, que se move através do tempo, levando consigo toda uma história, a ideia de união implica a fusão de dois sistemas familiares inteiros, ou seja, valores, costumes e tradições dos grupos de origem dos parceiros, as quais serão redefinidos para a construção de um novo sistema. A chegada do primeiro filho também é um grande marco na fase de aquisição, indicando a mudança de papéis no sistema familiar para toda a família (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Pode-se verificar que tanto o indivíduo quanto a família apresentam um ciclo vital de desenvolvimento com estágios diferenciados, no que diz respeito às aquisições de tarefas específicas dos mesmos. Do mesmo modo, a família e o indivíduo se desenvolvem segundo uma sequência de eventos, na qual alguns episódios são considerados esperados, e outros, imprevisíveis. As ações imprevisíveis, por sua vez, impõem novos desafios e novas reorganizações, tanto para a família quanto para o

indivíduo, fazendo com que se afetem recursivamente (CANO et al., 2009; CERVENY 2002).

Podemos dizer que a pessoa se forma através de suas relações, tanto com outros seres humanos quanto com os objetos e situações que o cercam. Em muitos momentos, ocorre a necessidade do outro para a estruturação pessoal, já que a ausência de relações inviabilizaria o desenvolvimento e até mesmo a sobrevivência. Assim sendo, compreender as especificidades envolvidas no desenvolvimento dos vínculos é de suma importância para a compreensão de diferentes fenômenos psicossociais (ROLIM; WENDLING, 2013).

### **2.3- CASAMENTO: INDIVIDUALIDADE E CONJUGALIDADE**

A transição para o casamento é uma das maiores mudanças que o sistema familiar pode passar. É o momento onde os indivíduos deixam seu núcleo familiar primário para constituir a sua própria família, assim, esse processo envolve inúmeros fatores internos e externos. Desta forma, as diferentes percepções que os indivíduos têm sobre o casamento e o novo núcleo familiar está intimamente interligado às experiências que o sujeito teve com a sua rede familiar e social (MENEZES, 2006).

Discorrendo sobre as mudanças que a instituição casamento vem sofrendo através dos tempos, o mesmo esteve inicialmente vinculado à reprodução e ao sexo, de caráter meramente biológico. Assim, o casamento teve como função garantir a perpetuação da espécie (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Posteriormente, o casamento foi atrelado a aspectos econômicos e sociais e, somente no século XVIII, iniciou-se uma tentativa de união entre amor e casamento. A união entre famílias, que visava apenas interesses econômicos, abre espaço para o amor e para o desejo de união. No entanto, tal fato se consolidou apenas no século XX, quando então o casamento pôde reunir a liberdade de escolha, amor, amizade e desejo sexual. E esses aspectos citados, difundidos e misturados, resultaram no conceito atual de casamento, que inclui a identidade conjugal, abrangendo seus aspectos emocionais, além de físicos, sexuais e econômicos (MENEZES, 2006).

Até a década de 70, a família se orientou pelo modelo da família nuclear, heterossexual e indissolúvel, onde os papéis eram rigidamente definidos: o homem era o provedor e a mulher era vista como mãe e responsável pela casa. Porém, devido à

crecente autonomia no que se refere à vida profissional, afetiva e sexual do sujeito ao longo das décadas, a realização profissional foi priorizada em detrimento do casamento, que passou a ser adiado (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009; OLIVEIRA, 2011).

Para Carter e McGoldrick (1995), o casamento tende a ser erroneamente compreendido como uma união de dois indivíduos, quando na verdade, é a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema, pois representa um fenômeno diferente para homens e mulheres.

Na transição para o casamento há duas dimensões importantes que devem ser consideradas, que conferem a individualidade e a conjugalidade. A primeira, refere-se ao indivíduo, seus desejos e suas percepções de mundo; a segunda, diz respeito ao desejo conjunto e história de vida do casal, ou seja, a identidade conjugal. Levando em consideração estas duas dimensões, a manutenção do equilíbrio entre tais pode ser um processo complicado para os sujeitos (MENEZES; LOPES, 2007).

Dados demonstram que as relações atuais podem estar mais superficiais, descartáveis e impulsivas, onde não há tempo para conhecer o outro e questões tradicionais são ultrapassadas. Autores relacionam impulsividade à frustração nos relacionamentos, posto que as relações são iniciadas rapidamente, sem conhecer o parceiro e gerando expectativas baseadas no sentimento inicial de paixão e idealização, que não é sustentado com o tempo, podendo acarretar o sentimento de frustração. O medo da responsabilidade também parece assustar o sujeito, pois uma relação duradoura requer dedicação, comprometimento e responsabilidade. Estas exigências podem ser consideradas paradoxais diante da sociedade atual, na qual se busca a satisfação imediata e sem esforços (OLIVEIRA, 2011).

Costumo dizer que todo o fascínio e a dificuldade de ser casal residem no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas percepções de mundo, duas histórias de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, uma identidade conjugal. (FÉRES-CARNEIRO, 1998, p.382).

Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? Na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três, na expressão de Philippe Caillé (1991). Para esse autor, cada casal cria seu modelo único de ser casal, que ele chama de “absoluto do casal”, que define sua existência conjugal e determina seus limites. A sua definição de casal contém, portanto, os dois cônjuges e seu “modelo único”, “absoluto”. Ainda

segundo Caillé (1994), o absoluto do casal não é uma visão passiva, histórica, cristalizada, mas pelo contrário, uma visão atuante, móvel, cujo significado pode evoluir.

Assim, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais. Se por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Willi (1995) afirma que para o desenvolvimento pessoal de cada cônjuge, é necessária uma redefinição de papéis, regras e funções. É importante que as regras não sejam totalmente rígidas para a funcionalidade da relação. A construção de uma realidade compartilhada é necessária, já que cada indivíduo leva consigo um sistema de crenças baseadas em valores, regras e mitos de suas famílias de origem. Esse sistema de crenças precisa ser remodelado aos poucos, para que se forme a identidade conjugal do novo casal.

### 3 MÉTODO

A pesquisa teve como objetivo geral investigar como os aspectos da individualidade de cada cônjuge influenciam a construção da conjugalidade, e para isso foi realizada uma pesquisa empírica de campo, com procedimento de estudo de caso, sendo a abordagem qualitativa em nível de pesquisa exploratória.

Uma vez se tratando de um tema amplo e complexo, este método torna-se útil, pois o fenômeno não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente (YIN, 2001).

A pesquisa foi desenvolvida no Brasil, estado de São Paulo, com participantes das cidades de São Paulo, São José dos Campos e Caçapava. As entrevistas foram realizadas individualmente, a fim de oferecer maior liberdade ao entrevistado e conduzidas no local de preferência do participante, sendo esse, o próprio consultório psicológico da pesquisadora, localizado na cidade de São José dos Campos.

O grupo de participantes foi composto de quatro casais, heterossexuais, em coabitação (todos com união oficializada), na fase de aquisição do ciclo vital da família. Tratou-se de uma amostra não probabilística, formada por acessibilidade, sendo que os participantes deveriam atender aos seguintes critérios: casal heterossexual, em

coabitação (com ou sem união oficializada) com ou sem filhos, que estivessem vivenciando a fase de aquisição do ciclo vital da família.

Os entrevistados aceitaram participar voluntariamente do estudo através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondendo verbalmente a uma Entrevista Semiestruturada, desenvolvida pela pesquisadora. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, sob o número CEP/UNITAU nº 2.191.782.

Após as entrevistas realizadas, as mesmas foram ouvidas novamente e transcritas em sua íntegra, para a análise dos dados obtidos, sendo em seguida apagadas.

As categorias utilizadas foram apriorísticas, em que a pesquisadora de antemão já possui, segundo, experiência prévia ou interesses, categorias pré-definidas. As categorias trabalhadas foram:

**CATEGORIA 1:**

Escolha do Parceiro/ Expectativas quanto ao Casamento

**CATEGORIA 2:**

O Viver a Dois/ Conjugalidade

**CATEGORIA 3:**

Aspectos que Influenciam a Satisfação Conjugal

**CATEGORIA 4:**

Aspectos que o Casal mais Concorda e Discorda

**CATEGORIA 5:**

Defesa da Opinião Própria, Estratégias para Lidar com Conflitos e Solução

Importante ressaltar que a interpretação dos conteúdos dessa pesquisa foi sob a ótica da abordagem sistêmica, a qual abrange a visão da família como um sistema, onde o mesmo influencia seus indivíduos e estes são influenciados por ele.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O casal 1, composto por uma nutricionista de 27 anos e um empresário de 29 anos, residentes na cidade de São José dos Campos, que se conheceram há 8 anos, em uma “balada” através de amigos em comum, coabitam na mesma residência há um ano e meio, casaram-se há quatro meses e não possuem filhos.

O casal 2, composto por uma profissional de relações públicas de 32 anos, que atua como analista de marketing e um engenheiro industrial químico de 35 anos, que atua como supervisor de produção, residentes na cidade de Caçapava, que se conheceram há dezessete anos, quando começaram a morar na mesma rua, namoraram por dez anos e estão casados há sete anos, possuem duas filhas, uma que foi “morar no céu” e uma menina de 1 ano que mora com eles.

O casal 3, composto por uma autônoma, vendedora de joias, de 37 anos e um servidor público que atua como Auditor Tributário e tem 48 anos, residentes na cidade de São José dos Campos, que se conheceram em uma festa junina apresentados por amigos em comum e estão casados há quinze anos, possuem dois filhos, uma menina de 11 anos e um menino de 8 anos.

O casal 4, composto por uma analista de câmbio e imigração, de 30 anos e um comerciante que tem formação em direito e ciências contábeis, de 33 anos, residentes na cidade de São Paulo, que se conheceram, através de um amigo em comum, no caso, o irmão da esposa. Estão casados há dois anos e estão “grávidos” de uma menina.

De acordo com a categoria 1 – *Escolha do Parceiro Expectativas Quanto ao Casamento* - foram destacados elementos nos quais, é possível perceber que a escolha do parceiro muito se deve à admiração que ambas as partes sentiam um pelo outro, uma vez que integridade, inteligência, beleza e parceria se relacionam diretamente com admiração. A admiração relaciona-se intimamente ao amor romântico, que segundo Menezes (2006), somente a partir do século XVIII tornou-se parte do casamento, que até então era considerada um aspecto separado da vida conjugal, trazendo grande romantismo na maneira de se relacionar.

Conforme esclarecido, nos casais subsequentes, apesar de terem perfis completamente diferentes, é identificado como recorrente os elementos: expectativas correspondidas e idealização do parceiro, como critério de escolha. Essa afirmação pôde ser percebida em vários trechos: “*Era constituir uma família, era ter uma família grande, com bastante filho*” e em “*na verdade eu acho que tão superando as minhas expectativas, né?*” Diz esposa 2. Já seu respectivo esposo define as expectativas como: “*Expectativa que eu tinha do casamento, assim, é, até em vista o dos meus pais, eles têm mais de 30 anos de casados...*”. A esposa 3 também traz relato similar: “*Dividir, uma vida junto com ele e construir esse sonho juntos, né? Constituir família.*”

O amor romântico, que por sua vez se atrela diretamente às expectativas e idealizações já citadas, aparece novamente no relato do esposo 2, quando este diz:



*“Uma bondade gigante no coração. Uma energia da parte boa, ela não vê a maldade nas pessoas, e isso me chama muito a atenção, que é uma menina doce... temos afinidade.... Acho que a bondade, simplicidade...”*

Outros casais entrevistados seguem pela mesma linha de raciocínio, respectivamente o casal 3 e 4, nos relatos: *“Ah, eu acho que parceria, sempre. Acho que parceria, você sempre espera uma pessoa em quem você possa confiar, uma pessoa em quem você possa se apoiar num momento difícil.”* E em *“Eu admirava muito ele, né? Por tudo o que ele era... É... Um homem trabalhador, de bom caráter, né? Muito estudioso, sempre. Então, assim, a admiração, né?”*

O romantismo incitou a união entre famílias de forma lenta e gradual, que anteriormente apenas visava interesses econômicos, proporcionou um espaço para o amor e para o desejo de união, caracterizando-se por sujeitos que buscam felicidade, realização pessoal, sexual e profissional, além de liberdade e romantismo e a busca pela pessoa perfeita, unindo beleza a recursos financeiros (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009, OLIVEIRA, 2011; BAUMAN, 1998).

Deste modo, apesar de marcante no início da relação e responsável pelo surgimento e encantamento do amor romântico, a admiração parece se transformar em expectativas frustradas uma vez que em grandes quantidades, impulsiona a idealização não vivida em um relacionamento real. Percebe-se pela categoria em questão, como o casal 1 refere-se a essa idealização do casamento nas falas como: *“O papel passado parece que acrescentou um peso, algo como cobrança...”* diz o esposo. *“Então, questão de expectativas, elas não estão sendo atendidas até então...”*, completa a esposa.

Já na categoria 2 - no que se refere ao - *viver a dois* - abordando a conjugalidade, o primeiro elemento que vem à tona é a dificuldade de vivenciar esse momento. Falas como: *“Mas é.. Muito difícil, muito difícil mesmo! Eu nem imaginava que seria tão difícil assim...”* do esposo 1 e *“É uma experiência difícil”* da esposa também 1, demonstram o quanto essa sensação é presente, em alguns casais, na relação a dois, especificamente na fase de aquisição do ciclo vital de família.

Não curioso que a definição de casamento precisou levar em consideração as várias conjugalidades existentes. Assim, os autores Zordan, Falcke, Wagner (2009), Oliveira (2011) e Bauman (1998), relatam que diferentes modelos de uniões entre casais passaram a existir a fim de responder às transformações e exigências sociais. Os mesmos autores expõem ainda que o casamento hoje é caracterizado como uma tarefa da adultez e afirmam que atualmente este ocupa posição diferente na vida das pessoas

devido a diversos fatores, tais como início precoce da vida sexual, longa permanência na casa dos pais, possibilidade de experiências conjugais antes de casar e o prolongamento da fase adulto jovem, provavelmente por esse motivo, tornou-se tão difícil de ser vivenciado. Esposo 3 e esposa 4, respectivamente, trazem este assunto à tona em: “*A vida a dois é... De vez em quando é um pouco complicada. A gente perde um pouco a liberdade, mas...*”; “*Que tem muitas dificuldades. No primeiro ano é muito difícil, tem hora que você fala “não, não é possível! Eu vou desistir! Eu vou embora! Chega, não dá!*”

Já para Carter e McGoldrick (1995), o casamento tende a ser erroneamente compreendido como uma união de dois indivíduos, que por muitas vezes tentam se fundir em um só, asfixiando a própria individualidade de um dos cônjuges. Essa afirmação fica bem clara na citação da esposa 1 “*... a nossa educação foi bem diferente*”. Trazendo a ideia de que precisariam ter sido iguais para uma melhor sintonia.

Porém, ainda de acordo com Carter e McGoldrick (1995), o que o casamento realmente representa é a modificação de dois sistemas inteiros e uma sobreposição que desenvolve um terceiro subsistema, como podemos perceber na fala dos esposos 3 e 2 respectivamente: “*Não conseguiria viver mais sozinho. A vida a dois é... De vez em quando é um pouco complicada. A gente perde um pouco a liberdade, mas... acho que isso faz parte, né? Na verdade, não é sempre você que decide, você tem que ter um consenso, as decisões agora são em conjunto*”. “*A gente precisa de uma pessoa, a gente precisa ter alguém pra conversar, ter alguém pra dividir, pra... o mundo não é individual, o mundo é feito de relacionamentos. E... E é tão bonito ter um relacionamento, ninguém é feliz sozinho. Não dá, não tem como! Tem que ter uma pessoa do lado, tem que ter alguém pra... Pra... Estar dividindo as alegrias, as tristezas... Pra ficar completo!*”

No que se diz a respeito à satisfação conjugal, trabalhada na categoria 3, percebe-se que os elementos como formação de família, finanças e vida social e profissional estão entre os tópicos mais citados. Em busca de compreender melhor o porquê isso ocorre, é possível discutir como a ampla aceitação social frente à afirmação de que o objetivo do casamento contemporâneo é a satisfação de ambos os cônjuges, percebe-se que existe uma inversão de investimentos para que isso ocorra, ao invés de priorizar a conjugalidade e a satisfação desse, há a priorização da manutenção da autonomia individual, equilibrando-a com o espaço compartilhado do casal, limitando a privacidade e intimidade do mesmo (VIEIRA; STENGEL, 2010; OLIVEIRA, 2011).

Ambos os casais procuram soluções e alternativas mediante as suas próprias questões individuais, como fica claro na declaração do casal 1: *“A parte de finanças, que acho que é meu caso com a parte profissional, atualmente pesa bastante.”*

Conforme elencados os interesses individuais são mais valorizados em detrimento dos interesses coletivos, pois a responsabilidade já traz consigo um viés narcísico, onde o sujeito é responsável por si mesmo e suas escolhas. A priorização da liberdade de escolha e a possibilidade de se fazer o que quer acaba gerando insegurança nos indivíduos. A insegurança ocorre devido às incertezas em relação ao futuro e à desvalorização do passado e das tradições que o levam a se focar apenas no presente (VIEIRA; STENGEL, 2010; OLIVEIRA, 2011). Possível averiguar na citação da esposa 3: *“Com o passar dos anos, o casamento vai ficando mais morno. E aí a gente... eu acho que... de tempo em tempo, a gente tem que estar atento a isso. Por quê? Porque a gente esquece de dizer coisas que a gente sente um pelo outro”* bem como a esposa quatro: *“A parte também de desejo um do outro, eu acho que é importante isso pra nós. Para mantermos saudáveis como casal.”*

Não obstante, os aspectos geradores de conflitos, ou os que os casais mais discordam, definidos como categoria 4, inter-relacionam-se com aspectos da individualidade, uma vez que os conflitos tendem a aparecer quando há interesses diferentes, pessoais, individuais, narcísicos. Estudos apontam a existência de tensões e conflitos entre a individualidade e conjugalidade, aspectos que são constantemente enfatizados nas relações. Atualmente, os sujeitos buscam felicidade, realização pessoal, sexual e profissional, além de liberdade e romantismo e a busca pela pessoa perfeita (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009, OLIVEIRA, 2011; BAUMAN, 1998).

Nessa tentativa de defender interesses pessoais e proteger-se do medo de ser deixado, o sofrimento e a insegurança podem contribuir e fazer com que se estabeleçam outras prioridades em detrimento das relações afetivas, sendo propulsores de conflitos surgidos pela falta do comprometimento coletivo do casal com a conjugalidade, ainda defendido pela mesma teoria acima.

Esse aspecto ficou muito claro quando, diante dos elementos levantados, nenhum se equiparou com os outros do parceiro, mostrando que esses tinham interesses individuais completamente diferentes. Segundo Menezes (2006), as diferentes percepções que os indivíduos têm sobre o casamento, como o novo núcleo familiar, deve se estabelecer e sobre si próprio estão intimamente ligadas às experiências que o sujeito teve com a sua rede familiar e social, ou seja; o que viu de exemplo.

Desta forma, em muitos relacionamentos, podem ocorrer dificuldades em conciliar individualidade e conjugalidade, pois quando a relação se fortalece, há necessidade de ambos os cônjuges cederem, a fragilidade da relação pode ser atribuída à ênfase na satisfação individual. Por isso, frente às dificuldades conjugais, que são agravadas pelos conflitos a partir do que se concorda ou não com o outro, os vínculos tendem a ser dissolvidos devido à fragilidade de sua ligação, que mesmo assim, a sociedade contribui para a criação de expectativas difíceis de atingir à medida que torna sinônimo amor, paixão e casamento (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Esposa 1 deixa esses aspectos bem claros na afirmação que se segue: *“É, eu acho que desde que a gente começou a morar junto, a gente teve alguns problemas de parceria, como por exemplo, gerenciar contas. ”*

É importante ressaltar que todos os outros participantes também tiveram seus posicionamentos bem inerentes às afirmações dos autores, seguem: *“Acho que cuidar da educação dos filhos. Porque é uma coisa que a gente tem conversado, então concordamos um pouco”* relata esposa 2. Por sua vez: *“Gerador de conflito, hummm... excesso de apoio da família de origem, porque ela é muito apegada à mãe, e aí, eu... Eu faço piadinha ”* garante o esposo 2.

Já a esposa 3 defende que: *“Discordamos no relacionamento afetivo”*; *“Mas discordamos também no cuidado e educação dos filhos e tarefas domésticas”*. Seu esposo diz: *Discordamos no cuidado e educação dos filhos, tarefas domésticas... às vezes ela acha que eu faço pouco, eu acho que eu faço muito [risos] e finanças. Motivo de conflito seria o cuidado e educação dos filhos... Assim, quando você é muito bonzinho com os filhos, e a esposa não é, aí dá esse desequilíbrio... na verdade, você nunca pode discordar do que a esposa fala. Talvez você pense que não esteja certo, mas se você contrariar na frente dos filhos, isso pode ser um problema.* Por fim esposa 4: *“O que a gente mais discorda? Às vezes eu acho que é finanças, viu? ”*

Por fim, a categoria 5, em que são apresentados aspectos de defesa da opinião própria, e estratégias para lidar com conflitos em busca de possíveis soluções, é possível perceber, por exemplo, no casal de número 1, busca em defesa própria de resguardar seus sentimentos feridos de não similaridade com o cônjuge, quando a esposa 1 afirma: *“Numa discussão, eu me sinto irritada. Pelo fato de... ele ser o errado e eu ser a certa, no final das contas. Mas eu não gostaria que fosse assim sempre.”*. Desta forma está se referindo a necessidade de similaridade e completude para com o parceiro.

Sendo assim, é possível perceber que o casal é antes de tudo, um casal como qualquer outro, que busca similaridades para se relacionar. Porém de acordo com SCHULER; BRITO (2013) é importante reforçar que de certa forma, os casais enfrentam obstáculos, praticamente similares uns dos outros, ou seja, passam pelos mesmos problemas que outros costumam passar. Isso significa que, como em qualquer outro casamento, o início tem como base as similaridades e a idealização dos parceiros, baseadas nas expectativas que cada um traz consigo, que, entretanto, vão se modificando com o tempo, quando se faz preciso defender sua opinião, conforme é citado pelos esposos 3 e 1, respectivamente: *“É tranquilo... Ah, na verdade, eu falo minha opinião, mas tem que entrar num consenso, mas... nem sempre isso é possível. Às vezes eu cedo. Eu acho que ceder faz parte. E às vezes também eu tenho que impor a minha vontade. Mas é... Eu... A gente... 14 anos, nunca brigamos, por exemplo. A gente sempre tenta realmente entrar num consenso, há uma harmonia”*. “E *“É... Eu acho que a gente não consegue resolver os conflitos ainda” “Eu acho que eles acontecem, a gente discute, eu cedo, dá aquela baixada de poeira, o problema ainda está ali, não foi resolvido, mas a gente passa por cima e continua seguindo a vida”*. Pode-se afirmar que a conversa e o diálogo são de extrema importância para qualquer tipo de tentativa de resolução de conflitos, segundo todos os casais e também é encontrada na fala do casal 1 quando esposa cita: *“A gente sempre tenta conversar, eu acho que a gente tenta resolver dessa forma e a gente está tentando resolver. Não resolveu, mas estamos tentando resolver”* bem como o casal 4, nas seguintes afirmações: *“Conversando muito, com muito diálogo”* defende a esposa. E em: *Ah, diálogo. Sempre conversando e tentando explicar, tentando mostrar por A+B que... Finanças é matemática...”* pontua o esposo.

As diferenças individuais, os projetos, a idealização do outro e as expectativas frustradas, ou seja, os conflitos, não necessariamente deveriam levar ao fim as relações conjugais. Uma vez que são ótimas oportunidades para se rever o contrato conjugal e a qualidade dessas relações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi, através de uma leitura sistêmica, investigar como os aspectos da individualidade de cada cônjuge influenciam a construção da conjugalidade, na fase de aquisição do ciclo vital da família. A investigação se deu a

partir de entrevistas semiestruturadas, que permitiram a pesquisadora compreender esses significados para cada cônjuge.

As ideias conclusivas são apresentadas a seguir: no que se refere às identificações dos aspectos da individualidade, embora cada um tenha um significado único e pessoal, de forma geral, podem ser enfatizados a influência no padrão de relação através do relacionamento dos pais, os desejos infantis e idealizados por contos românticos, entre outros aspectos pertinentes à sociedade, como percepções de mundo fundamentadas em crenças limitadoras de um amor perfeito, objetivos ideais e valores inflexíveis, que podem influenciar negativamente na construção da conjugalidade. Sendo assim, percebe-se a conjugalidade construída sempre permeada pela individualidade de cada cônjuge, incluindo seus aspectos positivos e negativos.

Diante dos aspectos descritos acima, foi possível identificar estes elementos em grande parte da individualidade dos casais entrevistados, quando esses afirmaram, de forma conclusiva, a importância do amor romântico, idealizações e expectativas em relação à escolha do parceiro.

Logo, identificar as expectativas conjugais e como as mesmas influenciam na construção da conjugalidade se deram após a maior compreensão de como esses casais conseguem relacionar seus desejos e fantasias com o cônjuge, de uma forma a se construir um terceiro eu, aquele em que é constituído por ambos os pares. No que se refere a essa construção, identificou-se necessário o diálogo para uma melhor comunicação das necessidades de cada um e concessões, entre outros aspectos inerentes à facilitação desse desenvolvimento conjugal.

Foi possível, ao longo dessa pesquisa, compreender os aspectos de concordância e discordância no cotidiano conjugal, utilizando o nível de individualidade como indicador de ordem diretamente oposta à concordância de cada casal, ou seja, quanto mais individualidade presente, menos flexibilidade para a construção da conjugalidade, através de concessões, diálogos e demonstrações de afeto e compreensões mútuas.

Considerando a individualidade de cada cônjuge e a conjugalidade a ser construída em um relacionamento, conclui-se que é possível sim, caminharem juntos e em busca de uma conjugalidade, porém somente quando os cônjuges se propõem verdadeiramente com entusiasmo, amor e paciência construir, através de diálogos flexíveis, estratégias de negociação perante valores, motivações e metas individuais, e

também conjugais. Para que, fugindo da idealização do amor romântico, possam construir o amor real e possível.

Conhecer tais realidades pode contribuir na função do psicólogo para orientação de grupos familiares, intervenções em trabalho na comunidade, como forma de elucidar o relacionamento entre casais e suas possíveis reorganizações, acrescentando benefícios com informações importantes sobre aspectos da individualidade e a maneira como eles exercem influências na construção da conjugalidade de cada casal, propiciando assim, subsídios para melhores entendimentos e práticas terapêuticas. Bem como, proporcionar ferramentas para outros trabalhos e pesquisas acadêmicas que possam vir a ser desenvolvidos baseados nas propostas empregadas nesse trabalho.

Sugere-se novos estudos e aprofundamentos sobre cada aspecto da individualidade influenciável na construção da conjugalidade, sob a perspectiva de suas influências de gênero.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, P.P.; CARVALHO, M.D.; LORENT, A.C.S.; SANTOS G.N.; SILVA, G.M.C. **Definições E Perspectivas Familiares na Fase Adolescente do Ciclo Vital de Família do Vale do Paraíba**. In Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento, Taubaté: XVII MIPG Mostra Internacional De Pós-Graduação, 2016.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CAILLÉ, P. **Un et un font trois - Le couple révélé à lui-même**. Paris: ESF, 1991.
- CAILLÉ, P. **Um e Um São Três: O Casal se Auto-Revela**. São Paulo: Summus, 1994
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 1995.
- CERVENY, C.M.O. e cols. **Família e Ciclo Vital: nossa Realidade em Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- CERVENY, C. M. O., Berthoud, C. M. E. & cols. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- CERVENY, C. M. O., BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, 1998, p.379-394.
- GIL A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MENEZES, C. **A transição para o casamento**. 271 f. Tese do Doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Porto Alegre: Instituto de Psicologia, 2006.
- MENEZES, C.; LOPES, R. A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. São Paulo, v. 17, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Ed library&format=iso.pft&lang=p&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=ME NEZES,+CLARISSA+C.>> Acesso em 04 de fevereiro de 2017.
- NARVAZ, M., KOLLER, S. H. A invenção da família. **Revista Pensando Famílias**, 7 (9) ,121-134, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n3/10.pdf>> Acesso em 24 de abril de 2017.



OLIVEIRA, M. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a ótica dos jovens. 2011. 21 f. Trabalho final de graduação em Psicologia. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

PRADO, D. **O que é família?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

RAPIZO, R. **Terapia sistêmica de família: Da introdução à construção.** Rio de Janeiro: Instituto Noos, 1998.

ROLIM, K.I.; WENDLING, M.I. A história de nós dois: Reflexões acerca da formação e dissolução da conjugalidade. **Psicologia Clínica**, v. 25, n. 11, p. 165-180, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652013000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000200010)> Acesso em 26 janeiro de 2017.

SCHULER, F. M. G., BRITO, C. M. S. Brasileiras casadas com Suíços: Um estudo sobre diferenças culturais e relacionamento. In: GARCIA, A.; WILSON, J. E.; PEREIRA, F. N. (ORGS.) **Relacionamento Interpessoal: Temas contemporâneos.** Vitória: UFES, 2013. P.66-77 Disponível em:

<[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37376509/A\\_Medida\\_do\\_Amor\\_no\\_Brasilcap\\_livro.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1488515032&Signature=6DS9zxiGc%2FYm%2B4JpT1HjLhLEo6A%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DA\\_MEDIDA\\_DO\\_AMOR\\_NO\\_BRASIL.pdf#page=66](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37376509/A_Medida_do_Amor_no_Brasilcap_livro.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1488515032&Signature=6DS9zxiGc%2FYm%2B4JpT1HjLhLEo6A%3D&response-contentdisposition=inline%3B%20filename%3DA_MEDIDA_DO_AMOR_NO_BRASIL.pdf#page=66)>

TOSIN, A.S. 2005. Monografia do Instituto Sistêmico Familiar. Disponível em:

<<https://pt.slideshare.net/patqueiroz5/anna-silviatosin-psicodiagnostico-e-abord-sistemico-familiar>> Acesso em 26 fevereiro de 2017.

VIEIRA, E.; STENGEL, M. **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós Modernidade.** Aletheia [online]. Canoas, n. 32, ago. 2010. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012)> Acesso em 01 março de 2017.

WILLI, J. **A construção diádica da realidade.** Em M. Andolfi (org.). **O casal em crise.** São Paulo: Summus Editorial, 1995.

YIN, Robert K. Case Study Research - Design and Methods. **Sage Publications Inc.**, USA: 1989. Disponível em: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/flavio.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm)> Acesso em 25 de abril de 2017.

YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>> Acesso em 25 de abril de 2017.

ZORDAN, P. E.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **A Psicologia em revista.** Belo Horizonte, v. 15, n. 2, ago. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a05.pdf>> Acesso em: 7 fevereiro de 2017.

### Capítulo 3- A parentalidade na perspectiva dos homens na fase de aquisição do ciclo vital da família

Mônica Borges Iglesias Rufino

Sônia Maria de Oliveira

#### 1 INTRODUÇÃO

Muitos estudos sobre família apontam as mudanças que estão ocorrendo na sociedade – as transformações culturais e a evolução tecnológica e científica – como influências na estrutura e dinâmica familiar. Berthoud (2000) em sua tese de doutorado “*Re-significando a parentalidade: desafio para toda uma vida*”, Férez-Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) no seu estudo “*Família e casal: da tradição à modernidade*”, Hintz (2007) ao abordar o “*Espaço relacional na família atual*” e Chaves no capítulo “*Família e Parentalidade*” do livro *Família e...* organizado por Cerveny (2006), *tratam das mudanças na dinâmica e estrutura familiar numa sociedade pós-moderna*, na qual as mudanças tecnológicas e culturais sofreram grandes transformações. Porém, poucos estudos na literatura científica brasileira evidenciam o papel do pai nessa sociedade em transformação, então surgiu o interesse em estudar a parentalidade na perspectiva dos homens na fase de aquisição do ciclo vital da família, considerando que hoje o papel do pai é visto como tão importante quanto o papel da mãe no desenvolvimento emocional saudável dos filhos.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como o homem significa, percebe e exerce a parentalidade na fase de aquisição do ciclo vital da família. Consideramos importante investigar quais os papéis e tarefas o homem assume no cuidado e na educação dos filhos pequenos, o que o homem percebe que o ajuda no exercício da parentalidade, quais os principais desafios de “ser pai” na atualidade, como o homem internalizou os padrões familiares acerca da paternidade a partir da vivência como filho, e como o homem expressa afetividade na relação com os filhos. Esperamos que os resultados deste estudo venham a ser uma ferramenta aos terapeutas familiares para auxiliar na reflexão sobre o impacto das transformações da sociedade na dinâmica familiar, incluindo as relações entre pais e filhos e as mudanças nos papéis parentais.

Nas próximas seções apresentaremos os principais conceitos relacionados aos pressupostos do Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático, a abordagem sistêmica da

família, a definição de Ciclo Vital da Família e a caracterização da Fase de Aquisição. Evidenciaremos os aspectos da Parentalidade na Família Contemporânea, com as mudanças no mundo e nas relações familiares, as mudanças nos papéis masculinos, a definição de parentalidade, e a parentalidade exercida pelos homens. Posteriormente explicaremos o método da pesquisa qualitativa de caráter exploratório realizada e o delineamento adotado, apresentaremos os resultados alcançados e a discussão fundamentada por meio dos conceitos do referencial teórico levantado para esse estudo.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1- PRESSUPOSTOS DO PENSAMENTO SISTÊMICO NOVO-PARADIGMÁTICO**

Para compreender o pensamento sistêmico novo-paradigmático, acompanhamos Vasconcelos (2013) ao abordar o paradigma da ciência tradicional com o objetivo de facilitar a compreensão das mudanças de paradigma e suas implicações na produção de conhecimento científico, apontando para suas repercussões na vida cotidiana. Esteves de Vasconcelos (2013) ressalta que “as mudanças de paradigma só podem ocorrer por meio de vivências, de experiências, de evidências que nos coloquem frente a frente com os limites do nosso paradigma atual” (p.35). O Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático apresentado por Vasconcelos (2013) inclui três dimensões epistemológicas, ou eixos, na construção do conhecimento: complexidade, instabilidade e intersubjetividade. A inclusão do observador e sua co-construção da realidade é o reconhecimento da impossibilidade de um conhecimento objetivo do mundo e de que podemos reconhecer o cientista como observador, que na sua forma de ser humano, pode rever o modo de estar e agir no mundo e de constituir conhecimento. (VASCONCELOS, 2013).

### **2.2- A ABORGAGEM SISTÊMICA E A FAMÍLIA**

Segundo Cerveny (2002) podemos definir “família como um sistema de relações que opera de acordo com certos princípios básicos e que evolui no seu desenvolvimento, de um modo particular e complexo determinado por inúmeros fatores...” (p.17). Cerveny e Berthoud (2002) consideram que o sistema familiar é o

mais importante na vida dos indivíduos, por sua longa duração e por seu nível de inter-relação. Grandesso (2009) e Cerveny (2011) afirmam que a Teoria Geral dos Sistemas, proposta por Von Bertalanffy (1975), e a cibernética utilizada por Wiener (1961), ajudaram a construir e impulsionar a terapia familiar. Grandesso (2009) destaca que na perspectiva pós-moderna, as teorias são uma espécie de lentes temporais. Lima (2014) evidencia que, a partir da visão sistêmico novo-paradigmático, o terapeuta sistêmico é visto como parte do fenômeno que observa, e a família é percebida como um sistema que está sempre em evolução.

### **2.3- CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

O ciclo vital da família é o processo evolutivo que a família atravessa ao longo do tempo, e pode ser compreendido como etapas evolutivas do desenvolvimento da vida da família enquanto sistema (CERVENY, 2002). Cerveny e Berthoud (2002) apresentam uma caracterização do Ciclo Vital da Família baseado na realidade brasileira, dividido em quatro fases não rigidamente marcadas: 1- Família na Fase de Aquisição; 2- Família na Fase Adolescente; 3- Família na Fase Madura; 4- Família na Fase Última. Nesta pesquisa faremos um recorte da parentalidade vivenciada na primeira fase do Ciclo Vital da Família, a Fase de Aquisição, sendo aquela que abrange a união do casal e a vida com filhos pequenos.

#### **2.3.1- FASE DE AQUISIÇÃO DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

A Fase de Aquisição do Ciclo Vital da Família é considerada o nascimento da família, com a união do casal e o nascimento dos filhos. Caracterizada pelos eventos iniciais da vida familiar, é marcada pela tarefa de aquisição de modo geral, como a aquisição de patrimônio, de novas formas de relacionamento e de uma nova organização do sistema familiar, em função da definição e adoção de novos papéis de cada um de seus membros. Ou seja, é uma fase na qual há predomínio da tarefa de adquirir, nos sentidos material, emocional e psicológico. A escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho (que transforma o casal em família) e a vida com filhos pequenos são os principais eventos vivenciados (BERTHOUD; BERGAMI, 1997; BERTHOUD, 2002).

Segundo Berthoud (2002) na Fase de Aquisição acontecem três fenômenos fundamentais: unindo-se, construindo a vida a dois e vivendo a parentalidade. Esses complexos processos envolvem aspectos estruturais e dinâmicos do núcleo familiar, podem ser compreendidos através das categorias e subcategorias conceituais que Cerveny e Berthoud (2002) desenvolveram para descrevê-los.

O terceiro fenômeno da Fase de Aquisição, “Vivendo a Parentalidade”, tem início com o desejo e a decisão de ter filhos ou com o surgimento de uma gravidez inesperada que é aceita, até a transformação do casal em família. A subcategoria “vivendo com filhos pequenos” traz compreensão a este fenômeno. Berthoud (2002) destaca que a categoria conceitual “vivendo a parentalidade”, é um complexo processo emocional e psicológico, por ser um momento importante que representa intensas transformações na vida pessoal e familiar, no qual a relação do casal precisa ser totalmente reformulada. Muitos autores descrevem a transição para a paternidade como o momento em a família se constitui, pois do casal passa a existir um grupo de três, o que transforma a família em um sistema permanente. A fase de aquisição é extremamente desafiante e o eixo propulsor para as outras fases do ciclo vital familiar (CERVENY, BERTHOUD, 2002).

## **2.4- A PARENTALIDADE NA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

### **2.4.1- MUDANÇAS NO MUNDO E NAS RELAÇÕES FAMILIARES**

Evidenciamos os aspectos da Parentalidade na Família Contemporânea, direcionando nosso olhar para as Mudanças no Mundo e nas Relações Familiares na visão de Berthoud, Férez-Carneiro, Ponciano, Magalhães, Hintz e Passos e as Mudanças nos Papéis Masculinos em consequência dessas transformações, segundo Jablonski, a Definição de Parentalidade de acordo com Berthoud e a Parentalidade Exercida pelos Homens, segundo o referencial de Berthoud, Chaves e Jablonski. Muitos estudos sobre família apontam as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, e as que ocorreram durante o século XX, as transformações culturais, a evolução tecnológica e científica, como influências na estrutura e dinâmica familiar. Diferentes estudiosos compartilham da ideia de que a família continua sendo importante para a aprendizagem de como se relacionar, no estabelecimento de identificações e no desenvolvimento individual, sendo o ponto de referência para o indivíduo.

A cultura ocidental reformulou valores e padrões socioculturais em decorrência das revoluções culturais na segunda metade do século XIX até o presente e a família brasileira sofreu influências dos padrões familiares europeus e norte-americanos, sendo a família nuclear um valor social e pessoal. (BERTHOUD, 2000). Com a nuclearização da família aumenta excessivamente a responsabilidade dos pais de oferecerem um modelo para os filhos. (FÉREZ-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007). Dentre os fatores culturais, as questões socioeconômicas tiveram influência na transformação do papel da mulher na sociedade, sua profissionalização e inserção no mercado de trabalho, promoveram a relação mais igualitária entre homens e mulheres. Todos os fatores elencados, numa relação de interdependência, resultaram nas alterações das funções parentais e criaram novas demandas sociais e comportamentais.

#### 2.4.2- MUDANÇAS NOS PAPEIS MASCULINOS

Considerando os questionamentos que vem sofrendo nas últimas décadas o conceito de masculinidade, Jablonski (1999) expõe que em decorrência do movimento de emancipação feminina vem sendo questionadas as expectativas normativas incorporadas cultural e historicamente – um conjunto de sentimentos, atitudes, cognições e padrões comportamentais masculinos fixados em torno do poder e da responsabilidade econômica e política da sociedade – que valorizam a instrumentalidade do homem (p. 56). Ao analisar o resultado dos questionamentos quanto aos padrões comportamentais e expectativas da sociedade com relação aos papéis que os homens devem desempenhar, o autor observa que “os homens passaram a separar *atitudes de comportamentos*, as primeiras francamente igualitárias, e os segundos, mais conservadores”, devido à resistência e a necessidade de tempo para mudar. (JABLONSKI, 1999, p. 56).

Após descrever alguns preceitos do que *era ser homem*, Jablonski (1999) ressalta que o ideal do que era masculino não é mais adequado nem na esfera pública, nem na particular, principalmente nas relações com o sexo feminino. Ao responder o que *agora, é ser homem*, Jablonski (1999) enfatiza que nos encontramos nesse processo de indagações cada vez mais frequentes, mas essas alterações nas condutas dependem de esforço permanente nesse conflito do que o homem era antes e do virá a ser, para se alcance essas mudanças, que são gradativas.

### **2.4.3- DEFINIÇÃO DE PARENTALIDADE**

Para Berthoud (2000) parentalidade pode ser definida como uma experiência relacional, de profundo significado psicológico, vivenciada nas relações familiares, que se transformam ao longo da vida. Essa experiência psicológica é configurada por um contexto social que a define e significa. Ou seja, a forma como a sociedade define a família, diferencia e atribui papéis a homens e mulheres, influencia diretamente o modo como a parentalidade é vivenciada por homens e mulheres. E para compreendermos a parentalidade contemporânea, devemos contemplar diferentes possibilidades de exercício parental, construídos e experimentados num contexto social que comporta diversas configurações familiares. E Berthoud (2000) coloca ainda que “... de certo modo, essas configurações surgem da necessidade e do desejo de exercer a parentalidade.” (p.36).

Com as mudanças nos papéis da mulher, surgiram questões que trouxeram grandes repercussões nos contextos familiar e social, dentre as repercussões se evidenciam às que dizem respeito aos cuidados e educação das crianças, aponta Berthoud (2000). A educação dos filhos é considerada uma das demandas mais difíceis de serem exercidas pelos pais e, como tarefa fundamental do núcleo familiar, torna-se um desafio ser executada com êxito frente à complexidade das relações e das demandas que as famílias vivenciam na atualidade, com o processo de modernização (WAGNER, 2003, 2005). Wagner (2005) afirma que na atualidade são utilizados métodos e estratégias mais democráticas e cooperativas na resolução de conflitos entre pais e filhos. A autora aponta para pesquisas com a população brasileira que demonstram como cresceu a tendência de evitar repetições de ações práticas exercidas na educação nas gerações anteriores. Ainda os pais da atual geração se consideram melhores pais do que foram os seus. (WAGNER, 2005, p.34). Para a autora, o que existe de mais permanente frente às demandas modernas, é o fato de que ainda é na família que os filhos recebem a base da sua educação, na realidade de nossa estrutura social. (WAGNER, 2003, p.32).

### **2.4.4- A PARENTALIDADE EXERCIDA PELOS HOMENS**

Considerando a importância atribuída, hoje, ao papel do pai no desenvolvimento emocional saudável dos filhos, numa sociedade em transformação contínua. Nessa

transição, encontramos discussões quanto aos papéis e padrões emergentes de comportamento do homem/pai, devido às transformações dos papéis sociais e familiares exercidos pela mulher/mãe/trabalhadora/provedora/cuidadora na sociedade. Assim, num processo análogo, os homens também estão construindo novos padrões e papéis de homem/pai/provedor/participante/cuidador. (BERTHOUD, 2000; CHAVES, 2006).

Ao relacionar identidade masculina e o exercício da paternidade Jablonski (1999) implica qualidades que envolvem ser um melhor pai ou mãe (compreensão, amor, paciência, etc.), e como essas qualidades são normalmente atribuídas às mulheres, mas levantam o questionamento: quem disse que o homem não pode ser dotado dessas qualidades? Outros questionamentos enfatizados pelo autor são referentes aos papéis que os pais assumem em casa, com relação aos filhos, e atividades que estão associadas aos seus cuidados, a partir do momento que as mulheres saíram para trabalhar. É possível, como pai, manter-se apenas no papel de provedor? O fato dos pais terem passado a reconhecer suas novas funções significa que na prática houve mudanças significativas no seu comportamento? Ao buscar essas respostas, o autor ainda afirma que o trabalho das mães fora do lar tem relação direta com maior envolvimento dos pais nas tarefas domésticas, mas não há ainda uma divisão mais igualitária de atividades (JABLONSKI, 1999).

Jablonski (1999) insiste que “tanto a paternidade quanto o conceito de masculinidade são fortemente embasados no contexto cultural e social.” (p.61), onde o ideal de função paterna é moldado em cada geração, criando novos padrões de condutas, comportamentos e atividades que são exercidas. O autor defende que existe uma lacuna entre as atitudes e o comportamento tanto no que tange à paternidade quanto à identidade masculina. Por outro lado, Chaves (2006) demonstra a transição no papel parental exercido pelos homens: “Podemos encontrar homens mais tradicionais e provedores, outros que estão vivenciando essa transição, ou seja, o homem híbrido que foi formado e se comporta de maneira tradicional, mas está aprendendo novas formas de se comportar e ainda homens participativos, mais expressivos e cuidadores, que desempenham um novo modelo, que emerge em um tempo que necessita dessas habilidades.” (CHAVES, 2002 apud CHAVES, 2006, p. 56-57).

O pai emergente seria aquele que pode desenvolver um padrão de comportamento mais flexível, no qual pode se manifestar o modelo de pai “cuidador”, que responde às demandas da família e do casamento pós-moderno. Esse homem/pai



consegue construir padrões sociais e familiares diferentes do modelo que vivenciaram enquanto filhos (BERTHOUD, 2000).

### 3 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, por permitir a compreensão detalhada dos significados e características situacionais, foi considerada a abordagem mais adequada aos objetivos propostos e à situação em que foi realizada esta pesquisa. O delineamento adotado foi o Estudo de Caso, por se tratar de um estudo profundo e exaustivo que permite um amplo e detalhado conhecimento de um ou mais objetos. (GIL, 2002). O estudo de caso possibilitou a compreensão do significado das vivências, pensamentos e ideias contidas nas histórias individuais.

A pesquisa foi realizada na região de São José dos Campos/SP e Vale do Paraíba. A população estudada foi constituída por homens que estavam vivenciando a parentalidade na fase de aquisição do ciclo vital da família. A amostra foi composta por acessibilidade e foram selecionados cinco homens adultos, a partir de 18 anos de idade, com filhos de zero a dez anos de idade. A coleta de dados foi realizada no período de novembro de 2016 a janeiro de 2017. A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com o parecer de número 1.732.451.

A entrevista semi-estruturada foi utilizada como instrumento de coleta de dados, por apresentar maior flexibilidade e permitir obtenção detalhada e profunda na investigação de significados.

A análise dos dados coletados nas entrevistas foi realizada por meio da análise qualitativa de conteúdo. Esta técnica permite compreender os discursos obtidos a partir das entrevistas e extrair os aspectos mais importantes de acordo com os objetivos da pesquisa (RICHARDSON et al, 1999). Desta forma, os dados coletados foram codificados, o que significa que foram transformados e agrupados em unidades que descrevam as características mais relevantes do conteúdo de cada entrevista, resultando na determinação das unidades de registro. (RICHARDSON et al, 1999). Foram construídas categorias temáticas, a partir dos discursos dos participantes, abrangendo os conteúdos mais significativos para a investigação dos objetivos propostos na pesquisa. As interpretações dos resultados da pesquisa foram realizadas após seguir essas etapas de análise dos dados e, fundamentadas por meio dos conceitos do referencial teórico encontrados na literatura, conforme o tema e os objetivos da pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere aos Papéis e tarefas, todos os participantes da pesquisa relataram que assumem funções no cuidado e/ou na educação dos filhos. Verificamos que as tarefas se diferenciaram em quatro tipos: cuidados cotidianos; atuação na educação; lazer, cultura e brincadeira; e, acompanhamento. A maioria dos participantes assume tarefas quanto aos Cuidados cotidianos dos filhos. Cerveny e Berthoud (2002) caracterizam o processo “Vivendo com filhos pequenos” como um período desafiador da fase de aquisição do ciclo vital da família, justamente porque a cada etapa de desenvolvimento dos filhos, o núcleo familiar deve se reorganizar para atender suas necessidades. Nessa fase, são muitas as tarefas requeridas e o casal precisa administrar tanto as demandas emocionais quanto as práticas dos cuidados dos filhos.

Dentre as repercussões no contexto familiar, decorrentes das mudanças nos papéis da mulher, em especial a saída da mulher do lar, se evidenciam as questões que dizem respeito aos cuidados e educação das crianças e se o homem deveria mudar seu papel no espaço privado. (BERTHOUD, 2000). Verificamos que o envolvimento dos participantes nos cuidados e educação dos filhos, vai de encontro com as observações de Jablonski (1999) quanto à cobrança de que o homem contribua mais com as tarefas domésticas em nossa sociedade pós-moderna, apesar de que ainda podem ser vistos na atualidade os padrões comportamentais decorrentes de um estereótipo do que era ser homem.

Constatamos que todos os participantes da pesquisa se envolvem no papel relacionado à Atuação na educação dos filhos, seja a educação informal ou a formal, principalmente através de conversas com o objetivo de ensinar e transmitir valores éticos e morais referentes às condutas e ao relacionamento interpessoal. No caso do envolvimento na educação formal verificamos a importância que alguns participantes atribuem ao acompanhamento do desenvolvimento escolar e intelectual dos filhos. Segundo Wagner (2003), os pais acreditam que receberam uma educação com menos envolvimento e mais autoritária do que exercem com seus filhos hoje.

O Acompanhamento dos filhos para a realização das atividades escolares, esportivas, terapêuticas, etc., foi apontada pelos participantes como uma tarefa que assumem no cuidado dos filhos, própria do exercício da parentalidade, sendo que alguns assumem integralmente essa função. Berthoud e Bergami (1997) observam que a construção de um sistema no qual as relações familiares sejam adaptadas às diferentes

demandas dos seus membros e ao mesmo tempo seja adaptado ao macrosistema. Podemos afirmar que os homens estão assumindo funções e redefinindo papéis que correspondam às necessidades do sistema familiar e sua adaptação ao sistema social mais amplo, quando assumem os cuidados cotidianos dos filhos, dispensam aos filhos acompanhamento em diferentes atividades de sua rotina e atuam na sua educação.

Todos os participantes praticam atividades de Lazer, cultura e brincadeira com os filhos, seja se envolvendo em atividades lúdicas, desenvolvendo brincadeiras de forma espontânea, como brincar de lutinha ou com bonecos, participando de jogos eletrônicos ou de passeios e atividades culturais. Na literatura estudada não foi tratada a participação dos pais em atividades de lazer, cultura e brincadeira com os filhos como tarefa que o homem assume, mas podemos constatar que os participantes consideram um dos seus papéis o envolvimento neste aspecto da vida dos filhos. Acreditamos que a literatura pesquisada não evidenciou os aspectos do lazer com filhos por tratarem mais dos desafios, mudanças e conflitos encontrados na família quando falamos de cuidado e educação de crianças. Por outro lado, a brincadeira e o lazer são aspectos específicos onde se evidenciam as atividades que promovem uma interação espontânea entre pais e filhos.

No que se refere à Presença e disponibilidade, os participantes dispensam seu tempo e atenção aos filhos através de conversas, apoio, orientação de forma livre ou de acordo com a solicitação. Podemos observar na literatura estudada, que o modelo de família adquiriu a configuração de família nuclear, e houve alterações nas funções parentais, criando novas demandas sociais e comportamentais. (BERTHOUD, 2000; FÉREZ-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007).

Quanto aos Desafios da parentalidade, a Educação dos filhos e as Exigências da parentalidade, sejam as autocobranças ou as exigências sociais, são os principais desafios encontrados pelo homem.

Notamos que os participantes consideram a Educação dos filhos como o principal desafio no exercício da parentalidade, incluindo os desafios encontrados na educação informal ou na educação formal. No que se refere à educação formal, podemos considerar o desafio de oferecer uma educação de qualidade, destacando-se a preocupação dos participantes na escolha que os filhos poderão fazer no futuro quanto à profissão ou campo de atuação que lhes proporcione realização pessoal. Podemos observar aqui que a função educativa da família tem sofrido consequências diretas das novas demandas sociais, pelo fato de que a escolarização básica formal não é suficiente

para instrumentalização dos filhos, agora mais sofisticada (WAGNER, 2003), o que traz à família a demanda de um investimento cada vez maior na formação intelectual dos filhos. Verificamos que os participantes que se preocupam em oferecer uma educação quanto aos valores e princípios éticos, como honestidade, desejam formar bons cidadãos. Wagner (2003, 2005) argumenta que a educação dos filhos é considerada uma das demandas mais difíceis de ser exercida pelos pais e, torna-se um desafio ser desempenhada com êxito frente à complexidade das relações e das demandas que as famílias vivenciam na atualidade, com o processo de modernização.

No que se refere às Exigências da parentalidade, verificamos que os homens lidam com exigências internas, a Autocobrança, considerando a autocrítica como um dos principais desafios da parentalidade, e as Exigências sociais, considerando aqui a violência urbana na sociedade pós-moderna como uma das principais preocupações sociais dos pais. Constatamos que os homens participantes da pesquisa possuem autocrítica principalmente quanto à qualidade da oferta de tempo e atenção e forma que exercem a educação dos filhos. Concordamos com Wagner (2003) quanto argumenta sobre o lugar central que a tarefa de educar ocupa, e a popularização dos conhecimentos das teorias psicoeducativas e desenvolvimentais também aumentam o dilema dos pais frente aos ideais de educação, de parentalidade e funcionamento familiar.

Segundo Cerveny e Berthoud (2002) a fase de aquisição é extremamente desafiante. Os homens demonstraram justamente que estão vivenciando os inúmeros fenômenos da categoria conceitual “Vinda dos filhos”, que podem ser descritos pelos conceitos “descobrimo novos sentimentos”, “vivendo maturidade”, “sentindo as mudanças”, “planejando”, “reproduzindo padrões”, “sentindo a rede” e “sendo surpreendido”.

Os participantes da pesquisa falaram sobre o que ajuda na construção do papel parental, verificamos que distinguiram diferentes tipos de ajuda: ajuda da família; escola como recurso; ajuda de profissionais; artigos, redes sociais e internet como recurso; religião como recurso; e, próprios recursos pessoais. Para atender às demandas práticas e emocionais envolvidas nos cuidados e na educação dos filhos, o casal parental precisa acionar a mobilização de recursos familiares e sociais (FÉREZ-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007; CARNEIRO et al, 2015).

A maioria dos participantes considerou a Ajuda da família como um importante sentimento de rede voltada aos cuidados básicos dos filhos e o atendimento às suas necessidades. A ajuda que a maioria dos participantes relatou que recebem dos

familiares, se trata tanto do suporte nas tarefas cotidianas, como levar à escola, e quanto à educação dos filhos, podendo receber ajuda dos avós maternos ou paternos para aconselhar. Ficou evidenciada a troca de experiências como uma vivência importante nesse período em que os filhos demandam muitas tarefas e desafios. Férrez-Carneiro, Ponciano e Magalhães (2007) observam que os novos padrões de famílias que encontramos na atualidade acompanham uma nova forma de pensar e se relacionar, sendo que a família nuclear conta com mais de uma geração, em interação contínua por meio de trocas e apoio entre elas.

No que se refere à Escola como recurso, apenas um dos participantes mencionou a escola como ajuda no exercício do papel parental à medida que orienta e ensina valores, contrariando o apontamento de Wagner (2003) sobre a tendência da família de terceirizar sua função educativa, passando suas responsabilidades às instituições como a escola.

Verificamos que Ajuda de profissionais, seria outro recurso que os homens buscam no exercício da parentalidade, sendo que um dos participantes afirmou que recorre à ajuda de terapeutas (como psicólogos) ou outros profissionais para auxiliarem no desempenho do seu papel. Isso vem de encontro com as afirmações de Lima (2014) de que na abordagem sistêmico novo-paradigmático o terapeuta facilita, através da reflexão e conversação, a construção de significados que transformam o sistema familiar no seu processo evolutivo.

No que se refere aos Artigos, redes sociais e internet como recurso, verificamos que alguns participantes recorrem às informações na internet e conhecimentos teóricos para nortear suas ações no exercício da parentalidade. A possibilidade de dúvidas e dilemas na educação dos filhos são conseqüências das transformações e mudanças contextuais que a família contemporânea vem sofrendo, como o avanço da tecnologia, o aparecimento de novas teorias explicativas do relacionamento. Ainda podemos perceber que a geração atual tem intenção de exercer de melhor maneira e mais conscientemente a parentalidade (WAGNER, 2003, 2005).

No que se refere à Religião como recurso, um dos participantes recorre à religião como ajuda na construção do papel parental. Aqui fica evidenciado que as tradições, crenças e rituais transmitidos pelas gerações anteriores são mantidos pela família. (BERTHOUD; BERGAMI, 1997; FÉREZ-CARNEIRO; PONCIANO; MAGALHÃES, 2007).

No caso dos Próprios recursos pessoais, verificamos que alguns participantes utilizam suas experiências anteriores para a construção do papel parental, pois para atender às demandas de cada etapa de desenvolvimento dos filhos, os pais precisam mobilizar recursos pessoais, emocionais, familiares e sociais. (CERVENY, BERTHOUD, 2002)

Quanto às Influências intergeracionais, constatamos que os homens recebem influências do modelo parental e/ou dos padrões familiares internalizados na vivência como filhos, sendo positivas ou negativas aos seus olhares. Seguindo o modelo caracterizou as influências e os exemplos do relacionamento com o próprio pai e de como os pais os educaram, que os participantes levaram para a educação dos filhos, o que os influenciou tanto no comportamento que mantém ao exercer o papel parental, quanto na repetição de padrões ao impor limites e transmitir os valores familiares aos filhos. Berthoud e Bergami (1997) argumentam que o fenômeno vivencial “Reproduzindo padrões” é evidenciado com a vinda do filho, sendo que os registros de como foram educados por seus pais, valores, crenças, práticas de educação mantidos pela família de origem, são fatores que influenciam a construção das regras e formas de se relacionar. Constatamos que os homens repetem os padrões internalizados na vivência como filhos, independente do seu desejo ou consciência. Segundo Wagner (2005), os aspectos transgeracionais se destacam como uma das perspectivas para compreender o processo de educação dos filhos, uma vez que as experiências vividas com a família de origem geralmente são parâmetros ponderados por pais e mães na prática de algumas estratégias educativas.

Quanto à categoria conceitual ‘Buscando um novo modelo e transformando padrões’, verificamos que os homens também buscam diferenciação do modelo parental vivenciado enquanto filhos, considerando as mudanças que exercem nos padrões internalizados a partir do relacionamento com os próprios pais. Jablonski (1999) implica que a paternidade e o conceito de masculinidade são embasados no contexto cultural e social, onde o ideal de função paterna é moldado em cada geração, criando novos padrões de condutas, comportamentos e atividades que são exercidas. Alguns participantes justificaram que seus pais estavam numa época diferente, esses discursos vão de encontro com a afirmação de Berthoud e Bergamini (1997), de que com a vinda dos filhos, os modelos familiares também são revistos, e os valores e padrões são adaptados para atender as necessidades da família atual.

Quanto à Expressão da afetividade, ao analisarmos como o homem manifesta carinho e conversa sobre seus sentimentos na relação com os filhos, verificamos que a maioria dos participantes apresenta facilidade para expressar afetos e falar de sentimentos com os filhos. No que se refere à Livre expressão de carinho e sentimentos, a maioria dos participantes, revelou nos seus discursos que manifestam carinho através do contato físico, como abraço e beijo, bem como demonstram afeto de forma verbal, dizendo aos filhos que os amam. Podemos considerar aqui a mudança que ocorreu no comportamento masculino mais recentemente, e relacionar com a observação de Jablonski (1999) de que a emancipação feminina também ocasionou expectativas sociais de deveres dos homens como pais, e espera-se que alguns questionamentos sobre o conceito de masculinidade fomentem novos padrões atitudinais e comportamentais.

No que se refere a Ser reservado, um participante considera-se com dificuldade para expressar afeto e principalmente falar de sentimentos com os filhos. As características como falar pouco de coisas do mundo afetivo não são bem aceitas em nossa sociedade pós-moderna, apesar de que os padrões comportamentais, como atitudes machistas, ainda serem vistos nos dias de hoje (JABLONSKI, 1999).

Quanto às Principais mudanças, as principais transformações (internas ou externas) vivenciadas pelo homem com o exercício da parentalidade foram divididas em Olhar para a vida e para o outro, Mudança na rotina e Responsabilidade. A categoria conceitual “Vinda do filho” envolve inúmeros fenômenos vivenciais. O fenômeno emocional considerado o mais intenso deste momento, “Sentindo mudanças”, traz o sentimento da vida sendo completamente transformada pela chegada do filho, em especial, o primeiro filho. (BERTHOUD, 2002). No que se refere ao Olhar para a vida e para o outro, verificamos que as mudanças na forma do homem olhar para a vida, colocar o filho como o mais importante e os sentimentos com relação ao outro, foram as principais transformações internas vivenciadas pelos participantes. Os homens também passaram a olhar com mais empatia para as outras crianças e mesmo outros adultos. Sentindo a “vida revolucionada”, é uma das vivências emocionais que explicam as mudanças nesse momento de vida. (BERTHOUD, 2002) Um dos participantes ressaltou que não somente a vida mudou, mas mudou a sua concepção sobre a vida.

No que se refere à Mudança na rotina, verificamos que a maioria dos participantes percebeu que a vinda dos filhos trouxe alteração na rotina estabelecida anteriormente, chegando a mudar sua rotina de trabalho, alterando sua agenda ou até mesmo a mudança de emprego para estar mais presente na vida dos filhos.

Constatamos que a maioria dos homens considera o senso de Responsabilidade como uma das principais mudanças percebidas a partir do exercício da parentalidade. Dentre as responsabilidades estão as escolhas e o planejamento da vida, maior preocupação com as consequências das suas atitudes/comportamentos e a mudança na forma como lidam com o dinheiro. Ao investigar as mudanças vivenciadas pelos homens a partir da parentalidade, observamos que a percepção dos participantes pode ser explicada pela caracterização da subcategoria descrita por Berthoud (2002) quando apresenta o fenômeno “Vivendo a Parentalidade” na fase de aquisição do ciclo vital da família. Ficou destacado como os participantes passaram a lidar com o dinheiro, readequando gastos e economia, priorizando o atendimento das necessidades materiais dos filhos com qualidade. Para Jablonski (1999), o problema maior no que se refere às mudanças no referencial masculino e de paternidade está na passagem das atitudes para o comportamento, como a ideia enraizada de que os homens são essencialmente provedores, o que se traduz pela preocupação dos participantes na forma como lidam com o dinheiro.

Quanto ao Significado da parentalidade verificamos que os participantes atribuíram diferentes significados à vivência da parentalidade: Melhor acontecimento na vida, Amizade e confiança, Sentimento de continuidade, Responsabilidade pelo outro e Aprendizagem. No que se refere ao Melhor acontecimento na vida, verificamos que a maioria dos participantes considerou o sentimento de realização e transformação pessoal como um dos principais significados do exercício parental, considerando o sentimento de alegria, realização, as transformações positivas sentidas na vida e o sentimento de amor envolvido nesse processo. Berthoud (2002) conceitua o fenômeno “Vivendo a Parentalidade” como um complexo processo emocional e psicológico, por ser um momento importante que representa intensas transformações na vida pessoal e familiar. Os participantes da pesquisa quando relatam sobre o significado da parentalidade como um acontecimento importante e transformador. Forma-se um novo sistema familiar e se alteram definitivamente os sistemas existentes.

No que se refere à Amizade e confiança, um dos participantes atribuiu o sentimento de amizade, confiança e proximidade ao significado da vivência da parentalidade. Observamos que a proximidade entre os membros da família aumentou em decorrência do processo de transformação dos padrões de relacionamento ao longo do tempo.



Quanto ao Sentimento de continuidade, observamos que um dos participantes atribuiu ao significado da vivência da parentalidade o sentimento de que não está mais sozinho no mundo e que existe um sentido continuidade.

No que se refere à Responsabilidade pelo outro, constatamos que a maioria dos participantes significa a vivência da parentalidade como um sentimento de responsabilidade pelo outro, relatando que em tudo o que fazem estão considerando os filhos e sentem-se responsáveis pelo futuro deles. Berthoud e Bergami (1997) argumentam que, assim como as recompensas desse momento de transição para a paternidade são maravilhosas e intensas, igualmente intensas são as ansiedades, angústias e conflitos, se destacando o indescritível sentimento de responsabilidade.

No que se refere à Aprendizagem, observamos que alguns participantes atribuíram o sentimento de aprendizagem e adaptação ao significado da parentalidade. Podemos relacionar o sentimento de aprendizagem à descrição de Chaves (2002 apud CHAVES, 2006) do homem híbrido, aquele que foi formado a partir de padrões masculinos tradicionais, se comporta dessa maneira, mas está aprendendo novas formas de se comportar. E os homens participativos, que são mais expressivos, cuidadores, pois desempenham um novo modelo, com habilidades necessárias nos tempos atuais.

Quanto à Metáfora acerca da parentalidade, foram três as metáforas que os homens utilizaram para representar a parentalidade exercida por eles: Amizade incondicional, Modelo a ser seguido e Amor incomparável.

No que se refere à Amizade incondicional, observamos que alguns participantes atribuíram à figura parental uma representação de amigo incondicional. Os participantes se colocam como as pessoas que estarão ao lado dos filhos nos momentos de conflito e de transição, auxiliando na solução de problemas e enfrentamento dos desafios da vida.

Quanto ao Modelo a ser seguido, observamos que um dos participantes atribuiu à figura parental uma representação de modelo ou exemplo para o filho seguir. De acordo com Hintz (2007), apesar da sociedade e da cultura serem dinâmicas, moldando os padrões de relacionamento de acordo com as necessidades dos indivíduos em cada época, diferentes estudiosos compartilham da idéia de que a família continua sendo o ponto de referência para o indivíduo, importante para a aprendizagem de como se relacionar, no estabelecimento de identificações e no desenvolvimento individual.

No que se refere ao Amor incomparável, verificamos que alguns participantes atribuem à figura parental uma representação do sentimento de amor incomparável ou insubstituível. Ao relacionar identidade masculina e o exercício da paternidade

Jablonski (1999) questiona se o homem não pode ser dotado das qualidades que envolvem ser um melhor pai ou mãe, como compreensão, amor, paciência, etc., argumentando que são qualidades normalmente atribuídas às mulheres. Nos discursos dos participantes ficou evidente como os homens trazem o sentimento de amor profundo como uma metáfora para representar a parentalidade, agregando essa característica ao papel que exercem como pais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da parentalidade na perspectiva dos homens na fase de aquisição do ciclo vital da família permitiu a compreensão de que os homens exercem a parentalidade assumindo novas funções e redefinindo seus papéis, de maneira que correspondam às necessidades do sistema familiar na sociedade pós-moderna. Entre os diferentes papéis e tarefas que os homens assumem, destacam-se os cuidados cotidianos e a atuação na educação dos filhos pequenos, principalmente os cuidados com a higiene, alimentação e sono, são práticas que nos confirmam os efeitos no contexto familiar decorrentes das mudanças do papel da mulher. Levando-se em consideração esses aspectos, os homens compreendem que é na família que os filhos recebem a base da educação, relacionando essa função com os principais desafios encontrados no exercício da parentalidade nos tempos pós-modernos. Compreendemos que a educação dos filhos como importante desafio da parentalidade para os homens que estão vivenciando a fase de aquisição do ciclo vital da família, sobressaiu pelas exigências da sociedade pós-moderna no que tange à formação educacional e intelectual, destacando-se o desejo dos homens de que no futuro os filhos se realizem profissionalmente, bem como a preocupação dos pais em formarem bons cidadãos, pessoas íntegras e com habilidades sociais necessárias frente à complexidade das relações interpessoais na atualidade.

Os homens buscam se diferenciar dos modelos parentais vivenciados enquanto filhos, ao oferecem aos seus filhos o que não receberam de seus próprios pais e estão transformando os padrões comportamentais masculinos, podendo ser observado na livre expressão de carinho e sentimentos dos pais pelos filhos e a forma como o homem exerce os cuidados cotidianos com os filhos. Então somos levados a acreditar que cabem no modelo de pais participativos, cuidadores, e expressivos, pois adotam padrões emergentes de comportamento masculino. Constatamos que as principais

transformações vivenciadas, como mudanças decorrentes do exercício da parentalidade, foram o olhar para a vida e para o outro, a mudança na rotina e o sentimento de responsabilidade.

Os homens atribuem diferentes significados à experiência da parentalidade na fase de aquisição, sendo o sentimento de realização e transformação pessoal, considerando ser pai como o melhor acontecimento na vida; o sentimento de responsabilidade pelo outro, sentindo-se responsáveis pelo futuro dos filhos; ou um processo de aprendizagem e adaptação, necessárias aos tempos atuais. Tendo em vista os aspectos observados, concluímos que na atualidade possa ser cada vez mais observadas qualidades nos homens como compreensão, amor, paciência e sensibilidade, entre outras que envolvem ser um melhor pai, ou seja, os homens são capazes de desenvolver um padrão de comportamento mais flexível, que responde às demandas da família contemporânea. Com base nessas considerações, só nos resta esperar que na sociedade pós-moderna o homem manifeste cada vez mais nos seus comportamentos, as transformações no que tange aos padrões atitudinais e modelos familiares do seu referencial masculino de parentalidade.

## REFERÊNCIAS

BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 47-73.

BERTHOUD, C. M. E. **Re-significando a parentalidade**. Desafio para toda uma vida. 2000. 368 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 23-99.

\_\_\_\_\_. Visitando a Fase de Aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.29-57.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CERVENY, C. M. O. Pensando a Família Sistemicamente. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.15-27.

\_\_\_\_\_. **A Família como Modelo**. Desconstruindo a patologia. 2.ed. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011.

CHAVES, U. H. Família e Parentalidade. In: CERVENY, C. M. O. (org.). **Família e...** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006, p. 47-62.

FÉRES-CARNEIRO T., PONCIANO, E.; MAGALHÃES, A. (2007). Família e casal: da tradição à modernidade. In: CERVENY, C. M. O. (org.) **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 23-36.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDESSO, M. A. Desenvolvimentos em Terapia Familiar: das teorias às práticas e das práticas às teorias. In: OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. P. **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: ArtMed, 2009, p.104-118.

HINTZ, H. Espaço relacional na família atual. In: CERVENY, C. M. O. (org.) **Família em movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p.156-172.

JABLONSKI, B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p. 55-69.

LIMA, M. J. Viver em família na contemporaneidade. Rio de Janeiro: **Nova perspectiva sistêmica**, n.49, p.88-99, 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**. Métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico**. O novo paradigma da ciência. 10.ed. Campinas/São Paulo: Papirus, 2013.

WAGNER A. A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito de famílias tradicionais frente a demandas modernas. In: FÉRES-CARNEIRO T. (org.) **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003, p.27-33.

\_\_\_\_\_. Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. In: FÉRES-CARNEIRO T. (Org.) **Família e Casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2005, p.33-49.

## Capítulo 4- E foram felizes para sempre? Os desafios da conjugalidade na pós-modernidade

Andréa Nogueira de Castro Porto

Ceneide Maria de Oliveira Cerveney

### 1 INTRODUÇÃO

E foram felizes para sempre? O casamento não é mais para a vida toda? Questionamentos assim fazem pensar que a conjugalidade é um dos grandes desafios que um casal enfrenta na pós-modernidade devido a inúmeros fatores de transformação psicossocial e institucional, tais como: a mudança do papel social exercido por homens e mulheres, a diminuição do número de casamentos oficiais ou não, o aumento do número de divórcios, a efemeridade e a fluidez das relações conjugais, a sobreposição da individualidade à conjugalidade, o surgimento de novas tecnologias como meio de busca e expressão afetivo-sexual, entre outros. Diante desse cenário, acredita-se que o momento vivenciado, marcado por mudanças nas relações conjugais, pode levar a crises.

Do final do século XX em diante, as ideologias, as práticas do casamento e todos os padrões que implicam na construção psicossocial das identidades de gênero passaram a ser questionados, produzindo uma crise de identidade e de papéis sociais na família e nos padrões de interação conjugal. Essa crise psicossocial e institucional da conjugalidade pode ser observada na diminuição de casamentos, oficiais ou não, no aumento no número de divórcios e no surgimento de alternativas ao modelo tradicional de casamento, como o casamento tardio, os casamentos comunitários, os recasamentos, os casamentos homoafetivos, entre outros (DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

O tema central desta pesquisa é a conjugalidade, abordando como problema principal seus desafios, enfrentados por homens e mulheres na pós-modernidade.

É necessário conhecer quais as dificuldades enfrentadas pelos casais na atualidade para que possam viver a conjugalidade de forma satisfatória. Este estudo refere-se a aspectos da conjugalidade e, dentre as inúmeras variáveis do tema, busca-se o entendimento dos desafios enfrentados na pós-modernidade, identificando suas particularidades na relação tradicional e na relação pós-moderna, analisando as causas

das mudanças no comportamento conjugal e compreendendo a definição de papéis no relacionamento pós-moderno e a causa da efemeridade e fragilidade dos laços conjugais nos dias atuais.

A próxima seção apresentará uma breve contextualização teórica sobre o tema abordado, para que, posteriormente, o método da pesquisa de campo e os resultados alcançados e discutidos à luz da teoria possam ser explicados.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1- O CONCEITO DE CONJUGALIDADE**

A palavra “conjugal”, segundo o Dicionário Aurélio (2009), é um adjetivo relativo a cônjuges ou casamento, e a palavra “conjugado” significa unido, ligado. Portanto, por conjugalidade subentende-se algo que é vivenciado de forma conjunta, uma união, um encontro.

De acordo com Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), tradicionalmente a palavra “casamento” associa-se a ideias românticas, remetendo à frase popular “e viveram felizes para sempre”. Porém, um acontecimento que, num primeiro momento, é marcado pelo otimismo e pelo encantamento, acaba, muitas vezes, não sendo tão duradouro. Para muitos, o casamento é a união que se inicia como fonte de satisfação termina em frustração. Frente a esse fenômeno tão comum, as autoras perguntam então: o que acontece nesse percurso?

Para Féres-Carneiro (1998), todo o fascínio e toda a dificuldade de “ser casal” residem no fato de que, ao mesmo tempo, os cônjuges precisam vivenciar duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, o casal possui dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma única conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. A autora ainda questiona: como ser dois sendo um e como ser um sendo dois?

Segundo Caillé (1991 apud FÉRES–CARNEIRO, 1998), cada casal cria, portanto, seu modelo único de “ser casal”, que ele chama de “absoluto do casal” e que define a existência conjugal, determinando seus limites. Sua significação de casal

contém dois parceiros e seu "modelo único", seu absoluto. Esse "absoluto do casal" é o que caracteriza a "identidade conjugal" e que, na literatura sobre casamento e terapia de casal, pode ser designado como conjugalidade.

Weishaus e Field (1988 apud NORGREN et al., 2004) realizaram um estudo com casamentos que variavam de cinquenta a sessenta anos de duração e identificaram seis tipos conjugalidade:

- estável e positiva (os membros do casal mantiveram satisfação de moderada a alta e afeto positivo durante todo seu casamento);
- estável e neutra (casais satisfeitos, mas que nunca sentiram grande afeto um pelo outro);
- estável e negativa (afeto negativo desde o início da relação);
- curvilínea (a satisfação entre os membros do casal declinou nos primeiros estágios do ciclo vital da família, mas aumentou nos últimos anos);
- declínio contínuo (no início havia alto nível de satisfação, mas decresceu paulatinamente);
- aumento contínuo (fenômeno que acontecia em casamentos arranjados, raros no Ocidente).

Segundo Walsh (2002 apud CICCIO et al., 2005), qualquer estágio do ciclo vital vivenciado pelo casal pode receber a ajuda de um terapeuta, que o auxiliará a pensar e a planejar, esclarecerá suas dúvidas, suas expectativas e as do parceiro, elaborando, de forma mais clara e objetiva, o contrato que mantém a relação conjugal.

Pensando na conjugalidade como sendo o início da construção da família, o próximo tópico discorrerá sobre o ciclo vital da família e suas implicações na formação do casal.

## **2.2- CICLO VITAL**

Ciclo Vital está associado a movimento, desenvolvimento, crescimento, ordenação, etapas e fenômenos que se sucedem em determinado ritmo, assim como o ciclo de vida da família, que exige equilíbrio entre a estabilidade e a flexibilidade dessas etapas (CERVENY; BERTHOUD et al., 1997).



O ciclo vital é um dos conceitos mais importantes para se entender a família. Suas fases contam a história de uma família, seus padrões, crenças, valores, mitos, segredos e lealdades (CERVENY; BERTHOUD et al., 1997).

Para Cerveny e Berthoud et al. (1997), entre as etapas do ciclo de vida existe a ideia de passagem, a mudança de uma fase à outra e a formação da identidade. Nesse sentido, o estudo do ciclo de vida familiar oferece uma visão mais detalhada do seu progresso e de suas diversas fases, mostrando as tarefas evolutivas a serem desenvolvidas por cada membro da família, em cada uma de suas etapas.

De acordo com Cerveny (1997), o ciclo vital familiar pode ser dividido em quatro etapas:

- Fase de Aquisição
- Fase Adolescente
- Fase Madura
- Fase Última

Este estudo abordará com maior detalhamento a Fase de Aquisição, uma vez que a etapa na qual a presente pesquisa se encontra visa conhecer quais os desafios enfrentados na conjugalidade por homens e mulheres na pós-modernidade nos primeiros anos do casamento.

### *Fase de Aquisição<sup>1</sup>*

Primeira fase do ciclo vital da família que inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos. É a fase em que a tarefa principal é “adquirir”, no sentido material, emocional e psicológico. É o momento no qual os indivíduos estão envolvidos no movimento de dar e receber, conquistar e ceder, ser e vir a ser. A adaptação a essa nova fase e suas transições exigem maturidade e tempo, pois, da resolução dos conflitos que aqui ocorrem, depende a qualidade das fases que estão por vir.

As configurações familiares vêm sofrendo grandes transformações ao longo do tempo, especialmente em função das demandas da modernização. De acordo com as

---

<sup>1</sup> A Fase de Aquisição será descrita de acordo com Cerveny (1997).

tradições, poderia ser mais fácil conseguir caracterizar os indivíduos e as famílias; entretanto, diversas são as possíveis configurações do núcleo familiar desde o início deste século em nossa cultura. Tendo em vista as questões levantadas acima, a Fase de Aquisição também pode ser caracterizada por variados tipos de configuração.

Podemos considerar em Fase de Aquisição tanto aquele jovem casal que acaba de deixar as casas paternas e a escola para ingressar na vida conjugal e no mercado de trabalho, quanto aquele casal que se une pela segunda ou terceira vez, que pode estar estabilizado financeiramente ou que tenha a responsabilidade de cuidar de filhos de uniões anteriores.

Os adolescentes ‘grávidos’ que se casam e continuam a morar com os pais e a estudar e os adolescentes que se casam com parceiros de meia idade que possuem filhos quase na adolescência também fazem parte da Fase de Aquisição. Incluem-se ainda nessa fase muitas outras organizações familiares, como as famílias monoparentais e as homoafetivas, sendo que todas têm em comum o fato de estarem iniciando uma nova configuração familiar.

Casais adolescentes têm, além da necessidade de uma nova definição para os papéis de esposo e esposa, pai e mãe, a difícil tarefa de adquirir um espaço próprio para a relação conjugal quando permanecem no seio da família de origem, pois o que é conhecido e familiar para um, não é para o outro.

Na Fase de Aquisição, um casal jovem terá que se preocupar com a conquista de um modelo de família, de segurança, de bens materiais, com a construção da carreira profissional, da independência da família de origem, além da concepção de uma relação dual, na qual devem ser definidos papéis e funções de cada um dos cônjuges e um espaço inter-relacional que satisfaça a ambos.

Os casais maduros passarão pelo processo de aquisição e construção de vínculos com os sistemas familiares de origem de ambos, com os sistemas familiares de seus ex-parceiros, filhos biológicos e filhos por afinidade, pois o estabelecimento de relações familiares depende de negociações e redefinições de papéis e funções, caracterizando cada nova família num processo único.

Casais formados por um dos cônjuges adolescente e o outro na meia-idade terá como principal tarefa a aquisição de metas em comum, em razão das diferenças decorrentes dos interesses e necessidades de cada um dos parceiros.

As novas famílias que se formam irão vivenciar a Fase de Aquisição de maneiras bastante distintas, tendo em vista fatores como idade, maturidade, experiências anteriores, redes de apoio social e familiar, entre outros, que, de qualquer forma, será permeada pelo processo de construção.

Poderiam ser analisadas aqui inúmeras formas de organização familiar, mas buscou-se relatar, neste momento, as mais usuais, na tentativa de traçar uma reflexão sobre as características comuns desse período específico do Ciclo Vital, e quais diferentes configurações ainda poderão ser vivenciadas.

### **2.3- AS MUDANÇAS OCORRIDAS NAS RELAÇÕES CONJUGAIS AO LONGO DOS TEMPOS E OS DESAFIOS DA CONJUGALIDADE NA PÓS-MODERNIDADE**

Alguns marcos foram decisivos nas mudanças de comportamento desde o começo do século XX até nossos dias. Entretanto, esse percurso não foi linear nem homogêneo, como aponta Aratagy (2007). A autora destaca que a pílula anticoncepcional trouxe a possibilidade de desvincular o prazer sexual do risco de reprodução e inaugurou uma nova maneira de encarar a sexualidade. A mulher se tornou capaz de decidir o momento de ter filhos e a quantidade de filhos desejados, além de adquirir um poder maior sobre seu próprio corpo. Sua independência financeira lhe deu a possibilidade de conquistar autonomia econômica por meio do trabalho. O individualismo exacerbado gerou um compromisso com o prazer imediato, levando as pessoas a investirem muito pouco na relação amorosa, esperando alto nível de gratificação e baixa tolerância à frustração. A hegemonia dos meios de comunicação se tornou algo mobilizador para a revisão de atitudes e valores (ARATANGY, 2007).

Na modernidade, os papéis eram claramente marcados e diferenciados e a desigualdade era aceita e reforçada socialmente, sem nenhuma preocupação com os aspectos afetivos e sexuais da mulher. A união conjugal tinha um valor essencial e sua manutenção deveria ser mantida a qualquer preço. As mulheres deveriam se manter fiéis e dedicadas à criação dos filhos, obedecendo aos maridos, em uma relação de submissão social e econômica. A vida pública era exclusiva dos homens (DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005) também salientam que as mudanças na instituição casamento não são novas e que, com maior mobilidade social, relações insatisfatórias podem ser resolvidas com o rompimento conjugal. Na crise contemporânea parece ocorrer uma mudança nos padrões de relacionamento entre indivíduos, pois os autores acreditam que estejamos em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de um relacionamento amoroso.

Não parece que a instituição casamento esteja agonizante, mas que estejamos, também, em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso que propiciem condições melhores para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros. (BOWEN, 1978; COLEMAN, 1998; FÉRES-CARNEIRO, 1999; JABLONSKI, 1999; FÉRES-CARNEIRO, 2003; JABLONSKI, 2003 apud DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005, pg. 134)

Para McGoldrick (1995 apud DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005), a crise da conjugalidade contemporânea não deve ser vista como um momento de perda de uma instituição bem adaptada e saudável, mas como uma ruptura com padrões psicossociais que trazem em seu contexto normas sociais e familiares disfuncionais, a serviço de uma ideologia dominante.

A pós-modernidade nos traz uma nova forma de relacionamento que pode ser vista como uma tentativa de libertação de uma estrutura psicossocial de domínio e exploração, que são características da sociedade moderna capitalista (HARDT & NEGRI, 2002 apud DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

### **3 MÉTODO**

A pesquisa realizada neste trabalho tem como objetivo analisar quais os desafios enfrentados na conjugalidade por homens e mulheres na pós-modernidade; portanto, trata-se de um estudo qualitativo que, segundo Diehl e Tatim (2004), pode descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender

e classificar os processos dinâmicos vividos e possibilitar o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

De acordo com o objetivo geral e a fim de possibilitar uma melhor aproximação conceitual, a pesquisa possui caráter exploratório e visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que tais pesquisas têm como foco principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 apud GIL, 2002).

Quanto ao delineamento, optou-se pelo Estudo de Caso que, para Diehl e Tatim (2004), caracteriza-se pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de forma a permitir seu amplo e detalhado conhecimento.

A área de realização deste estudo foi a cidade de Taubaté, estado de São Paulo. A amostra escolhida compreendeu três casais heterossexuais que possuem relacionamento conjugal na Fase de Aquisição do Ciclo Vital Familiar, com idades acima de 25 anos, nível de escolaridade médio ou superior, de classe social média. É uma amostra não probabilística por acessibilidade.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi a Entrevista Semiestruturada desenvolvida pelas autoras. O roteiro da entrevista foi submetido a um pré-teste, mediante aplicação de uma entrevista-piloto. O procedimento da coleta de dados foi realizado através da aplicação de uma entrevista individual, sigilosa, registrada em áudio mediante autorização e posteriormente transcrita. Cada participante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O pesquisador tratou a identidade do participante com padrões profissionais de sigilo e os resultados permaneceram confidenciais. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, sob Protocolo nº466/12. Para a Análise de Dados foram utilizadas técnicas qualitativas de avaliação de conteúdo das informações obtidas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo três casais cujos dados sociodemográficos são apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

<b>Dados dos Participantes</b>	<b>Casal 1</b>	<b>Casal 2</b>	<b>Casal 3</b>
Idade da Mulher	36 anos	26 anos	49 anos
Idade do Homem	34 anos	27 anos	42 anos
Tempo de União	10 anos	2 anos	1 ano
Tipo de União	Civil e Religiosa	Civil e Religiosa	Civil (2ª União)
Número de Filhos	1 filho	Não possuem filhos	Mulher: 1 filha Homem: 2 filhos
Idade do(s) Filho(s)	4 meses		Mulher: 17 anos Homem: 09 e 14 anos
Nível de Escolaridade da Mulher	Superior	Pós-Graduação	Superior
Nível de Escolaridade do Homem	Superior	Pós-Graduando	Superior
Profissão da Mulher	Psicóloga	Psicóloga	Empresária
Profissão do Homem	Funcionário Público	Engenheiro	Advogado
Jornada Diária de Trabalho da Mulher	8 horas (semanais)	8 horas	8 horas
Jornada de Trabalho Diária do Homem	8 horas	9 horas	8 horas
Renda Familiar	R\$ 10.000,00	R\$ 7.000,00	R\$ 10.000,00
Tipo de Moradia	Própria	Própria	Própria

Fonte: As autoras

Os casais participantes da pesquisa estão inseridos na Fase de Aquisição do Ciclo Vital Familiar, conforme critério pré-estabelecido. Cada casal possui características particulares no tempo de união e número de filhos:

- O Casal 1 está casado há dez anos, possui moradia própria e um filho de quatro meses, fato este que os identifica na fase de aquisição.
- O Casal 2 casou-se há dois anos, tem casa própria e não possui filhos.
- O Casal 3 envolve cônjuges de segunda união que também se enquadram na Fase de Aquisição pelo seu tempo de casamento (um ano). Possuem filhos crianças e adolescentes da união anterior e moram em casa própria.

O nível de escolaridade da maioria dos participantes é superior, sendo que, no Casal 2, um participante é pós-graduado e outro é pós-graduando.

A jornada de trabalho diária de seis dos participantes é de oito horas, sendo que um dos homens trabalha nove horas diárias e uma das mulheres trabalha apenas oito horas semanais, pois seu filho ainda é um bebê, o que a leva a se encarregar dos seus cuidados diários.

A renda familiar de um casal é de R\$ 7.000,00 e dos outros dois é de R\$ 10.000,00.

É necessário salientar a homogeneidade da amostra quanto à escolaridade, em que todos os entrevistados são graduados; quanto à faixa salarial, semelhante entre os Casais 1 e 3; quanto ao fato de todos possuírem casa própria; e quanto às horas de trabalho, que diferem somente para a mulher do Casal 1, que cuida do filho bebê de quatro meses.

A Fase de Aquisição descrita segundo Cervený (1997) é a primeira fase do ciclo vital da família que inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos. É a fase em que a tarefa principal é “adquirir”, nos sentidos material, emocional e psicológico. É o momento no qual os indivíduos estão envolvidos no movimento de dar e receber, conquistar e ceder, ser e vir a ser. A adaptação a essa nova fase e suas transições exigem maturidade e tempo, pois, da resolução dos conflitos que aqui ocorrem, depende a qualidade das futuras fases que estão por vir. Os casais maduros passarão pelo processo de aquisição e construção de vínculos com os sistemas familiares de origem de ambos, com os

sistemas familiares de seus ex-parceiros, filhos biológicos e filhos por afinidade, uma vez que o estabelecimento de relações familiares depende de negociações e redefinições de papéis e funções, caracterizando cada nova família num processo único.

A partir das técnicas qualitativas de análise de conteúdo das informações obtidas – pré-análise (organização do material) e categorização –, foram construídas cinco categorias que serão descritas e interpretadas a seguir.

Figura 1 – Categorias de análise

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>
<b>Categoria 1 – Avaliação da frase “E foram felizes para sempre”</b>
<b>Categoria 2 – O que favorece a conjugalidade atualmente</b>
<b>Categoria 3 – O que dificulta a conjugalidade atualmente</b>
<b>Categoria 4 – Novos papéis na conjugalidade contemporânea</b>
<b>Categoria 5 – O que é casamento hoje</b>

Fonte: As autoras

A Categoria 1 foi denominada **Avaliação da frase “E foram felizes para sempre”** e apresenta a visão dos casais sobre o tema. Esquemáticamente, tal categoria é apresentada na Figura 2.

Figura 2 – Categoria 1 – Avaliação da frase: “E foram felizes para sempre”

<b>CATEGORIA 1</b>
<b>AVALIAÇÃO DA FRASE “E FORAM FELIZES PARA SEMPRE”</b>
<b>Definição:</b> Como os casais avaliam a frase “E foram felizes para sempre” a partir de uma visão atual
<b>Elementos:</b> Avaliação de “felizes para sempre” significa enquanto dure o casamento – é a ideia do amor romântico – é uma falsa promessa – não existe devido à intolerância dos cônjuges

Fonte: As autoras

Os participantes avaliaram a frase “E foram felizes para sempre” como algo não existente na vida conjugal, pois não acreditam na ideia de ser feliz com alguém para sempre e relatam que o possível, num casamento, é vivenciar fases de felicidade. Os



casais entrevistados também revelaram que “felizes para sempre” significa “enquanto durar o casamento” e que não há garantias eternas num relacionamento a dois.

*“É mentira porque o ‘felizes para sempre’ não existe; tem fases que são boas, que a gente é muito feliz, tem fases que a gente não é feliz. O ‘felizes para sempre’ é da Disney, não é real. No mundo real não existe o para sempre, são fases.” (C1)*

*“Eu nunca parei pra pensar nessa frase antes, mas acho que pra sempre é enquanto for possível a união do casal; então, enquanto esse casal estiver junto, eu penso que precisa tentar manter a maior felicidade possível para os dois.” (C2)*

*“Eu acho que é ‘felizes para sempre’ enquanto dure; pode até ser uma realidade, mas hoje em dia é o que menos acontece. Não é um para sempre até que a morte nos separe, enquanto durar, dá pra ser feliz.” (C3)*

De acordo com Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), a palavra casamento, tradicionalmente, associa-se a ideias românticas, remetendo à frase popular “e viveram felizes para sempre”. Porém, um acontecimento que é marcado inicialmente pelo otimismo e encantamento, acaba, muitas vezes, não sendo tão duradouro. Para muitos, a união que se inicia como fonte de satisfação termina em frustração.

“Felizes para sempre” aparece como uma ideia de amor romântico, uma ilusão, uma utopia e uma expectativa falsa de felicidade. Essa garantia de felicidade futura pode trazer certo descompromisso com o presente, aumentando a intolerância com o parceiro, prejudicando o relacionamento conjugal. A felicidade, portanto, deve ser algo construído primeiramente na individualidade e, posteriormente, na conjugalidade, sem muitas expectativas futuras e com alto nível de tolerância.

*“Eu também acho que é uma grande bobagem, é a ideia do amor romântico, que é ilusório. A questão do amor romântico só acontece porque é utópico, porque ele é platônico e você não está próximo daquela pessoa. O ‘feliz para sempre’ só acontece quando alguém morre e daí você idealiza a pessoa, e ela vai ser perfeita para o resto da vida. Se todo mundo entendesse que você não está casando pra ser feliz, você tem que ser feliz antes e daí você se casa, mas não achar que o casamento é uma válvula, é um instrumento para sua felicidade, daí as coisas seriam mais fáceis, porque quando você casa depositando no outro a expectativa de felicidade e ela não vem, daí pensa, eu vou atrás de outro e, hoje em dia, a banalidade faz parte disso.” (C1)*

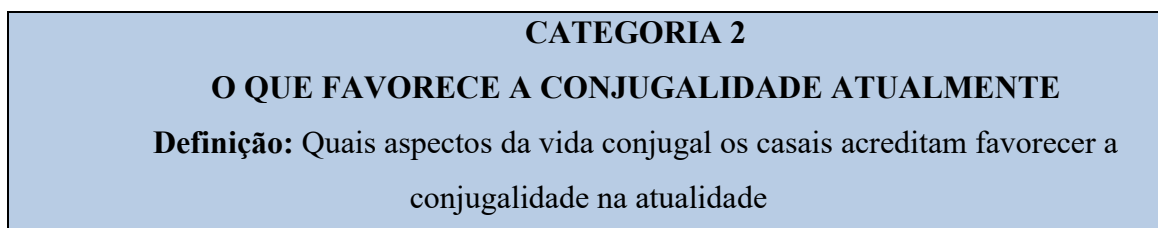
*“Eu acho que pra sempre não existe, a gente tem que ser feliz todo dia, ser feliz hoje, ser feliz amanhã, tem que ser feliz depois e não pensar no pra sempre. Você nem sabe o que é o amanhã e depois promete algo e depois não cumpre, eu acho isso.” (C2)*

*“Eu acho que hoje as pessoas são mais intolerantes uns com o outros, é enquanto dure mesmo; então eu acho que, enquanto você fizer o máximo possível pra que isso dure, você tem felicidade, mas somos cada vez mais impacientes com o outro e isso se torna intolerante, então às vezes, numa discussão, numa briga em que você podia ver no casamento antigo, em que as pessoas eram mais tolerantes e o casamento durava e eles viviam sob a frase do ‘felizes para sempre’, hoje as pessoas são mais práticas e, quando acaba aquela fase gostosa e a pessoa começa a ficar mais impaciente, e por isso acontece uma série de rompimentos de casais, as separações, as pessoas já não estão nem aí.” (C3)*

Em seu livro “Amor Líquido”, Zigmunt Bauman (2004) destaca que o principal herói de sua obra é o relacionamento humano. Ele coloca que seus personagens centrais são homens e mulheres, os contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados por seus próprios sentimentos descartáveis, ansiosos pela segurança do convívio e por alguém com quem possam contar num momento de angústia, desesperados por “relacionar-se”. Entretanto, mostram-se desconfiados quando se trata de “estar ligado” a alguém, ou pior, “ligar-se permanentemente ou eternamente”, pois temem que essa condição possa trazer problemas que eles acreditam não estarem aptos ou dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade que entendem necessária para uma relação.

A Categoria 2 tem a seguinte denominação: **O que favorece a conjugalidade atualmente** e apresenta opiniões semelhantes entre os casais e a visão de que é possível viver a conjugalidade, principalmente se houver respeito mútuo. Esquemáticamente, essa categoria é representada pela Figura 3.

Figura 3 – Categoria 2 – O que favorece a conjugalidade atualmente



**Elementos:** Cumplicidade – companheirismo – amizade – respeito – diálogo – afinidade de ideias – redução de expectativas – adequação a mudanças – objetivos e metas semelhantes – divisão de tarefas – terapia de casal

Fonte: As autoras

Essa categoria engloba aspectos que demonstram a existência de opiniões semelhantes entre os casais entrevistados e uma visão de que é possível vivenciar a conjugalidade, principalmente respeitando um ao outro. A cumplicidade, o companheirismo, a amizade, o diálogo e a afinidade de ideias também foram apontados pelos casais como fatores de favorecimento da conjugalidade.

*“No nosso caso, a cumplicidade é uma coisa que favorece o companheirismo, a amizade e o respeito.” (C1)*

*“Eu acho que é o diálogo, cumplicidade e afinidade de ideias. Eu acho que são coisas principais pra manter a vida de um casal.” (C2)*

*“A cumplicidade, o companheirismo, estar juntos e casados e envelhecer juntos. Isso é bom quando existe.” (C3)*

*“O respeito, porque você tem que entender que é uma pessoa limitada e errada, e você está casado com uma pessoa limitada e cheia de erro também; é preciso entender isso e reduzir as expectativas. Porque a expectativa é que traz a grande frustração, é você imaginar ou querer que a pessoa faça isso, ou seja isso, ou que ela corresponda dessa maneira. Então se você entender que os dois são limitados e o seu grau de expectativas for reduzido, isso favorece demais, porque você não é o super-homem, não está casado com uma supermulher e não tem um superfilho.” (C1)*

*“Eu acho que o dia a dia, trocar ideia. Eu acho que cada mês você está diferente um do outro, eu acho que você tem que se adequar às mudanças, porque quando você casa espera mudanças, espera que os dois sejam tal coisa e você vê que o dia a dia é outro e o que influencia é o dia a dia real mesmo. Se você está vivendo uma rotina de trabalho, isso influencia o casamento; se vive outra rotina de trabalho, aquilo já mudou; então se você se identificava com alguma coisa, de repente, aquilo já não te identifica mais e, de repente, aquilo que você nem imaginava que gostava como casal, você fala, caramba que legal! A gente gosta agora, então eu acho que é se adequar às mudanças.” (C2)*

Os participantes revelam também a redução de expectativas, a adequação às mudanças, a similaridade de objetivos e metas e a divisão de tarefas como fatores de favorecimento da conjugalidade.

*“Eu acho que é a possibilidade dos dois crescerem juntos, se tiverem objetivos e metas iguais, isso favorece, isso aproxima. E essa mulher dividindo esse dia a dia do trabalho, ela trás mais experiências pra dentro de casa e mais novidades, isso favorece a comunicação.” (C3)*

*“Mas quando a mulher sai pra trabalhar e ainda tem que cuidar da casa, isso gera estresse e ela vai refletir sobre o relacionamento, mas se existe cumplicidade dentro de casa, isso favorece pra que o relacionamento fique bom. Tem que dividir as coisas fora e dentro de casa também. O pensamento do casal tem que ser igual nesse sentido.” (C3)*

O Casal 1 destaca que a terapia de casal também foi uma alternativa buscada para ajudá-los a viver a conjugalidade.

*“A gente sempre teve maturidade pra conversar algumas coisas, mesmo sabendo que machuca e, há uns dois anos atrás, a gente foi fazer terapia de casal pra resolver algumas coisas.” (C1)*

*“Eu acho que a gente quebrar muito a cabeça fez a gente mudar em muitas coisas, e o dia a dia, a convivência, eu me revelando cada dia com as minhas imperfeições, com meus defeitos e as minhas qualidades, isso foi mudando muita coisa, umas melhorando, outras piorando, mas, na nossa relação, a terapia foi um marco, trouxe muitas mudanças, apesar da gente não ter concluído.” (C1)*

Segundo Caillé (1991 apud FÉRES–CARNEIRO, 1998), cada casal cria, portanto, seu modelo único de “ser casal”, que ele chama de “absoluto do casal” e que define a existência conjugal, determinando seus limites. Sua definição de casal contém dois parceiros e seu “modelo único”, seu absoluto. Esse “absoluto do casal” é o que define a “identidade conjugal” e que, na literatura sobre casamento e terapia de casal, pode ser designado como conjugalidade.

Confirmando o entendimento acima, Walsh (2002 apud CICCO et al., 2005) menciona que, em qualquer estágio do ciclo vital que um casal esteja vivenciando, ele pode ser ajudado por um terapeuta a pensar e a planejar, a esclarecer suas propostas,

suas expectativas e as do parceiro, elaborando de forma mais clara e objetiva o contrato que mantém a relação.

A Categoria 3 denomina-se **O que dificulta a conjugalidade atualmente** e explicita os aspectos que podem prejudicar a conjugalidade, como depositar grande expectativa no outro, não aceitar as diferenças, a rotina, a dificuldade de ser empático, o egoísmo, a competitividade, o mau-humor e a falta de ajuda mútua.

Figura 4 – Categoria 3 – O que dificulta a conjugalidade atualmente

<p><b>CATEGORIA 3</b></p> <p><b>O QUE DIFICULTA A CONJUGALIDADE ATUALMENTE</b></p> <p><b>Definição:</b> Quais aspectos da vida conjugal os casais acreditam prejudicar a conjugalidade na atualidade</p> <p><b>Elementos:</b> Depositar grande expectativa no outro, a não aceitação das diferenças, a rotina, dificuldade de ser empático, o egoísmo, a competitividade, o mau-humor e a falta de ajuda mútua</p>
--

Fonte: As autoras

Nessa categoria os casais ponderam que, atualmente, existem fatores importantes que podem prejudicar a conjugalidade, e alguns deles estão ligados ao fato de depositar grande expectativa no outro e à não aceitação das diferenças.

*“Há dois anos, eu entendi que, para determinadas coisas, não adiantava; ou você aceita que a pessoa tem os defeitos dela, ou eu aceito que sou incompetente em algumas coisas. É você aceitar porque essa maturidade, que pra mim veio com 33 anos de idade, daí você vê que é limitado, e quando eu não entendia isso, era mais complicado porque eu tinha uma expectativa gigantesca das coisas para ela e eu queria que ela fizesse as coisas, mas, na verdade, eu estava equivocado, eu tenho que tentar ajudar ela a ser a melhor pessoa que ela pode ser e não a pessoa que eu quero que ela seja. É claro que, quanto mais eu confiar, quanto mais eu estimular e isso for um referencial, mais a pessoa pode se aproximar de algum desejo, de algum sonho meu, mas dizer que tem que ser o que eu sonho, vai ser sempre uma frustração.” (C1)*

A rotina e a dificuldade de ser empático, o egoísmo, a competitividade, o mau-humor e a falta de ajuda mútua também foram considerados fatores prejudiciais ao casamento.

*“Tem bastante coisa, eu acho que é a dificuldade de se colocar no lugar do outro. Eu faço um grande esforço pra me colocar no lugar dele e, honestamente, eu espero que ele consiga se colocar no meu lugar, porque eu acho que precisa disso pra conseguir ir adiante. Eu acho que a dificuldade de empatia prejudica.” (C2)*

*“Eu acho que o que prejudica são as tarefas do dia a dia, a correria, cada um com um horário diferente, ter que fazer várias coisas... Daí você chega em casa, tem que arrumar a casa, tem que sair, tem que comprar. Quando era namorado, a gente se via só quando estava descansado, o tempo era para os dois, não precisava ter que ir ao supermercado, não precisava limpar a casa, daí era uma maravilha! Não que hoje não seja bom, mas era bem mais fácil, né? Agora o que prejudica é a rotina.” (C2)*

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam, embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. E por isso, podemos garantir que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, p. 8, 2004)

*“O que prejudica seria o egoísmo de uma ou ambas as partes, a competitividade, um querer ser mais que o outro, jogar a responsabilidade pro outro. Outra coisa que prejudica é jogar o mau-humor de problemas do trabalho no marido e vice-versa. Se a pessoa está com problema, daí o outro tem que ser mais tolerante ainda e tentar o equilíbrio o tempo todo; ninguém chega no equilíbrio o tempo todo, mas tem que buscar esse equilíbrio pra fluir melhor o relacionamento. Hoje a gente consegue ver isso até por estar num segundo casamento e numa idade mais madura e por ter vivido mais coisas na vida.” (C3)*

*“A falta de compartilhar tudo. A gente tem que dividir as tarefas, um faz a comida e o outro lava a louça, por exemplo; tem que dividir os trabalhos. Se houver*

*falta de ajuda mútua, isso dificulta bastante porque sobrecarrega o outro e a tolerância cai, e como a mulher é independente hoje em dia, ela não aguenta essa situação e diz: eu não preciso ter mais um peso dentro de casa, eu não preciso de você pra viver, eu não preciso mais passar por isso. Os casais novos se casam por casar, achando que é bonito, é um sonho, mas a vida dentro de casa é bem diferente.” (C3)*

O momento atual do Casal 3, que passa pela segunda união, é descrito por Cerveny (1997). A autora afirma que podemos considerar em Fase de Aquisição tanto o jovem casal que acaba de deixar as casas paternas e a escola para ingressar na vida conjugal e no mercado de trabalho, quanto o casal que se une pela segunda ou terceira vez, que pode estar estabilizado financeiramente ou que tenha a responsabilidade de cuidar de filhos de uniões anteriores.

A Categoria 4 aborda os **Novos papéis na conjugalidade contemporânea** e ilustra como os participantes definem, hoje, os papéis do homem e da mulher no relacionamento, e quais as causas das mudanças nas relações tradicionais e nas relações atuais. Esquemáticamente, essa categoria é apresentada pela Figura 5.

Figura 5 – Categoria 4 – Novos papéis na conjugalidade contemporânea

<p><b>CATEGORIA 4</b></p> <p><b>Novos papéis na conjugalidade contemporânea.</b></p> <p><b>Definição:</b> Papéis do homem e da mulher no relacionamento hoje e quais as causas das mudanças nas relações tradicionais e nas relações atuais</p> <p><b>Elementos:</b> Casal como provedor – questões financeiras – movimento feminista – compartilhar deveres de casa – flexibilidade</p>
--

Fonte: As autoras

Os casais entrevistados apontaram elementos atuais que mostram como os papéis de homem e mulher na conjugalidade contemporânea estão mudados. O fato de a mulher trabalhar fora e prover a casa juntamente com o homem faz com que ele também trabalhe nos afazeres do lar e nos cuidados com os filhos. A vida moderna aumentou a necessidade de consumo e as questões financeiras ficaram sob o encargo de homens e mulheres que pretendem compartilhar e construir juntos um patrimônio familiar. A flexibilidade aumentou e, hoje, há uma nova configuração de família muito diferente da

tradicional, em que a mulher era submissa ao marido e não compartilhava da vida financeira do casal.

*“Hoje os dois são provedores; aquele papel tradicional onde o homem era o provedor e a mulher cuidadora da casa acabou, porque a vida se tornou muito cara e ainda existe um outro problema além disso, que vem do movimento feminista em que a mulher falar que é dona de casa, a sociedade a trata como uma submulher, como alguém que, como assim, você não trabalha? É uma opção ou uma necessidade.” (C1)*

*“Se a mulher não se ocupar hoje, ela não é ninguém, ela vai depender do marido dela e ser uma inútil, tanto que esse modelo de mulher que cuida da casa, que fica em casa, está cada vez mais em desuso e ficando pra trás. Existem ainda as mulheres que se culpam absurdamente porque foram treinadas pelas suas mães que cuidaram da sua casa, mas o mercado fez elas saírem pra rua e ela se sente angustiada porque ela trabalha o dia todo e a casa dela não está adequada, não está arrumada do jeito que ela quer, nada está do jeito que ela quer; então a cobrança dessa mulher é absurda porque ela se sente realmente muito dividida. Só que existe uma terceira geração agora que não se importa, porque a casa dela é só um pedacinho do dia a dia, ela só precisa de oito horas pra dormir, pode ser só um cômodo; então não existe mais essa cobrança e, talvez, seja uma maneira mais tranquila de viver a vida. Essa autocobrança é muito complicada porque não é que uma está certa e a outra errada, é que a sociedade está mudando, as relações estão mudando e o papel da mulher está mudando. Hoje em dia, tudo tem que ser muito bem compartilhado, desde o prover até o cuidado com o filho, ao entender o que deve ser comprado pra casa, o que deve ser investido. Hoje em dia tem muito mais a ideia de mutualismo, onde cada componente faz algo específico e que agrega.” (C1)*

As ideologias, as práticas do casamento e todos os padrões que implicam na construção psicossocial das identidades de gênero passaram a ser questionados, produzindo uma crise de identidade e de papéis sociais na família e nos padrões de interação conjugal, principalmente a partir da metade dos séculos XX e XXI (DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Os casais revelam ainda que, atualmente, existe um “modelo tradicional invertido”, em que a mulher recebe um salário maior que o do marido; dessa forma, é ele quem fica em casa cuidando dos filhos para que ela possa trabalhar.



*“Na sociedade hoje a gente tem vários modelos, tem ainda o modelo tradicional da mulher que cuida da casa e o marido provê, ou ela também tem que sair para prover e ainda a administração do lar fica por conta dela, mas também tem o modelo tradicional invertido, onde a mulher sai pra prover e o homem que fica dentro de casa. Então eu acho que, hoje, na nossa sociedade, a gente tem um pouco de tudo.” (C1)*

*“Com essa modernidade e com o novo papel da mulher, alguns homens ficaram perdidos e ainda não aceitam a independência da mulher, porque causa insegurança deles, principalmente se a mulher ganhar mais dinheiro do que ele e ter um status maior. O homem ainda não se acostumou com essa troca de papel porque isso pode ocorrer em algumas situações, e quando isso acontece, ele fica meio assustado. Eu vejo que isso acontece no meu casamento, houve essa mudança, eu tenho o pensamento ainda de que o homem é o provedor e mantenedor da casa, mas compartilho com essa situação nova da mulher que trabalha e me ajuda, e ela também deve saber dosar essa situação junto com o homem e colocar isso aos poucos pra não dar aquele choque, porque o homem pode realmente recuar, ‘opa, estou menor’, e talvez ele se sinta acuado naquilo e queira sair pra encontrar uma outra situação onde ele se sinta confortável. Mas eu acho que isso é da minha geração, porque os nossos filhos já não vão ter esse tipo de dificuldade porque já convivem com a mulher trabalhando desde cedo.” (C3)*

O Casal 3 demonstra que o papel tradicional ainda faz parte de seus valores, mas percebe que a modernidade traz comportamentos diferentes, isso porque esses cônjuges possuem idade mais avançada do que os cônjuges dos Casais 1 e 2.

Percebe-se que as mudanças nos comportamentos dos casais se devem também ao fato de que a sociedade mudou, o progresso social trouxe uma série de vantagens para ambas as partes e, principalmente, para as mulheres. Em contrapartida, a vida moderna também trouxe o distanciamento e a falta de tempo para vivenciar a conjugalidade.

*“Eu acho que é o progresso da sociedade, ele trouxe uma série de vantagens pra ambas as partes, mas principalmente para as mulheres. Essa conquista de direitos, de igualdade, trouxe uma série de situações que ela não vivia no passado e que vive hoje; como eu já disse, foi a oportunidade do trabalho, do estudo, de ser independente, trouxe uma série de diferenças. Minha mãe não trabalhou fora, mas minha mulher trabalha e, desde cedo, a gente já mostra para os filhos que a gente deve sair pra*

*trabalhar, que deve ser independente. Isso é o maior ponto de diferença, a mulher deixou de ser submissa pra ser independente. A mudança está no papel da mulher, mas pra nós homens, onde muitos tem aquele pensamento enraizado dos pais, acha que é só entrar, sentar na frente do sofá, pega o controle, pede pra mulher trazer a cerveja e ela faz todo o trabalho. Então precisa ele mudar esse conceito que a gente até consegue enxergar, mas eu acho que nossos filhos já enxergam isso melhor ainda porque iniciam isso desde cedo.” (C3)*

*“Quando a gente casou, o meu marido teve dificuldade de entender como era o meu horário de trabalho, mas isso porque ele tem uma visão empresarial do horário comercial, então talvez se eu não tivesse certa do meu papel no casal, talvez eu pudesse ceder um pouco em relação ao meu trabalho e eu acho que ia sentir que o meu papel não seria exatamente o que eu quero desempenhar, que é o papel de alguém que também pode prover as coisas pra casa, de alguém que pode prover um divertimento, um investimento.” (C2)*

*“Acho que o que mudou muito foi a sociedade, a necessidade de estar comprometido com o trabalho e outros afazeres por mais horas do que realmente é necessário; a gente se entrega a infinitas coisas que não são necessárias, a gente passa oito horas no trabalho, mais uma hora de deslocamento, aí você tem que fazer academia, tem que estudar outra língua e então todos os afazeres te jogam pra 13 ou 14 horas por dia e as duas pessoas ficam distantes, e esse distanciamento entre as pessoas é uma coisa muito diferente porque, hoje em dia, as pessoas conversam pouco, elas passam pouco tempo juntas e esse é o grande problema; as famílias estão distantes e isso é um ponto.” (C1)*

A flexibilidade entre o casal parece ser um fator de busca de resolução de problemas para as dificuldades introduzidas pela rotina diária da vida atual.

*“O casamento não tem uma regra pré-moldada, pré-construída; você vai quebrando a cara e vai tentando deixar mais adequado. Essa questão do papel tá muito mudada, o que serve pra mim não serve pra você porque cada relacionamento tem pessoas completamente diferentes, com bagagem de vida totalmente diferentes e isso influencia absurdamente. Determinadas coisas são do senso comum, são óbvias, a gente sabe que não vai dar certo, mas o que dá certo é de cada casal e, por isso, é complicado querer o padrão do outro casal e trazer pra seu relacionamento; não funciona, como por exemplo, a questão financeira.” (C1)*

*“Eu acho que, com relação ao sustento da casa tá bom, eu acredito que seja o mesmo pro casal, mas em relação ao lado sentimental, eu acho que eu ainda vejo a mulher como mais sentimental que o homem. No nosso caso, eu sou bem mais racional do que ela e ela bem mais sentimental que eu, então eu vejo um balizador; eu acho que mulher continua sendo mulher no sentido da essência da mulher mesmo, ela é mais cuidadosa, mais carinhosa. Homem já é mais prático, já quer resolver como fazer, já marca tudo no papel e eu acho que, nesse aspecto, continua a diferença entre homem e mulher. Mas no sustento é tudo igual, nós dois trabalhamos e, por exemplo, se ela precisasse mudar por causa de emprego, eu poderia ir atrás e vice-versa, ou também poderia não querer ir atrás porque não tem mais essa de um ser grudado no outro. Hoje existe mais flexibilidade.” (C2)*

Ainda segundo Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), a ampliação do estado de direito e democracia, o movimento de libertação feminino, a abertura do mercado de trabalho para a mão de obra feminina e a crise pós-moderna são alguns dos fatores socioculturais envolvidos na mudança dos padrões do casamento contemporâneo.

Ferro-Bucher (1999 apud DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005) aponta que esses fatores modificaram e foram responsáveis por reflexos nos padrões psicossociais, resultando em mudanças na estrutura ideológica, sociocultural, econômica e psicológica, instalando-se, assim, uma crise dos papéis sociais antes definidos, possibilitando maior mobilidade psicossocial. Essa crise de ruptura nos padrões psicossociais marca a transformação da relação homem e mulher, produzindo novas formas de sujeição e de subjetividades (DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

A Categoria 5, representada pela Figura 6, discorre sobre **O que é casamento hoje** e apresenta a opinião dos casais a respeito do que é o casamento na pós-modernidade.

Figura 6 – Categoria 5 – O que é o casamento hoje

<p><b>CATEGORIA 5</b></p> <p><b>O QUE É O CASAMENTO HOJE</b></p> <p><b>Definição:</b> O que os casais acreditam que seja o casamento nos dias atuais. Qual é a definição de casamento na visão de pessoas que estão na fase de aquisição do ciclo</p>
---

## vital familiar

**Elementos:** Casamento é uma aliança – companheirismo – cumplicidade – se baseia no respeito – ainda tem um lado romântico – funciona como um grande multiplicador – dá sentido de família – continuidade – sorte – troca – tranquilidade e paz – amizade e amor

Fonte: As autoras

Muitos elementos são apresentados na Categoria 5 e observam-se opiniões semelhantes entre os casais. Apesar de o Casal 3 estar construindo uma nova relação após um divórcio anterior, ainda existe a busca pelos mesmos objetivos que permeiam a vida dos Casais 1 e 2, além dos mesmos sentimentos de bem-estar que uma boa parceria conjugal pode trazer.

Os casais identificam que o casamento é uma aliança baseada no respeito, na cumplicidade e no companheirismo, entre outros.

*“É uma aliança que vai além de um contrato, vamos um pelo outro pautados no companheirismo, na cumplicidade e no respeito.” (C1)*

*“Quando eu casei, eu achava uma coisa, e agora que eu tô casada, eu acho que é outra. Pra mim, hoje, é dividir a minha vida com o meu marido, mas dividir pra construir. Então eu acho que tem muitas coisas hoje que eu só conseguiria fazer junto com ele. Então eu acho que tem haver com cumplicidade também.” (C2)*

*“Cumplicidade, respeitar diferença é primordial, o companheirismo que é o que a gente busca hoje nessa fase de maturidade que a gente tem. Quando a gente é nova, o relacionamento é um sonho, agora hoje, eu no segundo casamento, é uma realidade que eu busco, tranquilidade e paz no relacionamento. Devemos aceitar que somos pessoas diferentes, com criação diferente. Se eu for tolerante com a diferença, eu mantenho o casamento. Mas devemos olhar isso antes de assumir um casamento, a longevidade do casamento depende do respeito pelo outro; eu preciso ser mais tolerante quando ele está mal e dar mais carinho, pois na hora que eu não estiver bem, também vou querer receber carinho e não intolerância, ser tachada de chata porque hoje eu estou irritada, e sim a compreensão de que hoje a pessoa não está bem e eu preciso ser mais carinhosa, mais compreensiva, porque amanhã pode acontecer comigo e assim, se isso existir, o casamento flui.” (C3)*

*“É compreensão, tolerância, amizade, amor e respeito. Essa troca é muito importante.” (C3)*

Percebe-se também que ainda existe a visão romântica do casamento e que ele funciona como um grande multiplicador, dando sentido de família e continuidade. É preciso ter sorte e casar-se com alguém que seja seu amigo para que a conjugalidade seja considerada uma troca satisfatória.

*“É difícil definir casamento sem partir para o lado romântico, mas eu acho que são duas pessoas que achavam que valia a pena estarem juntas, mesmo sem saber o quanto é dolorido estar junto de alguém, e acreditaram que, junto com essa pessoa, podiam fazer alguma coisa diferente pra elas e pro outro. Casamento é um grande multiplicador, as alegrias e as tristezas são multiplicadas, mas é mais fácil conduzir a vida com uma pessoa amiga, porque hoje em dia é difícil de encontrar amigos e a vida é tão curta e tão efêmera que você precisa realmente acreditar que tem algo que faça sentido, e a família é parte disso. O casamento é pra tentar fazer com que a vida tenha um pouco de sentido, que a vida seja um pouco além da rotina; então o casamento entra nessa ideia, assim como o filho entra nessa ideia de você tentar vencer a morte e ser um pouco mais do que a sua breve vida, onde você vê aquilo que é, que você gosta e vai ser replicado em alguém. O casamento é continuidade e faz parte das experiências vantajosas, são experiências bacanas de viver; eu falo que não é fácil, mas se você for casar, procure casar com uma pessoa amiga e, pra achar isso, conte com a sua sorte.” (C1)*

*“Casamento é amizade, é estar junto, um complementando o outro: você pode ajudar aqui, fazer isso pra mim, adiantar a comida porque eu tô chegando? Eu acho que é mais essa amizade e essa troca, um engrandecendo o outro. Não vejo mais casamento como romantismo; lá no passado, pensava no ‘felizes para sempre’, tinha aquela ideia vou casar e até o casamento é uma cerimônia do ‘felizes para sempre’, pois tem a festa, a lua de mel, todo mundo, a noiva toda de branco e viveram felizes para sempre, o príncipe e a princesa, mas o dia a dia mostra os desafios diários e eu acho que os problemas vão sempre ter; eu acho que é somar os dois como se fosse um amigo mesmo. Você tem um amigo pra quê? Pra te ajudar quando você tá bem ou tá mal e quer dividir. Eu acho que casamento é o amigo mais próximo, o melhor amigo pra estar junto.” (C2)*

A pós-modernidade nos traz uma nova forma de relacionamento que pode ser vista como uma tentativa de libertar-se de uma estrutura psicossocial de domínio e exploração, que são características da sociedade moderna capitalista (HARDT & NEGRI, 2002 apud DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na pesquisa mostraram que existem muitos desafios na conjugalidade pós-modernidade, e que a frase “E foram felizes para sempre” só existe nos contos de fadas. Essa frase é vista como algo inexistente na vida conjugal, pois parece ser mentira alguém ter a possibilidade de ser feliz para sempre com outra pessoa; o possível num casamento, hoje, são fases de felicidade. Felizes para sempre significa “enquanto durar o casamento” e não há garantias eternas num relacionamento a dois.

A expressão “felizes para sempre” aparece também como uma ideia de amor romântico, uma ilusão, uma utopia e uma expectativa falsa de felicidade. Essa garantia de felicidade futura pode trazer certo descompromisso com o presente, aumentando a intolerância com o parceiro, prejudicando o relacionamento conjugal. A felicidade, portanto, deve ser algo construído primeiramente na individualidade e, posteriormente, na conjugalidade, sem muitas expectativas futuras e com alto nível de tolerância.

As opiniões sobre os aspectos que favorecem a conjugalidade nos dias atuais são semelhantes; trata-se de uma visão conjunta de que é possível vivenciá-la, principalmente se houver respeito mútuo. A cumplicidade, o companheirismo, a amizade, o diálogo, a afinidade de ideias, a redução de expectativas, a adequação às mudanças, a similaridade de objetivos e metas e a divisão de tarefas são vistos como fatores importantes de favorecimento da conjugalidade, sendo que a terapia de casal também é apontada como fonte de auxílio na resolução de conflitos conjugais.

Como dificuldades, citam-se o fato de depositar uma grande expectativa no outro, a não aceitação das diferenças, a vivência de uma rotina exaustiva, a dificuldade de ser empático, o egoísmo, a competitividade, o mau-humor e a falta de ajuda mútua.

Existem elementos recentes que ilustram como os novos papéis de homem e mulher na conjugalidade contemporânea estão mudados. O fato de a mulher trabalhar fora e prover a casa em conjunto com o marido faz com que ele também contribua com os afazeres do lar e nos cuidados com os filhos. A vida moderna aumentou a necessidade de consumo e as questões financeiras ficaram sob o encargo de homens e mulheres que pretendem compartilhar e construir juntos um patrimônio familiar. A flexibilidade aumentou e hoje se observa uma configuração de família muito diferente da tradicional, em que a mulher era submissa ao marido e não compartilhava da vida financeira do casal.

Acredita-se que, atualmente, possa existir um “modelo tradicional invertido”, em que a mulher possui um salário maior que o do homem, fazendo com que ele permaneça em casa cuidando dos filhos para que ela possa trabalhar.

O papel tradicional do homem e da mulher ainda faz parte dos valores vigentes, mas percebe-se que a modernidade traz comportamentos bastante diferentes. O homem moderno tem que aprender a conviver com essa nova mulher que trabalha fora e ajuda nas despesas da família; é preciso saber compartilhar os direitos e os deveres de cada um na conjugalidade. A flexibilidade entre o casal parece ser um fator de busca de resolução de problemas para as dificuldades trazidas pela rotina diária da vida contemporânea.

As mudanças nos comportamentos dos casais também se devem ao fato de que a sociedade mudou, o progresso social trouxe uma série de vantagens para ambas as partes e principalmente para as mulheres; em contrapartida, a vida moderna trouxe o distanciamento e a falta de tempo para vivenciar a conjugalidade.

Hoje, o casamento é considerado uma aliança que deve ser construída com base no respeito mútuo, na cumplicidade, no companheirismo, entre outros aspectos importantes. O casamento funciona como um grande multiplicador, dando sentido de família e continuidade. É preciso ter sorte para casar-se com alguém que seja amigo para que a conjugalidade seja vista como uma troca satisfatória.

Muitos elementos podem ser considerados desafios enfrentados na conjugalidade nos dias atuais e, nesse sentido, as opiniões são bastante semelhantes entre os casais, embora ainda exista uma visão romântica do casamento, que é encarado,

principalmente, como uma fonte de busca pelos mesmos objetivos e sentimentos de bem-estar que uma boa parceria conjugal pode proporcionar.

A conjugalidade entre homem e mulher sempre será alvo de pesquisas ao longo dos tempos pelo fato de se constituir numa relação profundamente complexa, instigante e desafiadora. A conjugalidade representa o início e a base da família e de um relacionamento que pretende ser sólido e fecundo, determinando, assim, a qualidade das relações entre o casal e a família. A investigação e os estudos sobre casais não devem cessar jamais e, devido a todos esses desafios constantes, devidamente relatados nesta pesquisa, é que pretende-se propor estudos com casais em situação de maior vulnerabilidade social e menor nível de instrução, para que, talvez, seja possível a realização de um comparativo dos resultados. O casal e suas relações são um mistério a ser desvendado sempre, pois a conjugalidade é a base que estrutura esse processo.

Para além desta pesquisa, com o número pequeno de participantes, a conjugalidade no Brasil contemporâneo deve ser mais bem estudada. Percebe-se que os rituais de casamento perduram no imaginário das famílias e o amor romântico veiculado na mídia ainda permanece em alguma escala.

A conjugalidade é uma construção baseada em histórias intergeracionais, em crenças e mitos. Pensando no ditado popular “duas metades de uma laranja que se encontram”, têm-se, atualmente, várias espécies de laranjas, e será muito difícil, senão impossível, encontrar a outra parte. Qualquer que seja a escolha, ela deve abranger acomodações, tolerâncias e respeito às diferenças para encontrar o equilíbrio na relação a dois.



## REFERÊNCIAS

- ARATANGY, L. R. **O Anel Que Tu Me Deste: o casamento no divã**. 6. ed. Ed. Artemeios. São Paulo, 2007.
- BERTHOUD, C. M. E. ; BERGAMI, N. B. B. Família em Fase de Aquisição. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. & COL. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. Casa do Psicólogo. São Paulo, 1997.
- CERVENY, C. M. O. Introdução. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. & COL. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. Casa do Psicólogo. Introdução, p. 12. São Paulo, 1997,
- CICCO, M. F.; PAIVA, M. L. S. C.; GOMES, I. C. Família e Conjugalidade: o Sintoma dos Filhos Frente à Imaturidade do Casal Parental. **Psic. Clin.**, vol. 17, n. 2, p. 53-63. Rio de Janeiro, 2005.
- DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo, 2004.
- DINIZ NETO, O; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de Casal na Pós-Modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos em Psicologia**. Campinas, 2005.
- FÉRES-CARNEIRO, T; MOSMANN, C; WAGNER A. Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. **Paidéia**, 2006.
- FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Aula Magistral** proferida em 25/05/98 por ocasião da posse da autora como Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 7. ed. Ed. Positivo. Curitiba, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- NORGEN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW. F; HAMMERSCHMIDT, H.; SHARLIN, S. A. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, 2004.

## Capítulo 5- A visão de pais e filhos sobre o exercício da autoridade parental na fase adolescente do ciclo vital da família

Andreza Maria Neves Manfredini

Denise Terezinha Rebessi Carrillo

### 1 INTRODUÇÃO

Percebem-se através de experiência clínica e de outros contextos vivenciados, muitas dificuldades para educar filhos adolescentes na contemporaneidade. Além da forte influência da mídia e do uso dos aparelhos tecnológicos, considera-se que os processos biológicos, psíquicos e sociais provocam influências nas relações familiares com filhos adolescentes. Vivendo a fase da adolescência, todos os membros da família passam por uma necessidade de adaptação das regras e que afeta a mudança para uma nova autoridade dos pais.

A literatura está repleta de registros indicando que a comunicação em uma família com filhos adolescentes se caracteriza por confrontos entre pais e filhos. Este fenômeno ocorre em função de que passa a haver um maior questionamento do filho adolescente com relação às normas, valores e crenças familiares (BLOS, 1996; OSÓRIO, 1992; ABERASTURY & KNOBEL, 1990).

Cervený (1995) aponta que a família com filhos adolescentes, além dos eventos típicos dessa fase do desenvolvimento, vivenciam também crises evolutivas. De acordo com a autora, trata-se de momentos de transição dos filhos da infância para a adolescência, enquanto ao mesmo tempo acontece a transição dos pais para a meia idade e ainda a transição dos avós para a velhice. Nesse sentido, levantam-se as seguintes questões: Como se estruturaram as relações de autoridade entre pais e filhos adolescentes na atualidade? De que forma pais tem entendido a autoridade que exercem vivendo significativas transformações tecnológicas, sociais e culturais na sociedade atual?

Neste capítulo apresenta-se a investigação sobre a visão de pais e filhos adolescentes referentes à autoridade parental que foi desenvolvida em um estudo, como condição da gratificação da bolsa pesquisa concedida pelo Curso de Pós Graduação em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação, pela UNITAU, finalizada no ano de 2017.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as relações de autoridade entre pais e filhos adolescentes. Em relação aos objetivos específicos, pode-se contemplar: A) sob o olhar dos pais: 1- compreender como a intergeracionalidade influencia a autoridade dos pais; 2- compreender as dificuldades dos pais nas relações que envolvam o exercício da autoridade e; 3- identificar as repercussões positivas e negativas dessa herança intergeracional na vida dos pais. B) sob o olhar dos filhos adolescentes: 1- compreender a importância da transmissão de autoridade dos pais na vida dos filhos; 2- compreender as dificuldades dos filhos adolescentes nas relações que envolvam o exercício da autoridade dos pais; 3- identificar as repercussões positivas e negativas da autoridade dos pais.

O referencial teórico utilizado é fundamentado na visão sistêmica, que percebe a família como sendo um sistema pelo qual pessoas vivem no mesmo espaço físico e mantém relações significativas e interdependentes com outros subsistemas familiares (CERVENY, 1982). A importância das considerações da autora leva ao entendimento de que a família não é concebida longe das suas influências históricas, econômicas e culturais, movendo-se e sendo movida por diversos sistemas interligados.

Este capítulo tem a intenção de auxiliar profissionais da área da saúde e da educação que trabalham com adolescentes e suas famílias, a fim de ampliar conhecimentos e possibilidades de compreensão frente à autoridade dos pais com filhos adolescentes. Com o intuito de apresentar, em linhas gerais, a pesquisa e os resultados atingidos, julga-se oportuno introduzir neste capítulo a chamada “revisão de literatura” que fundamenta teoricamente a pesquisa.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1. Pais e filhos – Uma visão sistêmica da família na fase adolescente**

Norteia-se esta investigação a partir do conceito de família de acordo com a visão sistêmica. Família nessa definição é vista como sendo um sistema onde pessoas vivem no mesmo ambiente físico e conservam relações importantes e recíprocas com outros subsistemas familiares. Esse pensamento concebe família como um conjunto que funciona como um todo, onde as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros, tendo como exemplo um circuito de retroalimentação onde o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado

pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (CERVENY 1982, 2011). Essa forma de ver família nos remete as ocorrências presentes na fase adolescente do ciclo vital da família.

O conceito de ciclo vital da família está relacionado ao conjunto de etapas do desenvolvimento que passa um ser humano: nascimento, infância, idade adulta, senilidade e morte. As autoras Cerveny e Berthoud (2002) apresentam a proposta de compreensão do ciclo vital da família em quatro fases: Fase de aquisição; Fase adolescente; Fase madura e Fase última.

Concentra-se essa investigação na segunda fase do ciclo vital da família. Nesta fase, pais e filhos estão vivendo a adolescência. Essa ocorrência se dá sistemicamente, e o comportamento de um membro da família acaba interferindo no comportamento do outro, desencadeando conflitos e profundas transformações pessoais e relacionais.

As normas de funcionamento de uma família, frequentemente, acontecem na estruturação das bases do sistema familiar, chamada fase de aquisição, entretanto, é na fase adolescente que essas regras e valores são questionados e readaptados. Os filhos estão em transformação e mudança para a fase adulta. Pais estão na chamada crise do meio da vida e os avós começam efetivamente a vivenciar a velhice. Surge a fase de alinhamento de crises evolutivas ou fenômeno de adolescência da família. (CERVENY, BERTHOUD, 2002).

A adolescência corresponde a um período universal do desenvolvimento humano. A palavra adolescência deriva do latim, do verbo adolescere, que significa crescer, amadurecer, por oposição ao adulto (TAVARES & ALARCÃO, 1990). Medeiros (2015) cita a definição de adolescência segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) caracterizando como um período da faixa etária entre 10-19 anos, em que o indivíduo se transforma, com o aparecimento de características sexuais secundárias (puberdade), até atingir a maturidade sexual e reprodutiva; ocorrendo o desenvolvimento de processos mentais adultos e a identidade adulta; onde se realiza a transição de uma situação de total dependência econômica para certa independência (in Population Reports, 2005).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – Brasil (1990) define adolescência por idade: entre 12 e os 18 anos incompletos. Segundo Simões (2002) qualquer definição que tenha como referência a idade como critério fica aquém do entendimento da adolescência, correndo o risco de se entender a idade cronológica de desenvolvimento, quando esta é apenas um indicador desse desenvolvimento.

A dificuldade na precisão do conceito de adolescência faz com que sobejem os critérios da negatividade por ausência de definição, por exemplo, a adolescência é a fase em que já não se é criança e ainda não se é adulto. Dizer o que ela não é, é pouco para dizer o que ela é (MEDEIROS, 2000, 2005, 2008). Trata-se de um período de mudanças, as quais delimitam o distanciamento da infância para a idade adulta. Mudanças nas escolhas, no pensamento, na análise das situações e na capacidade de criação e resolução de problemas (MEDEIROS, 2015, p.40).

Este momento do desenvolvimento individual acontece quando os filhos atingem a idade adolescente que corresponde à entrada na fase adolescente do ciclo vital da família. Essa mudança da fase de aquisição para a fase adolescente é marcada por conflitos e turbulências. Inicia-se a partir de então uma forte necessidade de mudanças e readaptações familiares (CERVENY, 1995, 2002).

Segundo o parecer da autora, pais e filhos vivenciam um reajuste das lentes, isto é, uma reconfiguração nos relacionamentos e experimentam um novo ritmo na vida em família. A adequação da visão envolve uma nova construção do sistema familiar onde os progenitores transitam entre o cuidar e o orientar. Os pais criam estratégias de aproximação, decepcionam-se e percebem os filhos como desconhecidos. Construir a família adolescente implica em uma organização psicológica desse momento, a conciliação da vida profissional, o crescimento dos filhos, os papéis familiares e o relacionamento do casal.

A adolescência é o primeiro momento das etapas da vida em que as relações de vinculação com os pais sofrem transformações mais profundas e significativas. Uma das características mais importantes da relação entre pais e filhos é o seu potencial para que tanto os adolescentes quanto os pais possam modificar, corrigir ou ajustar os seus comportamentos de vinculação em função dos seus interesses e necessidades, num processo de negociação contínuo (JONGENELEN, CARVALHO, MENDES & SOARES, 2007).

Esta relação de pais e filhos adolescentes quando ajustada por objetivos comuns viabilizam uma das mudanças mais importantes desta fase – **a diminuição progressiva dos pais enquanto figuras de vinculação**. Assim, ao longo desse período, progressivamente o adolescente recorre cada vez menos aos pais enquanto figuras de vinculação. Nesse sentido acontecem mudanças em termos de proximidade emocional (AMMANITI, VAN IJZENDOORN, SPERANZA, & TAMBELLI, 2000; SCHARF, MAYSELESS, & KIVENSON BARON, 2004), expressão de afeto (COLLINS &

REPINSKI, 2001), quantidade de tempo que pais e filhos passam juntos (LARSON, RICHARDS, MONNETA, HOLMBECK, & DUCKETT, 1996), e aumento de privacidade por parte do adolescente (STEINBERG & SILK, 2002).

De acordo com os autores citados, no que concerne a diminuição progressiva da figura dos pais enquanto figuras de vinculação, ocorrerão mudanças na linguagem e nas estratégias corretivas de comportamento devido à transição da fase de criança para a fase adolescente dos filhos. A autoridade dos pais especificamente neste período apresenta particularidades relacionadas às vicissitudes da adolescência e da meia idade dos pais vivenciadas no ciclo vital da família.

Segundo Allen (2008) surge também por parte dos filhos adolescentes um movimento de reavaliação: dos pais, de si mesmos e do mundo a sua volta. Apesar do aumento da autonomia e a diminuição da vinculação parental a maioria dos adolescentes desfrutam de relações próximas com os pais e estes permanecem como figuras importantes de vinculação na vida dos filhos (SCHARF & MAYSELLES, 2007; STEINBERG, 1990; ZARIT & EGGEBEEN, 2002).

Para Berthoud e Coelho (2011), os pais passam por um período de autoavaliação do papel parental e vivenciam um movimento de reorganização de novos padrões e atitudes frente às demandas da fase adolescente. Em consequência desse momento, pode haver uma grande carga emocional a ser administrada por estarem lidando também com suas demandas pessoais. Novas estratégias são adotadas, planejamentos para executar movimentos de adaptação da função, busca de recursos para as demandas dos filhos, maleabilidade, demonstração de confiança, estabelecimento de limites e muito diálogo. As autoras também falam de uma busca feita pelos pais para adquirir uma nova visão sobre os filhos crescidos, em aprender a tratá-los de forma diferente, adequando um novo sistema de comunicação, substituindo alguns excessos ao cuidar.

Scharf e Mayseless (2007) defendem que o desenvolvimento individual do adolescente pode ser comprometido caso haja dependência prolongada dele aos pais, podendo dificultar que o aprendizado de cuidar de si mesmo. Segundo os autores está implícita ao processo natural de crescimento a individualização psicológica, a expressão de suas capacidades de resolver problemas e lidar com situações, a exploração de si mesmo e do mundo. Esse momento contribui para que o adolescente construa a sua autonomia em relação aos pais.

Quando se estuda família, é comum emergirem padrões interacionais familiares que tendem a se repetir ao longo das gerações. Esses padrões podem ser facilmente

percebidos, ou disfarçados nas relações do dia a dia. A questão é que muitas vezes há o sentimento de capacidade para lidar com a situação de forma diferente da geração anterior, outras vezes há vitimização de um determinismo cruel. De acordo com McGoldrick e Gerson (1985 apud CERVENY, 2011) há situações que passam de uma geração para outra de forma camuflada e que as famílias copiam a si mesmas.

Cada família transmite o seu modelo ainda que lute por não fazer, Elkaim (1989 apud CERVENY, 2011). A visão sistêmica de família nos proporciona incluir um contexto maior na compreensão dos fenômenos. Uma repetição pode parecer inexplicável enquanto não ampliada e observada da história geracional dos indivíduos que repetem (CERVENY, 2011).

Há uma origem familiar, o ser humano é resultado de um passado, entretanto, os eventos presentes qualificam ou podem modificar as experiências de um indivíduo, ainda que essas forças da matriz familiar estejam presentes na repetição, Minuchin (1974 apud CERVENY, 2011). Sendo assim, a autoridade dos pais pode ser um padrão de comportamento passível de ser repetido ao longo das gerações familiares.

O grupo familiar se comunica por meio do espaço, do olhar, do silêncio, do movimento corporal e de tantas outras formas de expressão. Convém perceber que o que não é falado também comunica e que a família vem aperfeiçoando seu sistema particular de comunicação entre as gerações.

A experiência da fase adolescente desencadeia nos pais a necessidade de relacionarem-se com a família de origem em busca de uma reavaliação dos padrões ou uma forma de romper com eles para a construção de novos padrões. Muitas vezes o velho e o novo são confrontados e podem ser negociados, segundo Cerveny (2002).

De acordo com Berthoud (2003) a vivência das funções de ser pai e mãe acontece ao longo do ciclo da parentalidade e esse processo é dinâmico, uma vez que implica na capacidade de uma releitura dos significados e das ações experienciadas pelos pais. Cerveny e Berthoud (1997), dizem que em cada nova família as regras começam a ser negociadas e estabelecidas assim que o casal se une. Usualmente são essas regras que irão determinar em grande parte, as futuras relações entre os cônjuges e entre os mesmos e suas famílias de origem. A hierarquização dos papéis e das relações é fundamental para a manutenção dos padrões relacionais construídos entre pais e filhos adolescentes.

Jackson (1965), diz que as regras colocam limites nos membros da família, cooperando para a estabilidade do sistema. Na relação parental, as regras recebidas pela

família de origem, são passíveis de serem revistas, adaptadas, ao passo que outras podem ser criadas ao longo do ciclo vital da família. Laing (1969) coloca que o que uma família experimenta ou não, é determinado pelas regras que a regem e são essas regras que dirão o que os filhos poderão ou não fazer.

Sendo a família uma forma de organização pressupõem-se regras que dizem a maneira como ela deve se comportar e os seus valores norteadores. Portanto, para manter o funcionamento redundante desse sistema deve existir uma hierarquia (HALEY, 1976). Desta maneira, para melhor explicação sobre a hierarquia na relação entre pais e filhos agregou-se a esse estudo o entendimento sobre autoridade parental.

## 2.2. - Autoridade parental na fase adolescente do ciclo vital da família

Segundo o dicionário Houaiss (2004, p. 78) a palavra *autoridade* refere-se a “influência exercida por pessoa sobre a outra; ascendência; direito ou poder de ordenar, de decidir, de se fazer obedecer”. Desta maneira, consideramos que, a autoridade dos pais, independente do estilo e da forma como é exercida, tem forte influência na vida dos filhos quanto ao desenvolvimento moral e social e, na trajetória futura dos mesmos. A criação dos filhos continua sendo uma atividade da família por ser o espaço psicológico no qual os filhos formam seus vínculos e desenvolvem suas identidades.

Alguns autores (HALEY, 1979; MADANES, 1981; MINUCHIN, 1982; UMBARGER, 1983), afirmam que a hierarquia está associada à diferenciação dos papéis entre pais e filhos e das fronteiras entre gerações. É um padrão de interação que pode influir na repetição de modelos. Segundo Cervený (2011), uma forma rígida ou confusa de hierarquia em um sistema familiar pode levar à repetição de padrões intergeracionais hierárquicos iguais nas gerações subsequentes, ou então, pelo antimodelo que é o assumir posições contrárias ao modelo proposto pela família de origem. Isso talvez explique alguns pais que vivenciaram em suas famílias de origem regras rígidas e duras como filhos, enquanto que, quando na família nuclear, estes pais podem ter atitudes mais frouxas nas regras educativas para com seus filhos.

O modelo de família igualitária tenta romper com o padrão hierárquico, valorizando os indivíduos por suas particularidades. O princípio regulador das relações no interior dessa família parece ser a equivalência, promovendo o relacionamento dos indivíduos com base no ideal de igualdade e respeito, rompendo com a ideia de que as categorias homem/mulher e adulto (pais), crianças (filhos) sejam intrinsecamente



diferentes (HEILBORN, 2004; COELHO, 2007). No modelo igualitário, os pais saem do seu papel tradicional para serem amigos dos filhos, deixando uma lacuna no lugar da figura da autoridade.

O exercício da autoridade, a criação de regras e valores, a forma que as relações familiares são vividas, têm se tornado questões cada vez mais particulares de cada família. Qual a melhor forma de educar os filhos? Esta questão tem sido investigada por cientistas preocupados com as consequências decorrentes de uma educação deficiente (DARLING; STEINBERG, 1993).

De acordo com um estudo realizado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em 2014, com mais de 6 mil jovens de seis cidades brasileiras, pais que desempenham a paternidade direcionados para o cumprimento de regras e limites, de forma protetora contribuem para diminuição de riscos de enfrentar problemas relacionados ao abuso de álcool e drogas com os filhos adolescentes. O posicionamento ativo dos pais acaba por estimular o cumprimento das regras, principalmente quando esses pais estão abertos ao diálogo.

Quando os pais desempenham a autoridade baseada no diálogo com os filhos, influenciando-os a seguir regras estabelecidas nesta relação, possibilitam proteção e prevenção de riscos sociais.

O estilo parental, a forma como os pais educam, pode fazer toda diferença quanto ao futuro dos filhos adolescentes. “Somos a favor de programas de prevenção nas escolas para conscientizar crianças e adolescentes e programas para treinar habilidades parentais”, diz Zila Sanchez, professora da Escola Paulista de Medicina (EPM-Unifesp) e coordenadora da pesquisa apoiada pela FAPESP.

Os estudos de Baumrind (1966, 1967, 1971) destacaram-se como pioneiros no entendimento das relações entre pais e filhos. A autora apresenta formas de controle parental, tomando os pais como tipos especiais de liderança. Assim, estudou os diferentes padrões de controle parental. As pesquisas serviram de base para a classificação dos pais com três protótipos de controle: autoritativo, autoritário e permissivo. Segundo comprovação de suas pesquisas o controle parental autoritativo é mais efetivo (BAUMRIND, 1967, 1971; BAUMRIND; BLACK, 1967).

O controle autoritativo é considerado como aquele que busca direcionar de forma orientada e racional as atividades de seus filhos. Valorizam as conversas compartilhando com eles sua forma de raciocínio por detrás de suas ações. Esses pais abrem espaço para o diálogo quando diante da recusa dos filhos em concordar com eles,

sem perder o controle dos pontos de divergência, expressando sua visão de adulto sem deixar de considerar os interesses particulares dos filhos, não apoiam suas decisões no desejo deles.

O controle autoritário é entendido como aquele que direciona as ações baseados nas regras estabelecidas, as quais são normalmente absolutas e de acordo com estas regras, modelam, controlam e avaliam o comportamento dos filhos. Estes pais usam de práticas punitivas para lidar com aspectos que entrem em conflito com suas ideias e valorizam a obediência como uma virtude.

E por fim, o controle permissivo, é tido como aquele em que as ações são de maneira não punitiva. Esses pais são flexibilizados pelos desejos e ações dos filhos e vivem para realizar os seus desejos. Eles não se veem como responsáveis por moldá-los ou direcioná-los e nem se preocupam em mostrar-se como modelo.

Maccoby e Martin (1983) reestruturaram a teoria de Baumrind sistematizando-a em duas dimensões de estilos parentais: pais com elevada responsividade e exigência, chamados autoritativos e pais com baixa responsividade e exigência, chamados negligentes, que tendem a orientar-se pela esquiva. Pais muito responsivos, porém pouco exigentes são indulgentes. Pais muito exigentes e pouco responsivos são entendidos como autoritários.

As práticas parentais são estratégias com o objetivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados (ALVARENGA, 2001). Os estilos parentais correspondem a um conjunto de atitudes dos pais por onde se expressam os comportamentos destes, incluindo aspectos da interação pais-filhos tais como: tom de voz, linguagem corporal, descuido, mudança de humor (DARLING; STEINBERG, 1993).

Os filhos de pais autoritativos têm sido associados sempre a aspectos positivos como melhor desempenho nos estudos (STEINBERG; DARLING; FLETCHER, 1995; COHEN; RICE, 1997), uso de estratégias adaptativas (AUNOLA; STATTIN; NURMI, 2000), maior grau de otimismo (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2002). Enfim, filhos de pais autoritativos são vistos como socialmente mais competentes do que os filhos de pais autoritários (DARLING, 1999).

Os estilos parentais, além de influenciar o desenvolvimento dos filhos, também têm importância na transmissão intergeracional podendo determinar o estilo parental que os filhos vão adotar futuramente.

A presente discussão teórica apresentada teve por objetivo dar bases para investigação de como os pais exercem a autoridade com filhos adolescentes e para compreender os estilos parentais já estudados.

### 3. MÉTODO

Apresentação do passo a passo da pesquisa na tabela abaixo.

<b>Tipos de Pesquisa Qualitativa e Quantitativa</b>	
<b>Área de realização</b>	Região Metropolitana do Vale do Paraíba, S.P.
<b>Quantitativa</b>	E.M.E.F. Vereador Joaquim França, localizada no Bairro Esplanada Santa Terezinha, Taubaté.
<b>Qualitativa</b>	Consultório da pesquisadora.
<b>População</b>	<p>Critério de inclusão: 1-Pais que tenham filhos adolescentes entre 12 e 17 anos de idade e adolescentes com a mesma faixa etária de acordo com (ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, 1990).</p> <p>2- Pertencer à classe média de acordo com ABEP (Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa e do IBGE, 2015);</p> <p>3- Não foi critério de inclusão a participação de pai e filho adolescente no questionário e grupo focal. Amostra por acessibilidade.</p>
<b>Instrumentos</b>	<p>Pesquisa quantitativa: Questionário para pais e para adolescentes. De acordo com Parasuraman, (1991) trata-se de perguntas desenvolvidas para gerar os dados necessários a fim de atingir os objetivos do projeto.</p> <p>Pesquisa qualitativa: Grupo Focal para pais e para adolescentes. Segundo Morgan (1997), trata-se da utilização explícita da interação grupal para produzir dados e insights que seriam menos acessíveis sem a interação produzida em grupo.</p>
<b>Coleta de dados</b>	<p>Pesquisa quantitativa: Após aprovação do Comitê de Ética (CAAE 52395115.3.0000.5501) e dos termos de autorização: Instituição, pais e adolescentes foram entregues 346 questionários para pais e adolescentes por meio da escola E.M.E.F. Vereador Joaquim França, de Taubaté. Obteve-se 92 Devolvidos; 40 Brancos; 52 Válidos que foram utilizados para discussão dos resultados.</p> <p>Pesquisa qualitativa: Realizaram-se 2 Grupos Focais, sendo 1 Grupo com 4 pais (3 mulheres - 1 homem) e 1 Grupo com 4 adolescentes (3 moças – 1 rapaz). Houve gravação de áudio dos grupos focais com posterior transcrição.</p>
<b>Análise dos dados quantitativos</b>	Os questionários receberam tratamento estatístico no Excel para gerar tabelas e gráficos. Após esse tratamento criaram-se categorias de análise com base nos objetivos específicos desta pesquisa a fim de possibilitar a interpretação.
<b>Análise dos dados qualitativos</b>	Foram utilizadas as técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo. Segundo Moraes, (1999), trata-se de uma

metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos.

Quadro 1

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados serão apresentados em quadros organizados em categorias conforme os objetivos deste estudo, contendo dois delineamentos de pesquisa: quantitativo e qualitativo. Segue abaixo os perfis dos pais e adolescentes participantes.

##### 4.1 - Perfis dos pais de adolescentes participantes da pesquisa

**Pesquisa Quantitativa – Instrumento: Questionários.**  
Mães (81%). Moradia própria (73%). Cristãos (96%). Casados (81%). Fundamental incompleto (40%). Pais empregados (58%). Desempregados na ocasião da pesquisa (42%). Mães do lar (64%). Idade dos pais entre 36 e 45. Filhos entre 12 e 15 anos.

**Pesquisa Qualitativa – Instrumento: Grupo Focal.**  
Total de 4 pais, sendo 3 mulheres e 1 homem. Moradia própria (75%). Cristãos (100%). Casados (100%). Superior completo (75%). Pais empregados (50%). Desempregados (50%). Mães do lar (50%). Idade dos pais entre 36 e 47. Filhos entre 14 e 17 anos.

Quadro 2

A pesquisa demonstra que os perfis dos pais com filhos adolescentes constituem-se, na sua maioria, de mães do lar. Esses pais possuem moradia própria e fazem parte da classe média, casados e adota o cristianismo como valores religiosos norteadores das crenças da família e até mesmo da educação dos filhos. Trata-se por este motivo de famílias tradicionais.

##### 4.2 – Categorias 1 - Como a intergeracionalidade influencia a autoridade dos pais de adolescentes.

###### Pesquisa Quantitativa

Aproximadamente (90%) dos pais educam baseados no modelo de autoridade da família de origem.

(78%) disseram reproduzir na educação dos filhos, conversas como negociações e explicação dos motivos das restrições.

Perto de (90%) dos pais apontam como repercussões positivas na vida dos filhos, **trazidas da família de origem** a honestidade, responsabilidade, respeito aos mais velhos e obediência às figuras de autoridade.

Em média (50%) dos pais percebem **o comportamento de** superproteção como repercussão negativa **trazida** na sua educação, seguido de desconfiança, timidez e insegurança.

### Pesquisa Qualitativa

#### **A seguir, algumas falas dos pais quanto à influência intergeracional:**

“Minha mãe sempre me educou a respeitar os mais velhos, ter responsabilidade, caráter, e é o que eu passo para os meus filhos.”

“Tinha regras, ensinavam o que era certo e errado e hoje passo para os meus filhos se tornarem homens de bem.”

“Respeitar os mais velhos, responsabilidade, caráter.”

“A gente acaba repetindo aquilo que irritava de escutar os pais falando, hoje a gente se pega fazendo igual.”

“Muita coisa da criação, da forma como eu fui criada eu trouxe pra criação dos meus filhos, mas muita coisa também eu faço diferente e uma das coisas que eu faço diferente é o escutar.”

“Tem coisas assim que os meus pais eram firmes, não adiantava, era a regra inegociável, então eles tinham aquilo, eu falei não é não, minha mãe falava assim pra gente, eu falei não é não e você sabe que eu não volto atrás e eu tenho disso e das regras inegociáveis eu me pego repetindo as mesmas coisas... Eu falei que é não, eu não vou voltar atrás...”

“Uma coisa que é forte em mim é a falta do contato físico. Na minha casa também não tinha o contato físico e é uma coisa que quando eu era menina talvez eu não tenha dado conta disso, quando você vai crescendo que isso vai ficando mais perceptível e hoje eu tenho essa dificuldade do contato físico, eu tenho essa dificuldade do eu te amo, eu tenho essa dificuldade.”

“Na minha casa a gente tenta imitar muita coisa, já que deu certo com a gente vamos fazer igual.”

Quadro 3

De acordo com os resultados quantitativos e qualitativos dessa pesquisa a maior parte dos pais educam baseados no modelo de autoridade da família de origem. Alguns valores repetidos pelos pais foram: respeito aos mais velhos, responsabilidade, honestidade e trabalho. Há repetição do modelo autoritário de controle parental no que concerne a rigidez das regras e limites. As próprias experiências dos pais são referências do que consideram que deva ser repetido na educação dos filhos. Há também dificuldade para expressar afetividade.

De acordo com McGoldrick e Gerson (1985 apud CERVENY, 2011) as famílias copiam a si mesmas. Parece que a maneira de exercer autoridade com os filhos adolescentes também é transmitida através do modelo familiar de origem.

Tende-se a usar o que se conhece e não é diferente quando se trata da educação de filhos adolescentes. Diante de tantas mudanças nos valores familiares, quando há dúvidas em relação à educação dos filhos, o melhor é considerar o que se contactou dar certo. As repetições na educação dos filhos adolescentes carregam marcas e dificuldades vivenciadas pelos pais nas relações parentais da família de origem.

### 4.3 – Categoria 2 - As dificuldades dos pais nas relações que envolvem o exercício da autoridade

Pesquisa Quantitativa
(50%) dos pais admitiram medo de errar no exercício da autoridade. (20%) apontaram como dificuldade a criação de novas regras. A respeito disso (42%) das mães demonstram mais flexibilidade nas renegociações das regras do que os pais. Também é dificuldade a influência do consumismo desenfreado na vida dos filhos, a mídia e as novas tecnologias (TV, Internet; Games; Redes Sociais...).
Pesquisa Qualitativa
<b>A seguir, algumas falas dos pais quanto as suas dificuldades:</b> <p>“A mídia é uma coisa que atrapalha demais o exercício da autoridade dos pais, os órgãos governamentais tiram a autoridade do pai e da mãe, a própria tecnologias de hoje, as portas estão escancaradas... A gente chegou a passar por essa situação em casa...”</p> <p>“Então essa questão da tecnologia, da mídia, a informação muito fácil. Na minha época uma coisa era regra, eu escutava do meu pai e todas as casas tinham regras dessa forma. Hoje essa facilidade que a tecnologia trás das notícias das informações, isso atrapalha muito. Colocam que você não pode bater na criança... Eles tentam usar contra o pai e a mãe, tirando a autoridade do pai e da mãe.”</p> <p>“A nossa dificuldade são as informações que eles têm... Dificulta porque você vê na televisão, novelas, programas e séries infantis, às vezes em desenhos que a criança não tem que contar tudo para o pai e para a mãe, às vezes na escola se escuta que o que você está fazendo aqui você não precisa estar contando para o seu pai e para a sua mãe. O seu quarto é a sua privacidade, seu pai e sua mãe não podem abrir a sua mochila...”</p> <p>“Quanto às regras... Eu acho que eles querem questionar mesmo a gente... Por que não? Quer ganhar a gente no cansaço, querem que a gente prove o motivo...”</p> <p>“Um papel muito complicado, principalmente quando se cria um filho sozinho e trabalha o dia todo, mas tento fazer o melhor.”</p> <p>“São dias difíceis, ensinamos a tradição familiar e o convívio com outros indivíduos banaliza a nossa educação.”</p> <p>“Nos dias de hoje está bem mais difícil. Os adolescentes não respeitam mais os pais, fazem o que querem, não tem educação, não sabem a hora de parar.”</p>

Quadro 4

Os resultados demonstram que os pais de adolescentes sentem dificuldades com os questionamentos, com a criação de novas regras, com a oposição e os questionamentos frente à sua autoridade. Há dificuldades em estabelecer diálogo. Disseram enfrentar problemas com a influência do consumismo desenfreado na vida dos filhos e com a tecnologia, internet, mídias sociais. A maioria dos pais considera ser difícil serem pais de filhos adolescentes e metade desses pais tem medo de errar na educação de seus filhos.

O questionamento das regras e a oposição à autoridade parental parecem ser reflexos do que os adolescentes vêm absorvendo de uma sociedade em desconstrução dos valores tradicionais.

É notória a crise na comunicação familiar devido às novas tecnologias e o distanciamento das gerações. Além deste contexto, a literatura está repleta de registros indicando que a comunicação em uma família com filhos adolescentes se caracteriza por confrontos entre pais e filhos por haver um maior questionamento do filho adolescente com relação às normas, valores e crenças familiares (BLOS, 1996; OSÓRIO, 1992; ABERASTURY & KNOBEL, 1990).

De acordo com a autora Cerveny (1995) há também as crises evolutivas. Os filhos estão passando da infância para a adolescência, enquanto ao mesmo tempo acontece a transição dos pais para a meia idade e ainda a transição dos avôs para a velhice, conforme citado anteriormente. Mudanças importantes psicológicas acontecem em todos os membros da família refletindo no exercício da autoridade dos pais.

#### 4.4 – Categoria 3 – As repercussões positivas e negativas da herança intergeracional na vida dos pais.

##### Pesquisa Quantitativa

###### Positivas:

(78%) disseram reproduzir na educação dos filhos, conversas como negociações e explicação dos motivos das restrições.

Perto de (90%) dos pais apontam como repercussões positivas na vida dos filhos os valores: honestidade, responsabilidade, respeito aos mais velhos e obediência às figuras de autoridade.

###### Negativas:

Em média (50%) dos pais percebem a superproteção como repercussão negativa na sua educação, seguido de desconfiança, timidez e insegurança.

##### Pesquisa Qualitativa

###### A seguir, algumas falas dos pais quanto às repercussões positivas:

“Já eu, a gente tinha muito de conversar... Olha o que eu repito em casa é o lance da amizade. Meu pai era muito meu amigo...”.

“Então de positivo eu acho que muitas vezes a firmeza é positiva, eu gostaria de conseguir abrir mais exceções, infelizmente eu acabo sendo muito firme em vezes que eu poderia ser flexível...”.

“Eu disse: Filho, você vai ter que aprender a correr atrás das coisas. As coisas não vão vir fáceis pra você... É uma coisa que eu aprendi muito com o meu pai e a minha mãe. Você quer? Corre atrás! Então eu acho que é uma coisa que eu devo passar pra eles também. Eu acho positivas as regras de modo geral...”.

“O mais importante dessa conversa são as regras porque as regras protegem.”

###### Abaixo, algumas falas dos pais quanto às repercussões negativas:

“Agora do que eu trouxe de negativo... Ummm! Não me lembro! É... Às vezes eu exagero (nas brincadeiras) e às vezes eles também... É verdade, tem isso de negativo sim... É um negativo, meio negativo, não um negativo inteiro, pela liberdade que eu dou a eles, às vezes a liberdade quer passar um pouquinho do limite...”.

“Tem coisas assim que os meus pais eram firmes, não adiantava, era a regra inegociável, então eles tinham aquilo, eu falei não é não, minha mãe falava assim pra

gente, eu falei não é não e você sabe que eu não volto atrás e eu tenho disso e nas regras inegociáveis.”

“Hoje eu tenho essa dificuldade do contato físico, eu tenho essa dificuldade do eu te amo. Não tenho dificuldade de falar pra ele (marido), mas pros meus filhos eu tenho. Eu vejo como repercussão negativa. E essa história do não também é uma coisa que me incomoda porque era uma coisa que me incomodava quando eu era adolescente...”

“Negativa... A minha me comparava demais com as minhas amigas. Eu era o patinho feio das minhas irmãs e o patinho feio das minhas amigas também. Era o jeito dela... Era muito ruim pra mim... Quando eles eram pequenos, cheguei a fazer isso com os meus dois filhos até que eu despertei, eu me lembrei...”

#### Quadro 5

Os resultados demonstram como repercussão positiva dessa herança intergeracional na vida dos pais valores como: honestidade, responsabilidade, respeito aos mais velhos, obediência às figuras de autoridade, trabalho, regras e limites. Alguns pais disseram trazer da família de origem conversas com negociações e explicação dos porquês das restrições.

Considerando os estudos da autora Cervený (2002), a experiência da fase adolescente desencadeia nos pais a necessidade de relacionarem-se com a família de origem em busca de uma reavaliação dos padrões ou uma forma de romper com eles para a construção de novos padrões, conforme citado anteriormente. Os resultados revelam que muitos pais lutam por conservar padrões que consideram positivos em sua educação, valores morais e cristãos como obediência às autoridades e honestidade... Valores presentes na família tradicional e que ainda mostraram-se importantes na educação dos filhos adolescentes para esses pais.

Os resultados obtidos mostram que metade dos pais participantes apresenta comportamento de superproteção como repercussão negativa da sua educação, seguido de desconfiança, timidez e insegurança.

Berthoud e Coelho (2011) explicam o comportamento de superproteção dos pais com filhos adolescentes. Segundo as autoras, os pais passam por um período de autoavaliação do papel parental, um movimento de reorganização de novos padrões e atitudes frente às demandas da fase adolescente. Em consequência desse momento, pode haver uma grande carga emocional a ser administrada, pois ao mesmo tempo em que vivenciam esta fase com os filhos, eles também lidam com suas demandas pessoais. Adquirir uma nova visão dos filhos crescidos, aprender a tratá-los de forma diferente da criança de outrora, mudar vícios de linguagem, alterar excessos no cuidado são alguns comportamentos que substituídos e adequados minimizariam a superproteção. Deixá-los crescer implica em deixarem-se crescer como pais de filhos adolescentes.



As repercussões positivas ou negativas da educação que os pais receberam revelam as marcas das experiências que tiveram na infância, adolescência ou juventude. A capacidade de reavaliação dessa herança reflete diretamente na educação que os pais exercem com os filhos adolescentes. Essa capacidade de releitura dos padrões repetidos da família de origem é dinâmica e constante.

#### 4.5 – Categoria 4 – Perfis dos filhos adolescentes participantes da pesquisa.

**Pesquisa Quantitativa – Instrumento: Questionários.**  
(100%) Estudantes da escola E.M.E.F. Vereador Joaquim França - Taubaté.  
**Idade: Entre 12 e 15 anos.**

**Pesquisa Qualitativa – Instrumento: Grupo Focal.**  
**Total de 4 adolescentes, sendo 3 mulheres e 1 homem.**  
**Idade entre 14 e 17 anos (somente 1 participante com 17 anos)**

Quadro 6

A presente pesquisa alcançou em sua maioria, adolescentes entre 12 e 15 anos. A mínima adesão à pesquisa por adolescentes mais maduros pode significar uma maior independência por parte deste público. Sugerem-se novas pesquisas que venham a ampliar conhecimento desta fase do desenvolvimento.

#### 4.6 – Categorias 5 - Sobre a importância da transmissão de autoridade dos pais na vida dos filhos.

##### **Pesquisa Quantitativa**

(50%) dos adolescentes acham importante que somente os pais coloquem regras. Aproximadamente (40%) julgam que pais e filhos devam discutir as regras e limites. (77%) apontam as mães como responsáveis por estabelecer as normas de conduta, regras e limites. Aproximadamente (60%) obedecem sem reclamar quando não concordam com as disciplinas corretivas dos pais.

##### **Pesquisa Qualitativa**

**A seguir, algumas falas dos filhos adolescentes sobre como os pais transmitem a sua autoridade:**

“Negociar! Às vezes eu tento, mas eu não consigo.”.

“Fazer o que? É indiscutível! Não dá! Não tem abertura. Eu acho que eu vou ser esse tipo de pai! (risos)...”.

“Ah! Comigo nem sempre é negociável, mas sempre há um jeito de ser negociável...”.

“É muita desconfiança!... Pra mim eu acho que tudo gira em torno de confiança. No meu caso... Se eu e a minha mãe tivéssemos mais conversa eu acho que seria muito mais fácil...”

“Mas, hoje em dia, a gente tenta falar alguma coisa pra mãe, a mãe já vem com uma panela (risos)... É modo de dizer... Mas, tipo... É isso... Não tem muita abertura... Eu acho que eles têm medo também da gente cometer os mesmos erros...”.

“Não é que não tenha muitas regras, mas impostas assim não. Tudo se conversa e a gente discute junta, se ela fala não está bom, se ela fala sim está bom também.”

“Porque eles tiveram uma infância, mas não se lembram de como era as fases... Que queriam sair... Queriam namorar, queriam fazer essas coisas... Acho que eles não lembram, e não lembram que a gente também é pessoa... Só adulto tem problema? Não! A gente tem os nossos problemas, principalmente adolescente que é uma fase onde você fica meio dividido sobre as suas ideias, fica descobrindo quem você é...”

“Eles não receberam então eles não vão dar... Muitas vezes nossos pais eles não falam, mas eles choram porque não conseguem educar a gente do jeito que tem que ser. Eles não sabem como educar. Tem muitos pais que não sabem e não falam para os filhos... Eles sofrem porque não sabem cuidar muitas vezes do adolescente.”

“Em casa... Não sei!... Tem regras, às vezes não tem, a gente negocia, é meio misturado um pouco dos dois...”

“Eu acho que é... Aquilo que ela não teve ela quer dar pra você hoje, mesmo que hoje não seja tão necessário pra você, mas, ela quer dar o que ela não teve no passado... É! É isso... Querem dar as coisas e não podem...”

“Eu acho que é geralmente por medo que os filhos obedecem, porque os pais eles oprimem muito as crianças e os adolescentes...”

#### Quadro 7

De acordo com os resultados existe reconhecimento dos pais como figura de autoridade por parte dos filhos adolescentes. A respeito dos pais serem considerados detentores do direito de estabelecer as normas de conduta, há por parte dos filhos nessa fase, necessidade de participação nas negociações das regras e limites.

São notáveis os problemas com as negociações. Eles sentem necessidade de novas regras e julgam que os pais não demonstram empatia por suas demandas por não estarem abertos ao diálogo. Os filhos admitem medo diante de um modelo de autoridade rígido. Há falta de explicação dos porquês, conversa, diálogo, liberdade de expressão e respeito ao falar com o adolescente.

Sabe-se que a educação dos filhos é algo bem particular de cada família. De acordo com Haley (1976), a família também é uma forma de organização. Deve existir uma hierarquia. O maior problema nas relações parentais não parece ser a presença de regras e hierarquias, mas a transmissão de um modelo tradicional de funcionamento de família onde não há espaço para questionamentos e diálogo. A questão é descobrir como viabilizar discussões, palestras, encontros onde toda essa insegurança que os pais demonstram frente à tarefa de criar filhos adolescentes possa ser refletida.

#### 4.7 – Categorias 6 - As dificuldades dos filhos adolescentes nas relações que envolvem o exercício da autoridade dos pais.

Quanto às dificuldades dos filhos adolescentes em responderem a autoridade dos pais: Em média (30%) apontaram a falta de tempo, paciência, demonstração de afeto dos pais, o não cumprir o que falam não comprarem o que eles querem e a falta de diálogo.

### Pesquisa Qualitativa

#### **A seguir, algumas falas dos filhos adolescentes sobre suas dificuldades frente ao exercício da autoridade dos pais:**

“É alguma coisa que pai tem que paralisa... Por exemplo, toda vez que acontece alguma coisa e eu chego perto do meu pai e a minha barriga começa fazer alguma coisa, sei lá... Isso acontece sempre quando eu estou com medo ou muito ansioso... Qualquer coisa negativa, minha barriga começa a ficar estranha... Então eu acho que às vezes eles obedecem porque sabem que os pais são duros, por exemplo, se você sabe que o seu pai não muda de ideia nunca, tipo, nunca, nunca, nunca mesmo... Acho que não tem muito que eu falar aqui que não vai mudar.”

“Eles são muito duros. Eu queria falar da falta de liberdade de expressão, não só liberdade de expressão, mas liberdade em geral.”

“E a questão da liberdade de expressão. Poxa! Você não pode ser você mesmo perto dos seus pais, você não pode falar aquela coisa... Você não pode fazer tal gesto... Não pode dar nem uma risadinha abafada... Tá rindo por quê? Então... Tem essa coisa de liberdade de expressão... O que dificulta obedecer aos pais.”

“Pra mim o problema da minha família toda é que eles não conseguem respeitar os pensamentos das pessoas, isso é uma coisa que me deixa bem brava... Aí cara, pra mim é tudo conversação, no meu ponto de vista. Eu odeio fazer as coisas quando eu estou sendo mandada assim bruscamente... Por exemplo, você vai fazer aquilo agora! Tipo, mano! Porque você está falando assim, fala de boa, dá uma explicação... O jeito de falar...”

“Minha mãe também é muito dura às vezes... Às vezes é uma coisa muito boba, é uma coisa muito besta e ela diz não... Tipo descontar em você... Nossa! O que eu fiz pra você? Acho isso errado! Não tem que descontar os seus problemas em ninguém... Muitas vezes não respeitar o jeito que eu estou, tipo eu estou triste... Ah porque você esta com essa cara de bunda? Tem dias que a gente tá ruim entendeu!...”

“É o jeito de falar, porque quando a minha mãe fala bem alto aí eu falo calma! Mas, eu tô calma! E porque você está falando alto então? Aí ela... Tá bom! Desculpa!... Se a mãe fala grosso você vai entender que ela está irritada...”

#### Quadro 8

Os resultados obtidos dizem que os filhos adolescentes sentem dificuldades em responder à autoridade dos pais devido à falta de tempo, paciência e demonstração de afeto por parte deles. O não cumprir o que falam e não comprarem o que eles querem também foi apontado como obstáculo nas relações parentais. Admitem medo diante de um modelo de autoridade rígido. Há falta de explicação dos porquês, conversa, diálogo, liberdade de expressão e respeito ao falar com o adolescente. Há muitas regras. Alguns acham que os pais não os entendem e não obedecem até por influência dos amigos e por rebeldia.

A turbulência que envolve esse movimento de desenvolvimento do adolescente para crescer e os eventos que ocorrem simultaneamente na família adolescente transcendem de geração em geração.

A maneira como o adolescente vai construindo suas relações parentais ao longo da vida acarreta impacto na sua trajetória de desenvolvimento. De acordo com os autores Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, (2007) a adolescência é o primeiro momento do ciclo da vida em que as relações de vinculação com os pais sofrem transformações mais profundas e significativas. A falta de tempo dos pais pode demonstrar falta de interesse ou alienação quanto às necessidades do adolescente, somada a falta de paciência desses pais ao lidarem com as questões dos filhos. Esses comportamentos tendem a reforçar o sentimento de que, o que acontece com eles não importa muito. O não comprar o que eles querem também pode ser visto pelo adolescente como não ser assistido em suas “necessidades”, isso segundo a forma que as significam. A autoridade dos pais esta relacionada à percepção do adolescente do quanto ele é importante, amado, atendido em suas demandas por esses pais.

#### **4.8 – Categorias 7 - As repercussões positivas e negativas da autoridade dos pais na vida dos filhos adolescentes.**

##### **Pesquisa Quantitativa**

###### **Positivas:**

Em média (60%) dos adolescentes acham positivo como os pais exercem autoridade e sentem segurança por saber que os pais corrigem para o bem. Aprovam palavras de incentivo e elogios. Apreciam a sensação de proteção decorrente da existência de limites. Querem a participação dos pais nos melhores e piores momentos da vida.

###### **Negativas:**

(50%) acham os pais superprotetores dificultando terem suas próprias experiências.

##### **Pesquisa Qualitativa**

###### **A seguir, algumas falas dos filhos adolescentes quanto às repercussões positivas dos pais.**

“Olha, mesmo que eu odeie ser corrigido, sei lá, é meio chato você ter que ficar parado ouvindo o seu pai falar que você não pode fazer tal coisa e tal coisa em quanto você não pode falar nada nem mostrar a sua opinião, mas às vezes a correção é um pouco necessária...”

“Eu acho a correção positiva quando tiver fundamento...”

“Eu acho que a repreensão física às vezes é necessária. Eu acho necessária (risos). Muitas vezes tem que bater, não vai aprender de outro jeito. Esse negócio de ficar refletindo não funciona... Você vai é ficar com raiva dos seus pais se você ficar refletindo. Eu apanhei. Não apanho mais. Apanho pouco...”

“Eu prefiro ser corrigida pra que depois eu não passe vergonha (risos)... Acho melhor corrigir do que não corrigir se não você pode fazer de novo e passar vergonha de novo (risos).”

### **Abaixo demonstramos algumas falas dos filhos adolescentes quanto às repercussões negativas dos pais**

“Eu também discordo totalmente da repreensão física porque, a criança, além de ficar com medo vai ficar com muita raiva... Tipo, quando eu era criança meu pai batia em mim e falava... Olha! Eu tô fazendo isso porque eu te amo e porque você tem que aprender... Aí eu levava uma chinelada, eu chorava, a gente se abraçava e acabava. Mas, depois de algum tempo quando eu apanhava eu ficava com raiva, eu não achava mais que era necessário... Ele batia e eu dizia, que droga! Como eu odeio essa família! Eu vou fugir! Eu vou pegar tudo e vou fugir pra casa da minha avó...”

“Acho que é isso. Eu acho que nunca adiantou muito bater. Eu acho que quando você bate você acaba oprimindo muito, você acaba criando uma barreira. Não sou muito a favor. Pra mim é o amor e mais independência também, eu, por exemplo, acho que sempre fui muito protegida, então, até hoje eu não sei andar na cidade sozinha, dezessete anos e não sei fazer quase nada sozinha, é uma coisa ruim pra mim porque sou muito insegura.”

Quadro 9

Os resultados demonstram que mais da metade dos adolescentes participantes acham positivo como os pais exercem autoridade e sentem segurança por saberem que os pais corrigem para o bem. Aprovam palavras de incentivo e elogios. Apreciam a sensação de proteção decorrente da existência de limites. Querem a participação dos pais nos melhores e piores momentos da vida.

Os filhos adolescentes são favoráveis aos pais como figuras de autoridade, querem a participação deles em suas trajetórias. Em um mundo cheio de inseguranças e desafios, a proteção decorrente dos limites estabelecidos pelos pais coopera para livrar o adolescente de muitos perigos presentes em nosso sistema. Estudos realizado na Unifesp em 2014, com mais de 6 mil jovens de seis cidades brasileiras, revelam que pais que desempenham a paternidade direcionados para o cumprimento de regras e limites, de forma protetora contribuem para diminuição de riscos de enfrentar problemas relacionados ao abuso de álcool e drogas com os filhos adolescentes. A abertura ao diálogo estimula o cumprimento das regras. O estilo parental, a forma como os pais educam, pode fazer toda diferença quanto ao futuro dos filhos adolescentes. (Zila Sanchez, professora da Escola Paulista de Medicina (EPM-Unifesp) e coordenadora da pesquisa apoiada pela FAPESP).

Os resultados mostram que metade dos adolescentes participantes acham negativo o comportamento de superproteção dos pais e que esse comportamento dificulta terem suas próprias experiências. Reclamam que a correção do comportamento é muitas vezes opressora e revoltante, principalmente quando há correção física por parte dos pais. Há excesso nas regras e falta de diálogo.

Quanto às repercussões negativas, de acordo com as pesquisas de Baumrind (1966) sobre controle parental, ao que parece o controle autoritário condiz com os resultados demonstrados onde os pais direcionam as ações dos filhos baseados nas regras, as quais são normalmente absolutas e de acordo com estas regras, modelam, controlam e avaliam o comportamento dos filhos. Estes pais usam de práticas punitivas para lidar com aspectos que entrem em conflito com suas ideias.

Entretanto, parece que para os filhos adolescentes, apesar de não concordarem com as formas de correção, julgam que são necessárias.

Também há aqueles que consideram a correção opressora e chegam a ficar revoltados, com raiva, por julgarem não estar mais na idade de correção física. Há quem diga que a correção é positiva quando tem fundamentos. E outros preferem ser corrigidos para não passar vergonha mais tarde. O que eles querem, de forma geral, é ser respeitados, ouvidos, querem ter espaço para o diálogo, querem ter direito de pensar diferente dos pais sem ofendê-los, querem se diferenciar, crescer...

#### 4.9 – Quadro de discussão dos resultados finais

##### **A visão dos pais sobre o exercício da autoridade parental**

Para os pais a educação que exercem com os filhos adolescentes é o melhor que podem selecionar do que receberam como herança de suas famílias de origem. Os filhos são educados como eles foram educados. A intergeracionalidade interfere diretamente na autoridade parental e repetições de um modelo rígido, cheios de regras, punições, controles e ausência de diálogo tornam a aparecer. Essas características nos remetem ao controle parental autoritário e ao modelo tradicional de família onde os papéis e funções são bem hierarquicamente estabelecidos. Os pais querem ser respeitados em suas decisões. Não querem ser questionados pelos filhos, nem abrir espaço para conversas ou explicações dos porquês. Os problemas decorrentes desse tipo educação parecem ser os mesmos que os pais tiveram em suas relações parentais. Alguns progenitores nem percebem os erros que transmitem quando no exercício da autoridade, usam de linguagem desrespeitosa e grosseira e não se veem responsáveis por não cumprirem o que falam. Entretanto, a maioria desses pais luta por transmitir valores morais e religiosos como honestidade, responsabilidade, trabalho, respeito as autoridade e aos mais velhos. Parece que para os pais, os filhos adolescentes ainda não cresceram, são tratados como crianças, sendo assim, devem cumprir as regras e limites estabelecidos principalmente pelas mães. O essencial é obedecer. Quanto ao mais, os pais se veem responsáveis por protegê-los de todos os perigos presentes na nossa contemporaneidade.

##### **A visão dos filhos adolescentes sobre o exercício da autoridade parental**

Para os filhos adolescentes há necessidade de participação ativa nas negociações das regras e limites da sua própria educação. Eles aceitam e valorizam a autoridade dos pais, sentem-se seguros e protegidos com os limites, porém reclamam do excesso de regras e da rigidez dos pais, da falta de respeito no falar, da correção física.

Os filhos parecem querer mais atenção por isso denunciam a falta de tempo, de conversa e de afeto dos pais. Simultaneamente, num movimento natural de crescimento e distanciamento das figuras paternas, os filhos querem o seu espaço, ter o direito de pensar diferente, direito de expressar-se. Querem menos controle e superproteção. Querem empatia por suas demandas.

Quadro 10

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo procurou compreender como é a educação dos filhos adolescentes, considerando o que pensam pais e filhos sobre o exercício da autoridade parental vivendo significativa transformação tecnológica, social e cultural na sociedade atual.

A pesquisa possibilita avaliar as principais dificuldades, as influências intergeracionais na educação dos filhos, os conflitos da fase adolescente do ciclo vital da família, as turbulências presentes no desenvolvimento do adolescente, abrem oportunidade para reflexões que ajudarão pais, educadores, profissionais da saúde e demais estudiosos da organização familiar.

A partir dos resultados alcançados nessa pesquisa pode-se averiguar exclusivamente como os pais com filhos adolescentes veem sua educação. Um dos propósitos foi saber se a intergeracionalidade tem influenciado a prática da educação dos pais. Sabe-se que a educação dos filhos adolescentes é, em grande parte, repetição dos modelos aprendidos na família de origem, de forma intencional ou não. Valores como honestidade, trabalho, rigidez na educação dos filhos, respeito às autoridades e aos mais velhos, superproteção, são recebidos e transmitidos intergeracionalmente.

As dificuldades dos pais para exercer autoridade com os filhos encontram-se na tecnologia: internet e mídias sociais. Os órgãos governamentais igualmente foram apontados como opositor à educação que ensinam por veicularem ideias contrárias ao sistema hierárquico familiar, tirando sua autoridade e vulnerabilizando o seu papel. Ainda como obstáculos falaram sobre o questionamento dos filhos diante das regras, e a dificuldade em estabelecer diálogo. O consumismo desenfreado faz parte das dificuldades. Diante de tudo isso os pais admitem sentir medo de errar na educação que praticam.

Outro objetivo desse estudo é avaliar as repercussões positivas e negativas dessa herança intergeracional na vida dos pais. Os resultados mostram como repercussão positiva os valores: honestidade, responsabilidade, respeito aos mais velhos, participação na vida dos filhos, obediência às figuras de autoridade e palavras de

incentivo. As experiências dos pais foram consideradas referenciais do que é positivo, portanto exaltam os resultados com a seguinte frase: “Deu certo comigo, vai dar certo com eles também”. Já as repercussões negativas apontam fortemente para o comportamento de superproteção dos pais. Os pais demonstram dificuldade em enxergar os pontos negativos da sua educação e reconhecem não ser fácil educar filhos adolescentes.

Sobre como os filhos veem a forma que os pais exercem autoridade, julgam que somente os pais devam colocar regras e limites. Acham importante que pais e filhos discutam sobre as normas de conduta juntos. Eles mostraram que nessa relação não há liberdade de expressão, os pais praticam o seu papel de autoridade sem abertura para o diálogo e para negociações de novas regras. Diante disso, pensam que os pais não têm empatia por suas demandas.

Como dificuldades dos filhos para atenderem as solicitações dos pais os resultados são: muitas regras! Acham que os pais não os entendem e por consequência não obedecem por influência dos amigos e por rebeldia. Admitem medo diante de um modelo de autoridade rígido. Reclamam a falta de explicação dos porquês, ou seja, conversas, diálogo, liberdade de expressão. Opõem-se à forma agressiva e desrespeitosa com que os pais falam com eles.

Ainda foi alvo desse estudo a análise dos aspectos positivos e negativos da autoridade dos pais segundo a visão dos filhos adolescentes. Os principais resultados mostram como positivo: a apreciação do sentimento de segurança por saber que os pais corrigem para o bem, a participação dos pais nos melhores e piores momentos da vida e, mesmo sem concordarem com as formas de correção, julgam que a mesma é necessária.

Quanto aos aspectos negativos da educação que recebem os resultados são: dificuldade de terem suas próprias experiências devido à superproteção; a obediência aos pais sem reclamar, mesmo quando não concordam com as disciplinas corretivas. Dizem que a correção do comportamento é muitas vezes opressora revoltante principalmente quando há correção física.

O estilo parental, ou seja, a maneira como os pais educam seus filhos está diretamente relacionada à educação que receberam de seus pais. A visão dos pais sobre exercer autoridade com os filhos está alicerçada no modelo autoritário de educação, com pouca ou nenhuma abertura ao diálogo. O modelo das famílias participantes corresponde à família tradicional, com clara distinção dos papéis segundo o gênero e a



geração. A identidade de seus membros é posicional, os pais têm autoridade sobre os filhos e mantêm com eles relações mais distantes e pautadas na hierarquia.

Quanto à visão dos filhos adolescentes sobre a autoridade dos pais evidencia-se uma educação rígida, sem espaço para conversas e questionamentos. Pais superprotetores. Esta geração não admite uma obediência passiva. Eles não se opõem ao respeito devido aos pais, mas reclamam pelo seu direito de falar. Querem ser respeitados, ouvidos, ter espaço para o diálogo, direito de pensar diferente dos pais, sem ofendê-los. Querem se diferenciar, crescer...

Concluimos que os pais usam na educação dos filhos adolescentes aquilo que lhes é familiar: Quando percebem que muito do que trouxeram não se adequa a demanda da educação atual enrijecem-se, por medo de errar, permanecem firmes em seus valores, como forma de não perder o controle e o poder sobre os filhos.

A partir desse estudo indaga-se sobre a possibilidade de orientação para pais de adolescentes nas instituições pertinentes. Parece que os principais dilemas entre pais e filhos não dizem respeito às regras e limites nem à posição de autoridade dos pais, mas sim com a abertura ao diálogo, à liberdade de expressão, à disposição em responder os questionamentos dos filhos, ao respeito por suas ideias. Como ajudar os pais a vivenciarem conscientemente o processo da fase adolescente? Como os pais poderiam ampliar espaço para diálogo com os filhos adolescentes sem perder o seu papel hierárquico? Como conseguir a obediência dos filhos adolescente mudando a forma de comunicação dos pais?

Educar filhos adolescentes nunca foi uma tarefa fácil, independente dos tempos e dos modos, entretanto, ainda é uma tarefa que diz respeito aos pais porque no processo de educar, o amor sempre encontrará um caminho.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BERTHOUD, C. M. E; CERVENY, C.M.O. **Família e Ciclo Vital**: Nossa Realidade em Pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BERTHOUD, C. M. E; CERVENY, C.M.O. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)> Acesso em: 04 set. 2015.
- CERVENY, C. M. O. **A Família como Modelo**: Desconstruindo a Patologia. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011.
- COELHO, S. V. **Família contemporânea e a concepção moderna de criança e adolescente**. Artigo. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica-MG, 2007.
- GRACIA, E. ; MUSITO, G. **Psicologia social de la familia**. Barcelona: Paidós, 2000.
- HEILBORN, M. L. **Dois é par**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- MEDEIROS, T. **O Conceito de Adolescência Revisitado**. In: MEDEIROS, T. (Org). **Adolescência: Desafios e Riscos**. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2015. Cap1, p.27-46.
- OLIVEIRA, A. F.; PELLOSO, S. M. **Paradoxo e conflitos frente ao direito de ser mulher**. Acta Scientiarum Health Sciences, Maringá, 2004.
- STENGEL, M. **O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes**. Psicologia em Revista. DOI: 10.5752/P.1678-9563.2011V17N3P502. Artigo. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2011v17n3p502>>
- ROCHA-COUTINHO, M. L. **Transmissão geracional e família na contemporaneidade**. In: BARROS, M. L. (Org.). **Família e gerações**. R.J: Ed. FGV, 2006.
- VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico**: O novo paradigma da ciência. 10ª edição rev. e atual. – Campinas, S.P, Papirus, 2013.
- VALENTE, Juliana Y; MOREIRA, Hugo Cogo; SANCHEZ, Zila M. 2014. **Gradient of association between parenting styles and patterns of drug use in adolescence: a latent class analysis**. Disponível em: <[www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0376871617304465?via%3Dihub](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0376871617304465?via%3Dihub). [http://agencia.fapesp.br/atencao\\_dos\\_pais\\_pode\\_reduzir\\_risco\\_de\\_abuso\\_de\\_drogas\\_na\\_adolescencia/26569/](http://agencia.fapesp.br/atencao_dos_pais_pode_reduzir_risco_de_abuso_de_drogas_na_adolescencia/26569/)>

## Capítulo 6- Conciliando a internet com os estudos: o desafio para os pais de adolescentes

Ceneide Maria de Oliveira Cervený

Juliana Ciciliati de Andrade Corrêa

### 1 INTRODUÇÃO

Os pais de adolescentes vêm enfrentando o desafio de gerir o uso que seus filhos fazem da Internet e de conciliá-lo com os estudos. A facilidade que o adolescente tem de estar conectado à Internet e a mobilidade presente nos aparelhos eletrônicos, que se popularizaram na última década, como smartphones, tablets e computadores, possibilitam que os adolescentes se comuniquem nas redes sociais, joguem online entre eles, utilizem diversos aplicativos existentes, abrangendo uma gama imensa de assuntos e interesses.

Além dessa problemática, a maioria dos pais dos adolescentes está passando pelas transformações inerentes à “Fase Adolescente do Ciclo Vital”, conceito criado por Cervený (1995). Os pais de adolescentes enfrentam, no sistema familiar, diversas mudanças típicas dessa fase.

Diante desse cenário de infinitas possibilidades e novidades, é comum que os pais levantem vários questionamentos sobre como lidar com seus filhos nessa fase de intensas transformações na família, no desenvolvimento do adolescente e no mundo pós-moderno.

A fim de contribuir com os estudos que vêm sendo realizados sobre essa temática, apresenta-se, neste capítulo, uma visão diferenciada, do campo da ciência psicológica sobre como o adolescente, no lugar de seus pais, lidaria com seus filhos, na administração do uso da Internet e de sua conciliação com o estudo. Houve interesse em entrevistar o adolescente, na faixa etária de 15 a 18 anos, em virtude do fato de ser ele o agente dessa problemática.

Nas próximas seções será apresentada uma breve contextualização teórica sobre os temas família contemporânea na fase adolescente do ciclo vital, adolescente e internet e pais, filhos internet e escola: a equação do momento, para posteriormente ser explicado o método da pesquisa de campo e os resultados alcançados e discutidos à luz da teoria.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1- FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA NA FASE ADOLESCENTE

A família contemporânea vem enfrentando diversos desafios, em seu cotidiano. Acredita-se que as mudanças nas estruturas e relações familiares e os avanços tecnológicos, principalmente na área da comunicação, impactaram diretamente na família e trouxeram diversos questionamentos acerca da educação de crianças e adolescentes. Diante de um cenário de multiplicidades, infinitas possibilidades, novidades e maior liberdade de acesso à informação, os pais levantam vários questionamentos sobre como lidar com seus filhos, principalmente na fase da adolescência, quando as transformações no desenvolvimento do indivíduo são intensas, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Além disso, essas transformações geram conflitos na família e nos diferentes contextos de convívio social.

Cervený (2011) enfatizou que as mudanças ocorridas na família, os novos modelos vinculares, a reprodução assistida, as mudanças de sexo, entre outros fatores, exigiram uma revisão dos tipos de famílias que surgiram nos últimos quinze anos.

Diante de um cenário de tamanha multiplicidade, há que se concordar com a reflexão apresentada por Szymanski (2005), de que não há como seguir determinados modelos, e sim trabalhar a qualidade das relações familiares. A tendência atual, em teoria clínica na área de família, é distanciar-se de propostas rígidas de modelos e prescrições preestabelecidas.

Ao estudar o Ciclo Vital das famílias paulistas de classe média, Cervený (2010) afirmou que os avanços tecnológicos, principalmente na área da comunicação, tornaram o mundo relativamente menor, e isso coloca as pessoas em contato com as mudanças de padrões e suas nuances quase que imediatamente. Essas mudanças, nos últimos cinquenta anos, foram vivenciadas em todos os níveis: político, econômico, social, cultural, entre outros, causando uma situação de previsibilidade relativa e de muita insegurança. Acredita-se que essa insegurança reflète-se na família, principalmente no papel parental.

Além das mudanças de geração que ocorrem no sistema, segundo Cervený e Berthoud (2009) os adolescentes trazem para as famílias uma gama de valores, atitudes e ideias novas. (p. 86). Para Berthoud (2011), quando demandas novas trazidas pelos filhos surpreendem constantemente os pais, surge a necessidade de mudança. (p. 64)

Dependerá do relacionamento estabelecido entre pais e filhos o tratamento das inovações trazidas pelos adolescentes ao sistema familiar.

## 2.2- ADOLESCENTE E INTERNET

O uso da Internet, rede mundial de computadores, tem-se popularizado e faz parte do dia a dia da população mundial. Iniciativas como a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, que entrevistou crianças e adolescentes brasileiros na faixa etária entre 9 e 16 anos de idade, vêm demonstrando a intensidade com que fazem uso e se apropriam da Internet em seu cotidiano. Afirma-se que estamos diante de uma geração de “nativos digitais”, nome dado aos indivíduos que se desenvolvem e se sociabilizam em contato com a Internet.

Diversos fatores contribuíram para que as crianças e adolescentes tivessem maior facilidade de acesso ao mundo digital por meio da Internet. De acordo com Guzzi (2013), o advento e a ampliação da banda larga, a diminuição do preço do computador e os avanços da telecomunicação, em especial da telefonia móvel, são alguns dos motivos que possibilitaram essa facilidade dos jovens para lidar com toda essa tecnologia.

A crescente integração do adolescente à rede e a apropriação do conhecimento por meio do uso da Internet levantam diversos questionamentos aos pais, sobre como lidar com seus filhos, bem como aos professores e aos modelos tradicionais adotados nas escolas. Guzzi (2013) afirma que esses fatores têm impactado substancialmente as formas de aprendizagem formal e não formal, e que, conseqüentemente, a relação do estudante com a escola, fazendo com que crianças, pais, professores e educadores assumam novos comportamentos.

As intensas mudanças ocorridas no mundo contemporâneo impulsionadas pelo uso da Internet trouxeram grandes benefícios e grandes preocupações.

Embora se tenha convencionado chamar tudo que está associado à Internet de “virtual”, e que se possa ter a falsa impressão de que este mundo virtual é desconexo da realidade, a Internet em si (rede de computadores), as pessoas e as empresas a ela conectadas, bem como as informações que por ela transitam, são elementos reais e presentes em nosso cotidiano e constituem um ambiente que, como qualquer outro, apresenta riscos e requer cuidados. (DESIDERÁ; ZUBEN, 2013, p. 65)

O uso seguro da Internet pelas novas gerações configura-se uma preocupação e um desafio para o governo, para as famílias, para os pais, professores, educadores e sociedade em geral. Utilizar a Internet de forma segura exige que todos estejam conscientes dos riscos a que estão expostos e de que maneira podem se proteger.

De acordo com estudos bibliográficos realizados por Pratta e Santos (2007), a família tem como finalidade estabelecer formas e limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e as mais velhas. Ressaltam que a família ainda exerce um papel de extrema importância no desenvolvimento de seus membros, principalmente no período da adolescência. Por essas razões destacam a importância de se investir em programas de orientação para pais, a fim de instrumentalizá-los para que possam lidar de forma mais adequada com seus filhos adolescentes diante das situações que demandam reflexão e tomada de decisões. Dessa forma, os filhos poderão encontrar nos pais um suporte emocional diante das dificuldades que enfrentam na adolescência, uma fase de mudanças tão intensas e significativas. Os pais, por sua vez, reduzirão suas angústias frente ao período de adolescência vivenciado pelos filhos.

Segundo Belloni (2012), para a maioria dos adolescentes, a Internet é vista como um meio de comunicação e espaço de lazer, ou seja, uma forma de conversar com os amigos. As principais representações encontradas em jovens adolescentes franceses também apontaram que eles veem o uso da Internet principalmente como um meio de comunicação e divertimento. Ressaltaram também que serve como meio de informação e que as informações obtidas na Internet são tão confiáveis quanto às informações obtidas por meio de outras mídias.

Há um grande número de famílias que não monitora o uso que seus filhos adolescentes fazem da Internet no espaço doméstico. Por outro lado, os filhos não conversam com os pais sobre as novas tecnologias da informação, acreditando que os pais não compreendem esse universo, e preferem compartilhar suas descobertas relacionadas ao mundo virtual com os amigos (SPIZZIRRI et al., 2012).

Em pesquisa realizada com jovens europeus também foi constatado que não há muito controle por parte dos pais, em referência ao uso da internet por seus filhos. Um terço dos pais demonstra ter certo controle, porém controlam mais o tempo de uso por questões econômicas e organizacionais do que os conteúdos acessados e os tipos de atividades realizadas na rede (BELLONI, 2012). Resultados semelhantes foram encontrados junto a jovens brasileiros (44%), que declaram que os pais tentam controlar o uso que fazem da Internet apenas com relação ao tempo gasto e o custo da conexão.

Conclui-se que a Internet não é percebida pela família como algo negativo ou perigoso, pois 48% dos pais não exercem nenhum controle.

De acordo com Doria Filho (2003), por estarem expostos a discussões online, os adolescentes constituem um grupo de risco particularmente importante, em decorrência da falsa sensação de segurança que o anonimato da Internet propicia. Essa falsa segurança leva os adolescentes a estabelecerem diálogos mais pessoais e íntimos, o que não acontece numa conversa face a face com um estranho, diante disso, alerta os pais para que fiquem atentos e instrua seus filhos quanto aos benefícios e perigos que a Internet oferece. Afirma ser inevitável seu uso, uma vez que a facilidade de acesso à rede tem aumentado rapidamente, encontrando-se até mesmo o acesso gratuito em diversos locais em nosso cotidiano. Não há como controlar a enxurrada de informações não solicitadas, atendendo exclusivamente a interesses econômicos, independentemente do mal que possam causar. Ressalta-se que, do mesmo modo que os pais ensinam aos filhos medidas de segurança para serem observadas no caminho para a escola ou simplesmente quando brincam, na rua, faz-se estratégico e eficaz que os pais ou responsáveis os instrua quanto ao uso da rede. Isso porque a tendência é que o adolescente use cada vez mais a Internet, em suas atividades.

Belloni (2012) afirma que, segundo pesquisa realizada em 1999/2000 em seis países europeus e no Québec (Canadá francês), com adolescentes entre 12 e 18 anos, em nenhum país pesquisado a Internet é percebida como uma alternativa à escola, ou seja, mais de dois terços dos adolescentes não concordam com a ideia de que a Internet poderia substituir a escola. Porém, apenas no Canadá, 43% dos jovens declararam conhecer novos sites por indicação dos professores, e nos demais países pesquisados 76% dizem descobrir novos sites por intermédio dos amigos. Apesar de mais da metade dos adolescentes ter conhecido a Internet nas escolas, fica claro que a integração desse recurso nas práticas pedagógicas, como objeto de estudo, e não apenas como ferramenta de ensino, ainda é irregular e incipiente. Portanto, constata-se que a escola não contribui ainda para que os jovens compreendam o uso da Internet como uma contribuição para uma apropriação crítica dos conteúdos acessados na rede.

Destaca que a pesquisa com adolescentes brasileiros de quatro municípios da grande Florianópolis (Santa Catarina) constatou também que 58% dos adolescentes consideram mais fácil aprender com a Internet do que com os livros. No entanto, apesar de opinarem positivamente sobre o uso da rede, revelam que têm visão crítica, pois 52% deles não concordam que se pode confiar nas informações encontradas na Internet. A

maioria dos adolescentes, 79%, não concorda que a Internet poderá substituir a escola. Ao contrário dos jovens europeus, apenas 20% dos jovens que utilizam a Internet disseram ter conhecido a rede mundial de computadores na escola, ou seja, a instituição escolar, ao contrário do que acontece nos países ricos, desempenha papel irrisório no processo de democratização da Internet. Esses dados se reafirmam quando 76% dos jovens dizem descobrir novos sites por indicação de amigos; 47%, pela indicação das mídias (TV e rádio, 25%; revistas e jornais, 22%); e, apenas 8%, pela indicação de professores, que só não são menores que 3%, que correspondem à indicação dos pais. Além disso, ficou constatado que a escola parece não estimular muito o uso da rede para pesquisa, pois apenas 23% dos adolescentes dizem utilizar a Internet para pesquisa escolar.

Belloni (2012) conclui que o fascínio e o desejo que os jovens demonstram pelo uso das TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) podem ser meios preciosos e muito efetivos para que se promova a utilização dessas ferramentas para melhorar a qualidade da educação e democratizar realmente os seus benefícios.

A aplicação do uso da tecnologia aliada à educação pode despertar maior interesse nos adolescentes com relação aos estudos, mas não é possível afirmar que seja ela a solução para as problemáticas da atualidade.

### **2.3- PAIS, FILHOS, INTERNET E ESCOLA: A EQUAÇÃO DO MOMENTO**

Pais e educadores do mundo contemporâneo enfrentam como desafio as transformações trazidas pelo uso da tecnologia no cotidiano das pessoas. Já se tornou comum encontrar pessoas interagindo por meio de aparelhos eletrônicos conectados à Internet, em casa, nas escolas, no trabalho, nos diversos ambientes de convívio social. Para a maioria das crianças e adolescentes esse cenário faz parte do cotidiano, pois já cresceram convivendo com ele. Entretanto, muitos pais e educadores questionam se isso é bom ou ruim, se devem incentivar ou proibir, como fazer para acompanhar, qual o tempo de uso recomendado.

De acordo com Szymanski (2003), a família e a escola têm em comum o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Para a autora, ambas desempenham papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão, por serem os primeiros “espelhos” nos quais os indivíduos se descobrem. Ambas



ensinam o que é bom ou ruim, apresentam posturas, regras, costumes, linguagens e outras ferramentas para que o indivíduo construa sua personalidade e se constitua como cidadão.

Na relação família/escola, afirma a autora supracitada, a ação educativa dos pais difere da escola, nos seus objetivos, conteúdos, métodos, no padrão de sentimentos e emoções que estão em jogo, na natureza dos laços pessoais e nas circunstâncias em que ocorrem. Ressalta que à escola cabe a obrigação de ensinar conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como fundamentais para a instrução das novas gerações. Já à família cabem a educação e o acolhimento em ambiente estável, provedor e amoroso.

Em sua reflexão, ela defende como sendo importante a criação de um clima de respeito mútuo e de parceria nas relações entre a família e a escola, para favorecer sentimentos de confiança e competência. Delimitando claramente os âmbitos e a atuação de cada uma junto à sociedade, facilita-se o aparecimento de novos modelos educativos, abertos à contínua mudança.

Assim, como o uso da tecnologia é cada vez mais frequente entre os adolescentes, e como a socialização, de um modo geral, cabe à família, à escola e à sociedade, é necessário estabelecer políticas públicas adequadas para promover uma orientação saudável aos jovens desta e de novas gerações.

Com base nas reflexões de Cervený (2011), na perspectiva da Terapia Familiar Sistêmica, que considera o indivíduo como parte de um sistema maior denominado família, no qual o comportamento não é só um produto de processos intrapsíquicos, mas o resultado de interações dentro de um sistema, e com base também nas reflexões de Szymanski (2012) acerca dos papéis da família e da escola como primeiras instituições ou sistemas nos quais nos descobrimos, é possível afirmar que a parceria família e escola são fontes de orientação às crianças e adolescentes, no que se refere à utilização dos benefícios trazidos pelo mundo digital.

Segundo análise feita por Guzzi (2013), a escola pode alcançar um espaço de interlocução qualificado e significativo para tratar do contexto de uso e segurança da Internet; porém não deixou de ponderar que essa expectativa dos pais pode ser, não só uma idealização da escola, mas também uma transferência de responsabilidades.

Em suas reflexões sobre família, escola e o uso da tecnologia por crianças e adolescentes, Papert (1997) já recomendava que fizessem com que fossem as crianças a programarem o computador, em vez de ser este a programá-las. Levantava diversos

questionamentos acerca das atividades realizadas no computador que poderiam provocar dependência, dentre elas, que olhassem com mais atenção sobre o modo de vida daquela família, que tipo de atividade costumava fazer, se a leitura em conjunto com os filhos fazia parte dos hábitos da família, se eram atribuídas diferentes utilizações ao computador, ou seja, levantava diversas questões sobre a qualidade das relações nas famílias e que incentivos eram dados aos filhos.

Ao ser questionado se o computador separava a família, esse autor respondeu que isso dependia de cada relação, ressaltando que essas questões revertiam ao mesmo ponto: a riqueza e a saúde dos laços familiares.

Numa família saudável, com uma forte cultura de aprendizagem, o computador servirá apenas para melhorar o que era bom. Numa família psicologicamente instável, que adote uma atitude de reduzido interesse pela aprendizagem, o computador poderá agravar tudo o que já estava mal. A maior parte das famílias situam-se no meio termo, e o computador serve de indicador que lhe trará preciosas informações sobre o ponto em que a sua família se encontra. Tenha a coragem necessária para observar, interpretar os indícios e confie no seu bom senso para saber o que fazer. (PAPERT, 1997, p. 268)

Este autor leva-nos a refletir que há aproximadamente vinte anos essas questões já estavam sendo discutidas e provavelmente daqui há dez anos ainda estaremos nos questionando acerca dessa problemática que talvez se apresente em maior escala.

Parece-nos importante perceber que os adolescentes se apropriam do conhecimento cada vez mais pelo uso da tecnologia. Conseqüentemente, ocorrem mudanças no comportamento das famílias e nas relações familiares, nas relações dos jovens com a escola, bem como da família com a escola. Essa nova realidade e o interesse em saber lidar com as novas dinâmicas que permeiam essas relações fazem da relação pais-filhos-Internet-escola a equação do momento.

### **3 MÉTODO**

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa pelo número de parecer 1.225.963 e CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 47914015.8.0000.5501, a pesquisa foi realizada junto a uma população de 399 alunos adolescentes que se encontram na faixa etária entre 15 e 18 anos: 164 de uma escola

particular do município de Taubaté e 235 de uma escola pública do município de Pindamonhangaba.

Foi possível compor uma amostra por acessibilidade com 130 alunos adolescentes: 20 estudantes da escola particular do município de Taubaté e 110 estudantes da escola pública do município de Pindamonhangaba.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário desenvolvido e elaborado pela própria autora, o qual foi submetido a um pré-teste, mediante aplicação de um levantamento de dados piloto, com a finalidade de avaliar a adequação das perguntas tendo em vista os objetivos que se pretendia atingir.

Inicialmente foi solicitada autorização das escolas e das Diretorias Regionais de Ensino para a aplicação do questionário aos alunos adolescentes.

Foi entregue aos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com o questionário, para que fossem encaminhados aos pais ou responsável, a fim de colher sua assinatura autorizando o adolescente a participar da pesquisa. Foi entregue também o Termo de Assentimento, para colher a assinatura do adolescente.

No levantamento de dados da pesquisa os participantes foram acessados nas salas de aula da escola e foram devidamente esclarecidos quanto ao objetivo e seu sigilo.

Para a análise dos dados foram utilizadas técnicas quantitativas para coleta de dados, os quais foram tabulados utilizando-se como ferramenta o software Microsoft Excel. A frequência dos resultados obtidos possibilitou a geração de gráficos, que facilitaram a visualização e interpretação dos resultados por meio de cálculos percentuais.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Participaram desta pesquisa 130 adolescentes, na faixa etária de 15 a 18 anos: 20 estudantes de uma escola particular do município de Taubaté e 110 estudantes de uma escola pública do município de Pindamonhangaba.

Na primeira abordagem foram distribuídos 164 questionários na escola do município de Taubaté, obtendo-se resposta de apenas 20 questionários, e 162 questionários na escola do município de Pindamonhangaba, obtendo-se resposta de 72 questionários. Por não atingir a amostra esperada de pelo menos 300 participantes,

somando-se as duas escolas, foi feita nova abordagem apenas na escola do município de Pindamonhangaba, na qual foi possível distribuir mais 73 questionários, obtendo-se resposta de 38 questionários. Assim, chegou-se ao total de 110 questionários respondidos.

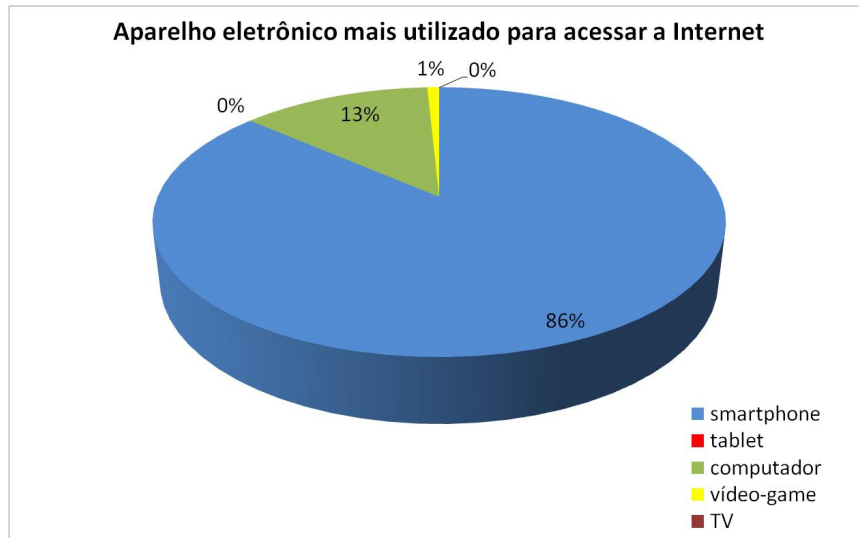
Compôs-se, portanto, uma amostra por acessibilidade de 130 participantes de um total de 399 questionários distribuídos. Deste total, constatou-se que 66% eram do sexo feminino e que 34% eram do sexo masculino. Na Escola de Taubaté, 60% eram do sexo masculino, e 40%, do feminino, contrastando com os resultados da escola de Pindamonhangaba: 29% do sexo masculino e 71% do sexo feminino.

Ao identificar a idade dos adolescentes entrevistados, constatou-se que: 29% estavam com 15 anos de idade; 38%, com 16 anos; 25%, com 17 anos; e, 8%, com 18 anos. Na Escola de Taubaté a maioria apresentou a idade de 17 anos, e na de Pindamonhangaba, 16 anos.

Com o intuito de entender sobre o uso que os adolescentes fazem da Internet, os meios mais utilizados para acessá-la, os objetivos estabelecidos para seu uso e sua percepção com relação à escola e aos estudos, elaborou-se as questões demonstradas nos Gráficos de 1 a 5.

De acordo com o Gráfico 1, os adolescentes informaram o tipo de aparelho eletrônico que mais utilizam para acessar a Internet. Foi constatado que a maioria dos participantes, 86%, utiliza a Internet por meio de aparelhos de celular, smartphone; 13%, por meio de computadores; e, 1%, por meio de vídeo-game. Essas informações vão de encontro com os dados demonstrados na pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, com relação à intensidade com que crianças e adolescentes brasileiros fazem uso e se apropriam da Internet em seu cotidiano. Guzzi (2013) afirma que diversos fatores contribuíram para que as crianças e adolescentes tivessem maior facilidade de acesso ao mundo digital por meio da Internet: o advento e a ampliação da banda larga, a diminuição do preço do computador e os avanços da telecomunicação, em especial da telefonia móvel.

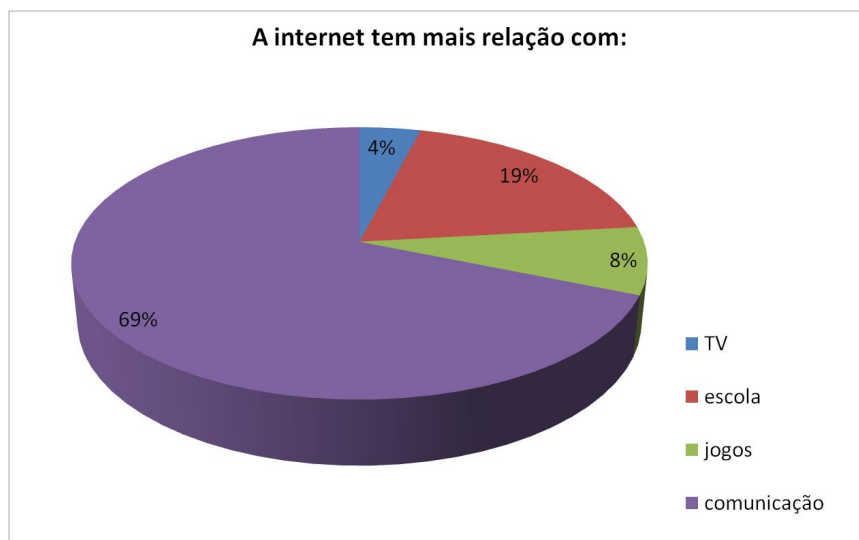
Gráfico 1 – Aparelho eletrônico mais utilizado para acessar a Internet



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Em nossa pesquisa concluímos que a maioria dos adolescentes, 69%, relaciona o uso da Internet com comunicação; 19% a relacionam com a escola; 8%, com jogos eletrônicos; e, 4%, com a televisão, conforme Gráfico 2. Esses dados também foram apontados por Belloni (2012), que concluiu que para a maioria dos adolescentes, a Internet é vista como um meio de comunicação e espaço de lazer, ou seja, uma forma de conversar com os amigos. As principais representações encontradas em jovens adolescentes franceses também apontaram que eles veem o uso da Internet principalmente como um meio de comunicação e divertimento. Ressaltaram também que serve como meio de informação.

Gráfico 2 – Internet e sua relação

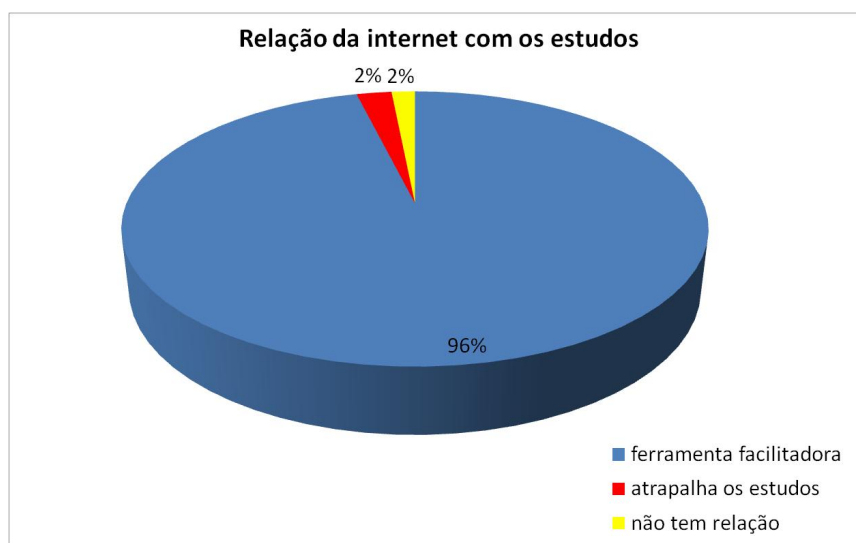


Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Ao constatar que a maioria dos adolescentes utiliza a Internet para se comunicar, por meio de aparelhos de celular, smartphones, e que passam grande parte do seu dia conectados à rede mundial de computadores, ou seja, estar conectado já faz parte do dia a dia do adolescente, objetivou-se entender como o adolescente relaciona o uso da Internet com os estudos, a que ou a quem recorre em caso de dúvidas nos estudos e, ao utilizar a Internet, como enxerga o papel da escola e da Internet.

De acordo com o Gráfico 3, 96% dos adolescentes enxergam a Internet como uma ferramenta facilitadora, a qual pode auxiliá-los nos estudos. A minoria, 2%, acredita que a Internet atrapalha os estudos, e outros 2%, que a Internet não tem relação com os estudos.

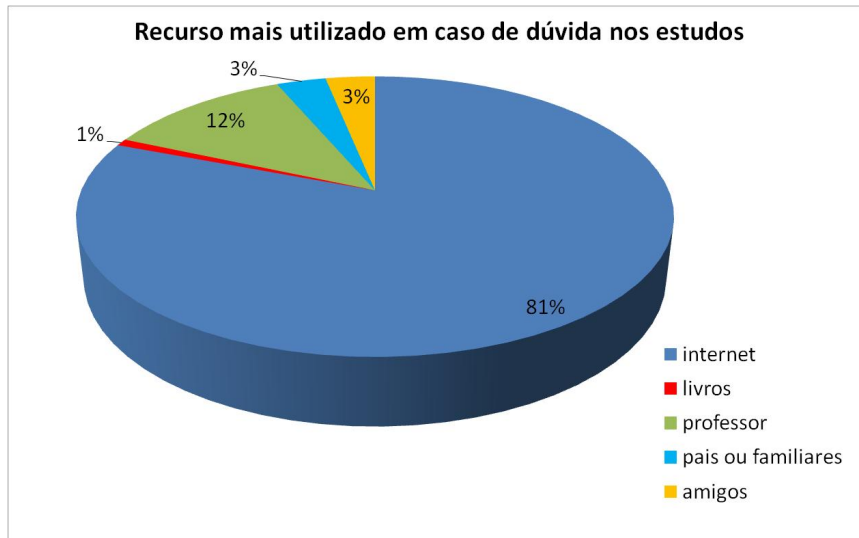
Gráfico 3 – Relação da Internet com os estudos



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Os adolescentes apontaram que, em caso de dúvidas nos estudos, conforme demonstrado no Gráfico 4, 81% recorrem à Internet, 12% recorrem ao professor, 3% recorrem aos pais ou familiares, empatados com outros 3%, que recorrem aos amigos, e apenas 1% recorre aos livros.

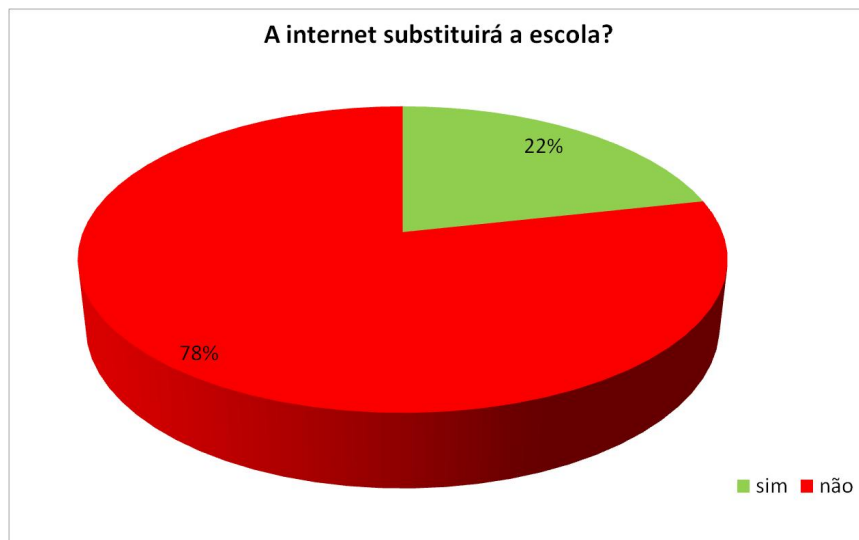
Gráfico 4 – Recurso mais utilizado em caso de dúvida nos estudos



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Apesar de o adolescente recorrer primeiramente à Internet, em caso de dúvida nos estudos, bem como para utilização da própria Internet, perguntamos se acreditavam que a Internet substituirá a escola. Obteve-se que 78% responderam que não, conforme demonstrado no Gráfico 5. Entretanto, 22% acreditam que a Internet substituirá a escola.

Gráfico 5 – A Internet substituirá a escola?



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Com base nesses dados, constatou-se que o adolescente vê a Internet como uma ferramenta facilitadora para os estudos e que na maioria das vezes recorre a essa ferramenta em caso de dúvidas. Comprovando sua visão de que a Internet possui a

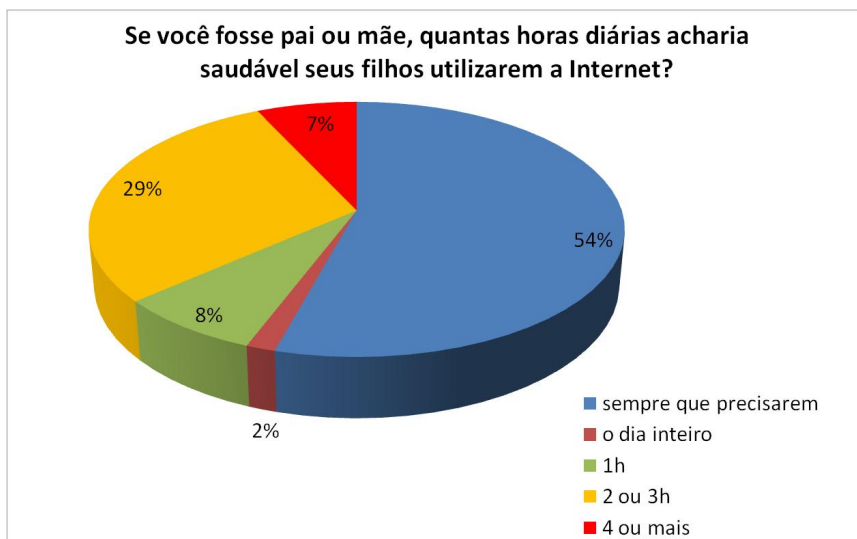
função de uma ferramenta facilitadora para os estudos, o adolescente não descarta a importância da escola ao acreditar que a Internet não a substituirá. Apesar dos avanços tecnológicos ocorrem de forma extremamente rápida, comparando dados obtidos nesta pesquisa com os dados coletados há aproximadamente quinze anos, pudemos obter resultados semelhantes, pois na pesquisa realizada com adolescentes em seis países europeus e no Québec (Canadá francês) em 1999/2000, Belloni (2012) apontou que em nenhum deles a Internet é percebida como uma alternativa à escola, pois mais de dois terços dos adolescentes não concordaram com a ideia de que a Internet poderia substituir a escola, além disso, relata também que 79% dos adolescentes brasileiros entrevistados de quatro municípios da grande Florianópolis (Santa Catarina) compartilham da mesma opinião.

Com objetivo de conhecer a visão do adolescente sobre a relação entre pais, filhos, Internet e estudos, com base no pensamento sistêmico novo-paradigmático, partindo de uma postura do “não saber” e de que o especialista é o “cliente”, ou seja, quem mais entende de seu “problema” é aquele que o vivencia, procurou-se fazer com que o adolescente se colocasse no lugar de seus pais. Em seguida, perguntou-se a ele como faria para gerir o uso que seus filhos faziam da Internet e como conciliavam esse uso com os estudos, em seu cotidiano. Para isso, foram elaboradas 3 questões, conforme resultados demonstrados nos Gráficos de 6 a 8 e foi perguntado que regras colocariam para seus filhos, estando no lugar dos pais e de que modo lidariam com eles.

De acordo com o Gráfico 6, perguntou-se ao adolescente quantas horas por dia acharia saudável que seus filhos utilizassem a Internet, estando eles no lugar de seus pais. Um pouco mais da metade, 54% dos adolescentes, respondeu que acharia saudável seus filhos utilizarem sempre que precisassem; 29% respondeu que de 2 a 3 horas por dia; 8%, uma hora por dia; 7%, quatro horas ou mais; e, apenas 2%, o dia inteiro.

Gráfico 6 – Se você fosse pai ou mãe, quantas horas diárias acharia saudável seus filhos utilizarem a Internet?

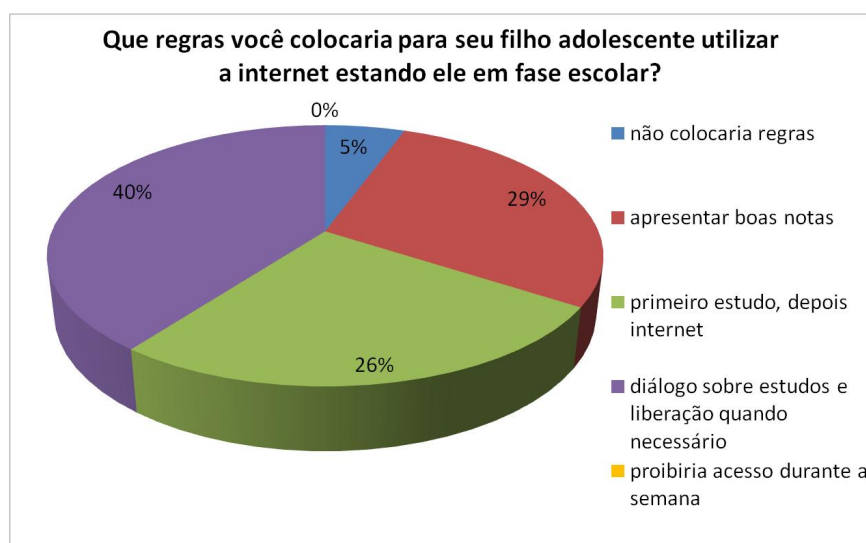




Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Na próxima questão o objetivo foi saber quais regras eles colocariam para seus filhos adolescentes utilizarem a Internet, na fase escolar. Conforme demonstrado no Gráfico 7, 40% responderam que conversariam sobre a importância dos estudos e liberariam para utilização quando precisassem; 29% responderam que teriam que apresentar boas notas na escola, para ter acesso à Internet; 26% disseram que seus filhos teriam que primeiramente estudar, para depois utilizar a Internet; 5% não colocariam regras; e, ninguém disse que proibiria o acesso durante a semana.

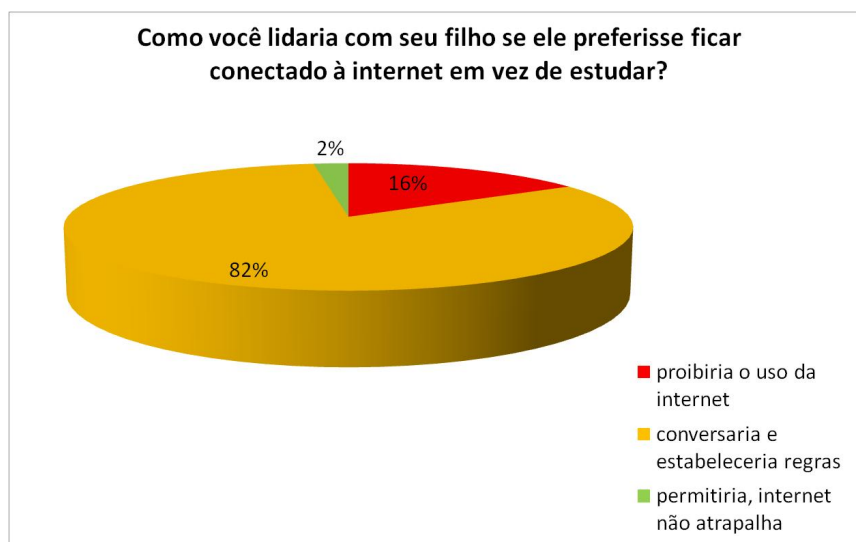
Gráfico 7 – Que regras você colocaria para seu filho adolescente utilizar a Internet, estando ele em fase escolar?



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Para entender como fariam para gerir uma situação “problema”, foi elaborada a questão a seguir. Nessa questão, o problema colocado foi: como lidariam com seu filho se ele preferisse ficar conectado à Internet, em vez de estudar. A maioria dos adolescentes, 82%, respondeu que conversaria e estabeleceria regras; 16% proibiriam o uso da Internet; e, 2% permitiriam o uso da Internet, pois consideram que ela não atrapalha, conforme demonstrado no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Como você lidaria com seu filho se ele preferisse ficar conectado à Internet, em vez de estudar?



Fonte: Dados da pesquisa de campo (2015)

Os dados demonstrados nos Gráficos de 6 a 8 trataram da relação pais e filhos, Internet e estudos pela visão do adolescente e possibilitaram identificar que, embora o adolescente não veja problemas em utilizar a Internet sempre que for preciso, por ser uma ferramenta que faz parte de seu dia a dia, ao se colocarem no lugar de pais reconhecem a importância dos estudos e atribuem prioridade a ele. Isso em virtude de terem optado por orientar seus filhos sobre a importância dos estudos, por meio do diálogo, atribuindo regras para que apresentassem boas notas na escola, ou por escolherem a opção de que seus filhos teriam que primeiramente estudar para depois utilizar a Internet, sem descartá-la como ferramenta de auxílio aos estudos.

Ao lidar com uma situação em que os filhos não priorizam os estudos, os adolescentes reafirmaram que o diálogo e o estabelecimento de regras é a melhor solução.

Esses dados refletem o posicionamento interior dos adolescentes estando no lugar dos pais e estão de acordo com os apontamentos feitos por Garbar e Theodore (2000) em seus estudos sobre famílias em diferentes contextos e suas reflexões sobre a autoridade dos pais, pois afirmam que o adolescente, assim como a criança, precisa de pais zelosos e firmes ao mesmo tempo e que o diálogo deve ser vivido de forma que o adolescente aprenda que as divergências de opinião não apagam o valor do outro nem a relação existente com ele sendo saudável estabelecer acordos que respeitem o que os pais acham bom para o adolescente e necessário para sua vida de casal e de família, sempre deixando margens para negociações, exceto nas situações que colocam em risco a saúde física ou psicológica do adolescente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na pesquisa com relação ao uso da Internet mostraram que os adolescentes a utilizam principalmente para acessar as redes sociais, comunicadores, para estudos e pesquisas e, por último, para jogar online.

Pudemos constatar que o aparelho eletrônico mais utilizado para acessar a Internet são os smartphones, comprovando o que se observa no dia a dia: adolescentes, nos diversos ambientes de convívio social, utilizando esse aparelho.

O adolescente relaciona o uso da Internet principalmente com a comunicação, e isso explica o uso dos smartphones para acessar as redes sociais e comunicadores. Em segundo lugar, relaciona o uso da Internet com a escola, o que desperta atenção para essa nova realidade, pois o fato de o adolescente se apropriar do conhecimento pelo uso da tecnologia implica mudança nas relações dos adolescentes com a escola e com os estudos.

Esta pesquisa demonstrou que o adolescente vê a Internet como uma ferramenta facilitadora para os estudos, e uma minoria acredita que a Internet pode atrapalhar e que não tem relação com os estudos.

A maioria dos adolescentes apropria-se da Internet como o principal recurso em caso de dúvidas com relação aos estudos. Em segundo lugar aparece o papel do professor. Esses dados apontam para as transformações provenientes do uso cotidiano da tecnologia, o que conseqüentemente reflete na escola e no papel do professor. Isso porque a escola e o professor podem fazer uso da tecnologia para trazer benefícios para a aprendizagem, por meio de sua instrumentalização, a fim de que possam instruir seus

alunos sobre como utilizá-la para obter informações de qualidade e com cunho científico.

Os dados obtidos demonstram que a Internet é a principal fonte de informação utilizada pelos adolescentes e que pode ser uma ferramenta facilitadora, se for foco da atenção de pais e educadores na orientação aos jovens em relação ao uso desse recurso. Há que se considerar o fato de que, em geral, os adolescentes têm mais facilidade para utilizar os recursos tecnológicos e que, na maioria das vezes, os adultos não conseguem acompanhá-los, nessa destreza. Entretanto, os adultos podem orientá-los com relação aos conteúdos acessados, aos aspectos de segurança, à confiabilidade das informações que chegam até eles, além dos valores sociais, éticos e morais.

Apesar de a Internet ser a principal fonte de busca do adolescente para obter informações, a maioria deles não descarta a importância da escola, pois não acredita que a Internet poderá substituí-la.

Se, por um lado, a tecnologia é intensamente utilizada no dia a dia do adolescente, por outro lado a escola ainda está distante dessa realidade. Isso porque é possível apontar que o uso da tecnologia nas escolas, como ferramenta auxiliar na aprendizagem, pode despertar maior interesse nos adolescentes e contribuir para orientá-los em relação ao uso saudável e seguro dos recursos tecnológicos.

O foco desta pesquisa foi considerar a visão do adolescente ao se colocar no lugar dos pais, para saber como lidariam com seus filhos diante do desafio de conciliar a internet com os estudos. Para isso, tomou-se como base o pensamento sistêmico novo-paradigmático, e adotou-se uma postura do “não saber”, em que o especialista é quem está vivenciando a problemática em questão.

Os adolescentes, em geral, têm consciência da importância dos estudos, demonstrando que estabeleceriam regras para seus filhos utilizarem a Internet em fase escolar, principalmente por meio do diálogo. Nos casos de conflito, se os filhos preferissem utilizar a Internet para diversão, em vez de utilizá-la para estudar, os adolescentes reafirmaram que conversariam com seus filhos e que estabeleceriam regras. Esses dados puderam demonstrar que os adolescentes entendem que as regras são importantes e que são sinônimos de cuidados, visto que, ao se colocarem no lugar dos pais, demonstraram que cuidariam de seus filhos e que os orientariam para que se dedicassem aos estudos, utilizando o diálogo como principal meio de interação com eles.

Entende-se como grande desafio a adequação das políticas públicas educacionais à nova realidade. Entende-se também a necessidade de instrumentalização de pais, educadores e da sociedade, para que esta e as futuras gerações possam ser mais bem instruídas sobre os benefícios e os riscos trazidos pelo uso da tecnologia, bem como sobre a gestão de seu uso no ambiente familiar e educacional.

Num futuro bem próximo, quando os jovens de agora farão parte da população adulta, a popularização do uso das ferramentas tecnológicas estará ainda mais difundida. Assim, será passível de ser objeto de estudos para pesquisas em todas as áreas do conhecimento.

Com base nas informações obtidas com a pesquisa foi possível obter subsídios para a elaboração de um guia prático de orientação aos pais de adolescentes.

## REFERÊNCIAS

Assis, M. P. O uso das TIC por crianças e o impacto para a prática pedagógica: uma pedagogia para o uso das novas tecnologias na escola. In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. p. 81-86.

BELLONI, M. L. **Os jovens e a Internet: representações, usos e apropriações**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa\\_Redonda/Mesa\\_Redonda/12\\_54\\_29\\_OS\\_JOVENS\\_E\\_A\\_INTERNET.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/12_54_29_OS_JOVENS_E_A_INTERNET.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2015.

BERTHOUD, C. M. E.; COELHO, M. R. M. (Orgs.). **Manual de Orientação Familiar Sistêmica – O Projeto Papo Família na comunidade**. Taubaté: Casa Cultura, 2011.

CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. São Paulo: EDUC / Cortez Editora, 2003.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.). **Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C. M. O. **A Família como Modelo: Desconstruindo a patologia**. 2. ed. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Livro do Genograma**. São Paulo: Roca, 2014.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

DESIDERÁ, L.; ZUBEN, M. Crianças e Adolescentes: usando a Internet com segurança. In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. p. 65–72.

DORIA FILHO, U. Departamento de segurança da criança e do adolescente. **Promoção de segurança da criança e do adolescente frente à mídia (TV, Internet)**. 2003. Disponível em: <[http://www.sbp.com.br/img/documentos/doc\\_promocao\\_seguran-ca.pdf](http://www.sbp.com.br/img/documentos/doc_promocao_seguran-ca.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2015.

GARBAR, C.; THEODORE, F. **Família Mosaico**. São Paulo: Augustus, 2000.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GUZZI, D. Desafios da Políticas Públicas: riscos e oportunidades andam de mãos dadas. In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. p. 37-45.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MELLO, H. D; WIGGERS, I. D. Representações e usos da Internet: um estudo de recepção com adolescentes. **Revista Iberoamericana de Educación**, Florianópolis, n. 45/2, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2184Mello.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2015.

MUUSS, R. E. **Teorias da Adolescência**. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1966.

NASCIMENTO, A.; BERNARDES, M. B. B. Os grupos com famílias em Fase Adolescente. In: BERTHOUD, C. M. E.; COELHO, M. R. M. (Orgs.). **Manual de Orientação Familiar Sistêmica – O Projeto Papo Família na comunidade**. Taubaté: Casa Cultura, 2011. p. 85 – 132.

OLIVEIRA, A. L. **Análise de Conteúdo**: material didático da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica. Material não publicado, 2009.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PAPERT, S. **A família em rede** (Ultrapassando a barreira digital entre gerações). Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, mai./ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

ROSSET, S. M. **Pais e filhos: uma relação delicada**. 3. ed. Curitiba: Sol, 2007.

SPIZZIRRI, R. C. P. *et al.* Adolescência conectada: mapeando o uso da Internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 69, p. 327-335, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=5979&dd99=pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2015.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

## Capítulo 7- Desvendando a adolescência: a visão do adolescente sobre essa fase

Adriana Leônidas de Oliveira

Angela Maria da Silva

### 1 INTRODUÇÃO

A fase do desenvolvimento intitulada adolescência sempre foi descrita com nuances de desafio, dúvidas e temores por parte dos pais. Para os adolescentes, há uma infinidade de possibilidades que tornam a vida mais emocionante e complexa, e o desejo de viver intensamente, pode levá-los ao excesso e à exposição a riscos.

Ao lançar luz sobre as várias formas de perceber o fenômeno adolescência e dando voz aos que estão vivenciando esse período de vida, a presente pesquisa possibilitou a melhor compreensão de seus matizes. Entender as necessidades dos adolescentes, elucidar seus desejos e a forma como percebem suas vidas permitiram uma aproximação com esse mundo multifacetado e complexo.

O pensamento sistêmico norteou o trabalho e possibilitou a ampliação na verificação do material de pesquisa coletado, e a teoria sobre as fases do ciclo vital adaptada para a realidade brasileira por Cerveny (1997), permitiu a atualização de alguns aspectos do desenvolvimento dos jovens da nossa região.

As seções seguintes contemplam uma breve explanação sobre a orientação teórica utilizada na análise do tema adolescência e sobre a metodologia que deu parâmetro à pesquisa. Posteriormente, apresentam-se os resultados alcançados, as discussões relacionadas ao tema e as considerações finais.

### 2 REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.1- O PENSAMENTO SISTÊMICO

Cada fenômeno observado ou estudado, seja na vida cotidiana ou em nome da ciência, tem sua compreensão e descrição pautadas em alguma ótica, em alguma forma de apreender o mundo.

Apesar de não estar, em todo momento, conscientemente sistematizando o pensamento, a ciência tradicional e seu modo de conceber estão quase sempre presentes no raciocínio, uma vez que somos orientados por ela e tivemos muitos avanços.

De acordo com Vasconcellos (2013), o paradigma tradicional da ciência traz em



seu bojo três dimensões essenciais, que são: o pressuposto da simplicidade, responsável pela análise das relações causais de forma linear; o pressuposto da estabilidade, que remete à previsibilidade, à reversibilidade, à determinação e à controlabilidade; e o pressuposto da objetividade, que infere a crença de que é possível conhecer o mundo tal como ele é, colocando a subjetividade do cientista entre parênteses para atingir uma versão única do conhecimento.

O pensamento sistêmico como novo paradigma da ciência aborda o pensamento com novas perspectivas: o paradigma da complexidade, que acolhe sistemas mais amplos – as redes, a recursividade, as contradições e o pensamento complexo; o paradigma da instabilidade, que admite a desordem, a imprevisibilidade, a autonomia e a incontrolabilidade dos fatos; e o paradigma da intersubjetividade, que inclui o observador e valida seu papel na ação de coconstrutor do objeto observado/estudado (VASCONCELLOS, 2013).

## **2.2- AS FAMÍLIAS E AS FASES DO CICLO VITAL**

A partir deste momento, discorre-se sobre a teoria do ciclo vital da família, organizada segundo os estudos de Cerveny (1997), desenvolvida a partir da realidade brasileira e organizada em quatro fases distintas: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última.

### **2.2.1- A FAMÍLIA NA FASE DE AQUISIÇÃO**

A Fase de Aquisição possui, como característica principal, o verbo adquirir. A saída da casa da família de origem, a escolha de um parceiro, a formação de um novo casal, o nascimento dos filhos, todas as adaptações necessárias para acomodar dois mundos em um novo espaço exigem tempo e flexibilidade do casal (CERVENY, 1997).

No processo de construção da nova família, para os casais mais jovens, estão envolvidas a construção da carreira profissional, a independência emocional e financeira da família de origem, além da complexa construção de um espaço de relação. Sem uma receita pronta para seguir, eles têm a tarefa de acomodar no novo espaço os sonhos, as aspirações, as metas e a história de cada um (CERVENY, 1997).

### **2.2.2- A FAMÍLIA NA FASE ADOLESCENTE**

Na fase adolescente do ciclo vital da família, os filhos experimentam uma etapa de transição emocional e corporal para a vida adulta, e os pais podem rever nos filhos os aspectos da sua própria adolescência, deparando-se com alguns aspectos que dela podem ser resgatados (CERVENY, 1997).

O casal encontra-se na meia idade e a família de origem (pais e sogros) já está precisando de atenção diferenciada, seja financeira ou emocionalmente. A família adolescente está experimentando, de forma simultânea, uma visão de transformação de três gerações (CERVENY, 1997; PRETO, 1995).

As famílias na fase adolescente não são necessariamente as famílias com filhos adolescentes; essa etapa significa a vivência de uma fase onde a família se reorganiza para acomodar as mudanças experimentadas e provocadas pelo constante movimento do desenvolvimento humano. As profundas transformações decorrentes dessa fase são sentidas por todos os membros da família, exigindo mudanças e readaptações (BERTHOUD, 2011).

De acordo com Berthoud (2011), culpa e dúvidas por parte dos pais permeiam as relações, que avaliam a sua própria performance e sentem uma grande carga na tarefa de atender às demandas dos filhos e às suas próprias. As estratégias educacionais para lidar com filhos pequenos não são eficazes para atender aos filhos adolescentes, e os pais se encontram em um momento de reavaliação dessas estratégias.

Os fenômenos da fase de família adolescente que apontam as estratégias desenvolvidas pelos pais passam pela adaptação desses pais aos filhos mais maduros, requalificando o modelo de educação recebido para modificá-lo e aproximá-lo da atualidade, e pelo compartilhamento da vida com os membros da família, uma característica bem contemporânea que acaba por tornar as fronteiras familiares mais flexíveis (BERTHOUD, 2011).

As demonstrações de confiança dos pais para com os filhos adolescentes estimulam a construção da autonomia, pois estes precisam se sentir cada vez mais responsáveis por suas decisões; entretanto, trata-se de uma distância calculada e permeada pelo diálogo e pela orientação constantes. Essas estratégias adaptativas são eficazes e muitos conflitos e dificuldades podem ser evitados quando incorporados à rotina da família (BERTHOUD, 2011; PRETO, 1995).

O comportamento dos filhos é analisado pelos pais como uma colheita do que foi semeado em relação aos valores que lhes foram transmitidos no processo de educação, e a presença de preocupações e medos são constantes no exercício da parentalidade (BERTHOUD, 2011).

Quando os desafios se transformam em dificuldades, os pais reproduzem os padrões, pois podem se sentir incapazes de adotar novos modelos na relação. Outro fenômeno possível de ocorrer é a comparação do modelo recebido na educação e a

tentativa de corrigir as falhas vivenciadas na família de origem (BERTHOUD, 2011).

Pais e mães podem experimentar o sentimento de não se encontrarem na relação com os filhos adolescentes e pode haver a sensação de estranhamento, despertados pela instabilidade dos jovens. O conceito de turbulência representa os sentimentos vivenciados e está presente nas relações, nas atitudes dos pais e dos filhos e no sistema familiar (BERTHOUD, 2011).

Para Berthoud (2011), os pais podem precisar lidar com sentimentos de inutilidade por ocasião da crescente independência dos filhos, tão diferente da fase anterior, que se caracterizava pela total dependência. Apesar de transitório, o sentimento deve ser trabalhado no sentido de que uma transformação está acontecendo, não uma extinção do papel dos pais.

Quando o recasamento ocorre na fase adolescente, a relação entre pais e filhos tende a manter os padrões das experiências anteriores, sejam eles positivos ou negativos (BERTHOUD, 2011). Ainda segundo a autora, a vida profissional dos pais, devido às diferenciadas demandas da família adolescente, torna-se necessária como parte das funções adaptativas.

Não é incomum encontrar pais que comentam não conseguirem desvincular a imagem dos filhos pequenos da imagem dos filhos já adolescentes ou mesmo adultos. No conceito explorado por Berthoud (2011), o crescimento dos filhos é o grande desafio dessa fase; a transição entre a infância e a adolescência, além das alterações maturacionais, explicitadas nas atitudes, funcionam como um propulsor que estimula as mudanças de todo o sistema familiar. O relacionamento dos filhos com os pais se modifica acentuadamente e, momentaneamente, desorganiza os padrões estabelecidos anteriormente.

A modificação significativa no comportamento demonstra a busca do adolescente por autonomia, a criação de certa distância dos pais, a mudança das fronteiras familiares, o questionamento dos valores e as cobranças (BERTHOUD, 2011).

Os pais, por sua vez, vivenciam a fase como se, até aquele momento, toda a vida girasse em função dos filhos, desde a rotina da casa até as prioridades financeiras e emocionais. O papel da mulher é destacado e valorizado como a figura que faz a mediação entre os membros familiares, amenizando os estresses entre os subsistemas familiares (BERTHOUD, 2011).

O relacionamento conjugal também vai se modificando nas interações entre o

casal, visto que os conflitos e as discordâncias não são incomuns. Separações e afastamento do casal denunciam a falta de recursos para lidar com as dificuldades e com a readaptação ao sistema conjugal. Quando os cônjuges conseguem fazer os ajustes necessários, ainda que um distanciamento momentâneo aconteça, saem fortalecidos da experiência (BERTHOUD, 2011).

Quando os filhos crescem, deixando de ser tão dependentes, o casal passa a ter mais tempo livre disponível; este reverte-se em chances de conversas a dois, em resgate e em consolidação da sua intimidade. Isso, de certa forma, também serve como preparação para a saída dos filhos de casa, fato este que será amplamente vivenciado na etapa seguinte do ciclo vital, a fase madura (BERTHOUD, 2011).

### **2.2.3- A FAMÍLIA NA FASE MADURA**

A fase madura da família se caracteriza pela sua duração: é a mais longa do ciclo vital e envolve muitas transformações em sua estrutura e em sua dinâmica, exigindo inúmeros ajustes. Filhos adultos e com mais autonomia, sua saída de casa para a formação de novas famílias, a chegada de agregados e netos, o cuidado com a geração mais velha, a família com novos significados, novas formas de funcionamento, desafios e expectativas (CERVENY, 1997).

### **2.2.4- A FAMÍLIA NA FASE ÚLTIMA**

O envelhecimento populacional brasileiro tem evidenciado as dificuldades no universo cultural do preparo para receber e cuidar dos idosos.

A transição para fase última é um momento de mudanças fundamentais que podem ser analisadas sob dois aspectos, a ruptura e a continuidade. Primeiramente, a ruptura com os laços formais de trabalho, a dúvida sobre como lidar com o tempo extra, a perda do “status” de produtivo e da autonomia, entre outros; em contrapartida, a crescente ou total autonomia dos filhos e a chegada das novas gerações levam os pais ao inexorável caráter da existência, a vida e a morte, que caracteriza a maior ruptura experimentada na fase tardia (CERVENY, 1997).

Nessa fase da vida o casal retorna ao modelo de díade conjugal, com o remanejamento das tarefas e as atribuições na vida de cada um dos cônjuges. Todo investimento na manutenção da rotina familiar volta para o casamento, com uma intimidade diferenciada pelo conhecimento adquirido na convivência (CERVENY, 1997).

### 2.3- SOBRE A ADOLESCÊNCIA E SER ADOLESCENTE

A primeira tarefa a ser enfrentada para dar continuidade a este trabalho passa pela breve compreensão da adolescência.

De acordo com Osório (1989), o processo maturativo biopsicossocial acontece nessa fase do desenvolvimento humano e os seus aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais são indissociáveis, conferindo peculiaridade ao fenômeno.

A puberdade se caracteriza pelas mudanças corporais na criança, com o crescimento dos pêlos como resultado da ação hormonal, o desenvolvimento das gônadas (testículos nos meninos e ovários nas meninas) e a ocorrência de dois eventos que simbolizam a maturação física: na menina, primeira menstruação; no menino, a primeira ejaculação. Esses fenômenos ocorrem por volta dos 12 aos 15 anos, e seu período cronológico é comum a quase todos os povos. A puberdade, no entanto, nem sempre coincide com o fenômeno da adolescência (OSÓRIO, 1989).

A adolescência não tem seu início tão bem demarcado quanto a puberdade, mas, sumariamente, apresenta as seguintes características: redefinição da imagem corporal, mudança na relação de vínculo e de dependência com os pais, elaboração das perdas surgidas com o término da condição infantil, estabelecimento de um código de ética próprio, busca da identificação no grupo de iguais, entre outros (OSÓRIO, 1989).

A demarcação do término desses dois processos também é bem distinta; a puberdade está concluída após o fim do crescimento e do desenvolvimento físico, ao passo que a adolescência não apresenta um determinante, mas um conjunto de fatores possíveis que delimitam esse término – o estabelecimento de uma identidade sexual, a possibilidade de relações afetivas mais estáveis, a busca pela independência econômica e a relação de reciprocidade, principalmente com os pais. Em termos etários, esse fato acontece por volta dos 25 anos, idade que pode variar principalmente pela condição socioeconômica da família de origem (OSÓRIO, 1989).

A mudança da condição de criança para a vida adulta sem que exista repertório suficiente para lidar com as adversidades dessa nova condição, a renúncia de alguns prazeres infantis, a aceitação de responsabilidades, entre outros fatores, levam o adolescente a demonstrações de instabilidades emocionais, muito características dessa fase (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

Quando visita-se a família ao longo da história, encontram-se poucas referências sobre a vida do jovem; entretanto, a literatura explorada deixa evidente que, tanto para o adolescente quanto para a família, não se trata de uma fase muito tranquila, pois esta

traz consigo grandes modificações pessoais e familiares.

Essa grande movimentação, que acontece em todo sistema familiar e que teve suas dificuldades exploradas até aqui, também estão em transformação, passando de uma visão de fase difícil para uma posição mais positiva do desenvolvimento, ou seja, o adolescente pode ter um desenvolvimento saudável. A nova perspectiva de olhar proposta por Bronfenbrenner (1979 apud BERTHOUD; COELHO, 2011, p. 12), denominada “Sistema Ecológico Humano”, propõe que as relações familiares envolvem três níveis no contexto social mais amplo, que são: microssistema, mesossistema e macrossistema. No microssistema, encontram-se as relações mais próximas, aquelas que ocorrem dentro da família; no mesossistema, estão as interações que acontecem entre os núcleos familiares e outros sistemas, como por exemplo, a igreja e o trabalho; por fim, no macrossistema, estão inseridos os valores culturais e sociais mais amplos.

Segundo Nascimento e Bernardes (2011), proporcionar ambientes onde os adolescentes sintam-se ouvidos e valorizados, e onde há regras e limites estabelecidos de forma clara, favorecem o desenvolvimento de uma autoestima positiva, fazendo com que o jovem tenha segurança em relação à sua própria identidade e se torne mais assertivo quanto à adoção de um novo estilo de vida.

### 3 MÉTODO

A pesquisa qualitativa foi adotada na realização deste trabalho (estudo de caso), que, de acordo com Gil (1994), se adequa à exploração de poucos objetos, proporcionando conhecimento amplo e detalhado, e se mostra flexível em relação às unidades estudadas, permitindo a construção de hipóteses ou reformulação de problemas. Explorou-se, aqui, o significado atribuído pelos adolescentes a essa fase da vida, suas possíveis dúvidas, seus desafios e os recursos pessoais utilizados no enfrentamento dos desafios. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o parecer N°2.352.768.

A coleta dos dados foi feita na casa dos participantes, com os dias e horários previamente agendados, oferecendo-lhes, dessa forma, maior comodidade. A amostra foi composta por oito adolescentes que tiveram sua participação autorizada pelos responsáveis mediante assinatura do “Termo de responsabilidade”; os adolescentes confirmaram sua participação livre e espontânea mediante a assinatura do “Termo de Assentimento”, e seus nomes foram substituídos por nome de flores, com escolha aleatória, para a preservação da identidade. Os participantes residem nas cidades de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, contendo quatro questões. Esse instrumento permite liberdade de respostas para os entrevistados, porém, roteiriza e impõe certa ordem ao encontro, permitindo o agrupamento das respostas por categorias (GIL, 1994).

O material coletado foi dividido em quatro categorias e organizado na seguinte sequência: o que é adolescência na visão do adolescente; o que os adolescentes pensam sobre serem adolescentes; quais os principais desafios na vida do adolescente; quais recursos utilizam para enfrentar os desafios.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1- ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS

CATEGORIA 1- O QUE É ADOLESCÊNCIA NA VISÃO DOS ADOLESCENTES		
<b>MIOSÓTIS</b>	Ah, é uma descoberta né! A gente descobre quem a gente é... aos poucos... a gente se abre mais pras pessoas e descobre sobre a vida.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Descoberta</li> <li>➤ Abertura para as pessoas</li> <li>➤ Descoberta sobre a vida</li> </ul>
<b>CRAVO</b>	Acho que é um período de transição e que você desenvolve parte dos seus valores e da sua personalidade também.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Transição</li> <li>➤ Valores</li> <li>➤ Personalidade</li> </ul>
<b>AZALÉIA</b>	Deixa eu pensar.... adolescência... pior que eu não sei... adolescência é brincar de sei lá, não sei. Ah, a gente cresce na adolescência né, a gente quer ser mais mulher, a gente quer evoluir mais, adolescência pra mim é isso, a gente crescer.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Brincar</li> <li>➤ Crescer</li> <li>➤ Ser mais mulher</li> <li>➤ Evoluir</li> </ul>
<b>MARGARIDA</b>	Adolescência é a fase que a gente quer descobrir as coisas, quer saber como é, tem muita curiosidade, você acha que tudo é assim, muito amigo, sabe? Muitos amiguinhos e você quer acompanhar os amiguinhos, acho que é muito isso, quer ser igual, todo mundo quer igualdade, quer status, quer ser popular, no caso das meninas quer se arrumar mais, quer ser a mais bonita, eu acho que é muito isso adolescência. Adolescente quer ter status, quer aparecer, quer curtida no Facebook, essas coisas	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Descoberta</li> <li>➤ Curiosidade</li> <li>➤ Quer acompanhar os amigos</li> <li>➤ Quer ser igual</li> <li>➤ Ser popular</li> <li>➤ Ser considerada bonita</li> <li>➤ Ter status</li> </ul>

<b>LÍRIO</b>	Uma fase bem chata...bem chata! A gente começa a ter responsabilidade, começa ter obrigações, coisas que você podia fazer antes agora você não pode. Você começa a ter um pouco mais de liberdade...	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fase chata</li> <li>➤ Ter responsabilidade</li> <li>➤ Ter obrigações</li> <li>➤ Ter liberdade</li> </ul>
<b>NARCISO</b>	Pra mim é um período um pouco mais difícil porque a gente tem mais, começa a ter mais responsabilidade, começa a pensar mais no futuro e é um período que a gente acaba se fechando um pouco.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Período difícil</li> <li>➤ Ter mais responsabilidade</li> <li>➤ Pensar no futuro</li> <li>➤ Se fechar</li> </ul>
<b>ROSA</b>	É uma transição, da infância para a vida adulta. Vai largando aos poucos a infância e aos poucos tomando responsabilidade, aprendendo com os erros para chegar na vida adulta mais formada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Transição</li> <li>➤ Responsabilidade</li> <li>➤ Aprendendo com os erros</li> </ul>
<b>JASMIM</b>	Eu acho que é uma fase que a gente tem que se conhecer e decidir que pessoa a gente quer ser e ao mesmo tempo tentar entender os outros, os adultos e as crianças de outra forma. Mas ao mesmo tempo, você não é nem um adulto e nem uma criança. É uma fase que você tem que tentar não olhar só pra você e tentar passar um pouco do que você é...Tentar absorver bastante conhecimento pra que quando você se tornar uma adulta possa passar isso para algum adolescente, uma coisa que ele esteja com dúvida porque eu penso muito em como vai ser o meu futuro porque quando eu for mãe eu quero ser uma pessoa igual a minha mãe, que saiba olhar e ajudar, ser uma amiga.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Se conhecer</li> <li>➤ Tentar entender os outros</li> <li>➤ Não ser adulto nem criança</li> <li>➤ Absorver conhecimento</li> <li>➤ Compartilhar conhecimento</li> </ul>

Quadro 1: O que é adolescência na visão dos adolescentes

Fonte: Dados da pesquisa de campo

A adolescência, apesar de ser uma fase de transição, pode ter uma duração de aproximadamente 10 anos e ser muito intensa pela profusão de acontecimentos. Esse momento da vida exige dos jovens um crescimento de competências para gerir sua rotina, seus recursos, sua autonomia e vida social (PAPALIA; OLDS, 2000).

Osório (1989) descreve o processo maturativo biopsicossocial do adolescente e suas transformações psicológicas, biológicas, sociais e culturais. Elas acontecem



simultaneamente e são indissociáveis, conferindo uma característica muito peculiar ao fenômeno.

De modo geral, os conceitos citados pelos adolescentes dizem respeito a esse processo de transição entre a vida de criança e a vida adulta. Essa categoria trata da vivência de uma fase em que a família, não apenas o adolescente, precisa se reorganizar para acomodar as mudanças experimentadas e provocadas pelo desenvolvimento humano. As profundas transformações que acontecem na adolescência são sentidas por todos os membros familiares e exigem essas mudanças e readaptações (BERTHOUD, 2011).

<b>CATEGORIA 2: O QUE OS ADOLESCENTES PENSAM SOBRE SEREM ADOLESCENTES</b>
---

<b>MIOSÓTIS</b>	<b>É parte chata e parte legal, é complicado porque a gente descobre as coisas do nosso corpo, dos nossos pais, da família e a escola também, complica bastante... fica mais difícil mas nada que eu não possa conseguir também.</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Complicado pelas mudanças corporais</b></li> <li>➤ <b>Perceber os pais, a família e a escola de outra maneira</b></li> <li>➤ <b>Fase difícil</b></li> <li>➤ <b>Percepção de dualidade</b></li> </ul>
<b>CRAVO</b>	Ah eu acho que... eu acho que ao mesmo tempo que é uma coisa boa porque você começa a se conhecer melhor, também é um pouco complicado você começar a lidar com um pouco mais de responsabilidade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Autoconhecimento</b></li> <li>➤ <b>Maior responsabilidade</b></li> </ul>
<b>AZALÉIA</b>	É bom, a gente não tem tanta responsabilidade com as coisas, a gente não precisa ser... Ah, a gente não é tão responsável pela gente, não tem tanta preocupação com casa, com essas coisas assim.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Não tem muita responsabilidade</b></li> <li>➤ <b>Não tem muita preocupação</b></li> </ul>
<b>MARGARIDA</b>	Eu não gostei de ter passado não... nossa, principalmente na escola, nossa, foi bem difícil na escola, mas ser adolescente é o que eu falei, é muito status. Então o adolescente tem mais pelo custo de vida, pela vida que tem, vida boa, vida ruim, aquele que tem mais coisa, menos coisa, tem celular da moda, quem não tem, acho que essa fase assim é	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ <b>Dificuldades escolares</b></li> <li>➤ <b>Vivências discriminatórias ditadas pelo poder aquisitivo</b></li> <li>➤ <b>Preconceito por motivos raciais</b></li> <li>➤ <b>Exclusão por formação de grupos</b></li> </ul>

chata, e pela minha cor também, bullying, nossa, escutava - “ô neguinha, preta, pé rapado”, essas coisas. São pessoas que tem a mesma cor que você, mas por estar com outro grupo exclui você. Mas é... não gostei de ter passado por essa fase, está muito bom assim, eu crescendo.

**LÍRIO**

Ah, você começa ter responsabilidade e ao mesmo tempo você começa ter um pouco mais de liberdade. Por exemplo, hoje eu saio de casa, a minha mãe me deixa sair de moto com meu namorado se eu tiver alguma festa ela sabe que eu vou chegar tarde. Já com os meus 13 anos nunca que ela iria me deixar sair com algum namorado e chegar uma ou duas horas da manhã, meia noite.

- Ter responsabilidade
- Mais liberdade

**NARCISO**

Eu achei que eu nunca seria assim, mas chegou num ponto da adolescência que eu acabei sendo assim, esse menino às vezes chato, meio ignorante com os pais, porque os pais eles também tem que ver o lado deles, eles tem que ver que nem tudo... por exemplo, tem dia que fica cansado, irritado com trabalho e quer descontar e quando fala alguma coisa pra você, você se magoa e fica irritado com aquilo... é a mesma coisa com a gente, se você pega e fala alguma coisa com a gente que não agrada influenciando nisso. Acho que tem que ser um período que tem que tomar mais cuidado com aquilo que fala, os pais, com o jeito de agir. Os filhos também estão errados, completamente errados porque são seus pais então você tem que dar atenção pra eles. Mas acaba sendo isso... aí na adolescência costuma arrumar namorada, essas coisas, é normal você se afastar dos pais

- Intolerância com os pais
- Irritação
- Namoro
- Afastamento dos pais

**ROSA**

Aí, às vezes é complicado, porque a gente acha que pode tudo, mas na verdade a gente não pode nada. Assim, eu quero fazer as coisas das pessoas da minha idade, por exemplo, eu quero sair, quero fazer

- Achar que pode tudo
- Querer mais liberdade

essas coisas, mas eu não posso porque eu tenho 16 anos. Já não quero mais brincar, fica no meio termo.

<b>JASMIM</b>	Ah, depende do momento. Tem os momentos bons porque é a fase que você não tem a pressão de trabalhar, pagar conta, cuidar de casa, de um monte de coisa, mas você, é sua fase de poder curtir. Você não é mais criança então você pode sair com seus amigos, mesmo tendo que estudar você pode sair com seus amigos, você pode curtir a sua fase, pode se divertir.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Dualidade entre bom e ruim</li> <li>➤ Mais liberdade</li> </ul>
---------------	---	--

Quadro2: O que os adolescentes pensam sobre serem adolescentes

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Nessa fase o adolescente começa a se diferenciar da família de origem, em busca de um grupo para compartilhar e se firmar como pessoa; o afastamento dos membros familiares vai se consolidando.

De acordo com Osório (1989), uma profusão de acontecimentos ocorre interna e externamente na vida do adolescente como, redefinição da imagem corporal, mudança na relação de vínculo e dependência com os pais, elaboração das perdas surgidas com o término da condição infantil, estabelecimento de um código de ética próprio e a busca da identificação no grupo de iguais.

A modificação significativa no comportamento demonstra a busca do adolescente por autonomia, a criação de certa distância dos pais, a mudança das fronteiras familiares, o questionamento dos valores e as cobranças (BERTHOUD, 2011).

### CATEGORIA 3: QUAIS OS PRINCIPAIS DESAFIOS NA VIDA DO ADOLESCENTE

<b>MIOSÓTIS</b>	<b>A escola, e a minha timidez também. ... acho que é só!</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sucesso na escola</li> <li>➤ Vencer a timidez</li> </ul>
<b>CRAVO</b>	Eu acho que primeiro tentar encontrar uma, alguma coisa para fazer no futuro, que eu possa, tipo, no futuro para eu dar continuidade pra minha vida profissional, e tentar conseguir isso, porque só você saber o que quer fazer hoje em dia não é nada, tem muito mais coisa para fazer, não basta.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Escolha profissional</li> </ul>
<b>AZALÉIA</b>	Desafios.... Ah, a gente quer trabalhar e a gente não pode por conta da idade, tem que estar estudando. Queria cuidar	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Trabalhar</li> <li>➤ Passar a maioridade</li> </ul>

da minha irmã também e não posso, por causa da minha idade, se ela ficar doente não posso acompanhar ela no médico, só isso que é chato, não ter idade pra responder por mim mesma.

**MARGARIDA** Acho que é terminar a faculdade, nossa é uma luta. Eu estou amando o curso, mas a ansiedade para acabar logo é enorme... e assim, eu acho muito difícil porque como eu faço à distancia então tem que aprender tudo sozinha, tem que sempre estar pesquisando alguma coisa em campo, só que você está sempre sozinha, a maioria das vezes. Então essa é minha maior dificuldade, porque eu trabalho, tenho meu emprego fixo, já me acostumei com ele porque faz três anos que eu estou no mesmo lugar, só que agora eu vou todos os dias e... é mais a faculdade mesmo, vontade de aprender tudo e meio que sem tempo pelo serviço

- Concluir a graduação

**LÍRIO** Faculdade, aí vem a maioria aí vem a carta de motorista, futuramente casar, uma família, ser dona da própria família, não mais a filhinha, agora ser esposa, mãe, então é mais ou menos isso.

- Passar no vestibular e ingressar na faculdade
- Tirar habilitação
- Casar e constituir família

**NARCISO** Saber o que eu tenho pela frente, saber o que eu vou fazer da minha vida, eu tenho alguns planos mais eu sei que a qualquer hora eu posso mudar de opinião, então são indecisões. Gosto de saber o que você quer estudar, com o que você quer trabalhar, o que você quer fazer realmente. Acho que o que nos deixa muita dúvida é a carreira, é difícil porque a gente fica nessa indecisão e acaba fazendo coisa que não quer.

- Escolha profissional

**ROSA** Eu acho que é a escola, porque eu quero passar no vestibular, eu quero passar em uma boa faculdade. Mas ao mesmo tempo eu não quero focar só na escola, aí eu acho difícil achar o equilíbrio, ter uma vida social mas ao mesmo tempo me dedicar cem por cento para a escola. E dar atenção para a família, para o namorado e para os

- Ingresso na faculdade
- Ter vida social

	amigos...	
<b>JASMIM</b>	Não sei... No momento é só a questão de entrar no primeiro ano, a questão de conhecer novas pessoas e ter medo de não conseguir ser eu mesma com elas e o medo de ser um pouco rejeitada e pessoas que eu não conheço e a escola pressiona muito também... No momento como é primeiro ano eles não pressionam tanto, mas eu sei que lá tem muita pressão de ter que tirar nota boa no vestibular... daí é um pouco de medo que eu tenho mesmo de não conseguir ir bem.	➤ Se socializar na nova escola e conseguir ser autêntica

Quadro 3: Quais os principais desafios na vida do adolescente

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Pensar no futuro, na carreira, e desenvolver projetos de vida são, para o adolescente, o passaporte para a vida adulta. A busca pela identidade e o esforço para dar sentido às escolhas feitas durante esse estágio são parte do processo saudável e consolidador das bases necessárias para o enfrentamento das crises que atravessarão na vida adulta (SPRINTHALL; COLLINS, 2003).

De acordo com Erikson (apud PAPALIA; OLDS, 2000), a formação de identidade não acontece com os adolescentes modelando-se conforme outras pessoas. As identificações pregressas vão se modificando e sintetizando-se, transformando-se em novas estruturas psicológicas, não são a soma das partes, são novas combinações que fazem surgir algo completamente novo, “uma organização interna, autoconstruída e dinâmica de impulsos, habilidades, crenças e história individual”.

#### CATEGORIA 4: OUAIS RECURSOS UTILIZAM PARA ENFRENTAR OS DESAFIOS

<b>MIOSÓTIS</b>	<b>A ginástica ajuda nos dois, bastante.</b>	➤ <b>A atividade física ajuda no enfrentamento</b>
<b>CRAVO</b>	Eu tento estar pesquisando um pouco sobre alguma coisa na área que eu gosto e tentar também... Eu ainda não fiz isso, mas planejo tentar fazer alguma coisa para ganhar experiência pra saber se é isso que eu quero mesmo, sempre estar pesquisando, tentando também pedir a opinião de quem sabe, quem conhece as coisas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Adquirir conhecimento sobre a profissão que escolheu</li> <li>➤ Planejamento para encontrar estágio na área</li> <li>➤ Busca de experiência de outras pessoas</li> </ul>
<b>AZALÉIA</b>	Tentando ser adulta! Ah, não sei, eu tento me colocar mais da idade do que	➤ Atitudes maduras para parecer mais velha

eu tenho... porque ninguém fala que eu tenho essa idade, aí eu faço uma coisa que adulto faz...se lá, é difícil se dar conta.

**MARGARIDA**

Ah, eu me esforço, eu tento! Às vezes eu falho bastante. Nesse semestre que passou eu fiquei assim: “- Gente, não era para ter acontecido isso, não era para ter falhado tanto!”. Mas eu sempre estou buscando conhecer, fazer curso para saber da área, eu tenho muita vontade de fazer pesquisa em campo, igual você está fazendo com a gente, fazer pesquisa em campo, famílias diferenciadas, porque me apaixonei por isso, eu acho muito interessante.

No primeiro semestre eu tive essa experiência, eu fiz uma pesquisa em campo com uma Assistente Social já formada, do CRAS e foi ótimo, foi maravilhoso. Mas eu quero uma pesquisa minha, que eu optei, nossa, conhecer porque as pessoas chegam nessa situação, porque está assim, porque que está assado.

- Busca de mais conhecimento
- Esforço para atingir os objetivos

**LÍRIO**

Agora, no momento eu só penso em estudar e na minha faculdade ano que vêm, então eu procuro muito alguns lugares que eu quero ir, pra quais faculdades, notas de corte, então nesse momento, pelo menos esse ano eu vou estar focada, a minha cabeça nisso. Então, meu namorado também vai estar estudando para as coisas que ele quer, então namorar no máximo domingo só, sair assim, vai ser difícil também, então eu prefiro estudar e estar focada esse ano estudando do que ficar estudando três anos e...

- Estudar para alcançar o ingresso na faculdade desejada

**NARCISO**

Olha, eu não faço isso, mas se eu fosse um pai ou uma mãe eu acho que desde pequeno eu colocaria meu filho em alguma coisa, incentivaria para ver o que o filho gosta. É que os pais deixam. Minha mãe apesar de ser assim ela deixa, todo pai é assim, não é porque são meus pais mas eles deixam a desejar de ver o que o filho quer fazer, de desde pequenos ficar

- O recurso citado foi de que os pais orientem nos estudos e observem as aptidões dos filhos

	prestando atenção no filho, focar na carreira dele também.	
<b>ROSA</b>	Eu tento durante a semana, a parte da manhã e da tarde eu só estudo, a noite eu fico com a minha família e fim de semana com o namorado e às vezes eu saio com os amigos. Mas aí eu esqueço que família não é só pai, mãe e irmã. Aí tem que ir ver os avós também e raramente eu consigo ver eles.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Utiliza uma rotina de estudo</li> </ul>
<b>JASMIM</b>	Eu acho que eu estou tentando principalmente, como eu sou católica eu confio bastante em Deus eu peço pra Ele me ajudar a ser eu mesmo porque eu acho que as pessoas que tem que gostar de mim, que vão ser meus amigos de verdade, vão ser meus amigos do jeito que eu sou, então se eu for eu mesmo eu acho que vai dar tudo certo porque quem for gostar de mim vai gostar do meu jeitinho, eu não preciso fingir ser outra pessoa para isso, tem que ser eu mesma. Em questão da escola é tentar me dedicar ao máximo para conseguir ser boa e receber isso e ao mesmo tempo de tentar me doar ao máximo, não deixar a pressão me consumir, fazer as coisas que eu posso me expressar e não ficar louca, digamos assim, de tanto estudo, essas coisas. Como começou agora, está tranquilo, mas eu temo muito mais pra frente, então eu tenho esse negócio de pensar muito no futuro, então eu tento viver mais o momento agora.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A orientação religiosa é utilizada para dar suporte emocional</li> <li>➤ Dedicção à uma rotina de estudo</li> <li>➤ Atividades que permitem expressão emocional</li> <li>➤ Viver o momento presente</li> </ul>

Quadro 4: Quais recursos utilizam para enfrentar os desafios

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Dentre os recursos utilizados pelos adolescentes, além do espaço para expressão corporal, o esforço pessoal, a orientação religiosa e estar conectada com o presente, o mais citado e utilizado foi a busca pelo conhecimento.

O desempenho escolar está muito ligado ao contexto social. Os adolescentes são mais independentes do que as crianças do ensino fundamental para gerir seus estudos. Contudo, o ambiente doméstico exerce uma grande influencia no desempenho dos

adolescentes. Os jovens que tem pais que se envolvem intimamente e monitoram sua vida acadêmica apresentam um desempenho melhor. Pais democráticos elogiam o bom desempenho e incentivam a superação quando o adolescente não vai muito bem (SPRINTHALL; COLLINS, 2003).

Cada participante adotou um ou mais recursos para lidar com os desafios e continuar na construção de seus propósitos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade proporcionada pela pesquisa de ouvir o ponto de vista de indivíduos que estão inseridos no contexto estudado conferiu riqueza ao material coletado, além da ampliação do conhecimento acerca dessa fase emblemática, que aos poucos vai sendo aclarada, ganhando luz, cor e movimento proporcionando ao profissional maior compreensão para a atuação de forma mais efetiva.

A análise das categorias temáticas favoreceu a compreensão da visão dos adolescentes sobre a fase, evidenciando a grande profusão de acontecimentos inerentes a ela e que abrangem aspectos biopsicossociais. As mudanças biológicas são bem demarcadas e sentidas pelos adolescentes que percebem a mudança em seus corpos, mas não estão necessariamente vinculadas com o fenômeno psicológico da adolescência. Como se pode avaliar, a adolescência extrapola esse aspecto e tem uma duração maior trazendo em seu bojo a transposição da vida infantil para a vida adulta.

De modo geral os adolescentes percebem e vivenciam essa fase como um período de descoberta, de aumento de liberdade e de responsabilidade, como oportunidade de aprender com seus pares e com suas experiências, como possibilidade de compartilhar o que aprenderam, de se redefinirem como pessoas e de se reposicionarem na própria vida e na vida familiar.

A vida profissional futura ocupa um importante espaço na vida dos jovens, eles direcionam uma proporção de tempo considerável aos esforços que levam à realização do projeto de preparação para o ingresso na faculdade escolhida.

Os adolescentes entrevistados possuem um ou mais recursos para alcançarem seus objetivos; esses recursos pessoais para o enfrentamento dos desafios da vida sinalizam para uma pessoa saudável, que consegue se planejar para alcançar suas metas.

Por fim, a pesquisa proporcionou uma aproximação do entendimento do fenômeno da adolescência com o adolescente contemporâneo, especialmente nas cidades em que a pesquisa foi realizada. A atualização desses dados proporciona mais



informações e subsídios para o desenvolvimento de atuações na área do atendimento psicológico ao público adolescente.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A., KNOBEL M., Adolescência Normal, 10a edição, Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AMARO, Fausto. Sociologia da Família, Lisboa: Pactor, 2014.
- BERTHOUD, C.M.E. Visitando a Fase Adolescente. In: CERVENY, C.M.O. e cols. Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 60- 84.
- BERTHOUD, C. M. E, COELHO, M. R. M. (Orgs.) Manual de Orientação Familiar Sistêmica: O Projeto Papo Família na comunidade. Taubaté: Editora Casa Cultura, 2011.
- CERVENY, C. M. O., BERTHOUD, C. M. E. (Cols). Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- GIL, A. C., Como Elaborar Projetos de Pesquisa, 5a edição, São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- NASCIMENTO, A., BERNARDES, M. B. B., Os grupos com famílias em FASE ADOLESCENTE. In: Manual de Orientação Familiar Sistêmica: O Projeto Papo Família na comunidade. Taubaté: Editora Casa Cultura, 2011. p. 85-132.
- OSÓRIO, L. C. Adolescente Hoje. 2a Edição, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PAPALIA, D. E., OLDS, S.W. Desenvolvimento Humano. 7º edição, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SPRINTHALL, N.A., COLLINS, W.A. Psicologia do Adolescente: Uma Abordagem Desenvolvimentista. 3a Edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- TRINCA, W. (Cols). Diagnóstico psicológico: prática clinica. São Paulo: EPU, 1984. (Temas básicos de psicologia; v.11)
- VASCONCELLOS, M.J.E. Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência. 10a Edição, Campinas, SP: Papirus, 2013.

## **Capítulo 8- Aposentei, e agora? Um estudo exploratório sobre as implicações da aposentadoria na vida do indivíduo**

Eleonora Alexandra Andrulis

Sueli Maria de Souza Migoto

### **1 INTRODUÇÃO**

Sabe-se que nosso país está envelhecendo. A estimativa, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é que, até o ano de 2025, o Brasil seja o sexto país com o maior número de idosos de sessenta anos de idade ou mais. Trata-se de uma tendência mundial que, por extensão, também serve para o Brasil – é o chamado “crescimento zero”. Com base em estimativas, em torno do ano de 2039, a população brasileira deverá estabilizar o seu crescimento; isso significa que a população do país parará de crescer, acarretando uma queda na população absoluta.

Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar as implicações da aposentadoria para os idosos de classe média. Especificamente, procura-se compreender as mudanças nas relações pessoais, sociais e familiares dos aposentados.

Para guiar a compreensão das implicações da aposentadoria para o idoso, o estudo está dividido nos seguintes tópicos: introdução; revisão da literatura: o trabalho, o ser idoso, aposentadoria e mudanças no que se refere aos planos pessoal, social e familiar; método, em que se explanam o delineamento, a amostragem e os instrumentos de coleta de dados; análise dos dados, apresentação e discussão dos resultados; e considerações finais. Por fim, apresentam-se as referências do trabalho.

### **2 REVISÃO DA LITERATURA**

#### **2.1- TRABALHO**

Bruns e Abreu (1997) partem do pressuposto segundo o qual, tendo um olhar no passado e outro no presente, o ser humano, ao longo de sua vida, elabora e reelabora seus projetos, construindo sua história na interface com o trabalho. Para Zanelli, Silva e Soares (2010, p. 31-32):

O trabalho, além de suprir as necessidades diárias do indivíduo, deve fazê-lo sentir-se parte dele, portanto deve ser prazeroso, fonte de autoestima e também ajudar na construção da identidade do sujeito. A relação entre o trabalho e a qualidade de vida é bastante complicada, pois ao mesmo tempo em que ele é um fator que gera bem-estar

e prazer, também pode gerar mal-estar, insatisfação e estresse.

Segundo Mendes et al. (apud VENTURINI, 2013), o trabalho permite ao indivíduo ter uma representação social e tecer sua rede de relações e de referência, portanto, seu lugar social e familiar. O autor considera que o trabalho determina a identidade do sujeito, seu status e papel, o que, somados, definem a posição individual e o comportamento social.

Por outro lado, de acordo com Zanelli, Silva e Soares (2010), com o surgimento do capitalismo, o trabalho perdeu sua finalidade de transformação, resumindo-se apenas ao lucro ou à obtenção de resultados em um curto espaço de tempo, contexto no qual o homem passou a construir sua identidade a partir do ter e possuir.

Em nome do progresso e do desenvolvimento científico e tecnológico, a Revolução Industrial trouxe a fragmentação e a repetitividade das tarefas, bem como o aumento da população na zona urbana e a destruição da natureza. A dicotomia entre o pensar e o fazer, entre outras consequências, produziu no trabalhador sentimentos de alienação (VECHIO apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Não obstante, o trabalho é fonte de autoestima e promove autorrealização quando atende às necessidades básicas do ser humano, tanto as fisiológicas como as de segurança (MASLOW apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010). “[...] o trabalho que executa e o ambiente onde estão inseridas as atividades devem ser dotados de sentido e significado consistente com o conjunto de valores que é peculiar àquele trabalhador” (TEIXEIRA; PEREIRA apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 24). Quando o trabalho é uma atividade partilhada de comum acordo, baseado na interação e nas relações, respeitando o contexto e a cultura, ele passa a ser gerador de autoestima e traz ao indivíduo consciência e dignidade (ARANHA apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

O trabalho mantém-se como referência de identidade para o indivíduo, e, em virtude do grande significado do trabalho na vida das pessoas, quando são demitidas, muitas não conseguem lidar com tal situação e ficam desorientadas, frustradas, deprimidas. Não conseguindo superar essa perda, muitas buscam algo compensatório, o que pode levar ao uso inconsequente de álcool e outras drogas, inclusive ilícitas (HALL apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Para Senge (1999), do ponto de vista social, o trabalho direciona o modo como as pessoas podem dirigir suas vidas; em virtude dele, cumprimos regras, horários, atividades e somos, de um modo geral, inseridos na sociedade. Esses atributos integram

a busca do ser humano por ordem, integração e previsibilidade. Todavia, paradoxalmente, tais regras, após estabelecidas, consomem as pessoas nos planos físico e psíquico, sobretudo quando estas não encontram mais tempo para suas vidas pessoais (SENGE apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010, p. 25).

Robert Peck (apud PAPALIA; OLDS, 2000), por sua vez, ressalta que indivíduos que se valorizam pelos serviços que prestam devem rever sua postura, para que possam dar um novo significado às suas vidas, atribuindo novos valores à sua pessoa. De acordo com Magalhães et al. (2005), especialmente no caso dos idosos, o desligamento da atividade do trabalho e a conseqüente perda dos vínculos que foram adquiridos ao longo dos anos podem acarretar graves danos à qualidade de vida dos aposentados.

Assim, pode-se observar que muitos problemas humanos associados à aposentadoria são frutos da ruptura da autoimagem e da perda da identidade profissional. Como consequência (VELOZ, SCHULZE; CAMARGO apud ALVES; ALVES, [s/d]), com o desligamento do mundo do trabalho na terceira idade, o idoso passa a se encontrar em segundo plano, pois, em geral, é visto como deficiente em suas capacidades físicas e psíquicas. Mesmo quando ele se mantém em atividade laboral, perde no quesito remuneração e, muitas vezes, no reconhecimento de suas habilidades.

## 2.2 - SER IDOSO

Ao pensar o ser humano em termos de desenvolvimento, é possível elaborar vários recortes no sentido de ciclo vital individual ou familiar. Sobre o assunto, Baltes (apud PAPALIA; OLDS, 2000, p. 31) comenta que:

Atualmente, a maioria dos psicólogos reconhece que o desenvolvimento humano ocorre durante a vida inteira. Cada período do ciclo de vida é influenciado pelo que ocorreu antes e irá afetar o que virá depois. Esse processo vitalício de desenvolvimento é conhecido como desenvolvimento do ciclo da vida.

Já o olhar de Cervený (2013) quanto ao desenvolvimento humano tem como referência o ciclo vital na família. Baseada em sua experiência profissional, a pesquisadora propôs quatro fases definidas para o ciclo vital familiar: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. Em suas palavras:

O ciclo vital familiar é um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união do casal, entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início de sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram (CERVENÝ, 2013, p. 95).

Estudiosos como Cerveny (2011) utilizam-se da visão sistêmica para compreenderem o indivíduo como um todo. Um dos instrumentos de que lançam mão para a investigação do ciclo vital familiar é o genograma, que se caracteriza como um “retrato” da configuração e dos relacionamentos de uma família, podendo mostrar o que ocorre no ciclo de vida.

Da mesma forma, compreender o envelhecimento humano sob uma perspectiva holística implica a concepção de um conceito sistêmico de envelhecimento que subentende atividades e mudanças contínuas, as quais refletem a resposta criativa do organismo aos desafios ambientais. Por isso, como a condição de um indivíduo depende, costumeiramente e em alto grau, de seu ambiente natural e social, não existe um nível absoluto de envelhecimento que seja independente desse meio (VARGAS, 1983). O envelhecimento, portanto, possui uma dimensão existencial e modifica-se conforme a relação do homem com o tempo, com o mundo e com sua própria história, revestindo-se não só de características biopsíquicas como também sociais e culturais.

Groisman (1999, p. 48) afirma que "a velhice não é uma variável fixa, que podemos analisar antes e depois da modernização, mas uma realidade culturalmente construída, inclusive pelas disciplinas científicas que a tomaram como alvo"; sustenta, ainda, que o processo de envelhecimento ocorre de maneira diferente para cada pessoa, pois depende de seu ritmo, época da vida, entre outros fatores, não se caracterizando um período só de perdas e limitações, e, sim, um estado de espírito decorrente do modo como a sociedade e o próprio indivíduo concebem essa etapa da vida.

Já Saad (1990, p. 4) entende que "a pessoa é considerada idosa perante a sociedade a partir do momento em que encerra as suas atividades econômicas" e acrescenta que "o indivíduo passa a ser visto como idoso quando começa a depender de terceiros para o cumprimento de suas necessidades básicas ou tarefas rotineiras".

### **2.3 - APOSENTADORIA**

Segundo uma pesquisa coordenada por Zanelli (1994), com a aproximação da aposentadoria, as expectativas para o futuro são permeadas por medo e insegurança. Isso porque, na visão do pré-aposentado, muitos sonhos outrora programados correm o risco de não se realizarem – o que paira, nesse momento, é o medo da instabilidade econômica, que pode decorrer da doença ou da velhice.

O desejo de realização pessoal representa uma visão de futuro a se tornar realidade quando advier a aposentadoria. Porém, quando esta chega, muitos aposentados ficam perplexos e frustrados, por se sentirem incapazes de gerir com qualidade suas vidas, sem uma ocupação profissional e uma organização formal. Em decorrência da

falta de projetos a serem construídos e consolidados na aposentadoria, tornam-se angustiados, solitários e dominados por um vazio existencial (BRUNS; ABREU, 1997, p. 29).

Merton (1970) acrescenta que, se o aposentado acreditar que não tem mais o que contribuir para a sociedade e para o trabalho, colocar-se-á na posição de inativo, confirmando sua crença e a crença social. Assim, como uma profecia autocumprida, nada mais lhe restará a não ser aguardar os dias finais.

Para Murta, Leandro-França e Seidl (2014), a aposentadoria é vista de maneira diferente entre os trabalhadores: uns sofrem com essa mudança, outros comemoram sua chegada. Diante disso, os pesquisadores têm-se mostrado interessados em descobrir novas possibilidades, dado que esse é um processo de transição que pode ser comparado às fases do ciclo vital da família e que, portanto, exige adaptações e mudanças em busca de alternativas para o enfrentamento do que está por vir.

Os autores complementam que, como nosso sistema social e político valoriza a produção e aliena o trabalhador, quando o indivíduo torna-se improdutivo, como no caso da aposentadoria, passa a ser desvalorizado e, em decorrência disso, pode perder o sentido da vida, como se sofresse uma morte social. Isso porque, onde o dinheiro e a produção se caracterizam como valor e status social, a não produção de bens e valores desqualifica o ser humano.

Nesse contexto, quando o sujeito não se prepara para cortar o vínculo com o mundo do trabalho, ele pode adquirir sentimentos de desamparo e perda da identidade, o que poderá causar desequilíbrio na vida emocional, familiar e social. Para que isso não ocorra, ele precisa saber lidar com a perda da posição (status), da convivência com os amigos, da referência, das mudanças de valores e com as rotinas diferentes (ENRIQUEZ apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Em pesquisa, Pimenta et al. (apud ANTUNES; MORÉ, 2014) destaca que, independentemente do sexo, aposentados casados ou em união estável com alguma ocupação apresentam maior qualidade de vida no que se refere a saúde e relações sociais. Já com os aposentados de idade mais avançada e menor escolaridade, a mudança observada é mais intensa. Além disso, observa-se que, em classes sociais mais abastadas, há um incentivo familiar e social para a aposentadoria, porque, nessa condição, aposentar-se é sentido como uma possibilidade de atividades e papéis alternativos e satisfatórios.

Nesse caso, o encerramento das atividades produtivas, a aposentadoria, pode representar uma nova possibilidade de carreira ou de vida, haja vista a flexibilidade, que

é característica de nossa espécie. Portanto, se bem conduzida a transição, a vida para a aposentadoria pode ser muito gratificante, e uma nova identidade positiva pode surgir (SCHEIN apud ZANELLI; SILVA; SOARES, 2010).

Figueiredo (apud MURTA, LEANDRO-FRANÇA; SEIDL, 2014) acredita que uma ocupação que pode facilitar a adaptação à aposentadoria corresponde à atividade voluntária. Ela funciona como uma estratégia de inclusão, distração, bem-estar, altruísmo, compromisso social e possibilita a continuidade do trabalho formal, permitindo que o indivíduo prossiga na execução de suas habilidades profissionais, agora com autonomia, sem horários e pressão.

Diante do exposto, vê-se que a aposentadoria pode ser entendida como um período de oportunidade para o resgate e o investimento em setores da vida que não receberam suficiente atenção, além de possibilitar a ampliação de fontes de satisfação e felicidade. O desafio, portanto, está em desenvolver novas competências e priorizar o que realmente importa.

## **2.4 - MUDANÇAS**

No que diz respeito às mudanças associadas à aposentadoria, como explicado anteriormente, esta pode trazer angústias ou prazeres, a depender de como é encarada, sendo sempre um momento que representa o fechamento de um ciclo.

Segundo Zanelli, Silva e Soares (2010), a chegada da aposentadoria é esperada com muita ansiedade, pois é uma imersão no escuro, para o desconhecido, na medida em que muda o estilo de vida de uma pessoa, a rotina a qual ela já está há tantos anos acostumada. A pergunta que insiste em permanecer é: o que fazer com o tempo livre?

Quando o cônjuge se aposenta, pode ser algo positivo ou negativo, o que vai depender de como foram formados os vínculos matrimoniais; mas, em geral, é certo que há um impacto na relação com o cônjuge e nas relações sociais.

Posto isso, pode-se concluir que as mudanças sentidas na aposentadoria, sejam elas pessoais, familiares ou sociais, possuem estreita relação com a história de vida do indivíduo, suas relações interpessoais e o preparo psicológico e material para essa etapa da vida.

## **2.5 - APOSENTEI, E AGORA? QUAIS MUDANÇAS E SENTIMENTOS PODEM SER OBSERVADOS?**

### **2.5.1 - NO PESSOAL**

De acordo com Alvarenga et al. (2008), a ausência de planejamento pode acarretar dificuldade de adaptação, angústia, solidão e decepção quanto ao novo status, sobretudo pela perda do poder aquisitivo ou a dificuldade de obtenção de prazer com a nova situação, mesmo que a vida laboral tenha sido insatisfatória. Os autores acrescentam que a aposentadoria é pensada como uma situação distante e positiva, um futuro promissor e prazeroso, mas, com sua aproximação, a visão torna-se mais realista. A perda do poder aquisitivo e da rede social estabelecida ao longo de anos pode implicar sentimentos de menos-valia, inutilidade e finitude.

Segundo Leite (apud ALVES; ALVES, [s/d]), o afastamento do trabalho pela aposentadoria pode ser desastroso em termos psicológicos, pois as mudanças ambientais, a rotina doméstica não vivenciada anteriormente e a maior proximidade familiar podem gerar conflitos; se a relação anterior não era boa, isso pode agravar-se. Por isso, independentemente da existência ou não de um planejamento anterior à aposentadoria, tornam-se necessárias a readaptação e a reorganização da vida, dada a disponibilidade de mais tempo para novas experiências familiares e sociais.

O inverso pode ser verdadeiro, uma vez que, segundo Alves e Alves ([s/d]), o aumento da participação na vida doméstica pode contribuir para a reintegração ao lar e a manutenção da sensação de utilidade. Além disso, a formação de uma nova rede de relacionamentos pode preencher, de forma satisfatória, o tempo anteriormente dispensado ao trabalho.

Na perspectiva das autoras, a questão de gênero também está presente nessa situação, visto que, para as mulheres, as mudanças não são tão drásticas, já que elas continuam a vivenciar situações familiares que já existiam anteriormente, quais sejam os cuidados do lar e da educação.

Figueiredo (apud MURTA, LEANDRO-FRANÇA; SEIDL, 2014), por sua vez, chama atenção para a importância do planejamento e do apoio familiar às atividades voluntárias, podem ser as principais mantenedoras dos sentimentos de utilidade, pertencimento e realização, tanto pessoal quanto social.

### **2.5.2 - NO SOCIAL**

Antunes, Soares e Silva (2013), em conformidade com diversos estudiosos desse período, explicam que, ao se aposentar, o indivíduo passa a se dedicar mais à família, o que lhe permite resgatar o afastamento que antes existia em razão das horas despendidas no trabalho. Com isso, ele constrói novas redes, novas relações sociais com familiares, parentes e amigos.



Entretanto, conforme problematizam Santos, Lopes e Teixeira (apud SANTOS; MACIEL, 2015, p. 108), essa fase de transição não é estática ou passiva.

A presença de pessoas idosas nos mais diversos papéis provoca um aumento de intercâmbio de conhecimentos e de sentimentos entre longevos e os mais jovens, intercâmbios estes que, por um lado, são ricos para ambas as gerações, e, por outro, estão associados a conflitos característicos desse tipo de relação.

A terceira idade, ou seja, as pessoas que vivem o último terço (ou quarto) do ciclo vital, incluindo nessa fase a aposentadoria, sofre três formas transformações em suas relações sociais (SLUZKI apud COSTA; MALAQUIAS, 2014). São elas:

- A rede social se contrai, isto é, o número de vínculos existentes diminui por morte, migração ou enfraquecimento dos membros.
- Há diminuição nas oportunidades de renovar a rede social, seja fazendo novas amizades, seja frequentando novos ambientes sociais.
- É mais difícil para o idoso ou para a idosa empenhar-se na manutenção dos vínculos ainda ativos (SLUZKI apud COSTA; MALAQUIAS, 2014, p. 199).

Torna-se, portanto, natural a perda ou o enfraquecimento da rede anterior à aposentadoria, representada pelos contatos de trabalho. Nesse caso, para que haja adaptação à nova realidade, torna-se necessária a construção de uma nova rede social. O indivíduo pode agora escolher qual caminho seguir, se deseja ainda trabalhar em algo que lhe dê prazer, que contribua para a renda, por exemplo, já que muitos temem a perda do poder aquisitivo. Está, portanto, livre para desempenhar papéis e atividades para as quais antes não havia espaço, tais como serviços voluntários, ensino, cursos, participação em grupos sociais.

### **2.5.3 - NA FAMÍLIA**

Para Zanelli, Silva e Soares (2010), com o passar do tempo, as famílias constroem novos relacionamentos, os quais saem do cotidiano. É o processo de socialização secundária, em que se destacam duas instituições: a escola e o trabalho, âmbitos aos quais dedicarão muitos anos de suas vidas. Já na fase da aposentadoria, o que o indivíduo busca é o retorno aos vínculos que estavam adormecidos dentro da família.

O retorno a esses vínculos abrange três aspectos que devem ser considerados:

- a) Retomada dos projetos engavetados, como viagens, visitas, passeios, entre outros, incluindo agora a família:

- b) Planejamento do tempo, considerando mais tempo para relacionamentos com a família; e
- c) Resgate do significado da família, sua importância e valorização (ZANELLI, SILVA; SOARES, 2010, p. 104).

Em estudos de Azevedo e Carvalho (apud ANTUNES; MORÉ, 2014) sobre aposentadoria e família, observou-se que aquela é compreendida como um momento de liberdade e desprendimento das tarefas profissionais, um momento que o indivíduo pode aproveitar para investir em seus relacionamentos.

Segundo Costa e Malaquias (2014), com a aposentadoria, a família passa a ocupar um espaço privilegiado na relação, o casal estreita o relacionamento e pode estabelecer um espaço de cuidados mútuos, de longas conversas e de implicações cotidianas. Os filhos podem, agora, tornarem-se cuidadores dos pais.

Para Veras, Ramos e Kalache (1987), a aposentadoria sempre se reporta ao contexto do ciclo evolutivo familiar, isso porque os relacionamentos familiares passados e presentes desempenham papéis cruciais no sentido da qualidade de vida nessa etapa. Assim, a aposentadoria torna-se um momento de significativas mudanças em toda a dinâmica familiar, sendo necessárias a adaptação e a reorganização de todos os componentes.

### **3 MÉTODO**

Como método de investigação, foi empregada a pesquisa exploratória e, como delineamento, o estudo de caso. Para a realização da pesquisa o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil e aprovado com o número do parecer: 2.286.096. Após a aprovação da pesquisa foi desenvolvida nas cidades de Taubaté e Tremembé, interior do Estado de São Paulo, com indivíduos aposentados.

Para seleção dos participantes e coleta de dados, utilizou-se a amostragem por acessibilidade ou conveniência. Foram contatados dez indivíduos de ambos os sexos, aposentados, moradores da cidade de Taubaté ou Tremembé, selecionados por indicação de conhecidos ou por conhecimento da própria pesquisadora, sendo a amostra distribuída em cinco idosos aposentados do sexo feminino e cinco do sexo masculino.

Pela característica da amostra, não foi possível precisar a priori o número de entrevistados, por não se ter conhecimento prévio dos participantes. Entretanto, considerou-se que cinco entrevistas para cada gênero foram suficientes para alcançar os

objetivos propostos. Como critério de encerramento da coleta de dados, lançou-se mão da técnica de saturação de dados, que consiste em encerrar as entrevistas quando o pesquisador observa que nenhuma informação nova é adquirida.

Os critérios de inclusão consideraram aposentados de ambos os sexos, por idade ou tempo de contribuição, e, como exclusão, idade inferior a sessenta anos e aposentados por invalidez.

Os dados foram coletados por intermédio de entrevistas por pautas, e estas, analisadas qualitativamente e inseridas em categorias apriorísticas discutidas com base nas teorias e conceitos de pesquisadores referenciados neste trabalho.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 - PERFIL DOS PARTICIPANTES

Quadro 1: Perfil dos participantes

<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
1 – Idade: 60 anos Profissão: Planejador de produção Tempo de trabalho: 35 anos Tempo de aposentadoria: 2 anos	1 – Idade: 64 anos Profissão: Bancária Tempo de trabalho: 30 anos Tempo de aposentadoria: 16 anos
2 – Idade: 60 anos Profissão: Técnico em química Tempo de trabalho: 37 anos Tempo de aposentadoria: 5 anos	2 – Idade: 73 anos Profissão: Comerciante Tempo de trabalho: 25 anos Tempo de aposentadoria: 13 anos
3 – Idade: 72 anos Profissão: Soldador, mecânico ajustador Tempo de trabalho: 30 anos Tempo de aposentadoria: 14 anos	3 – Idade: 62 anos Profissão: Bancária, gerente Tempo de trabalho: 27 anos Tempo de aposentadoria: 3 anos
4 – Idade: 67 anos Profissão: Comerciante Tempo de trabalho: 35anos Tempo de aposentadoria: 2 anos	4 – Idade: 63 anos Profissão: Professora Tempo de trabalho: 32 anos Tempo de aposentadoria: 4 anos
5 – Idade: 69 anos Profissão: Trabalho na Sabesp Tempo de trabalho: 29 anos Tempo de aposentadoria: 18 anos	5 – Idade: 68 anos Profissão: Secretária de escola Tempo de trabalho: 31 anos Tempo de aposentadoria: 6 anos

Fonte: elaborado pela autora

Para análise das entrevistas, omitiram-se os nomes dos participantes e a íntegra dos relatos. Trechos considerados significativos foram categorizados da seguinte maneira: Categoria 1 – Como percebe que foi sua vida profissional; Categoria 2 – Planejamento da aposentadoria; Categoria 3 – Expectativas sobre a aposentadoria;

Categoria 4 – A expectativa se confirmou; Categoria 5 – Perda do poder aquisitivo; Categoria 6 – Mudanças pessoais; Categoria 7 – Mudanças na família; Categoria 8 – Mudanças sociais; e Categoria 9 – Qual a expectativa de futuro.

Categoria 1 – Como percebe que foi sua vida profissional masculino

E1 – Idade: 60 anos. Profissão: planejador de produção. Tempo de trabalho: 35 anos. Tempo de aposentadoria: 2 anos. Trabalhou por 35 anos, começou a trabalhar com dezenove anos e ficou na empresa por 27 anos, desligou-se por causa de salário alto e redução do quadro. Como tinha interesse em se aposentar aos 54 ou 55 anos, mesmo desempregado, continuou pagando o INSS pelo teto.

E2 – Idade: 60 anos. Profissão: técnico em química. Tempo de trabalho: 37 anos. Tempo de aposentadoria: 5 anos. Trabalhou por 37 anos, iniciou sua vida profissional aos dezesseis em uma empresa multinacional, e esse foi seu único emprego até a aposentadoria. Também lecionou no ensino médio. Possui formação técnica em química.

E3 – Idade: 72 anos. Profissão: soldador, mecânico ajustador. Tempo de trabalho: 30 anos. Tempo de aposentadoria: 14 anos. Trabalhou por trinta anos em fábrica como mecânico ajustador, o serviço era muito pesado e desgastante, pois exercia várias funções.

E4 – Idade: 67 anos. Profissão: comerciante.

Tempo de trabalho: 35 anos. Tempo de aposentadoria: 2 anos. Trabalhou por 35 anos como comerciante, tinha supermercado, gostava do que fazia.

E5 – Idade: 69 anos. Profissão: trabalho na Sabesp. Tempo de trabalho: 29 anos. Tempo de aposentadoria: 18 anos. Trabalhou por 29 anos na Sabesp e gostava do que fazia, era tranquilo.

Feminino

E1 – Idade: 64 anos. Profissão: bancária. Tempo de trabalho: 30 anos. Tempo de aposentadoria: 16 anos. Trabalhou na Caixa Econômica Federal por trinta anos, o serviço era muito estressante e desgastante. Acrescenta que, nos últimos anos, já estava até falando sozinha e pensava no serviço todo tempo.

E2 – Idade: 73 anos. Profissão: comerciante. Tempo de trabalho: 25 anos, aposentado por idade. Tempo de aposentadoria 13 anos. Trabalhou como comerciante por 25 anos e aposentou-se por idade. Explica que queria se aposentar, pois ficava muito cansada.

E3 – Idade: 62 anos. Profissão: bancária, gerente. Tempo de trabalho: 27 anos. Tempo de aposentadoria: 3 anos. Trabalhou como bancária por 27 anos. Diz que era muito ativa, tinha muito contato com o público.

E4 – Idade: 63 anos. Profissão: professora. Tempo de trabalho: 32 anos. Tempo de aposentadoria: 4 anos. Trabalhou como professora por 32 anos. Trabalhava muito, pois ganhava pouco.

E5 – Idade: 68 anos. Profissão: secretária de escola. Tempo de trabalho: 31 anos. Tempo de aposentadoria: 6 anos. Trabalhou por 31 anos como secretária de escola. Considera que era muito estressante.

Observa-se que, dos homens entrevistados, um era comerciante e os demais, assalariados de grandes empresas. A mesma situação é observada no caso das mulheres entrevistadas: apenas uma era comerciante e as demais, trabalhadoras assalariadas do poder público ou privado.

#### Categoria 2 – Planejamento da aposentadoria

Masculino E1 – A empresa fez para os funcionários um plano de aposentadoria complementar e foi ótimo, pois ajudou bastante. E2 – Como tinha interesse em se aposentar aos 54 ou 55 anos, mesmo desempregado, continuou pagando o INSS pelo teto. Trabalhou em outras empresas e continuou complementando a contribuição para se aposentar pelo teto. E3 – Planejou, mas os planos do governo atrapalharam, precisou trabalhar mais um pouco até acertar as dívidas. E4 – Pagou dez anos sobre o teto, mas a aposentadoria foi menor do que o esperado. E5 – A empresa elaborou um plano de previdência privada que foi muito positivo para o futuro como aposentado.

#### Feminino

E1 – A empresa onde trabalhava aplicava, automaticamente, em uma previdência privada, e isso ajudou a manter o padrão salarial e financeiro com a aposentadoria. E2 – Não se planejou, não pensou, esperava ganhar bem no futuro. E3 – Não precisou planejar, pois a firma onde trabalhava tinha um plano de aposentadoria, assim, não foi

preciso preocupar-se.

E4 – Planejou, mas o salário não foi o esperado. Não houve planejamento formal financeiro. E5 – Não planejou, mas ficou satisfeita com o salário.

Observa-se que todos os entrevistados do sexo masculino demonstraram ter tido preocupação com o planejamento da aposentadoria. Apenas dois contaram com previdência privada incentivada pelas empresas em que trabalhavam; estes se sentiram mais tranquilos quanto ao futuro como aposentados. Já no caso das mulheres, vê-se que apenas duas entrevistadas possuem, como complemento da aposentadoria, previdência privada implantada pelas empresas onde trabalhavam, fato que permitiu a manutenção do padrão financeiro. As demais não fizeram planejamento financeiro para a aposentadoria. A comerciante, por sua vez, comenta ter planejado, mas não no sentido financeiro.

Sobre essa questão, verifica-se uma preocupação maior do sexo masculino quanto ao futuro financeiro na aposentadoria, o que não se observa no caso das mulheres, em que a aposentadoria complementar aparece como condição da instituição em que trabalhavam, e não como uma preocupação individual.

Diante disso, elabora-se a hipótese de que o período laboral dessas mulheres pertence a um contexto histórico-cultural em que o trabalho remunerado feminino ocupava o segundo plano na constituição familiar, como uma renda complementar, pois cabia ao homem a provisão financeira do lar. Isso justifica o maior grau de preocupação observado neste grupo.

### Categoria 3 – Expectativas sobre a aposentadoria masculino

E1 – “Estava tranquilo, esperava me aposentar, e o salário foi bom. Ganhar o suficiente para viver”. E2 – “Como tinha interesse em me aposentar aos 54 ou 55 anos, mesmo desempregado, eu continuei pagando o INSS pelo teto. Trabalhei em outras empresas e continuei complementando a contribuição para me aposentar pelo teto”.

E3 – “Esperava ter uma vida mais tranquila”. E4 – “Esperava receber no mínimo uns sete salários mínimos. Se dependesse, estaria perdido”. E5 – “Minha expectativa era de que a minha renda fosse cair um pouco”.

### Feminino

E1 – “Minha vida era o trabalho. Como trabalhei muitos anos na mesma empresa, tinha medo. Achava que fosse deprimir por não ter o que fazer. No começo, foi difícil, mas,

com o tempo, fui me adaptando”. E2 – “Esperava ajudar na compra de uma casa”.

E3 – “Quando me aposentasse, temia querer ter outra atividade, a qual não pudesse ser realizada devido à doença”. E4 – “Esperava levar uma vida com muitos afazeres, trabalhar em comunidade, aprender novas atividades”.

E5 – “Em relação ao salário, foi o que eu esperava, e fazer trabalho voluntário eu acho muito gratificante”.

Verifica-se que todos os entrevistados tinham expectativas quanto ao futuro como aposentados – alguns com certo temor do desconhecido, da mudança, por terem dedicado longos anos à vida profissional; outros, pelo contrário, manifestaram expectativas positivas no sentido da possibilidade de aproveitamento do lazer e de novos projetos de vida.

#### Categoria 4 – A expectativa se confirmou masculino

E1 – “Sim, foi muito tranquilo”. E2 – “Não. Pelo fator previdenciário, a renda é menor do que eu imaginava. Minha esposa complementa minha renda e conseguimos construir um patrimônio que nos deixa mais tranquilos, com um padrão razoável”. E3 – “Não, tive que continuar, depois de aposentado, a trabalhar em outros lugares”. E4 – “Com relação à aposentadoria, minhas expectativas não se confirmaram”. E5 – “Sim, mas, como falei anteriormente, o plano criado na época do Presidente Sarnei me ajudou bastante, só o INSS é muito pouco”.

#### Feminino

E1 – “Não, mas tive que procurar alternativas de atividades”. E2 – “Minha expectativa não se confirmou, esperava que desse para sobreviver, esperava receber mais”. E3 – “A expectativa quanto ao salário se confirmou em comparação com os amigos que se aposentaram”. E4 – “Não. Depois de aposentar, perdi o interesse pelas coisas que gostava de fazer”. E5 – “Sim, estou muito feliz com o que faço”.

Os depoimentos evidenciam que homens e mulheres esperavam ter uma vida financeira mais tranquila e desenvolver atividades de lazer que lhes trouxessem prazer na aposentadoria. Para a maioria, porém, a expectativa não se confirmou, sobretudo pela perda do poder aquisitivo, que os obrigou a procurar outra atividade remunerada, ou por problemas de saúde. As queixas mais enfáticas partiram dos entrevistados que não possuíam aposentadoria complementar e cuja remuneração estava, portanto, limitada ao INSS.

### Categoria 5 – Perda do poder aquisitivo masculino

E1 – “No meu caso, isso não acontece, minha aposentadoria supre minhas necessidades”. E2 – “Com certeza, eu esperava mais e trabalhei a vida inteira pensando nisso. Os funcionários públicos aposentam com salário integral e os CLTS, não” E3 – “Difícil, tive que continuar trabalhando, fazendo bico para amigos”. E4 – “Com certeza, esperava receber mais”. E5 – “Para mim não mudou, logo abrimos um comércio”.

#### Feminino

E1 – “Não houve perda de poder aquisitivo. Continuo ganhando como se estivesse trabalhando, em virtude da previdência privada, que complementa o salário”. E2 – “Foi difícil, mas, juntando com o que o marido deixou, a gente vai sobrevivendo”. E3 – “A parte financeira é tranquila, continua tranquila”.

E4 – “O poder aquisitivo não mudou muito, pois, como disse, não dependo dele, mas o que recebo é menos do que deveria receber”. E5 – “Para mim, não mudou nada”.

Nos relatos, observa-se que os homens sentem mais a perda do poder aquisitivo e procuram complementar a renda com novas atividades remuneratórias. Já as mulheres comentam a perda, mas esta parece não ter grandes implicações em suas vidas; algumas até continuam trabalhando, mas percebem a nova fase com menor cobrança.

### Categoria 6 – Mudanças pessoais masculino

E1 – “Melhorou a qualidade de vida, estou tranquilo, não tem mais a preocupação do trabalho, as cobranças e a tensão. Existe harmonia familiar. Desenvolvi novas atividades”. E2 – “Sinto-me tranquilo, me sinto bem, não vejo expectativa de futuro no trabalho, gostaria de viajar, não desejo muita coisa, a família tem herança, que vai ficar para os herdeiros”.

E3 – “Fui trabalhar na área de esporte, passei a viver uma experiência completamente diferente e que me dava prazer”. E4 – “Continuo trabalhando em atividades que me trazem mais prazer. Formei, com minha companheira, nova rede social”.

E5 – “Hoje fico mais junto da família, viajamos para participar de feiras”.

#### Feminino



E1 – “Com relação à vida profissional que tinha, houve muita mudança, pois hoje tenho uma melhor qualidade de vida. Faço passeios, viagens, mantenho a rede social anterior com encontros e comemorações”. E2 – “Sim, muito. Mudei para outra cidade; no começo, foi difícil, mas hoje tenho mais amizade aqui do que na cidade anterior em que morei, participo de grupo da terceira idade”. E3 – “Depois de aposentar, perdi o interesse pelas coisas que gostava de fazer”.

E4 – “Foi bem rápida, fiquei muito feliz por poder cuidar do pai doente e participar do terço na casa das pessoas”. E5 – “Sim, hoje posso cuidar da minha mãe, que está doente”.

#### Categoria 7 – Mudanças na família masculino

E1 – “Minha aposentadoria veio para somar às relações, faço trabalhos domésticos, estamos sempre juntos. Os filhos estão na faculdade. Gosto da vida que tenho”. E2 – “A queda do salário dificulta bastante, houve perda do poder aquisitivo, mas não na relação familiar. A esposa hoje complementa a renda”.

E3 – “Mudou em casa. Eu tinha um sonho de tocar violão; com o tempo mais livre, minha mulher me ensinou a tocar”. E4 – “Não, devido aos investimentos que fiz durante a vida”. E5 – “Sim, hoje fico mais junto da família, viajamos para participar de feiras”.

#### Feminino

E1 – “Aproximou mais o casal, pois fazemos programas juntos”. E2 – “Não houve mudanças, pois, quando mudei de cidade, trouxe meus filhos e netos para junto de mim”. E3 – “Considero que não mudou nada”. E4 – “Na família, não houve mudança, porque, graças a Deus, não dependo da aposentadoria para sobreviver, minha mãe deixou uma boa herança”. E5 – “Sim, hoje posso cuidar da minha mãe que está doente e me dedicar mais à família”.

Com base nos depoimentos, vê-se que a mudança maior ocorre com o sexo masculino. Para estes a mudança de vida é mais intensa, visto que deixam suas identidades profissionais e suas principais redes de relacionamentos. Já as mulheres desligam-se apenas de um de seus afazeres diários, que corresponde à sua identidade profissional, mas mantêm seu cotidiano familiar, diferentemente do que ocorre com os homens, que, nesse momento, intensificam seu convívio familiar.

Alguns entrevistados acrescentam não haver mudança no que diz respeito às relações

familiares, inclusive apontam melhora na convivência, mas queixam-se em relação a suas respectivas situações financeiras.

## Categoria 8 – Mudanças sociais

### Masculino

E1 – “Inevitável, mas continuamos com a rede de relacionamento. De vez em quando, nos reunimos em comemorações. Ficou mais disperso, mais restrito, por outro lado, desenvolvi novas atividades sociais para que antes não tinha tempo, participo ativamente de atividades religiosas da minha comunidade”.

E2 – “Perda das relações, mas novas surgiram. Mudou, a classe social mudou”. E3 – “Sim, eu tinha uma equipe dentro da fábrica, onde também convivíamos fora do ambiente de serviço, tínhamos um grupo onde tudo era planejado. Com a aposentadoria, isso acaba, demora em se readaptar, tive que fazer novas amizades, fui trabalhar na área de esporte, passei a viver uma experiência completamente diferente e que me dá prazer”. E4 – “Houve muitas mudanças, principalmente o tratamento em banco, hoje oferecem empréstimo vinculado à aposentadoria”. E5 – “Sim, minha mulher trabalhava com vendas em casa; com a aposentadoria, resolvemos abrir um comércio, hoje tenho um círculo de amizade bem maior”.

### Feminino

E1 – “Com relação à vida profissional que tinha, houve muita mudança, pois hoje tenho uma melhor qualidade de vida. Faço passeios, viagens, mantenho a rede social anterior com encontros e comemorações”. E2 – “Sim, muito. Mudei para outra cidade; no começo, foi difícil, mas hoje tenho mais amizade aqui do que na cidade anterior em que morei, participo de grupo da terceira idade”. E3 – “A parte social muda muito. Trabalhava com o público, e aí você perde esse vínculo. O que mudou mesmo foi o social, este me abalou”.

E4 – “Os amigos sumiram, cada um foi para um lado”. E5 – “Sim, mudou muito e para melhor. Aumentou o círculo de amizade, faço um serviço voluntário na escola, saio com as amigas para rezar o terço nas casas. Com isso, aumentaram as amizades”.

Tanto para os homens como para as mulheres, a vida social mudou sobremaneira. Houve perdas, adaptações e alterações na rede de relacionamento sentidas de forma positiva e prazerosa. Já as queixas quanto às mudanças referem-se, quase sempre, à perda da rede anterior e consequente identidade profissional sentida, mas é uma queixa

suprida pelas novas relações.

#### Categoria 9 – Qual a expectativa de futuro masculino

E1 – “Melhorou a qualidade de vida, estou tranquilo, não tenho mais a preocupação do trabalho, as cobranças e a tensão. Existe harmonia familiar, desenvolvi novas atividades”. E2 – “Sinto-me tranquilo, me sinto bem, não vejo expectativa de futuro no trabalho, gostaria de viajar, não desejo muita coisa, a família tem herança, que vai ficar para os herdeiros”.

E3 – “Peço a Deus saúde para continuar a fazer o que gosto”. E4 – “Melhorar condição de vida, poder viajar”. E5 – “Não parar de trabalhar. Muitos de meus amigos que pararam estão todos doentes”.

#### Feminino

E1 – “Tranquila, vivo intensamente, me sinto livre no cotidiano e para meus desejos.” E2 – “Ir para Portugal, rever os parentes”. E3 – “Ter uma atividade, não precisa ser remunerada, e viajar”. E4 – “Poder continuar viajando, coisa que eu fazia antes e, agora, devido a questões de doença, não estou podendo”.

E5 – “Viajar”.

Ao se investigar o desejo de se aposentar dos entrevistados, verificou-se que, apesar do temor pelo futuro desconhecido, há também a expectativa de mais qualidade de vida. Tanto os homens quanto as mulheres pensam em um futuro repleto de prazer, com viagens e outras atividades de lazer. Também esperam estar com saúde.

O trabalho constitui-se um fator determinante e importante na vida do indivíduo e, em grande parte de sua existência como adulto, influencia na identidade e em todas as esferas de seu relacionamento, seja familiar, social ou individual. Para Maslow (apud ZANELLI, SILVA; SOARES, 2010), o trabalho é, portanto, fonte de identidade e de autorrealização quando atende às necessidades básicas, fisiológicas e de segurança do indivíduo.

Antunes e Moré (2014) comentam que a interseção dos domínios da família e do trabalho na vida do indivíduo abrange os principais papéis exercidos por ele ao longo de sua vida. Por isso, deixar de trabalhar pode, muitas vezes, ser um desejo, mas, ao mesmo tempo, um temor, pois o ócio é visto como incapacidade e menos-valia por nosso sistema social.

Planejar a aposentadoria não é uma prática cultural de nosso país, existe uma tendência de não se preocupar com o futuro, postura essa explicitada por um dos entrevistados. Por outro lado, segundo Pimenta et al. (apud ANTUNES; MORÉ, 2014), é próprio das famílias de classe média apoiar a decisão ou o planejamento da aposentadoria, pois, por mais que se pense em perda de poder aquisitivo, essa classe entende que será possível adaptar-se e sobreviver.

De acordo com Santos (apud MURTA; LEANDRO-FRANÇA; SEIDL, 2014), é comum os homens terem mais dificuldade em se adaptar à aposentadoria. Na própria amostra da presente pesquisa, observa-se que os representantes do sexo masculino tendem a procurar uma atividade que reforce o orçamento, agora reduzido. Já as mulheres parecem mais tranquilas e pensam em atividades que lhes tragam prazer pessoal, sem que haja, necessariamente, percepção pecuniária.

Para Figueiredo (2005), a atividade de voluntariado pode tornar-se um facilitador dessa passagem, por possibilitar que o indivíduo exerça suas potencialidades profissionais sem a pressão do trabalho formal.

Observa-se, com base nas entrevistas, que as perdas da rede social de trabalho são sentidas, mas todos conseguem formar novas redes gratificantes. Quanto à família, todos os entrevistados reportam que a aposentadoria proporcionou um convívio familiar mais íntimo, com o desempenho de novos papéis e atividades. Todos superaram o temor da perda da identidade e demonstraram gostar da nova condição e tarefas.

Em estudo, Antunes e Moré (2014) explicam a importância do tempo dedicado ao trabalho na vida do indivíduo, regulando as relações familiares e sociais. Segundo os pesquisadores, a aposentadoria pode ser um momento de resgate da convivência familiar e ampliação das fontes de prazer; pode, ainda, tornar-se um momento de liberdade e desprendimento para novas conquistas e relacionamentos, como corroborado neste estudo.

É notável que, apesar de confirmada a perda salarial para alguns, todos relatam ter melhorado em termos de qualidade de vida.

Como o indivíduo se dedica ao trabalho por grande parte de sua vida – com o labor atravessando várias fases de seu ciclo vital, fases essas constituídas de características singulares e de obstáculos e crises –, a aposentadoria é encarada como um desafio, uma situação nova. Nesse contexto, o modo como o indivíduo lidará com a nova fase está diretamente relacionado com seu estilo de vida anterior, sua cultura e experiência de vida (CERVENY, 2015).

No que se refere ao planejamento da aposentadoria, constatou-se, por meio da amostra, que, independentemente de gênero, ambos submetem-se ao regime previdenciário do governo. Também se observou que a população, ainda que de forma geral, tem consciência de que no futuro poderá sofrer com a queda financeira decorrente da aposentadoria, mas, apesar disso, não adota livremente nenhum procedimento para mudar a situação que está por vir.

Nesta pesquisa, verificou-se que, no que diz respeito ao temor da aposentadoria, a situação financeira aparece em primeiro lugar, seguida da preocupação com a perda da rede social. Apesar de confirmada a perda salarial para alguns, todos afirmam ter melhorado em termos de qualidade de vida, confirmando o que Zanelli, Silva e Soares (2010) acreditam ser a aposentadoria: um momento de profunda reflexão para o indivíduo sobre sua vida, que o leva a rever e a ponderar o que realmente deseja e lhe é significativo.

Estudos de Antunes e Moré (2014) acrescentam a importância e o tempo de trabalho na vida do indivíduo como reguladores das relações familiares e sociais. Para eles, a aposentadoria pode ser uma fase de resgate da convivência familiar e ampliação das fontes de prazer, tornando-se um momento de liberdade e desprendimento para novas conquistas e relacionamentos.

Por fim, Figueiredo (2005) destaca outro fator importante para a adaptação à aposentadoria: o trabalho voluntário, que pode suprir o tempo ocioso e proporcionar bem-estar e sentimento de utilidade, por permitir a aplicação e a transmissão de habilidades, agora sem pressão.

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se, neste estudo, uma transição tranquila para a aposentadoria, mesmo quando ela não confirmou as expectativas para o futuro como aposentados. Nesse sentido, pode-se dizer que todos apresentaram uma boa adaptação e um estreitamento do vínculo familiar, desenvolvendo atividades mais intensas e desempenhando novos papéis com o envolvimento da família.

Os aposentados que se programaram para a aposentadoria com previdência privada relataram mais tranquilidade quanto à remuneração. Já os que não o fizeram, precisaram complementá-la com novas atividades remuneradas. Tal fato remete-nos à importância do planejamento para um período da vida em que nos encontramos mais fragilizados e vulneráveis, com limitações e, muitas vezes, ampliação dos encargos financeiros por questões familiares ou de saúde.

Apesar da perda do poder aquisitivo relatada e, em muitos casos, a necessidade de novas atividades laborais, estas são agora desenvolvidas em conjunto, o que aproxima mais o casal e a família. O fato de precisarem continuar trabalhando não parece impedi-los de se sentirem felizes e realizados.

Após o estudo da amostra que deu base para este trabalho, de característica mais particularizada, considerou-se proceder a novas pesquisas, com uma população mais abrangente, em que se mesclam classe média e trabalhadores de menor poder aquisitivo, para comparação.

Outra sugestão é que se realize uma pesquisa com uma amostra mais abrangente da mesma população. Assim, por intermédio de um questionário, podem-se confrontar os resultados obtidos nas diferentes amostras.

Para finalizar, cumpre esclarecer que este trabalho foi apenas um ensaio do que se pode esperar sobre o ser aposentado como uma experiência de vida, pois esta pesquisadora acredita que essa fase é uma experiência ímpar e multifatorial.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. M.; ALVES, S. C. A. Aposentei e Agora?: um estudo acerca dos aspectos psicossociais da aposentadoria na terceira idade. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/242250528>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

ANTUNES, M. H.; SOARES, D. H. P.; SILVA, N. Aposentadoria e Contexto Familiar: um estudo sobre as orientações teóricas da produção científica. *Perspectiva em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 3, número especial, p. 45-56, out. 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2014.72.03/4337>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ANTUNES, M. H.; MORÉ, C. L. O. O. Família, trabalho e aposentadoria: uma revisão da produção científica no cenário brasileiro. *Contextos Clínicos*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 145-154, jul./dez. 2014.

BRUNS, M. A. T.; ABREU, A. S. O Envelhecimento: encantos e desencantos da aposentadoria. *Revista da ABOP*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 5-33, jun.1997.

COSTA, L. F.; MALAQUIAS, J. V. Rede social e aposentadoria. In: MURTA, S. G.;

LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. (Org.). Programas de educação para a aposentadoria: como planejar, implementar e avaliar. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014. Cap. 11.

CERVENY, C. M. O. A Família Como Modelo: desconstruindo a patologia. 2. ed. São Paulo: Livro Pleno, 2011.

CERVENY, C. M. O. (Org.). Família E...: comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

\_\_\_\_\_. Manual de longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

GROISMAN, D. Da Velhice à terceira Idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.1, n. 10, p. 43-56, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702008000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MERTON, R. K. Sociologia: teoria e estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970. MURTA, S.G.; LEANDRO-FRANÇA, C.; SEIDL, J. Programas de Educação para

Aposentadoria: como planejar, implementar e avaliar. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2014.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. Desenvolvimento Humano. 7. ed. Porto Alegre: Artmed,

2000. SAAD, P. M. O idoso na grande São Paulo. São Paulo: SEADE,

1990. VARGAS, H. S. Psicologia do Envelhecimento. São Paulo: Fundo BykProcientx, 1983.

VENTURINI, D. O. Aposentadoria “Como premio” ou “Castigo”: avaliando as peculiaridades dos servidores da UFSM. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações Públicas) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

VERAS, R. P.; RAMOS, L. R.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 21, n. 3, jun. 1987. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101987000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101987000300007)>. Acesso em: 15 fev. 2016.

ZANELLI, J. C. Aposentadoria: percepções dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 18, 1994, Curitiba. Anais... Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1994, p. 26-45. v. 10.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. Orientação para Aposentadoria nas Organizações e Trabalho: construção de projetos para o pós-carreira. Porto Alegre: Artmed, 2010.

## **Capítulo 9- O impacto da aposentadoria da mulher na organização familiar na fase madura do ciclo vital da família**

Andreza Maria Neves Manfredini

Giovana Nogueira dos Santos

### **1 INTRODUÇÃO**

A participação da mulher no mercado de trabalho é uma realidade na atual sociedade. Considerando o público feminino que ocupa parte significativa da população ativa do país e o cenário de incertezas quanto às leis previdenciárias que propõem mudanças como prolongar o tempo mínimo de contribuição para aposentadoria e a diminuição da diferença de idade entre gênero é possível inferir um número maior de trabalhadoras optando por garantir seus direitos adquiridos e decidindo por aposentar-se.

Complementando, o último censo da população brasileira revelou crescimento da participação da mulher na população economicamente ativa. Os dados mostram que 22,9 % das famílias atuais tem como chefe uma mulher. O envelhecimento da população, e o subsequente aumento do número de idosos revela que 55,1% desse grupo é formado por mulheres. Essa conjuntura sinaliza mudanças significativas quanto à aposentadoria e quanto à função de chefe de família que eram tidas antes como predominantemente masculinas e tais indicadores são apontamentos da atual importância dos estudos que se voltam para a questão da aposentadoria da mulher.

Sendo assim, a aposentadoria da mulher é um fenômeno caracterizado por aspectos subjetivos, sociais, econômicos e culturais que tende a ocorrer na fase madura do ciclo vital familiar e envolve aspectos biopsicossociais.



Nesta perspectiva pretendeu-se compreender e analisar a organização familiar na fase madura sob o olhar da mulher aposentada. Diante dessa proposta direcionou-se o trabalho de pesquisa para identificar, analisar e compreender as repercussões positivas e negativas da aposentadoria da mulher na dinâmica familiar quanto à comunicação, à distribuição de papéis e a rede social, além de identificar se houve algum processo de preparação para a aposentadoria, tanto por iniciativa pessoal quanto por proposta da empresa ou do empregador.

Diante das considerações acerca do ciclo vital da família na fase madura, o fenômeno da aposentadoria da mulher merece atenção, pois se trata de um ato pessoal e social, sendo uma tomada de decisão com repercussões que extrapolam a vida pessoal da mulher aposentada. A aposentadoria reflete um conjunto de valores, crenças, culturas e expectativas que partem do microssistema familiar e denotam aspectos intergeracionais, atingindo níveis mais amplos da sociedade. Ademais, a aposentadoria da mulher dita uma fase de organização familiar, de revisão de objetivos e metas de vida, assim como de ressignificação de valores, crenças e relações.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1- A FAMÍLIA COMO SISTEMA**

Pela perspectiva sistêmica, é essencial a contextualização do fenômeno, a ampliação do foco e das circunstâncias para que, numa relação intrassistêmica e interssistêmica seja possível a compreensão da realidade e dos fenômenos (VASCONCELOS, 2002).

Pensando a família como um sistema de relações, pode-se defini-la com base em Cerveny (2011), entendendo a família como um sistema ativo em permanente transformação, com capacidade autorreguladora que propicia a continuidade e o desenvolvimento psicossocial como um sistema grupal e, também, com legitimidade para a diferenciação e particularidades de seus membros. Assim, a família não é estática, ela passa por processos de mudanças, sendo importante a compreensão individual dos membros familiares e também de sua interação entre si para compreender de forma mais ampla e global tal fenômeno sistêmico. A família é um espaço de transmissão de valores, crenças, significados e conhecimentos agregados ao longo de gerações, que possibilita o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivas e sociais. Sendo assim, do ponto de vista social e cultural, o sistema familiar pode oportunizar o desenvolvimento e o bem-estar dos seus membros, o que pode ser

facilitado pela comunicação estabelecida entre si e pelas interações que envolvem afeto, reciprocidade, estabilidade e confiança (SILVA; SILVA, 2014).

A fase madura é o terceiro ciclo vital da família, sobre a qual recai o interesse da presente pesquisa, justamente por ser neste período em que ocorre o fenômeno da aposentadoria da mulher.

De acordo com Carbone e Coelho (2010), a fase madura tem início quando o filho atinge a idade adulta e, conseqüentemente, impõe mudanças na dinâmica do relacionamento entre ele e seus pais. É uma fase marcada por transições importantes, como a saída do filho de casa e a reestruturação conjugal. Para os pais, é um momento de rever as metas de vida a partir da maior liberdade e disponibilidade de tempo e, também, um desafio pessoal pela perda do papel funcional em razão da aposentadoria, causando diversas mudanças no padrão de vida. Além da saída do primeiro filho de casa, há outras características marcantes dessa fase que devem ser pontuadas, como a inclusão da terceira geração e parentes por afinidade no sistema familiar e a necessidade de se dedicar aos cuidados com a geração mais velha. Esse conjunto de possíveis fatores leva a uma conseqüente readaptação nos relacionamentos, nas interações, na comunicação, nos valores e significados dos padrões familiares previamente estabelecidos, o que ressoa na dinâmica familiar. É um momento nos quais pais e filhos se reconhecem com igualdade quanto ao desenvolvimento humano e a distância entre as identidades nos papéis de pai e filho diminuem.

No tocante à mulher e seu cônjuge, a fase madura apresenta-se com uma redução estrutural da família, devido à saída do primeiro ao último filho do lar, o que sinaliza uma mudança de investimentos dos pais em seus filhos, direcionando um novo foco ao casamento e a si mesmos. É importante frisar que a perda funcional do papel materno pode trazer uma dificuldade maior de adaptação neste período para a mulher.

Somado às considerações já apresentadas, Carbone e Coelho (2010) salientam que, em alguns casos, na fase madura surgem novos papéis para a mulher, pois ela se torna cuidadora da geração mais velha e ao mesmo tempo passa a desempenhar a função de avó, dispensando atenção com a geração mais nova. Assim, a mulher concilia a percepção de finitude e de continuidade entre as gerações.

## **2.2- A COMUNICAÇÃO NA FASE MADURA DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

No que refere à comunicação, Watzlawick Beavin e Jackson (2000) propõem que, partindo do axioma metacomunicacional da pragmática da comunicação, não há possibilidade de não se comunicar. Assim, segundo tal proposição, qualquer comunicação implica um cometimento, um compromisso, e, por conseguinte, define a relação. Em desdobramento, tem-se que a relação se dá por aspectos verbais e não verbais, os quais implicam na transmissão de informações e na imposição de comportamentos que envolvem uma relação.

Watzlawick, Beavin e Jackson (2000) ainda complementam que todo indivíduo na família está relacionado de modo dependente ao comportamento dos demais membros. Os autores asseveram ainda que, pressupondo que todo comportamento é comunicação e ao considerar que a análise de uma família vai além da soma das análises dos seus membros individuais, isso remete aos padrões de interação que transcendem as qualidades dos membros individuais.

A fase madura do ciclo vital familiar é marcada por um momento de transição, no qual a família nuclear se reorganiza e em que estão presentes ambiguidades e conflitos. A saída dos filhos de casa, seja para ingressar em curso superior ou por outros motivos, implica ao filho um distanciamento dos pais em busca de sua individuação e autonomia, e esse contexto leva aos pais um acréscimo em sua visão de mundo (CARBONE, COELHO, 2010).

Tais mudanças do indivíduo que vivencia a fase madura do ciclo vital, seja pela saída dos filhos de casa, seja pela chegada de novos membros, como netos, nora, genros e integrantes por afinidade, ou ainda por novos papéis que passam a ser desempenhados, levam esses sujeitos a desenvolverem suas próprias interações, além de novas competências, por organizarem e desorganizarem, integrarem e desintegrarem padrões, normas, valores, regras e crenças na comunicação e interação entre si (CARBONE, COELHO, 2010).

Outro ponto a salientar, como expõe Carbone e Coelho (2010), é referente às circunstâncias da fase madura familiar, que apresenta duas facetas e suas consequências para o indivíduo: a velhice e o papel de avó (no caso da mulher), a sensação de controle sobre a própria vida em razão de os filhos se tornarem independentes e adultos, além de uma amplitude de cuidados, papéis e resoluções com relação à geração mais velha.

### **2.3- A REDE SOCIAL NA FASE MADURA DO CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

A construção de uma rede social é um processo dinâmico, coletivo e individual e permanente ao longo da vida, vinculado ao tempo e às circunstâncias. Nesse processo, como exposto por Sluzki (2003), existem membros da rede social que são agregados ou eliminados, no aspecto prático e emocional, ou ainda que se deslocam de uma esfera ou quadrante para outro, a depender das características da relação e com possíveis mudanças em suas funções.

A rede social do indivíduo desempenha um importante papel na saúde e no bem-estar dos indivíduos. Como aponta Sluzki (2003), há evidências de que uma rede social pessoal estável, sensível, ativa e confiável é fator de proteção contra doenças, atuando como agente de ajuda e encaminhamento, auxiliando na utilização de serviços de saúde e favorecendo os processos de cura. O autor ainda enfatiza que existem outras variáveis: pessoas menos integradas socialmente têm prejuízo na qualidade de sua saúde, pois há uma correlação direta entre qualidade da rede social e qualidade da saúde.

Há situações em que a presença ou a ausência de uma rede social ativa e acessível afeta de modo positivo ou negativo a saúde da pessoa. No âmbito de prática social, a rede proporciona uma retroalimentação cotidiana a respeito dos desvios de saúde que favorecem os comportamentos corretivos de atividades pessoais que se associam positivamente com a sobrevivência (SLUZKI, 2003).

Ainda na perspectiva da rede social, Oliveira e Cerveny (2011) evidenciam que na fase madura emerge uma remodelagem nas relações familiares, com mudanças na dinâmica das relações parentais, já que a passagem do filho para a vida adulta é o grande marco dessa fase, e também no aspecto conjugal, pois é possível estabelecer novos objetivos de vida para o casal, com maturidade e possibilidade de rever valores e significados, assim como também pode ocorrer o rompimento do laço conjugal.

Nessa fase, como exposto por Oliveira e Cerveny (2011), os membros da família tendem a buscar uma adaptação às mudanças, acomodando a estrutura e o funcionamento da família, que envolve o ajustamento da rede social às realidades desse período, com a incorporação de novos papéis à medida que se ganha e perde membros, além da resignificação de papéis, valores, costumes e relações hierárquicas.

Conforme asseguram Oliveira e Cerveny (2011), a fase madura do ciclo vital da família é a mais longa do ciclo vital familiar, e nela está presente o processo de aposentadoria, com as dificuldades financeiras que podem advir com a reestruturação financeira e do poder aquisitivo e também com os prazeres e a satisfação que essa fase oportuniza.

Ao se aposentarem na fase madura, a depender da situação pessoal, é possível que alguns tenham a percepção de viver a aposentadoria de modo prazeroso, em função da liberdade em relação às obrigações rotineiras, o que leva à possibilidade de novas atividades com novos estilos de vida. Por outro lado, concomitantemente, a aposentadoria pode também ser vista como desafio, pois além de mudanças financeiras, o ato de aposentar-se reflete na identidade do indivíduo, e, por esse aspecto, adaptar-se às novas atividades é fundamental (OLIVEIRA, CERVENY, 2011).

#### **2.4- PAPEIS FAMILIARES NO CICLO VITAL**

Conforme Minuchin e Colapinto (1999), as famílias possuem uma estrutura que impõe padrões de interação recorrentes e previsíveis, os quais refletem as filiações, tensões, hierarquias e papéis, atribuindo significado para os comportamentos e relacionamentos. As pessoas que são emocionalmente próximas compartilham padrões múltiplos de aliança e prestam apoio mútuo. Os padrões de organização da hierarquia do poder, dos papéis e de autoridade estão presentes em todas as famílias e definem as fronteiras, as decisões tomadas, o controle de comportamentos e a dinâmica de regras implícitas ou explícitas dos seus membros (MINUCHIN, COLAPINTO, 1999).

Vários indivíduos podem se agrupar num único subsistema com funções específicas diferentes, como também um indivíduo pode, na mesma família, pertencer a diversos subsistemas ao mesmo tempo, o que leva esta pessoa a possuir diferentes níveis de poder e de habilidades necessárias aos papéis que ocupa. No decorrer do tempo, haverá mudanças e rearranjos de papéis, hierarquia, fronteiras e autoridade entre os membros da família à medida que o ciclo vital familiar se desenvolve. (MINUCHIN, COLAPINTO, 1999).

De modo mais enfático, Minuchin e Colapinto (1999) apontam que, conforme a geração dos pais envelhece, as fronteiras são modificadas, o que reflete nas necessidades dessa primeira geração, tendo como consequência o envolvimento cada vez maior dos filhos em sua saúde e em seu bem-estar. Ao passo que crescem, os filhos desenvolvem maior autonomia e privacidade, indiciando outro tipo de mudança de fronteira diante do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo.

As famílias, de acordo com Minuchin e Colapinto (1999), passam por previsíveis períodos de transição durante seu ciclo vital, dado ao crescimento, desenvolvimento e mudanças dos indivíduos e de seus subsistemas, assim como também pode ocorrer acontecimentos inesperados e vicissitudes da vida pós-moderna

que intervém para modificar a realidade familiar. Diante dessas alterações nas circunstâncias e contextos, a família se depara com períodos de desorganização. Nessa perspectiva, os papéis até então desempenhados e os padrões de interação e de funcionamento do sistema e subsistemas familiares precisam ser readaptados para se tornarem funcionais e disponíveis (MINUCHIN, COLAPINTO, 1999).

As famílias definem seus membros com relação às qualidades e papéis dos outros, ou seja, pela interação construcionista de complementaridade que envolve o reconhecimento de qualidades, contenção de certos comportamentos, havendo restrição ou estímulo à exploração, sendo que tais aspectos se refletem na concepção do *self* do membro familiar (MINUCHIN, COLAPINTO, 1999).

## 2.5- APOSENTADORIA

Aposentar-se, além de ser um ato de comportamento pessoal, é também um ato social e econômico que merece uma atenção tanto da economia como da psicologia.

Conforme disposto por Van Raaij (2006, apud MANFREDINI, 2007), a psicologia econômica é uma ciência que se situa na interface da economia e da psicologia. Os comportamentos associados ao dinheiro, ao tempo e ao esforço fazem parte da psicologia econômica, assim como os efeitos da economia, que afetam os indivíduos e as ações dos indivíduos sobre a economia, fazem parte dessa ciência.

Ferreira (2008) corrobora com a interdisciplinaridade das teorias econômicas e psicológicas ao dispor que a tomada de decisão é parte integrante de todas as áreas que se dedicam ao estudo do comportamento econômico, em diferentes vertentes, pois avaliar e escolher são ações presentes em qualquer ato econômico.

Tomando por pressuposto a perspectiva sistêmica, o indivíduo, ou mais precisamente neste caso, a mulher aposentada, se encontra inserida em vários microssistemas que se interligam ente si. Essa inter-relação entre questões culturais, sociais, econômicas, juntamente com os padrões e crenças que a mulher, como tomadora de decisão, traz pela intergeracionalidade familiar, refletem-se na escolha por aposentar-se e nas expectativas quanto ao futuro advindas dessa escolha.

Tendo em vista que o sujeito do fenômeno da pesquisa proposta é a mulher, vale tecer algumas considerações sobre as diferenças de gênero implicadas sobre a mulher aposentada especificamente.

Conforme disposto por Ferreira (2008), entender as atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres frente ao dinheiro apontam para a compreensão

de questões de domínio e determinismo do que se espera de cada um deles. Culturalmente, assim como o trabalho doméstico é considerado domínio feminino, o dinheiro é visto como domínio masculino, o que interfere nos processos de tomada de decisão. Enquanto as mulheres tendem a usar o dinheiro como um meio para atingir seus objetivos e os de suas famílias, para o homem o dinheiro é um fim em si mesmo, representando poder.

Durante o ciclo de desenvolvimento do indivíduo, como afirmado em Ferreira (2008), as pessoas enfrentam diversos problemas econômicos ao longo da vida, partindo da infância, passando pela entrada na vida econômica adulta, passando pelo comportamento econômico na família, até finalmente atingir a maturidade e posteriormente a aposentadoria.

A aposentadoria pode apresentar várias definições e conceitos. Segundo Zanelli, Silva e Soares (2010), os dicionários registram os termos pôr de parte, de lado e recolher-se aos aposentos como sinônimos da aposentadoria. Outra representação para aposentado é a denominação de inativos, remetendo a não estar em atividade, não manifestar ação, em estado inoperante ou não funcionando. A percepção introjetada por esses significados representa o mundo moderno, no qual o sistema produtivo é a base da sociedade, seguindo a lógica do capital e do lucro. Ao se valorizar apenas o indivíduo que produz do ponto de vista racional e econômico, deprecia-se o ser humano e perpetua-se a crença da aposentadoria atrelada à velhice e à morte, e, ainda que inconscientemente, o aposentado tende a se comportar seguindo a expectativa social como verdadeira e autorrealizável.

A ideia sobre o tempo construída socialmente na aposentadoria esta ligada ao ócio, ao não fazer nada e a deixar a vida se levar. Nessa linha de raciocínio, ao interromper-se a vida laborativa, as perdas de vínculos sociais estabelecidos neste contexto podem levar a prejuízos na qualidade de vida do trabalhador, gerando sentimentos de inutilidade, de solidão e de baixa autoestima (ZANELLI, SILVA, SOARES, 2010).

O fenômeno da aposentadoria se reflete na identidade pessoal e ocupacional do trabalhador. O rompimento das relações de trabalho tem impacto indiscutível na vida das pessoas, ainda que apresente variações e particularidades do contexto cultural, social e econômico de cada indivíduo. A aposentadoria representa bem mais que o término de carreira. Aposentar-se implica em rompimento de vínculos, troca de hábitos

cotidianos e imposições de mudança no mundo pessoal e social (ZANELLI, SILVA, SOARES, 2010).

O fato é que o trabalhador busca alternativas e adaptações para conviver com esse momento de transição, no qual se constata um movimento de organização na rede de contatos interpessoais e nas formas de ocupar o tempo, o que leva ao desenvolvimento de novos comportamentos e novas auto percepções (ZANELLI, SILVA, SOARES, 2010)

Nesse contexto, viver a aposentadoria pode ser um momento de oportunidade para o desenvolvimento pessoal, sendo terra fértil para se explorar potencialidades, fontes de prazer, maturidade e crescimento, ou, por outro lado, um ciclo de desequilíbrios e infortúnios. A condição de aposentado ou a proximidade de decisão pode possibilitar a reflexão sobre suas relações estabelecidas até então, entre os espaços de vida no trabalho, na família e demais instâncias de sua vida pessoal. É um momento em que o indivíduo se põe a rever a qualidade das relações com a família e amigos, os *hobbies* e interesses além do trabalho, o voluntariado, aspectos espirituais, dentre tantas outras questões (ZANELLI, SILVA, SOARES, 2010).

### 3 MÉTODO

A metodologia apresenta delineamento qualitativo, em nível exploratório e procedimento de pesquisa de estudo de caso, com aplicação da técnica de entrevista como instrumento para coleta de dados, juntamente com levantamento bibliográfico. A abordagem qualitativa se caracteriza por apresentar descobertas não encontradas através de procedimentos estatísticos ou demais quantificações, baseando-se em dados obtidos da vida do indivíduo, experiências, comportamentos, emoções e sentimentos, além de funcionamento organizacional, movimentos sociais e fenômenos culturais (STRAUSS, CORBIN, 1998 apud MANFREDINI, 2007).

O projeto de pesquisa foi devidamente submetido ao comitê de ética e pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté e após análise foi aprovado pelo parecer 2.191.703.

Os participantes foram recrutados por acessibilidade com a técnica bola de neve, entendida de acordo com Oliveira (2005, apud MANFREDINI 2007), como a busca de pessoas por meio de indicações pela rede social. O critério de inclusão dos participantes contemplou três mulheres aposentadas no período de seis meses a três anos que vivenciavam a fase madura do ciclo vital familiar, conforme segue:



#### Participante I

Y.M.C.S, 57 anos, aposentada há 09 meses, solteira, possui uma filha de 21 anos com a qual reside e possui renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos.

#### Participante II

M. L. O. D. T., 55 anos, aposentada há 01 ano e 9 meses, vive em união estável, tem quatro enteados e quatro netos, reside com o companheiro, dois enteados, um genro e um neto e possui renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos.

#### Participante III

S. A. B., 53 anos, aposentada há 10 meses, vive em união estável, tem uma enteada reside com o companheiro e possui renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos.

Utilizou-se a aplicação de entrevista semiestruturada, por meio de roteiro de perguntas com base nos objetivos do estudo e na literatura científica levantada. Richardson (1999) complementa que a entrevista semiestruturada possibilita uma conversação guiada com levantamento de informações detalhadas para serem utilizadas em uma análise qualitativa, que busca a compreensão de como e por quê algo ocorre por meio de informações do entrevistado sobre fatos que ele conhece ou vivencia.

Ainda quanto à entrevista, Cunha (2008) esclarece que a livre elaboração da entrevista tem como pressuposto o conhecimento das metas, o papel de quem a conduz e os procedimentos para se atingir o objetivo. Por esse entendimento, a entrevista semiestruturada é um instrumento no qual o entrevistador expressa com clareza seus objetivos, ciente do tipo de informação necessária para atingi-los e de como essa informação deve ser obtida, estabelecendo assim perguntas sugeridas que permitem a padronização e categorização dos dados, o aumento da confiabilidade e a criação de um registro permanente.

Assim, foram elaboradas seis categorias com base nos objetivos para análise do conteúdo, sendo essas, as repercussões positivas da aposentadoria, as repercussões negativas da aposentadoria, as mudanças na comunicação familiar, os papéis e funções da mulher aposentada na família, as mudanças na rede social da mulher aposentada e a preparação para a aposentadoria.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos objetivos de compreender e analisar a organização familiar na fase madura do ciclo vital sob o olhar da mulher aposentada pautando-se nas categorias

elaboradas foi possível pontuar o funcionamento dinâmico e interdependente dos membros familiares. Isto se deve porque qualquer mudança ou transformação em um dos subsistemas pode acarretar em alterações nos demais níveis de interação comunicativa e de cumprimento de papéis, assim como também modificar a estrutura financeira e aquisitiva do sistema familiar. Foi possível ampliar o conhecimento acerca do fenômeno de aposentadoria da mulher e de seus reflexos no sistema familiar. A análise dos dados possibilitou a compreensão das mudanças, das ressignificações e das expectativas da fase madura do ciclo vital a partir do fenômeno da aposentadoria da mulher.

#### Categoria I- Repercussões positivas da aposentadoria

Vislumbra-se um panorama em termos positivos quanto a melhor qualidade de vida e saúde da mulher, maior disponibilidade de tempo após a aposentadoria e oportunidade de se autorregular por escolhas próprias aos seus interesses sem comprometimento de outras áreas e relações.

#### Categoria II- Repercussões negativas da aposentadoria

No viés negativo, indicou-se a preocupação com o ócio, a maior dificuldade de acesso e suporte das instituições a aposentada, a falta de convívio social laborativo como sinais emergentes da singularidade de cada sistema familiar, assim como da subjetividade de cada participante.

#### Categoria III- Mudanças na comunicação familiar

Quanto à comunicação familiar, esta se mostrou mais eficiente, seja nos aspectos interativos por maior disponibilidade de tempo ou a importância que essas relações tomam a medida que se diminui o convívio na rede social extrafamiliar ou ainda pela ênfase de atenção à geração mais velha, no que se refere às demandas que essa fase do ciclo vital apresenta e pelos novos papéis e responsabilidades que passam a ser assumidas pelas gerações mais novas.

#### Categoria IV- Papéis e funções da mulher aposentada na família

Outro resultado se relaciona ao desempenho de papéis esperado por terceiros frente à mulher aposentada. Tendo em vista a fase de transição familiar, as mulheres aposentadas passam a assumir papéis e responsabilidades que lhe são atribuídas implícita ou explicitamente pelas relações e interações próprias de cada sistema.

#### Categoria V- Mudanças na rede social da mulher aposentada

Quanto à rede social da mulher aposentada, percebeu-se a busca por novos círculos sociais como forma de expandir seus contatos, o que traz reflexos para o bem estar e saúde psicoemocional da mulher e de sua família.

#### Categoria VI- Preparação para aposentadoria

No tocante à preparação para a decisão de aposentar-se, foi possível perceber a importância de um processo subjetivo e reflexivo da mulher quanto às mudanças psicossociais e econômicas que envolvem a fase madura do ciclo vital. Houve como apontamento mais relevante e desejável que exista um preparo em longo prazo para a tomada de decisão de se aposentar, uma vez que a decisão envolve planos e metas tanto individuais quanto coletivas, pois influenciam todo o sistema de relações da mulher. A proposta de projetos de preparação para aposentadoria por iniciativa das empresas empregadoras merece atenção sinalizando-se a importância de se avaliar e considerar o perfil e particularidades dos integrantes aos quais é dirigido para que seja de fato eficiente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos resultados da pesquisa, pode-se ampliar o conhecimento acerca do fenômeno de aposentadoria da mulher e de seus reflexos no sistema familiar por meio da amostragem de três estudos de casos.

A análise dos dados levantados possibilitou alcançar um conjunto de informações, contextos e perspectivas que colaboraram para a compreensão das mudanças, das ressignificações e das expectativas da fase madura do ciclo vital, a partir do fenômeno da aposentadoria da mulher.

A melhora na qualidade de vida e na saúde após a aposentadoria e a disponibilidade do tempo foi apontada como fatores de relevância para a família, pois apresentava oportunidades de a mulher aposentada se autorregular e de conduzir suas escolhas por interesse, sem que houvesse comprometimento de outras áreas e relações. No viés negativo, indica-se a preocupação com o ócio, a maior dificuldade de acesso e suporte das instituições ao aposentado, e a falta de convívio social e laborativo como sinais emergentes das singularidades de cada sistema familiar, assim como também da subjetividade de cada participante.

Em um contexto mais específico da comunicação familiar, esta se mostra mais eficiente, seja no tocante aos aspectos interativos por haver maior disponibilidade de tempo, ou pela importância que essas relações tomam na medida em que se diminui o

convívio na rede social extra familiar, ou ainda pela ênfase na geração mais velha – no que se refere às demandas que essa fase do ciclo vital apresenta, e pelos novos papéis e responsabilidades que passam a ser assumidos pelas gerações mais novas.

Outro resultado do trabalho está relacionado ao desempenho esperado de alguns papéis, pois, tratando-se de uma fase de transição familiar, as mulheres aposentadas passam a assumir também papéis e responsabilidades que lhe são atribuídas implícita ou explicitamente pelas relações e interações próprias de cada sistema, como o de cuidadora do lar, vinculado no imaginário popular como uma atribuição tipicamente feminina.

Quanto à rede social da mulher aposentada, percebeu-se a busca por novos círculos sociais como forma de expandir seus contatos, sendo esse um aspecto que interfere na saúde e no bem-estar da mulher e se reflete em seu sistema familiar, já que a tendência é de que a rede social extrafamiliar diminua, sendo necessárias iniciativas para contornar o sentimento de solidão ou vazio provocado pela nova realidade.

Como desdobramento final da pesquisa, no que diz respeito à preparação para a decisão de se aposentar, foi possível perceber a importância da reflexão quanto às mudanças psicossociais e econômicas que envolvem a fase madura do ciclo vital. Evidenciando um desejável preparo e organização em médio e longo prazo afim que a aposentadoria seja uma fase vivida pela mulher com satisfação e realização, uma vez que a decisão envolve planos e metas tanto individuais quanto coletivas que influenciam todo o sistema de relações da mulher.

## REFERÊNCIAS

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper; BERGAMI, BARRUEZO, Nancy Benedita. Família em fase de aquisição. In: Cerveny, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. (Cols). Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 3, p. 49-71.

BERTHOUD, Cristina Mercadante Esper. Visitando a Fase Adolescente. In: Cerveny, C.M.O; Berthoud, C. M. E. (Cols). Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 3, p. 59-84.

CARBONE, Adriana; COELHO, Maria Renata Machado. A família em fase madura. In: Cerveny, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. (Cols). Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 5, p. 102-117.

CERVENY, C, M. O. Ciclo Vital. In: Cerveny, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. (Cols). Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 1, p. 24-29.

CERVENY, Ceneide; Maria de Oliveira. Visitando a família ao longo do ciclo vital. In: Cerveny, C. M. O; Berthoud, C. M. E. (Cols) 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 6, p. 161-169.

COELHO, Maria Renata Vaz Pinto. Visitando a fase última. In: Cerveny, C.M. O; Berthoud, C. M. E. (Cols). Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 5, p. 127- 159.

FERREIRA, V. R. M. **Psicologia econômica**: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Manfredini, A. M. N. **Pais e filhos**: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição. 213 f. Dissertação (mestrado em psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S.. *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

NEVES, Ricardo. Eternamente Jovem. Você S/A, São Paulo, n. 8, p. 10-11, set. 2016.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Visitando a fase madura. In: Cerveny, C.M. O; Berthoud, C. M. E. (Cols). Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Cap. 4, p. 85-126.

RESCHKE, Cibele. A reforma inadiável. Você S/A, São Paulo, n. 8, p. 14-21, set. 2016.

RICHARDSON, J. R. (Cols). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, B. T.; SILVA, M. R. S. Necessidades e preocupações dos pais em diferentes etapas do ciclo vital. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 67, n. 6, p. 957-964, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672014000600957&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672014000600957&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 17 fev.2017.

SILVA, Jair Lourenço; ALVES, Lourdes Faria; COELHO, Maria Renata Machado. A família em fase última. In: Cerveny, C. M. O.; Berthoud, C. M. E. (Cols). Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. Cap. 6, p. 122-129.

SLUZKI, Carlos . **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**, Campinas: Papirus, 2002.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. **Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

## **Capítulo 10- IDOSO E INTERNET: inclusão ou exclusão?**

Vera Lúcia Lopes Monteiro

Ceneide Maria de Oliveira Cervený

### **1 INTRODUÇÃO**

No mundo contemporâneo a informação e a tecnologia são fundamentais. Com o início da internet, o homem passou a acessar a informação com mais rapidez, o que trouxe muitas facilidades e progresso, mas também a necessidade de atualização, disposição para capacitar-se e adequar-se às novas ferramentas que surgem diariamente. Esse dinamismo da informação fascina a todos, principalmente os mais jovens, também conhecidos por nativos digitais. E os idosos, como estão vivenciando essa explosão de informações da internet e mudanças tecnológicas? O que eles vêm fazendo para adequar-se a tecnologia? Que mudanças perceberam que houve em suas vidas por causa da internet? Como estão usando esses recursos tecnológicos? Será que aplicativos auxiliaram no aumento da rede social desses idosos? Qual a importância da internet na qualidade de vida dos idosos?

Compreender e identificar como é a interação dos idosos com a internet e qual é a sua relevância para a qualidade de vida dessa população foi a pergunta que motivou esta pesquisa, que tem como objetivos específicos compreender a importância da internet como ferramenta de inclusão digital; identificar e compreender a frequência do

uso de internet e ferramentas utilizadas pelos idosos; os impactos positivos e/ou negativos da internet nas relações sociais e familiares desses idosos e como o uso de aplicativos auxilia no aumento da rede social dos idosos; além de compreender como os idosos usam a internet na relação com as gerações de filhos e netos.

A pesquisa foi realizada com idosos acima de 70 anos que utilizam a internet e que residiam em duas cidades do Vale do Paraíba/SP.

Pesquisas que visam melhorar a qualidade de vida dos idosos e fomentem a criação de recursos tecnológicos que sejam facilitadores de socialização são imprescindíveis, principalmente porque a tendência é de que a população idosa aumente ainda mais nos próximos anos, já que estudos apontam que a expectativa de vida está aumentando em todo o mundo e o número de idosos cresce em proporção maior que o de natalidade, pois as famílias estão reduzindo o número de filhos, ocasionando o que os estudiosos chamam de pirâmide populacional invertida, o que é configurada pelo crescente número de idosos em relação à população de jovens. (SANTOS; MOREIRA, 2015).

Por esse motivo o presente estudo é relevante por tratar-se de um assunto novo e buscar compreender como os idosos utilizam a internet e quais as ressonâncias desse hábito em suas vidas. Também possibilita aos profissionais da área da tecnologia repensar adequações na fabricação de instrumentos visando aprimorar a acessibilidade para essa faixa etária que a cada dia está mais interessada em atualizar-se e utilizar a tecnologia como facilitador no seu dia a dia.

Com relação a buscar a qualidade de vida dos idosos, a Internet possibilita o acesso a qualquer tipo de informação e diminui a barreira do tempo e do espaço, permitindo o contato com diversificados assuntos, facilitando a informação, entretenimento, educação continuada a todos os idosos, sobretudo àqueles que têm dificuldades de locomoção. Porém, da mesma maneira que percebemos as vantagens com relação ao uso da internet por idosos, também há a necessidade de se escutar essa população para perceber as dificuldades que eles enfrentam ao navegar pela internet.

Este capítulo está organizado com uma breve contextualização teórica dividida em dois capítulos com os temas: O tornar-se idoso no mundo contemporâneo, sua relação com a família e a qualidade de vida e no segundo capítulo foi abordada a relação do idoso e tecnologia, posteriormente vem o método utilizado para fundamentar este trabalho que foi a pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa com

delineamento de estudos de casos múltiplos, seguido dos resultados alcançados e discutidos à luz da teoria.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 – O TORNAR-SE IDOSO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E A QUALIDADE DE VIDA

#### 2.1.1- TORNAR-SE IDOSO: QUALIDADE DE VIDA E OS IMPACTOS SOCIAIS

O envelhecimento é entendido como um processo do ciclo vital que engloba fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. De acordo com Garcia (2001), o envelhecimento embora seja um processo natural de todos os seres vivos, é percebido de forma diferente dependendo da cultura, dos costumes e tradições. Papalia, Olds e Feldman (2009), afirmam que uma classificação da velhice mais significativa é pela idade funcional, e a caracterizam de duas formas, como envelhecimento primário que é o processo gradual e inevitável de deterioração corporal que começa cedo na vida e continua ao longo dos anos e também como envelhecimento secundário que é constituído pela consequência de doença, de abuso e de ausência de uso de medidas preventivas; Alimentando-se bem e mantendo-se fisicamente em forma, é possível evitar os efeitos secundários do envelhecimento. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define como idoso todo indivíduo com 60 anos ou mais, porém para a formulação de políticas públicas, esse limite mínimo pode variar, já que a idade cronológica não é um indicador preciso para as alterações que acompanham o envelhecimento, pois pode haver grandes variações quanto a condições de saúde, nível de participação na sociedade e nível de independência entre as pessoas idosas, em diferentes contextos.

Em vários países, as populações estão envelhecendo. Estudos revelam que o número de pessoas idosas aumenta em ritmo maior que o número de pessoas que nascem. No Brasil, o crescimento da população idosa tem sido sistemático e consistente, fato esse já observado no Censo de 2002 e reforçado nos últimos dez anos, porém o envelhecimento da população está levando o país a uma situação econômica difícil e que requer planejamento, pois os recursos disponíveis não são suficientes para a demanda e a população econômica ativa tende a ser menor que os que se aposentaram ou estão perto da aposentadoria. (SANTOS; MOREIRA, 2015)



O aumento da qualidade de vida das pessoas propicia a longevidade. Os estudos apontam que em 2020, o Brasil pode ser o sexto país do mundo em número de idosos, com mais de 30 milhões de pessoas, fato que inverteria a pirâmide etária, necessitando de mais investimentos para que essa população tenha um processo de envelhecimento ativo. (VERAS, 2009 apud MONTEIRO et. al In CERVENY, 2015).

Há várias definições para qualidade de vida, pois além de questões culturais e sociais, também tem o olhar subjetivo do indivíduo. De acordo com Pereira (2004 apud MONTEIRO et. al In CERVENY, 2015), qualidade de vida pode ser compreendida pela descrição e atendimento das condições de vida, observando-se fatores como educação, saúde, bem-estar físico, mental, psicológico, emocional e a expectativa de vida. A Organização Mundial da Saúde define qualidade de vida como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida e os valores, objetivos, expectativas, padrões e preocupações por ele vivenciados. Para alcançar a qualidade de vida, deve-se levar em conta o idoso e o ambiente no qual está inserido, ou seja, o contexto familiar e social, sendo assim há variações quanto a essa percepção (MONTEIRO et. al In CERVENY, 2015).

## **2.2 - A IDENTIDADE DO IDOSO E A FAMÍLIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Para refletir sobre a identidade do idoso no mundo contemporâneo se faz necessário pensar em que contexto social e familiar ele esteve ao longo do ciclo vital e que esse idoso pode estar vivenciando a transição entre as Fases Madura e Última do Ciclo Vital. Nesta pesquisa os participantes selecionados pertencem a Fase Última do Ciclo Vital que tem como características a aposentadoria de ambos ou um dos cônjuges, perda da autonomia, fragilidade física, viuvez. Nesta fase há a volta do modelo de diáde conjugal e o investimento que antes era voltado para os filhos volta a ser como no começo do casamento, apenas para o casal (CERVENY; BERTHOUD, 2002).

Os contatos sociais ficam escassos para alguns idosos, o que pode propiciar o isolamento e recolhimento no espaço doméstico, além da aposentadoria, e da “síndrome do ninho vazio”, caracterizada pelos filhos que se emancipam formando famílias e, com isso, diminuindo as funções sociais desses idosos. Na atualidade, a situação de alguns idosos em relação à família tem enfrentado diferentes configurações pelo fato de que muitos filhos retornam ao lar desses pais por variados motivos, entre eles, separações,

dificuldades financeiras, e às vezes, trazendo consigo suas crianças o que acaba propiciando o convívio de quatro gerações em uma mesma residência remetendo a uma nova configuração familiar, o “ninho cheio”, sendo essa volta interpretada por idosos como algo positivo e para outros como algo que fomenta a perda do sossego e privacidade. (FERRIGNO, 2015).

Independente de viverem na mesma residência, o relacionamento entre avós e netos é marcado por afeições de reciprocidade e também por conflitos característicos deste tipo de relação. Através da intergeracionalidade ambos são favorecidos, já que a criança passa a conhecer mais a memória histórica enquanto que o idoso, nesta interação, revigora suas forças e, à medida com se sente valorizado, aumenta a autoestima por perceber-se integrado a sociedade. Precisa-se considerar também que muitos avós, para acompanhar os netos, buscam atualização diante das novas exigências da modernidade, entre elas os aparelhos eletrônicos e Internet. (SANTOS; MACIEL In CERVENY, 2015).

A comunicação entre pais idosos e filhos, nem sempre é fácil, já que muitos desses filhos não estão abertos à escuta, pois ainda querem ser ouvidos, assim como os pais também necessitam de atenção e conversas, mesmo que essa comunicação se baseie em sua saúde, dificuldades do cotidiano, preocupações aparentemente supérfluas ou mesmo histórias que remetem ao passado e com ênfase ao saudosismo. Na Fase Última do Ciclo Vital tanto os idosos como as famílias precisam de flexibilidade para adaptar-se às novas demandas desta fase que implica na continuidade e também em ruptura, portanto integrar estes opostos se faz necessário para favorecer a longevidade e qualidade de vida. Portanto, a constância de contato dos idosos com os vizinhos, amigos e familiares favorecem a manutenção de vínculos, apoio emocional, intimidade e socialização, inclusive para aqueles que preferem morar sozinhos visando a independência e privacidade. (CERVENY; MARQUES, 2015).

## **2.3 – O IDOSO E A TECNOLOGIA**

### **2.3.1 – A COMUNICAÇÃO AO LONGO DO TEMPO, DA CARTA AO TELEFONE E AO COMPUTADOR**

Os recursos que proporcionam a comunicação entre as pessoas mudaram com o passar dos anos e com o aumento da tecnologia. Após o desenho e linguagem verbal, a escrita foi o meio de comunicação que trouxe profundas modificações na sociedade e na

visão de mundo das pessoas, pois favoreceu o contato com outras localidades sem a necessidade de estar tão próximo, mas mesmo assim era limitante porque não abrangia grandes massas. Posteriormente vieram outros recursos, como por exemplo: o rádio, telefone, televisão, visando oferecer a informação para um número maior de pessoas. No final de século XX surgiu a Internet, que conjugou duas características dos meios anteriores: a interatividade e a comunicação em massa. Ao longo do tempo, cada meio de comunicação representou uma extensão de uma capacidade natural dos seres humanos, no entanto, a Internet o fez através da Comunicação Mediada por Computador proporcionando a extensão de várias capacidades naturais, já que além favorecer a visão da realidade, também proporcionou a construção de novos olhares com a realidade virtual, onde é possível interagir, tocar, conversar, ouvir e construir o próprio raciocínio não linear em cima da informação passando a ter um papel central na sociedade, tanto em termos de circulação de capital, como em termos de reconfiguração do espaço e das relações sociais. Este novo espaço, denominado por muitos como ciberespaço ou espaço virtual é definido por ser um não-lugar, que não é concreto, não é físico, mas é real e favorece uma reconfiguração dos espaços já conhecidos, das relações entre as pessoas e da própria estrutura de poder. Como meio de comunicação, a Internet ou Rede, como também é conhecida, tornou-se revolucionária permitindo uma reconfiguração do nosso sistema de pensamento e da nossa ideia de comunicação com a sociedade, pois com o computador ou celulares (Smartphones), é possível ter acesso a tudo o que as outras mídias e aparelhos proporcionavam com o diferencial da interatividade. Cada indivíduo é um emissor e um receptor simultaneamente na Rede e não estar conectado é como estar analfabeto e excluído do mundo digital (RECUERO, 2000; AZEVEDO; CÔRTE, 2009).

### **2.3.2 – INTERNET E O USO PELA POPULAÇÃO IDOSA**

O Estatuto do Idoso, no capítulo V preconiza que cabe ao Poder Público criar oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados, além de que no parágrafo primeiro, afirma que nesses cursos especiais deverão estar incluídos conteúdos relativos às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos (BRASIL, 2003).

Na atualidade, muitas informações e serviços são disponibilizados apenas pela Internet e acessá-la se tornou uma necessidade cada dia maior. A redução dos custos dos equipamentos necessários à utilização da Internet tem facilitado a sua popularização, porém para uma grande maioria da população o custo ainda é alto. Embora nos últimos anos a expansão mundial da internet ocorreu de forma rápida isso não significa que todos tenham acesso a ela, ainda há pessoas que não foram incluídas nesse mundo digital. Essa expansão tem implicações políticas, sociais, culturais e econômicas e privar as pessoas do acesso às vantagens e aos benefícios trazidos por novas tecnologias da informação e comunicação, por qualquer um desses motivos, caracteriza a exclusão digital (GOMES, 2002).

Bottentuit e Firmo (2004) pontuam que a inclusão digital é um processo de alfabetização em tecnologia que proporciona aos excluídos digitalmente conhecimentos para trocar, difundir informação e explorar ao máximo o potencial dessas ferramentas de tecnologia visando melhorias nas suas condições de vida. Ela não se restringe apenas ao acesso aos computadores ou à disponibilização de Internet para a população. Dentre as mais novas tecnologias que podem ser utilizadas na inclusão estão: TV digital, celulares com comunicação de dados, videoconferência, as redes locais sem fios (wireless), dentre outras que surgem a cada dia. Com o avanço das tecnologias, surgem novas formas de acesso e transmissão às informações.

Kachar (2000) afirma que computadores e tecnologias da comunicação melhoram a qualidade de vida das pessoas na terceira idade já que as provê de informações e serviços externos a sua residência favorecendo a vida delas, principalmente daqueles que tem dificuldade ou dependem de outros para se deslocarem, pois o acesso à internet torna-se uma ferramenta social ao possibilitar o contato virtual do idoso com outras pessoas, evitando o seu isolamento social e favorecendo o acesso à informação, a serviços e também proporcionando mais comodidade e autonomia.

### **2.3.3 - A REDE SOCIAL NA FASE ÚLTIMA DO CICLO VITAL**

Ao analisar a Rede Social de um idoso é possível observar que ela sofre mudanças e diminui, seja por morte, migração ou enfraquecimento dos membros e as oportunidades para renovar a rede social assim como a motivação e disposição para manter ativos os vínculos diminui juntamente com a acuidade sensorial o que indica um

maior esforço do idoso para obter poucos resultados. Com o envelhecimento, as pessoas do grupo de referência dessa idade tendem a morrer mais frequentemente e, ao mesmo tempo, esses idosos têm menos ocasiões sociais para fazer novos amigos e nem todos estão acessíveis ou dispostos ao esforço de acomodação necessário para iniciar novas relações e mantê-la, fato que exige um gasto maior de esforço tanto emocional quanto físico, com isso eles acabam ficando mais recolhidos nas relações familiares e contam com menos amigos e companheiros. Com o desaparecimento de vínculos com pessoas da mesma geração desaparece boa parte da história pessoal (SLUZKI, 1997).

Segundo Sluzki (1997) a redução dramática da rede social nesta fase do ciclo vital tende a sobrecarregar os familiares e as relações que permanecem. E essas relações que antes tinham outros papéis, como a de pai e filho, mudam e tomam outra configuração, onde o filho do papel de cuidado passa a ser o cuidador desse pai, ou seja, as relações adquirem novas e complexas dinâmicas, o que pode gerar desgaste e conflito.

É comum os idosos estabelecerem fortes vínculos sociais e emocionais com os animais domésticos e quando isso não é possível, estes são substituídos também por objetos inanimados, que acabam desempenhando uma função de “ancoragem” (SLUZKI, 1997). Na presente pesquisa estamos considerando a tecnologia, ou seja, aparelhos celulares, computadores e internet como possibilidades de se tornarem esses objetos de ancoragem na vida do idoso, podendo trazer uma melhor qualidade de vida e interação com outras pessoas de forma virtual.

### 3 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa com delineamento de estudo de casos múltiplos. Esta pesquisa é exploratória porque o assunto em questão ainda é pouco estudado, sendo necessário a pesquisa para esclarecer os conceitos e há pouca literatura a respeito, a abordagem é qualitativa porque a questão que norteia essa pesquisa solicita a compreensão das relações com o fenômeno, na presente pesquisa pretende-se compreender a relação do idoso com a Internet e as ressonâncias na sua qualidade de vida.

A pesquisa foi realizada com idosos residentes em duas cidades do Vale do Paraíba: Taubaté e Tremembé. A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com o parecer de número 1. 681. 660.

Foram entrevistados oito idosos com mais de 70 anos, que utilizam internet, todos indicados por pessoas da rede do pesquisador. Nesta pesquisa poderiam participar idosos de ambos os sexos e que utilizam a internet. Não poderiam participar da pesquisa os idosos com idade inferior a 70 anos e também os que não utilizam a internet.

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada que possibilitou uma maior interação com os participantes com o objetivo de compreender como os idosos fazem uso da internet e quais as ressonâncias na sua qualidade de vida. Como delineamento foi feito o estudo de caso porque possibilitou que o fenômeno fosse estudado de forma mais detalhada. (GIL, 2010).

Em dia e horário agendados previamente com cada participante, a pesquisadora foi a residência de cada um e realizou a entrevista. Visando facilitar o diálogo entre pesquisador e participantes, todas as entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e os áudios apagados.

Segundo Richardson (1999), a análise de conteúdo é usada para estudar pesquisas qualitativas porque visa compreender melhor um discurso, aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes. Baseando-se nisso, as narrativas dos participantes foram agrupadas por temas, divididas em categorias de acordo com os objetivos e analisadas pelo pesquisador.

As categorias escolhidas para análise foram:

- \* A velhice e a tecnologia, as mudanças nos recursos e o aprendizado.
- \* A rede social e familiar com o uso da internet.
- \* A frequência no uso da internet e a variação no uso de aplicativos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1- APRESENTANDO OS PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 8 idosos com idades acima de 70 anos que utilizam a internet diariamente. Embora alguns tenham algum problema de saúde, todos os entrevistados são independentes, residem sozinhos ou com o cônjuge. Atualmente, nenhum atua no mercado de trabalho e são aposentados ou pensionistas.

Visando facilitar a apresentação e um olhar mais abrangente dos participantes, o quadro abaixo foi elaborado com informações referentes a idade, sexo, profissão, estado civil, número de filhos, netos e bisnetos.

#### 4.1.1 Caracterização dos Participantes

Quadro 1- Participantes

Participantes	Sexo	Idade	Profissão	Estado Civil	Número de filhos	Número de netos/bisnetos
1	F	84 anos	Do lar	Viúva	2	2 netos e 4 bisnetos
2	F	73 anos	Professora	Casada	4	7 netos
3	M	70 anos	Advogado	Casado	5	5 netos
4	F	73 anos	Comerciante	Viúva	2	4 netos
5	F	77 anos	Tesoureira em indústria química	solteira	0	0
6	F	82 anos	Do lar	Viúva	2	6 netos e 4 bisnetos
7	F	73 anos	Artista Plástica	Casada	5	10 netos e 3 bisnetos
8	F	75 anos	Do lar	Casada	11	34 netos e 33 bisnetos

Fonte: elaborado pelas autoras

## 4.2- ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS NARRATIVAS

Os dados colhidos nas narrativas foram divididos em categorias de acordo com os objetivos. Das oito pessoas entrevistadas, apenas uma era do sexo masculino, portanto, outros estudos precisam ser feitos para se fazer um comparativo sobre as considerações entre os gêneros. Abaixo estão falas dos participantes divididas nas categorias e posteriormente analisadas e discutidas.

### 4.2.1- A VELHICE E A TECNOLOGIA, AS MUDANÇAS NOS RECURSOS E O APRENDIZADO

Participante 1: *“a internet mudou muita coisa para melhor. Antigamente para a gente se comunicar com as pessoas, parentes, tínhamos que enviar cartas, hoje em dia é muito mais prático para falar e se comunicar. Fiz um cursinho, mas muita coisa não entendi, precisava da ajuda da minha filha e netos, na época usava o notebook e computador de mesa. Hoje em dia uso o celular porque para mim é mais prático. Quando tenho dúvidas continuo recebendo a ajuda da minha filha, netos e bisnetos, mas prefiro a minha filha que tem mais paciência que os outros. Eles só falam ou fazem sem me ensinar o passo a passo.*”

Participante 2: *“a internet veio ajudar muito, não só os estudantes, mas também a gente que já está com certa idade e que às vezes fica meio desligada, ajuda a se inteirar do que está acontecendo no país e no mundo. Antes eu usava o tablete que comprei com o incentivo da minha filha, hoje uso o celular. Tenho praticado sozinha, tenho algumas dificuldades que ainda preciso aprender, mas os filhos e os netos me ajudam. Eu tenho problemas auditivos e estava ficando sem conversar com minhas amigas porque por telefone eu não conseguia escutar, mas hoje com o facebook e whatsapp me reaproximei delas, conversamos todos os dias com mensagens escritas, foi muito bom para mim.”*

Participante 3: *“eu tenho duas formas de encarar a explosão de informações da internet, para o pessoal mais adulto e melhor preparado é ótimo, mas para a criança e para o idoso despreparado é péssimo porque induz a um monte de absurdos, pois a internet é muito vazia, é preciso filtrar porque tem muita mentira, precisa ser usada com consciência. Você não pode largar do livro que você lê para confiar apenas na internet. O livro tem um autor, já a internet não tem nada disso, é tudo lançado no*



vazio. Tem os sites com teor científico que são usados em momentos específicos por alguns profissionais, mas não tem espaço nenhum na internet, o pessoal passa por cima e não olham para eles. O povo de um modo geral não usa esse tipo de site, preferem futilidades. Eu sou muito crítico e reticente a aceitar novidades, demorei para aceitar o computador e internet, mas precisei por causa do meu trabalho, sou do tempo da datilografia e acabava usando o computador como uma máquina de escrever mais sofisticada por armazenar os documentos. Tudo o que vejo na internet eu não acredito a priori, sempre vou buscar em fontes que acho mais seguras, com referências. Eu uso o celular e computador de mesa, quando tenho dúvidas procuro aprender com os filhos, só uso a internet para me comunicar com a família, e-mails, pagar contas em banco e whatsapp. As redes sociais, facebook, comecei a usar há 3 anos. Eu acho a internet espetacular, mas precisa educar os mais jovens a usar para não ficar viciados na internet.”

Participante 4: “aprender a usar a internet para mim foi ótimo. Estava me sentindo analfabeta, então resolvi entrar na escola de informática aí o mundo se abriu para mim porque com a internet passei a ter contato com pessoas que há muitos anos não via, meus parentes e amigos que moram longe e no exterior. Para me adequar a tecnologia procuro ler e me informar, mas preciso saber mais. Quero aprender a pagar contar no banco virtual. Fiz a escola de informática, lá aprendi algumas técnicas e a digitar, mas quando chegava em casa tinha dificuldade de usar o meu computador, então contava com a ajuda das filhas e netos. Se eu tivesse aprendido com o meu próprio aparelho seria mais proveitoso. Já usei computador de mesa e notebook. Atualmente prefiro usar o celular porque posso carregar comigo para onde eu for. No celular não tenho dificuldades, mas tem aplicativos que ainda não consegui aprender, mas eu já mexo bastante.”

Participante 5: “a informação na internet é uma corrida, hoje uma coisa e amanhã outra... tem que acompanhar para viver no mundo, senão fica para trás. Comecei a fazer um curso, mas a professora largava a gente e resolvi sair. Eu tenho bastante dificuldade o que sei é mexer no whatsapp, no telefone para fazer ligação, olhar no facebook e comentar. Não gosto de colocar fotos e também não sei. No facebook, eu copio as receitas que aparecem, mas não fico procurando no google. Uso apenas o celular, sempre que preciso peço ajuda para a minha sobrinha.”

Participante 6: *“eu estou achando ótimo essa tecnologia, tem certas coisas que me admira demais, estava em São Paulo e minha filha pediu para acionar o GPS, a pessoa foi indicando, eu achei maravilhoso. Eu nunca fiz curso de informática porque não quero assistir aulas com crianças ou jovens, eu me sinto um pouco retraída. Não tenho dificuldades com o celular, sei as coisas básicas. Quando tenho dúvidas peço ajuda dos meus filhos e netos. Não sei nada de Inglês e isso me atrapalha muito. Nem tudo eu consigo mexer, a idade já atrapalha um pouco, me confundo às vezes, e tenho que pedir ajuda. Eu me esforço, mas é difícil. No celular uso apenas o whatsapp e no notebook uso o Facebook, faço pesquisas de receitas culinárias no google. Hoje em dia com o celular dá para se comunicar com gente que está fora do país e responde tudo na hora. Acho isso maravilhoso.”*

Participante 7: *“ a tecnologia veio para ajudar e quanto mais tecnologia tiver melhor ainda porque nossa vida facilita mais, eu vejo como algo positivo e gosto bastante porque sempre me atualiza... A internet me ajuda a pesquisar. Gosto muito de artesanato, vejo pontos de bordado, tricô, comidas diferentes e pesquiso também outras curiosidades. Não fiz curso de informática, meu filho me ensinou a mexer no mouse, digitar e pesquisar na internet. Depois me disse que eu era inteligente o suficiente para achar o que quisesse no computador, disse para eu me virar e eu me virei. Aprendi tudo fazendo, só não apertava o delete para não perder tudo. Ele também me ensinou a usar o Paint para fazer desenhos. Abriu uma página no Orkut e depois no Facebook. Hoje em dia não tenho dificuldade em usar o computador. O celular uso pouco, só o Whatsapp mesmo para me comunicar, mas o computador de mesa é para tudo praticamente. Não gosto de notebook. Eu acho que todo idoso deveria aprender a mexer no computador.. ajuda na comunicação e distração, trazendo mais calma e alegria.”*

Participante 8: *“Eu acho que tudo o que vem de novo, novas invenções, novas atualizações é muito bom para a gente. Uso o computador de mesa, tablete e celular... fiz um curso com um rapaz, mas aprendi pouco, o que sei foi porque sou curiosa e fui correndo atrás e aprendendo. A princípio fui aprender por necessidade, tenho um filho com dislexia e que estava iniciando a faculdade e precisava ajudá-lo abreviando os textos. Hoje em dia uso a internet por prazer. Quando tenho alguma dúvida peço ajuda dos meus filhos, eles mostram para mim como fazer, eu aprendo e faço. No momento estou tendo dificuldades em acessar a minha conta no banco para pagar contas porque para mim é ótimo e mais fácil resolver essas coisas pela internet sem ter que ficar*

*saindo. Recomendo a internet para outras pessoas porque cada dia você aprende uma coisa nova, é uma forma de estar se atualizando e também ajuda a distrair.”*

Quando perguntados sobre como vivenciam a explosão de informações da internet e as mudanças tecnológicas todos foram categóricos em responder que compreendem como algo positivo, porém que a internet precisa ser utilizada com critério e moderação.

Quanto aos recursos mais utilizados para acessar a internet, a maioria dos participantes responderam que preferem o celular pela comodidade no uso, principalmente por ser menor e mais fácil de carregar para qualquer lugar. O celular também faz parte do dia dos participantes como uma ferramenta auxiliar às necessidades que se apresentam, como um recurso alternativo para atender suas demandas, seja por mobilidade, privacidade ou comunicação em situações de riscos. Com o uso de aplicativos vinculados à internet, o celular passou a ser o preferido tomando o lugar de outros aparelhos tecnológico tais como: computador de mesa, tablets, notebook.

Segundo Joseph (2010 apud SANTOS, ISHITANI, NOBRE, 2013), os idosos adotam uma inovação tecnológica quando identificam alguma utilidade para sua vida, eles não adotam algo somente pelo fato de ser novo. Sendo assim, alguns fatores influenciam na decisão de adotar ou não uma inovação, como por exemplo, as barreiras funcionais relacionadas ao uso da tecnologia, já que muitos comandos e aplicações não foram projetados para eles, desconsiderando as possíveis restrições físicas e cognitivas decorrentes da idade, e muitas vezes apresentando componentes pequenos e de difícil visualização.

No que se refere à aprendizagem para utilizar os recursos tecnológicos e acessar a internet, poucos dos participantes frequentaram cursos de informática, sendo que os que cursaram afirmaram que não tiveram bom aproveitamento, sendo necessário o auxílio de familiares para orientá-los, em geral, contam com a ajuda dos filhos, netos e outros parentes. De acordo com Andrade (2008 apud SANTOS; MACIEL, 2015), esse processo de interação possibilita conhecimento, trocas afetivas e estimula as potencialidades intelectuais, além de favorecer redescobertas e diálogos que ajudam a manter a memória histórica, muitas vezes não valorizada pela sociedade.

A participante 2 comentou “... *tenho problemas auditivos e estava ficando sem conversar com minhas amigas porque por telefone eu não conseguia escutar, mas hoje com o Facebook e WhatsApp me reaproximei delas, conversamos todos os dias com*

*mensagens escritas, foi muito bom para mim*". Quanto a melhora na comunicação quando se tem algum problema de saúde, Sant'Anna (2006) pontuou que pessoas idosas com problemas de audição ou de locomoção, em diversos países, podem ampliar contatos com moradores de diferentes regiões utilizando-se da Internet e que algumas amizades possibilitam a construção de rede de laços afetivos e informativos sem a presença real dos corpos, dessa forma, o computador passa a ser uma máquina que redimensiona as limitações corporais. Quanto ao idoso mais fragilizado, Azevedo e Côrte (2009) sugerem que adaptar-se às circunstâncias tecnológicas pode promover qualidade de vida, pois o computador sendo uma máquina que não exige muitos esforços pode devolver sentido ao seu corpo e inseri-lo no universo técnico, que prima por velocidade, resistência, potência, dinamismo e precisão.

#### **4.2.2- A REDE SOCIAL E FAMILIAR COM O USO DA INTERNET**

Nesta categoria buscou-se compreender como a internet influencia a convivência do idoso com os familiares próximos e distantes, assim como observar os aspectos emocionais envolvidos nesta interação.

Participante 1 narra que *"trouxe mudanças para melhor, na comunicação, na transmissão, eu falo com meus parentes que moram longe e é ótimo, muito bom. Também mantenho contato com meus amigos e parentes próximos. A Internet modificou minha relação com a família, fiquei mais próxima da minha filha, dos netos e bisnetos. Sinto mais emoção, mais alegria, uma satisfação maravilhosa, traz satisfação para mim, ajuda a matar as saudades também"*.

Participante 2, *"a internet trouxe muita melhora, foi muito importante porque através da internet fico sabendo o que está acontecendo de bom e ruim, melhora a comunicação. Facilitou a conversa com parentes distantes, já que posso me comunicar através da escrita. Tive perda da audição e tenho dificuldades de entender o que me falam, preciso ficar prestando atenção nos lábios e mesmo assim tem coisa que não consigo compreender, então conversar com um grupo grande ou por telefone é impossível. Com o Whatsapp isso foi resolvido e me sinto bem melhor. Na família sinto que aproximou mais as pessoas, temos um grupo de família e até conseguimos reunir a maioria em uma grande Festa Junina, foi um momento excelente. Até mesmo para*

*resolver problemas do dia a dia, eu mando mensagem escrita para as pessoas e resolvo o que preciso, como por exemplo, pedir um botijão de gás, que antes precisa esperar o meu marido chegar para telefonar. Como fico mais sozinha em casa, a internet ajudou bastante a me distrair e é como se tivesse mais próxima das pessoas também. Eu me sinto alegre mais espontânea e também fico por dentro de tudo o que está acontecendo. É como se estivesse visitando as pessoas sem precisar sair de casa. Mudou bastante a minha relação com os filhos e com os meus netos, principalmente com os que moram em outra cidade, converso com eles pelo whatsapp, mando e recebo fotos e isso é muito positivo, mas aqui em casa eles respeitam e conversam bastante, evitam o celular, assim conseguimos perceber mais a expressão facial deles e estando junto entender melhor o que eles pensam, ter confiança no outro e tira aquela parte fria que é só usando a internet, sem o diálogo pessoalmente, acho a internet perfeita desde que usada com responsabilidade”.*

*Para participante 3 “na comunicação com as pessoas que estão longe foi favorável, mas o uso dentro da residência, com os familiares próximos, tem que ser dosado, usado criteriosamente”.*

*A participante 4 disse que para ela” trouxe bastante mudança. Eu estava desligada das coisas, agora estou mais ativa, mais por dentro de tudo, eu me atualizo usando a internet, conheço as cidades através das postagens e fotos, sinto felicidade quando uso a internet. Já aconteceu de eu ficar sem o Facebook, parecia que tinham tirado algo precioso de mim, foi ,l,muito ruim. Na relação com a família facilitou conversar, saber onde e como estão e até diminuiu o valor da conta telefônica porque usamos a internet, o whatsapp. Sinto isso me aproximou de amigos e parentes, pessoas que não tinha contato há mais de 40 anos. Eu indico para todos porque é maravilhoso”.*

*Participante 5, “ajudou a aproximar mais a família...é uma forma de estar próximo sem precisar ficar indo na casa do outro e também podemos falar de onde estivermos e na hora que pudermos”.*

*Participante 6, “O que mais mudou foi na minha vida familiar e psicológica, porque me faz bem, sou viúva, moro sozinha e a internet ajuda muito para falar com as*

*peças. Converso com minha neta que está fora do país, é mais econômico que a ligação telefônica que é muito cara. A internet ajuda a aproximar as pessoas de perto e também tranquilizar, pois para mim que já tenho idade e moro sozinha, não posso ficar saindo muito, assim converso pela internet”.*

*Participante 7, “trouxe mudança para melhor; na social também porque através da internet me comunico com parentes que moram no Norte, Nordeste, Rio de Janeiro e com meu neto que mora na França. Aproxima sim a família e os amigos que estão longe.”*

*Participante 8, “melhorou a comunicação, a família é muito grande e ficou mais fácil de nos comunicarmos e de interagir... uso o celular para me distrair e me comunicar com familiares e amigos de longe e de perto.”*

Ao analisar se a internet trouxe alguma mudança na vida social, familiar e psicológica dos participantes, observou-se que para a maioria a internet é vista como facilitadora na comunicação, ajuda na atualização das notícias, proporciona distração, favorece sentimentos de alegria e ameniza sentimentos de saudades, pois de certa forma traz a sensação de maior proximidade com os entes queridos de sua relação cotidiana e/ou com os mais distantes. De acordo com Sluzki (1997), a Rede Social do idoso sofre mudanças e diminui, seja por morte, migração ou enfraquecimento dos membros. A motivação, disposição ou oportunidades para renová-la exige um esforço maior que em outras fases do ciclo vital. Com isso, muitos idosos passam a estabelecer fortes vínculos sociais e emocionais com animais domésticos ou objetos inanimados, que acabam desempenhando uma função de “ancoragem”. Em muitas respostas, percebe-se que a internet passou a ser esse objeto inanimado de ancoragem, pois favorece a manutenção das amizades sem a necessidade de fazer-se presente fisicamente.

Todos os participantes pontuaram que a Internet favoreceu a comunicação com amigos, parentes e familiares distantes, possibilitando sentimentos de inclusão, pertencimento, alegria e aliviando angústias e saudades. Segundo Azevedo e Côrte (2009) o mundo virtual cria e estabelece novos paradigmas temporais e espaciais, onde distâncias que poderiam representar limites físicos são transpostas em tempos imediatos, através do uso da tecnologia, proporcionando alternativas às limitações determinadas pela fragilidade do corpo humano, com isso a Internet possibilita estabelecer relações sociais mesmo em um espaço virtual.

#### 4.2.3- A FREQUÊNCIA NO USO DA INTERNET E A VARIAÇÃO NO USO DE APLICATIVOS

Aos participantes foi solicitado responder a quanto tempo eles utilizam a internet, com que frequência e quais os sites ou aplicativos mais utilizados.

Participante 1, *“Uso a internet há uns 2 ou 3 anos... todos os dias, por mais ou menos 2 horas e os sites/aplicativos mais usados são Facebook, whatsapp, google (para receitas culinárias) e Youtube.”*

Participante 2. *“Uso a internet há 3 anos, todos os dias, de 2 a 3 horas diárias. Os aplicativos que uso são Facebook, whatsapp e google.”*

Participante 3. *“Uso a internet desde que surgiu, há mais de 20 anos. Utilizo o computador de mesa todos os dias no máximo 2 horas, mais pela manhã para pagar contas e responder e-mails. Quanto aos aplicativos, uso whatsapp, mas muito pouco, mais para falar com familiares, Bancos, Google, Google Maps e Facebook, mas muito pouco também.”*

Participante 4, *“Utilizo a internet há mais ou menos 3 anos. Todos os dias, mais ou menos umas três horas, divididas entre manhã, almoço e noite. Não deixo meus serviços por causa da internet, pego nas horas vagas. Uso o Facebook, whatsapp (principalmente os grupos de família, igreja e amigos), o Google e o Youtube.”*

Participante 5, *“Uso a internet há 1 ano. No máximo uma hora e meia por dia, todos os dias. O whatsapp olho sempre que escuto o barulhinho...os aplicativos utilizados são Facebook, whatsapp e raramente youtube ou google.”*

Participante 6, *“Utilizo a internet há mais ou menos 8 anos. Uso aproximadamente 1 hora por dia, um pouquinho de manhã e de tarde. A internet me ajuda a distrair. Uso o google, Facebook, whatsapp, principalmente chamada de voz e vídeo, assim vejo a família e me divirto muito”.*

Participante 7, *“Uso a internet há uns 18 anos. Acabo usando mais à noite, mas dizer por quanto tempo é complicado porque tem dia que fico mais de três horas. Estou*

*tentando me policiar para não viciar. No celular uso o whatsapp e no computador de mesa uso Facebook, google e youtube.”*

Participante 8, “ *A internet no celular estou usando há pouco tempo, uns 4 meses. No computador eu já usava há mais tempo, mas evitava porque tinha que ficar parada e isso atrasava as coisas em casa, já com o celular foi ótimo porque posso levar ele para todo o lado. Uso umas duas horas diárias, mais na parte da tarde quando estou mais tranquila. Gosto do Facebook, whatsapp, youtube (principalmente músicas) e o google usei mais ‘para pesquisa quando meu filho fazia faculdade, hoje só quando algum neto precisa.”*

Todos os participantes responderam que usam o aplicativo do whatsapp no celular, principalmente porque com ele conseguem se comunicar mais facilmente com os familiares, amigos e também favorece economia financeira por não ter gastos semelhantes a ligações em telefone fixo ou celular. De um modo geral, os participantes tem uma visão positiva do Facebook, principalmente no que tange a comunicação entre amigos e/ou parentes e até a possibilidade de reencontrar pessoas que não se tinha mais contato devido ao tempo e a distância. Essa forma de comunicação tem-se mostrado uma alternativa para a família de se fazer presente com os membros idosos mesmo fisicamente ausentes. O comunicar-se via TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) pode ser uma nova forma de cuidado emocional com o idoso, possibilitando a preservação os laços familiares e respeitando as distâncias decorrentes das escolhas dos subsistemas familiares (pais, filhos ou netos) mesmo porque a distância, a individualidade e a rapidez compõem o cenário contemporâneo (SANTOS, 2013).

Com relação à frequência no uso da Internet, todos os participantes tem uma posição de disciplina e maturidade com a Tecnologia de Informação e Comunicação, diferente das pesquisas com jovens onde o tempo é muito maior. Corrêa (2016) constatou que os jovens usam a Internet para se comunicar, por meio de aparelhos de celular, smartphones e que passam parte do seu dia conectado à rede mundial de computadores, ela faz parte do seu cotidiano, e estar online se comunicando pela Internet é algo natural para eles.

Na presente pesquisa, dos oito participantes apenas o participante 3 é do sexo masculino, e ele foi o único que comentou que usa a Internet no relacionamento com



bancos, além de ser o entrevistado que faz uso da Internet a mais tempo, fatos esses observados e que provocou questionamentos se a variação da Internet para os idosos tem diferenças na questão de gênero, porém, neste trabalho não foram analisadas as narrativas com este comparativo. Por isso, sugere-se que novos estudos e pesquisas sejam feitas visando a comparação entre gêneros.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse em pesquisar este tema despontou após observar a forma como idosos da família estavam interagindo com os recursos tecnológicos e internet, pois em menos de um ano pessoas que não tinham nenhuma intimidade com aparelhos celulares, computadores, notebooks ou tablets, passaram a despertar o interesse em aprender sobre as tecnologias para interagir com familiares distantes através das redes sociais e usando a Internet.

Esta pesquisa possibilitou a compreensão de como vem sendo a interação dos idosos com a internet, os impactos positivos ou negativos do seu uso nas relações sociais e familiares, principalmente com gerações de filhos e netos, se os aplicativos auxiliam no aumento da rede social e identificou-se a frequência e recursos tecnológicos mais utilizados por essa população. Na contemporaneidade, estar atualizado e informado é imprescindível, dessa forma, as tecnologias de informação, interligadas com a Internet, facilitam esse acesso favorecendo a todos, inclusive às pessoas com restrições auditivas, de locomoção, visão, entre outras. Um mundo de possibilidades se abre com a internet, como viagens, amizades, passeios, compras, serviços, e, principalmente acesso às informações de forma democrática, pois é o usuário que escolhe o que quer acessar.

A experiência em realizar esta pesquisa possibilitou um novo olhar frente a maneira como os idosos vem utilizando a internet, principalmente no que tange a autonomia e empoderamento, ou seja, os idosos participantes demonstraram que com o uso da internet sentem-se mais pertencentes e inclusos no mundo atual, pois além da facilidade na comunicação também há a possibilidade de permanecerem mais atualizados tanto no que diz respeito às relações com familiares e amigos como com as notícias do mundo, sem ter a necessidade de se fazerem fisicamente presentes.

Nas narrativas de cada participante percebeu-se que o olhar é positivo para o uso da internet, que com o uso das redes sociais se sentem mais próximos de familiares e

amigos, auxilia na manutenção dos laços de afeto, independente da presença física, que a usam com critério e não aceitam desconhecidos como amigos virtuais visando à segurança pessoal e familiar. No cotidiano, os aparelhos mais utilizados por esses idosos são os celulares (smartphones) por facilitar o transporte, ser mais fácil de utilizar e ter múltiplas funções.

Quanto ao uso da internet e dos recursos tecnológicos as dúvidas ainda permeiam em quase todos os participantes, mas eles resolvem essas questões de aprendizado com a ajuda de familiares, principalmente filhos e netos. Através desta interação fortalecem laços de afetividade, trocam conhecimento entre gerações diferentes, e com isso todos são favorecidos.

Evidente que somente o acesso à internet não é requisito para resolver a questão da exclusão digital já que o alto índice de analfabetismo funcional entre idosos prejudica o discernimento das informações disponíveis na rede, dificultando na tomada de decisões e críticas em relação aos conteúdos. A inclusão digital acontece quando restitui a cidadania aos usuários da internet favorecendo o acesso gratuito, aprendizado, instrução sobre informações que possam auxiliá-lo em seu dia a dia e acima de tudo respeito às diferenças.

Num futuro próximo, essas dificuldades podem ser menores, pois o cenário atual se estrutura no consumo e uso dessas tecnologias, e com isso as pessoas também vão se adaptando ao novo. Para tanto, se faz necessário novas pesquisadas e discussões de como são as relações desses novos consumidores, que possivelmente construirão outros paradigmas com a internet e com os aparelhos utilizados para acessá-la.

Esta pesquisa não finaliza o assunto. Pelo contrário, foi um recorte, através de uma curiosidade de identificar alguns pontos sobre como os idosos lidam com as Tecnologias da Informação e Comunicação que a cada dia fazem parte de muitos aspectos da nossa realidade. Lançar outros questionamentos e pesquisar essas relações torna-se necessário.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. D.; CÔRTE, B. Breve reflexão sobre a Internet e a longevidade: novos espaços de socialização preparam o silêncio da saúde. **A terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento**, SESC, São Paulo, v.20, n.45, p. 7-24, jun.2009.

BRASIL, Lei n 10741/2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília: DF, Out. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm)> Acesso em 04 mar. 2017.

BOTTENTUIT, J. J.; FIRMO, R. Empresa, governo e sociedade: a tríplice aliança no contexto da inclusão digital. **Educação e Tecnologia**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.10-16, Jul./Dez. 2004. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6818/1/InclusaoDigital.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2017.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CERVENY, C.M.O. (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos**. Curitiba: Juruá, 2015.

CERVENY, C.M.O.; MARQUES, I. A Parentalidade Invertida. In: CERVENY, C.M.O. (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 151-165.

CÔRREA, J. C. A. **Conciliando a internet com os estudos: o desafio para pais de adolescentes**. 2016. 72f. Monografia (Especialização de Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação) – Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté, 2016.

FERRIGNO, J. C. As Relações entre Idosos e Jovens em Programas de Cultura, Lazer e Voluntariado. In: CERVENY, C.M.O. (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 87-102.

GARCIA, H. D. **A Terceira Idade e a Internet: uma questão para o novo milênio**. 2001. 171f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/dominguez\\_garcia\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/dominguez_garcia_me_mar.pdf)> Acesso em 26 fev. 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, E. *Exclusão digital: um problema tecnológico ou social?* Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro. **Trabalho e Sociedade** - ano 2 - nº especial - dezembro 2002.

KACHAR, V. A Terceira Idade e o Computador: interação e transformações significativas. **A terceira idade**, São Paulo, n. 19, p. 5-19, abr. 2000.

MONTEIRO, A. S.; OLIVEIRA, A. L.; KAMIMURA, Q. P.; CERVENY, C. M. O. Saúde e Qualidade de Vida na Terceira Idade: a Percepção de Idosos Residentes em

uma Cidade do Interior do Estado de São Paulo. In: CERVENY, C.M.O. (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.** Curitiba: Juruá, 2015. p. 55-86.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** São Paulo: Porto Alegre. McGraw-Hill do Brasil, 10 ed. 2009.

RECUERO, R.C. **A Internet e a nova revolução na comunicação mundial.** Ensaio apresentado como requisito parcial à aprovação na disciplina de história das Tecnologias de Comunicação, ministrada pelo professor Dr. Jacques Wainberg, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) em dezembro de 2000. Disponível em: <[www.raquelrecuero.com/revolucao.htm](http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm)> Acesso em: 15 fev. 2017.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, D. F.; MACIEL, J. S. T. Avós e Netos na Contemporaneidade. In: CERVENY, C.M.O (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.** Curitiba: Juruá, 2015. p. 103-128.

SANTOS, D. F.; MOREIRA, M.A.A. Imagem Social e Identidade na Velhice. In: CERVENY, C.M.O. (Org.) **Manual da Longevidade: guia para a melhoria da qualidade de vida dos idosos.** Curitiba: Juruá, 2015. p. 15-39.

SANTOS, F. S. S. **Ligar, Postar, Curtir ou Compartilhar? Eis a Questão!** Um estudo sobre a relação do idoso com as tecnologias da informação e comunicação, 2013. 107f. Monografia (Especialização em Terapia Familiar e Casal) - COGEAE da Pontifícia Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, L.G.N.O.; ISHITANI, L.; NOBRE, C.N. Uso de Jogos Casuais em Celulares por Idosos: um estudo de usabilidade. **Revista de Informática Aplicada**, v.9, n.1, p. 24-44, 2013. Disponível em: <<http://ria.net.br/index.php/ria/article/view/88/83>> Acesso em 22 mai 2017.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.p.115-124

## **Capítulo 11- O filho único na família contemporânea: suas vivências ao longo do ciclo vital da família**

Adriana Leônidas de Oliveira

Monique Marques da Costa Godoy

### **1 INTRODUÇÃO**

Este capítulo é um recorte de uma pesquisa quantitativa exploratória cujo objetivo foi compreender as vivências do filho único ao longo do Ciclo Vital da Família.

Pensando na família como sistema, um dos subsistemas que a formam é a “fratria”, na qual os irmãos atuam como um laboratório social para a socialização com os pares. No caso do filho único, a “fratria” não se forma e há a ausência desse laboratório social. Ao pensar dessa forma surgem algumas perguntas que este capítulo pretende responder, tais como: Quais são os papéis que os filhos únicos exercem na família ao longo de seu ciclo vital? Como eles se sentem dentro da família em diferentes fases de seu desenvolvimento?

Essas são perguntas relevantes a serem feitas em uma pesquisa que busca subsidiar orientações para famílias que desejam ter apenas um filho e para os próprios filhos únicos, uma vez que a situação de famílias com filhos únicos gera muitas dúvidas e angústias tanto nos pais quanto nos filhos.

Nas próximas seções será apresentada uma breve contextualização teórica sobre Ciclo Vital da Família e as pesquisas realizadas sobre filhos únicos, que está caracterizada como uma literatura escassa em todo o mundo, para posteriormente ser explicado o método da pesquisa de campo e os resultados alcançados e discutidos à luz da teoria sistêmica.

### **2 REVISÃO DA LITERATURA**

#### **2.1- CICLO VITAL DA FAMÍLIA**

A teoria do Ciclo Vital da Família, baseada na realidade brasileira, foi desenvolvida por Cerveny, em 1995 e desenvolvido em dois livros (CERVENY; BERTHOUD, 2002; CERVENY; BERTHOUD, 2010). Nesses livros, a autora, junto com suas colaboradoras, propõe que as famílias sejam estudadas em quatro fases não demarcadas rigidamente chamadas de: Fase de Aquisição, Fase Adolescente, Fase Madura e Fase Última. A teoria proposta por Cerveny (2002a; 2010a) representa um grande marco nos estudos de família no Brasil e no cenário da psicologia sistêmica e, por isso, foi o embasamento teórico utilizado nessa pesquisa.

Ao adotar entrada e saída de membros, tempo de união e/ou idade do primeiro filho como critérios, as etapas propostas por Cerveny em 1995 para a teoria do Ciclo Vital da Família engloba todos os arranjos familiares como as famílias tradicionais, as famílias monoparentais, os casais sem filhos, as famílias com filhos adotivo, as famílias homoafetivas e demais famílias que a cada dia vem se formando.

A **Fase de Aquisição** compreende o início da família, desde a formação do casal até a entrada dos filhos na adolescência. O nome dessa fase caracteriza seu principal fenômeno: a aquisição de forma geral, seja de “bens materiais, estabelecimento de um estilo de vida e da construção de padrões de interações” (BERTHOUD, 2002a). Por conta da importância desse fenômeno, a Fase de Aquisição torna-se o eixo propulsor do desenvolvimento da família por modelar o núcleo familiar (CERVENY; BERTHOUD 1997 apud CERVENY, 2002a).

Nessa fase, os principais desafios na relação pais e filhos são sentimentos ambivalentes dos pais, que se sentem maduros e responsáveis e imaturos e impotentes, ao mesmo tempo, e as inúmeras renegociações e reorganizações de papéis, funções e expectativas (BERTHOUD, 2002a).

Marcada pelo que Berthoud (2002b) chama de “alinhamento de crises evolutivas”, a **Fase Adolescente** é traz profundas transformações evolutivas em todos os membros do sistema familiar. Crianças se tornam adolescentes, pais passam pela meia idade ou “adultescentes” e avós entram na velhice. Luisi e Cangelli Filho, (2010) afirmam que nessa fase os pais ficam divididos entre a educação de seus filhos adolescentes e a geração mais velha que começa a necessitar de mais cuidados em geral, além das preocupações com a própria vulnerabilidade trazida pela meia idade.

Já os desafios diante da adolescência dos filhos e da meia idade são vários, pertinentes à evolução do pensamento crítico dos filhos e a necessidade de renegociação

das regras familiares, o que causa nos pais preocupações, medos e sentimentos de perda de controle.

Uma nova reorganização e novos olhares dos pais para filhos serão exigidos quando os adolescentes finalmente tornam-se adultos, na **Fase Madura**. Nessa fase, os pais se veem divididos entre a entrada dos filhos na vida adulta e os cuidados a serem tomados com a geração mais velha e, por isso, essa fase é considerada como a mais longa e árdua por Oliveira e Cerveny (2002).

Assim esses pais deixam de ser “cuidadores” e “provedores” de seus filhos para serem “cuidadores” e “provedores” de seus próprios pais, que de acordo com Carbone e Coelho (2010), marca a circularidade e a complexidade do desenvolvimento familiar numa perspectiva “intergeracional”.

Para essas autoras, a família madura apresenta as seguintes características: (1) a saída do primeiro filho de casa; (2) inclusão da terceira geração e parentes por afinidade; (3) cuidados com a geração mais velha e conseqüente mudança no relacionamento entre os membros e (4) significado e função do casamento.

A **Fase Última** é marcada é por renegociações e reorganizações, assim como nas outras fases, mas também pelas perdas e lembranças. O movimento realizado pelo casal durante essa fase oscila entre as retrospectivas do que construíram e o presente com os filhos e netos, para poderem realizar o fechamento do ciclo (COELHO, 2002).

No relacionamento entre pais e filhos, o envelhecimento pode trazer muitas angústias para os filhos quando estes não estão preparados para a perda de saúde e autonomia dos pais; enquanto que os pais observam seus filhos a exercerem a parentalidade com seus netos, que são vistos como uma extensão da existência dos avós (COELHO, 2002; SILVA et al. 2010).

Partindo dessa compreensão de como se dá o desenvolvimento das famílias ao longo do Ciclo Vital, pode-se explorar como é o desenvolvimento do filho único dentro desse sistema familiar que se estende ao longo do tempo.

## 2.2- FILHO ÚNICO NA FAMÍLIA

A maior dificuldade para se estudar o filho único é a falta de material existente sobre o tema, apesar do aumento dessa população. De acordo com o último censo, a taxa de fecundidade no Brasil é de 1,9 filhos por mulher, o que significa que atualmente

as mulheres brasileiras estão tendo menos de dois filhos, conseqüentemente aumentando o número de filhos únicos (IBGE, 2012).

De acordo com Araújo (2009), um dos motivos para a taxa de fecundidade ter diminuído é a inserção da mulher no mercado de trabalho, uma vez que elas estão adiando a maternidade para investir cada vez mais na carreira. Outros motivos encontrados pela autora são as questões financeiras, as questões sociais como álcool, drogas e violência, dificuldades para criar filhos.

Solidão, excesso de responsabilidade e cobrança são sentimentos que acompanham o filho único ao longo do ciclo vital, ao mesmo tempo em que eles se sentem privilegiados e exclusivos na sua relação com os pais, que também é julgada por eles como excelentes (OLIVERIA et al., 2001). Essa ambigüidade de sentimentos será um dos principais assuntos a serem discutidos nos resultados.

No trabalho de Araújo (2009), encontra-se as experiências de pais e filhos únicos ao longo do Ciclo Vital. Na Fase de Aquisição os sentimentos e expectativas dos pais quanto ao filho são de culpa, superproteção, sentimento de posse sobre os filhos e insegurança. Além disso, esses pais citam como desafios a educação e criação do filho, bem como colocar limites e as questões sociais. Os pontos positivos são os mesmos motivos que os fizeram escolher para ter um só filho como questões financeiras, disponibilidade de tempo para dar atenção ao filho diante da demanda de trabalho e pela facilidade de criar apenas um, já os pontos negativos elencados por esses pais foram o sentimento de solidão que eles observam nos filhos, a superproteção e o egoísmo. Os filhos únicos dessa fase, por sua vez, relataram que gostam de ser filhos únicos, mas também sentem a falta de alguém para brincar. Eles também precisam lidar com as altas expectativas dos pais e suas cobranças quanto aos estudos. Ao serem questionados quanto a pontos negativos e positivos sobre ser filho único aparece novamente a ambigüidade entre querer companhia para brincar e não precisar dividir nem a atenção dos pais e nem os brinquedos.

As experiências de pais na Fase Adolescente, na pesquisa de Araújo (2009), não se diferenciam muito das experiências dos pais em fase anterior, apenas com a exceção de que na Fase Adolescente os pais relatam possuírem expectativas de um futuro brilhante para seus filhos. Além disso, nesta fase eles começam a pensar em solidão dos pais e da falta de cumplicidade entre irmãos, possivelmente evidenciados pela chegada da meia-idade. Os filhos adolescentes relataram terem que lidar com a solidão, as altas expectativas dos pais e com as dificuldades de lidar com frustrações.



A autora identificou que os participantes da Fase Madura descrevem cobranças, expectativas elevadas e a superproteção de seus pais como aspectos que ainda marcam essa fase, algo que também foi encontrado no trabalho de Salomoni (2006), que estudou os filhos únicos apenas na Fase Madura. Araújo (2009) afirma ainda que para os filhos únicos que vivenciam a Fase Madura e Última o maior desafio é de se tornarem responsáveis de seus pais, enfrentarem sozinhos os problemas familiares e a perda dos pais. No trabalho de Oliveira et al (2001) pode-se perceber que a vulnerabilidade dos pais diante do envelhecimento já é a preocupação de alguns jovens universitários, que escolheriam ter irmãos na idade adulta e na velhice para terem companhia e não se sentirem sozinhos com a morte dos pais. Contrariando parcialmente esse ponto, os achados no estudo de Salomoni (2006) demonstram que, apesar de sentirem medo diante da morte dos pais, o filho único deseja ter mais convivência com os pares, mas que esses pares não necessariamente sejam seus irmãos.

Salomoni (2006) também afirma que os filhos únicos podem se apropriar de novos significados na vida em comunidade, uma vez que neste contexto também há relações fraternas. Isso corrobora com o estudo de Araújo (2009), relata a cobrança dos filhos em terem boas amizades para que essas sejam duradouras, como se elegessem entre os amigos um irmão para seu filho único.

Até aqui foi exposto a riqueza de fenômenos a serem estudados no desenvolvimento do filho único ao longo do Ciclo Vital e a necessidade de se explorar mais o tema diante da escassez do assunto. Para que o presente estudo pudesse contribuir para a ampliação do tema, precisou-se seguir um método que será exposto na sessão seguinte.

### **3 MÉTODO**

A pesquisa realizada caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e de levantamento na abordagem quantitativa, que possibilitou a mensurar a opinião dos participantes (SANTOS; OLIVEIRA; MORAIS, 2010).

Considerando filho único como o filho que não possui nenhum irmão, meio-irmão ou co-irmão, nem do mesmo sexo e nem do sexo oposto, a amostra contou com 99 filhos únicos divididos nas fases do Ciclo Vital da Família. Os participantes menores

de 18 anos responderam o questionário em papel e os maiores de 18 anos realizaram a pesquisa através do questionário online disponibilizado pelo GoogleDocs.

O questionário autoaplicável foi elaborado com 26 itens a partir de adaptações de algumas questões do questionário feito por Oliveira et al (2001) e de algumas questões da entrevista feita Salomoni (2006).

Pretendeu-se com esse questionário obter respostas sobre questões socioeconômicas, familiares, individuais e sociais. Para isso o questionário está dividido em:

- a) Dados socioeconômicos: tem como objetivo caracterizar a amostra quanto sexo, idade, estado civil e fase do Ciclo Vital da Família de Origem;
- b) Questões familiares: procura identificar quais os papéis do filho único dentro da família e suas relações e opiniões quanto aos seus pais;
- c) Sobre irmãos: procura levantar se os filhos únicos possuem desejo de ter algum irmão em algum momento da vida;
- d) Questões sociais: procura identificar com quem o filho único conversa sobre questões sociais como preconceito, violência, álcool, drogas e sexo;
- e) Sobre ser Filho Único: procura identificar como o filho único percebe a si mesmo e suas experiências ao longo de sua vida e sua perspectiva para família futura.

Com as crianças da Fase de Aquisição o questionário foi adaptado para um formulário que excluiu as questões sociais e perguntas sobre a morte dos pais, na intenção de evitar desconfortos emocionais que provavelmente elas ainda não estariam prontas para lidar.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (número da aprovação 1.366.603) e os dados quantitativos foram analisados pelo programa Microsoft Excel. Já as respostas das questões abertas foram colocadas em tabelas para categorização e interpretação conforme as instruções das técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo que, de acordo com Moraes (1999), é um método de pesquisa utilizado para descrever e interpretar o conteúdo de textos, através de descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, o que ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seu significado.

A seguir serão expostos os resultados referentes aos dados socioeconômicos e às questões familiares para caracterizar a dinâmica das famílias com filhos únicos.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já foi dito anteriormente, os participantes foram divididos de acordo com as fases do Ciclo Vital da Família. Na Tabela 1 é apresentado a distribuição dos participantes pelas fases e por sexo, possibilitando uma melhor compreensão dos resultados que virão a seguir.

Tabela 1: Distribuição dos participantes por sexo.

	Feminino		Masculino		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%
Aquisição	5	5%	10	10%	15	15%
Adolescente	20	20%	10	10%	30	30%
Madura	32	32%	13	13%	45	45%
Última	7	7%	2	2%	9	9%
Total	64	65%	35	35%	99	100%

Fonte: Godoy (2017).

Como se pode observar as mulheres compõem 65% da amostra, enquanto que os homens compõem 35%. Já com relação à distribuição dos participantes pelas fases do Ciclo Vital Familiar pode-se notar que a Fase de Aquisição compõe 15% da amostra, seguida da Fase Adolescente que compõe 30% da amostra, a Fase Madura que representa a maior parte da amostra com 45% dos participantes e, a Fase Última é representada por 9% dos participantes.

Para a coleta dos dados, cada fase teve a sua dificuldade específica. As fases de Aquisição e Última possuem uma menor representatividade na amostra pelas dificuldades em encontrar participantes que pertencessem a essas fases. A dificuldade encontrada na Fase de Aquisição, que deveria possuir um número maior de participantes, refere-se à autorização dos pais para que as crianças participassem do estudo, seja por questões de planejamento familiar, separação/divórcio ou ainda, dificuldade dos próprios pais em falar sobre o assunto.

A seguir serão expostos os resultados referentes à dinâmica familiar dos participantes, foco desde capítulo.

#### 4.1- QUESTÕES FAMILIARES

Nessa etapa da pesquisa foram analisados os papéis, sentimentos e as opiniões dos filhos únicos sobre a dinâmica familiar e seu relacionamento com seus pais.

Na Tabela 2 apresenta-se os principais papéis elegidos pelos filhos únicos em cada fase:

Tabela 2: Principais papéis desempenhados pelo Filho Único ao Longo do Ciclo Vital.

Fase de Aquisição		Fase Adolescente		Fase Madura		Fase Última	
Conciliador	19%	Companheiro	16%	Aquele que alegra a família	14%	Aquele que dá apoio	17%
Aquele que alegra a família	19%	Aquele que alegra a família	15%	Mediador	13%	Conciliador	13%
Aquele que dá carinho	16%	Aquele que dá apoio	11%	Aquele que dá apoio	12%	O mais chato	13%
O mais amigo	16%	Aquele que une a família	10%	Companheiro e o mais compreensivo	10%	Cuidador dos pais	13%

Fonte: Adaptado de Godoy (2017).

Para a Fase de Aquisição, que compreende as crianças de sete a dez anos, os principais papéis desempenhados por eles é de ser conciliador (19%), alegrar a família (19%), dar carinho (16%) e ser amigo dos pais (16%). Em uma análise global, os três principais papéis desempenhados pelo filho único ao longo do Ciclo Vital da Família são alegrar a família (14%), ser companheiro (12%) e dar apoio (10%).

Com isso, pode-se dizer que os filhos únicos possuem uma visão positiva sobre sua posição no núcleo familiar. Godoy (2017) levantou a hipótese de que os papéis elegidos por eles, como dar apoio e ser companheiro, refletem uma posição “parentalizada” dos filhos únicos que podem acabar se tornando filhos parentais pela ausência de irmãos, relacionando-se com os pais muitas vezes como um igual.

Como esperado, apareceu na Fase Última que os filhos únicos possuem o papel de serem cuidadores dos pais. Isso refere-se ao fenômeno da “parentalidade” invertida, que inicia-se geralmente na Fase Madura com o declínio da saúde dos pais (OLIVEIRA;

CERVENY, 2002; CARBONE; COELHO; 2010). Quando o casal possui mais filhos, o cuidado com os pais pode ser dividido entre eles, porém no caso do filho único essa responsabilidade não se divide, o que pode deixá-los sobrecarregados, principalmente se não tiverem apoio de cônjuges, tios, primos ou amigos.

A preocupação que os filhos únicos possuem com seus pais também aparece nas demais respostas como apoiar, dar carinho, alegrar a família, ser amigo e companheiro. O cuidar dos pais pode ser um papel que os filhos únicos exercem ao longo do Ciclo Vital da Família de diferentes formas.

A opinião dos filhos sobre a sua relação com os pais também foi foco dessa pesquisa e seu resultado é apresentado na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3: Relação com os pais.

	Aquisição		Adolescente		Madura		Última		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%	Freq.	%	freq	%
<b>Excelente</b>										
com Ambos	12	80%	16	53%	16	36%	0	0%	44	44%
Com a Mãe	2	13%	1	3%	6	13%	1	11%	10	10%
Com o Pai	0	0%	1	3%	3	7%	1	11%	5	5%
<b>Boa</b>										
com Ambos	1	7%	10	33%	15	33%	3	33%	29	29%
Com a Mãe	0	0%	1	3%	2	4%	3	33%	6	6%
Com o Pai	0	0%	0	0%	1	2%	0	0%	1	1%
<b>Ruim</b>										
Com Ambos	0	0%	1	3%	2	4%	0	0%	3	3%
Com a Mãe	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Com o Pai	0	0%	0	0%	0	0%	1	11%	1	1%
Total	15	100%	30	100%	45	100%	9	100%	99	100%

Fonte: Godoy (2017).

Como pode ser observado, os participantes relatam que sua relação com os pais é boa (29%) ou excelente (44%) assim como nos achados de Oliveira et al. (2001).

A proximidade e a relação positivas entre pais e filhos únicos são resultados dos desejos dos pais de se envolverem com mais intensidade e qualidade com os filhos. Na pesquisa de Araújo (2009), os pais, participantes da pesquisa, optaram por terem apenas um filho por acreditarem que essa era a melhor forma de realizarem tal desejo.

A visão positiva do filho único sobre a relação com seus pais também se estende em suas percepções sobre a importância da opinião de seus pais em sua vida, como será exposto na Tabela 4:

Tabela 4: Opinião dos pais na vida do filho único.

	Aquisição		Adolescente		Madura		Última		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%
Relevante	13	87%	16	53%	22	49%	5	56%	56	57%
Às vezes relevante	1	7%	13	43%	19	42%	3	33%	36	36%
Pouco relevante	1	7%	1	3%	3	7%	0	0%	5	5%
Irrelevante	0	0%	0	0%	1	2%	1	11%	2	2%
Total	15	100%	30	100%	45	100%	9	100%	99	100%

Fonte: Godoy (2017).

A opinião dos pais é relevante para os filhos únicos ao longo de todo o Ciclo Vital Familiar, sendo maior na Fase de Aquisição (87%) por ser a fase que eles mais dependem de seus pais, e continua a diminuir ao longo das fases conforme sua rede social aumenta.

Embora a opinião dos pais seja bastante relevante para os filhos únicos, eles afirmam que pedem conselhos aos pais predominantemente às vezes (37%), como pode ser observado na Tabela 5:

Tabela 5: Frequência em que pedem conselhos aos pais.

	Aquisição		Adolescente		Madura		Última		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%
Sempre	2	13%	6	20%	9	20%	2	22%	19	19%
Quase sempre	5	33%	10	33%	16	36%	1	11%	32	32%
Às vezes	7	47%	12	40%	14	31%	4	44%	37	37%
Quase nunca	0	0%	2	7%	5	11%	1	11%	8	8%
Nunca	0	0%	0	0%	1	2%	1	11%	2	2%
NR	1	7%	0	0%	0	0%	0	0%	1	1%
Total	15	100%	30	100%	45	100%	9	100%	99	100%

Fonte: Godoy (2017).

Oliveira et al. (2011), em sua pesquisa com filhos únicos universitários também chegaram ao mesmo resultado e afirmam que isto demonstra um bom relacionamento entre pais e filhos.

Outra questão que revela a centralidade do filho único na família (e sua possível “parentalização”) refere-se à participação do filho único em decisões da casa, conforme a Tabela 6:

Tabela 6: Participação do filho único em decisões da casa.

	Aquisição		Adolescente		Madura		Última		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%
Bastante considerada	2	13%	11	37%	18	40%	4	44%	35	35%
Considerada algumas vezes	9	60%	15	50%	18	40%	4	44%	46	46%
Pouco considerada	2	13%	3	10%	7	16%	1	11%	13	13%
Não é considerada	2	13%	1	3%	2	4%	0	0%	5	5%
Total	15	100%	30	100%	45	100%	9	100%	99	100%

Fonte: Godoy (2017).

Nas fases de Aquisição e Adolescente, a participação dos filhos únicos em decisões da casa é considerada algumas vezes (60% e 50% respectivamente). É possível observar que conforme os filhos crescem, a frequência da opção “bastante considerada” aumenta até que, nas fases Madura e Última, fica equivalente com a opção inicialmente predominante “considerada algumas vezes” (40% e 44% respectivamente).

Na experiência clínica e na literatura, algo que sempre preocupa os pais na criação de filhos únicos é o quanto eles devem cobrar seus filhos sem “sufocá-los” quanto ao sucesso nos estudos e em atividades extra acadêmicas, independência financeira, escolha da profissão e escolha de amigos e namorados. A percepção dos participantes sobre o quanto eles se sentem cobrados pelos pais nesses aspectos são expostos na Tabela 7:

Tabela 7: Cobranças dos pais

	Aquisição		Adolescent e		Madura		Última		Total	
	freq	%	Freq		freq	%	freq	%	freq	%
			.	%						
Sucesso nos estudos	7	30%	24	30%	26	28%	3	20%	60	28%
Independência financeira	0	0%	9	11%	24	26%	2	13%	35	17%
Sucesso em atividades extra acadêmicas	5	22%	7	9%	3	3%	0	0%	15	7%
Escolha da profissão	3	13%	10	13%	12	13%	0	0%	25	12%
Escolha de amigos	2	9%	13	16%	9	10%	4	27%	28	13%
Escolha de relacionamentos amorosos	1	4%	13	16%	17	18%	5	33%	36	17%

Não se sente cobrado	5	22%	3	4%	3	3%	1	7%	12	6%
Total	23	100%	79	100%	94	100%	15	100%	211	100%

Fonte: Godoy (2017).

Inevitavelmente, os filhos únicos sentem-se cobrados pelos pais por não poderem dividir com mais ninguém as expectativas dos pais de que eles tenham sucesso, estabilidade e felicidade como resultados das escolhas que realizam ao longo da vida. Assim como em Araújo (2009), os resultados desta pesquisa revelam que os pais de filhos únicos focam mais no sucesso quanto aos estudos (28%), seguido da independência financeira (17%), da escolha de relacionamentos amorosos (17%), da escolha dos amigos (13%) e da escolha da profissão (12%). De acordo com a autora, a cobrança dos pais para tais aspectos na vida do filho único são investimentos que eles realizam para que seus filhos tenham uma maior estabilidade no futuro, em especial na escolha de amigos, uma vez que os pais esperam e às vezes estimulam que o filho tenha amizades estáveis para substituir o irmão que eles não têm.

Outra preocupação dos pais quanto aos filhos únicos refere-se aos sentimentos dos filhos dentro da família. Facilmente pode-se achar pessoas que sustentem opiniões de que o filho único se sente solitário e que esse sentimento influencia em seus comportamentos considerados por essas pessoas como egoístas e mimados.

Pensando nesse estereótipo tão disseminado em nossa sociedade sobre o filho único, procurou-se saber como eles exatamente se sentem e os resultados são expostos na Tabela 8:

Tabela 8: Sentimentos do filho único dentro da família.

	Aquisição		Adolescente		Madura		Última		Total	
	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%	freq	%
Sozinho	3	7%	3	3%	13	10%	4	14%	23	8%
Amado	13	32%	24	24%	32	25%	5	18%	74	25%
Protegido	9	22%	11	11%	15	12%	2	7%	37	13%
Privilegiado	2	5%	9	9%	10	8%	3	11%	24	8%
Mimado	1	2%	6	6%	7	6%	0	0%	14	5%
Superprotegido	1	2%	8	8%	8	6%	3	11%	20	7%
Cobrado	2	5%	13	13%	11	9%	4	14%	30	10%
Atuante	2	5%	3	3%	7	6%	2	7%	14	5%
Criticado	2	5%	3	3%	6	5%	0	0%	11	4%
Responsável	6	15%	10	10%	11	9%	5	18%	32	11%



Foco das atenções	0	0%	8	8%	7	6%	0	0%	15	5%
Total	41	100%	98	100%	127	100%	28	100%	294	100%

Fonte: Godoy (2017).

Na Fase de Aquisição, os sentimentos que os participantes predominantemente sentem são amor (32%), proteção (22%) e responsabilidade (15%). Já na Fase Adolescente amor (24%) e proteção (11%) continuam como sentimentos predominantes e a responsabilidade é substituída pelo sentimento de cobrança (13%). Ou seja, na adolescência, os filhos únicos não somente se sentem responsáveis por determinadas tarefas, como também se sentem mais cobrados pelos pais.

Nas fases Madura e Última, o sentimento de solidão se faz presente (10% e 14% respectivamente), acompanhados dos sentimentos de amor (25%) e proteção (12%) na Fase Madura e, sentimentos de amor (18%), responsabilidade (18%) e cobrança (14%). O aumento do sentimento de solidão ao longo do Ciclo Vital pode ser explicado pelo fato do aumento das demandas e responsabilidades do filho único quanto aos cuidados com os pais já discutidos anteriormente.

Mesmo com o aumento do sentimento de solidão ao longo do Ciclo Vital da Família, os filhos únicos sentem-se mais amados e protegidos do que sozinhos e cobrados, o que se opõe aos estereótipos encontrados e satisfazem os pais quanto às suas expectativas.

A seguir será apresentada a parte final desse capítulo com as considerações finais da exploração realizada acerca da dinâmica de famílias com filhos únicos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher quantos filhos ter, quando tê-los e quais as melhores formas de criá-los não é uma das tarefas mais simples da vida e costuma trazer muitas angústias, ansiedades e expectativas para os pais.

Espera-se que esse capítulo possa contribuir cientificamente para terapeutas e orientadores familiares quando receberem pais de filhos únicos aflitos com questões familiares como também possa auxiliar os pais a lidarem com tais questões nesta leitura.

Como apontado pela literatura, os pais muitas vezes optam por terem apenas um filho para terem uma relação mais próxima com ele. Isso resulta em grandes investimentos emocionais e financeiros ao longo da vida do filho e em percepções

positivas dos filhos quanto aos seus papéis familiares, sua relação com os pais e seus sentimentos dentro da família.

Sugere-se que os estudos sobre famílias com filhos únicos sejam mais explorados e que nesses estudos futuros a visão de pais e filhos únicos sejam confrontadas a fim de se compreender a dinâmica familiar de forma mais ampla e sistêmica.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. C. **Filho Único ao Longo do Ciclo Vital: Um Estudo Exploratório da Experiência de Pais e Filhos.** Monografia de Conclusão de Curso. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2009.

BERTHOUD, C. M. E. Visitando a Fase de Aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital.** 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a.

\_\_\_\_\_. Visitando a Fase Adolescente. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital.** 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002b.

\_\_\_\_\_. Conversando sobre o método In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010a.

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre a família paulista. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010b.

\_\_\_\_\_. Analisando as fases do ciclo vital. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010c.

\_\_\_\_\_. Uma leitura comparativa das fases. . In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010d.

BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CARBONE, A.; COELHO, M. R. M. A família em fase madura. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

\_\_\_\_\_. (Orgs). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C. M.O. Pensando a Família Sistemicamente. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre nossa visita ao Ciclo Vital. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002b.

\_\_\_\_\_. Ciclo Vital. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. Considerações Finais. CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

COELHO, M. R. V. P. Visitando a Fase de Aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010** – Nupcialidade, Fecundidade e Migração – Resultados da Amostra. p. 1-349. Rio de Janeiro: 2012.

GODOY, Monique Marques da Costa. **As vivências do filho único ao longo do Ciclo Vital Familiar**. 2017. 78 f. Monografia (Especialização) - Curso de Intervenção Familiar: Orientação e Psicoterapia, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2017.

LUISI, L. V. V.; CANGELLI FILHO, R. A família em fase adolescente. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010

OLIVEIRA, A. L.; CERVENY, C. M. O. Visitando a Fase Madura. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

OLIVEIRA, D. C. F. F.; MYSLINSKY, E. M.; VENDRAMI, E. M. X.; JOAQUIM, V. A. **Pai, mãe e filho: Um estudo da dinâmica familiar segundo a percepção do filho único**. Monografia de Conclusão de Curso. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2001.

SALOMONI, S. R. **Do Singular ao Plural e do Plural ao Singular - A Rede De Relacionamentos do Filho Único Adulto Jovem**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

SANTOS, I. C.; OLIVEIRA, A.L.; MORAIS, P. R. Os Atributos de um Bom Trabalho Monográfico: reflexões e direcionamentos. **Revista UniVap**, v. 16, n. 28, p. 20-28 , 2010.

SILVA, J. L.; ALVES, L. F.; COELHO, M. R. M. A família em fase última. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org). **Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.



## **TEMAS DIVERSOS**

## Capítulo 12- O significado da música na família numa perspectiva intergeracional

Adriana Leonidas de Oliveira

Denise Terezinha Rebessi Carrillo

### 1 INTRODUÇÃO

Muitos acreditam que a origem da música é tão remota quanto à origem do ser humano. Como elemento cultural ela influencia e é influenciada através dos tempos, expressando os anseios do homem em cada fase do seu desenvolvimento.

Além de fazer parte das fases do desenvolvimento do homem, a música é parte constituinte da formação da família. Ela está presente de geração em geração. De acordo com Mariz (1983), a música é capaz de expressar e traduzir pensamentos, sentimentos e valores, podendo ainda transmitir costumes e tradições de uma família, em uma determinada época e local.

A investigação do papel da música e seus significados nas relações familiares é o cerne deste estudo. A pesquisa no campo da compreensão do significado da música nas relações familiares numa abordagem sistêmica é pouco explorada devido à carência de material científico publicado sobre o assunto. Sendo assim, deste estudo emerge uma nova percepção sobre o papel da música nas relações familiares.

O tema “O significado da música na família numa perspectiva intergeracional” é um recorte da monografia “A música no compasso da família - Uma análise intergeracional do significado da música”, apresentada como exigência do Curso de Pós-Graduação em Intervenção Familiar: Psicoterapia e Orientação, da Universidade de Taubaté – UNITAU, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Adriana Leonidas de Oliveira, ano 2017. Seleciona-se para este capítulo uma das seis famílias estudadas, cujo pseudônimo é Família Chapim-Azul.

O objetivo central dessa pesquisa é o significado da música segundo a percepção de três diferentes gerações, pais, filhos e netos acima de dezoito anos de uma mesma família (sem discriminação quanto à situação socioeconômica da mesma). A delimitação deste estudo se deu na Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista, buscando a compreensão de aspectos como: rituais familiares, transmissão de valores, expressão de afetividade e permanência ou não do significado da música nas três gerações.

Nas próximas seções é apresentada uma breve contextualização teórica sobre o tema. Posteriormente o método da pesquisa de campo utilizado e o meio de intervenção realizado, bem como os resultados alcançados e as discussões à luz da teoria exposta.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Na busca para compreender o significado da música na família numa perspectiva intergeracional é de fundamental importância entender o conceito de família e sua organização. Nesta investigação encontra-se o parecer de Poster (1978 apud CERVENY, 2011) que considera que a Ciência não detém uma definição adequada sobre família e nem bases coerentes para analisá-la. Segundo o autor, isso se dá devido aos momentos de profundas transformações da “forma” tradicional e patriarcal de ser família, que temos vivido.

Continuando o desafio de conceituar família, encontraram-se algumas categorias identificadas pelos seus autores, conforme segue: Família de Origem: Laços de sangue que incluem pais e os pais desses pais sucessivamente. Ligada ao conceito de ascendência e descendência (CERVENY, 2011). Família Extensa: Vertical ou lateral com três ou mais gerações pela adoção de outras unidades nucleares (GOODE, 1964 apud CERVENY, 2011). Parentesco sanguíneo ou por afinidade de pessoas ligadas entre si no tempo e no espaço e que se articulam com o presente (CERVENY, 2011). Família Nuclear: Unidade coletiva, constituída de pais e filhos e desenvolvida a partir de um relacionamento biológico (BELL, 1975 apud CERVENY, 2011). Formada por cônjuges em um primeiro casamento com seus filhos biológicos (MCGOLDRICK; GERSON, 1985 apud CERVENY, 2011). Família Substituta: Assume a criação de uma ou mais pessoas com as quais não tem laços de parentesco (CERVENY, 2011).

Adotou-se para reflexão deste estudo o conceito de família de acordo com a visão sistêmica, apresentado como um sistema pelo qual pessoas vivem no mesmo espaço físico e mantém relações significativas e interdependentes com outros subsistemas familiares (CERVENY, 1982). A autora considera família um conjunto que funciona como uma totalidade, onde as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros. Família também é vista pela autora como circuitos de retroalimentação onde o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (CERVENY, 2011).



Esta forma de ver as relações familiares possibilita perceber as heranças intergeracionais e como uma geração interfere na outra, sendo esta uma das questões pesquisadas. Partindo dessa observação se faz necessário investigar o fenômeno da repetição dentro da família, tomando como base os estudos de Cervený (2011).

Conforme Aurélio (1997, p.413), repetir significa “tornar a dizer, ou escrever, ou fazer, usar [...]”. Quando se estuda família, é comum emergirem padrões interacionais familiares que tendem a se repetir ao longo das gerações. Esses padrões podem ser percebidos nas relações do dia a dia. A questão é que muitas vezes nos sentimos capacitados para lidar com a situação de forma diferente da geração anterior, outras vezes nos vemos vítimas de um determinismo cruel. De acordo com McGoldrick e Gerson (1985 apud CERVENY, 2011) há situações que passam de uma geração para outra de forma camuflada e que as famílias copiam-se a si mesmas.

O autor Elkaim (1989 apud CERVENY, 2011) afirma, terminantemente, que cada família transmite o seu modelo, ainda que lute por não o fazer. Esta afirmação torna-se interessante ao analisar os significados da música dentro do núcleo familiar. Há famílias que convivem com a presença da música diariamente, em eventos familiares alegres ou tristes precisam ter música, independente das circunstâncias, a música faz parte da família, de geração em geração.

Segundo Watzlawick (1967 apud CERVENY, 2011), enquanto o contexto de observação de um fenômeno não for maximizado o suficiente para incluir a esfera em que ele ocorre, ele parecerá inexplicável. A visão sistêmica de família nos faz incluir um contexto maior na compreensão dos fenômenos. Uma repetição pode parecer inexplicável enquanto não ampliarmos a observação da história geracional dos indivíduos (CERVENY, 2011).

Temos uma matriz familiar, somos produto de um passado, entretanto os eventos presentes qualificam ou modificam as experiências de um indivíduo, ainda que essas forças da matriz familiar estejam presentes na repetição, Minuchin (1974 apud CERVENY, 2011).

Ao que parece, mesmo que haja esforços para um afastamento da bagagem do que ficou nas gerações anteriores, a nossa estrutura e a dos nossos filhos já estão determinadas, pelo menos uma parte dela, devido às dívidas das gerações passadas (BOSZORMENYI-NAGY, 1973 apud CERVENY, 2011).

As ideias de Bowen (1978 apud CERVENY, 2011) sobre o que denominou de “Processo de transmissão multigeracional de modelos familiares” mostrou que as famílias repetem-se a si mesmas e o que foi nas gerações passadas tende a reaparecer ainda que de forma diferente. Sendo assim, cabe-nos perguntar quais meios propiciam essa repetição, ou em que circunstâncias ela aparece. Para o autor, sem dúvidas, o veículo que permite essa compreensão é a comunicação. Pensando nisso considerou-se investigar a música como meio de transmissão de modelos familiares.

Watzlawick et al. (1973 apud CERVENY, 2011), citando Morris e Canap mostram três áreas abrangidas pelo estudo da comunicação: a transmissão de informação, com todos os elementos que estão a serviço da emissão da mensagem, a transmissão do significado da comunicação, e como essa comunicação afeta as pessoas envolvidas. Portanto, a comunicação está a serviço da repetição de padrões interacionais e ela não só transmite informação como também define relações.

Uma alegação considerável que encontramos em Watzlawick (1973 apud CERVENY, 2011) é que “não se pode não se comunicar”. Palavras ou silêncio, tudo comunica e é capaz de influenciar outros e estes não podem ficar indiferentes a essa comunicação, seja como for, estarão se comunicando também. Segundo o mesmo autor a ausência de palavras ou da observação não constitui exceção, assim como não se pode dizer que a comunicação é somente intencional.

Precisa-se então entender que o grupo familiar se comunica por meio do espaço, do olhar, do silêncio, do movimento corporal, através da música e tantas outras formas de expressão. Convém perceber que o que não dizemos também comunica e que a família aperfeiçoa seu sistema particular de comunicação entre as gerações.

A seguir agregou-se a esse estudo o conceito de ciclo vital da família. A concepção de ciclo vital está relacionada ao conjunto de etapas que passa um ser humano: Nascimento, infância, idade adulta, senilidade e morte. As autoras Cerveney e Berthoud (2002) apresentam a proposta de compreensão do ciclo vital da família dividindo em quatro fases: Fase de aquisição; Fase adolescente; Fase madura e Fase última.

A Fase de aquisição acontece a partir do nascimento da família e sua extensão se dá desde o nascimento dos filhos até os filhos adolescentes. Caracteriza-se pela construção da vida familiar em todos os aspectos: estilo de vida e valores que o casal adotará aquisição de bens materiais e tudo mais que fizer parte desse primeiro momento de construção (BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. , 2002).

A segunda, Fase adolescente é o período em que pais e filhos estão vivendo a adolescência. Envolve profunda transformação pessoal, nas relações entre pais e filhos e entre o casal. Ocorre questionamento de regras e valores. Filhos estão em transformação e mudança para a fase adulta enquanto os pais estão na chamada crise do meio da vida. Acontece o que denominamos de fenômeno de adolescência da família. Pais e filhos demonstram preocupações com a aparência, saúde e envelhecimento. Fase onde aparece a necessidade da criação de novas regras (BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. , 2002).

A terceira Fase é a Madura, quando os filhos atingem a idade adulta e a família passa a viver o período da maturidade. Nessa fase os filhos se mostram independentes e capazes de gerenciarem as suas próprias vidas. Acontecem algumas transições importantes nesse período, em especial a saída dos filhos de casa e a reestruturação da vida do casal (BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. , 2002).

A quarta fase, Fase última aonde se acentua o envelhecimento dos pais. Nesse momento a família passa a lidar com a questão de como conviver com os pais idosos e com a viuvez, questões como com quem morar, como se manter financeiramente, situações emocionais de perdas, e outras características de fechamento de ciclo (BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. , 2002).

Faz-se necessário para o presente estudo o entendimento das fases do ciclo vital da família por considerar que a música acompanha cada fase da constituição familiar em nossa contemporaneidade. Ela está presente na infância, na adolescência, na idade adulta, madura e na velhice.

Ao questionar como acontecem às relações entre as gerações na sociedade contemporânea, não precisou de muito tempo de observação para perceber que as gerações se distanciaram. Os encontros familiares são cada vez mais raros.

Nos tempos antigos vivia-se uma vida comunitária mais abundante. (FERRIGNO, 2015). O autor afirma que novos valores e comportamentos vêm modificando a relação entre as pessoas. Os valores morais, religiosos e éticos têm perdido espaço para apelos comerciais e sexuais ditados pela mídia e pelo marketing atual. A solidez do casamento e da família vem sofrendo enfraquecimento como consequência desse momento de mudanças. Segundo Morin (2005 apud FERRIGNO, 2015), vivemos dias de pouca solidariedade.

Depois deste afastamento das gerações, no cotidiano, velhos e moços se aproximam novamente, sobretudo na família, a despeito de suas múltiplas e recentes composições. Vimo-nos desafiados a entender como estas relações entre pais e filhos, avós e netos e até bisavós e bisnetos se estabelecem com o aumento da longevidade.

Conceituando o termo geração encontraram-se vários significados. O termo é usado para se referir a grupos de pessoas nascidas numa mesma época e que viveram os mesmos eventos, por exemplo, a geração discoteca (anos 70). Outro sentido é aquele que diz respeito ao lugar na família, posição dos componentes, avós, pais e filhos (ATTIAS-DONFUT, 2000 apud FERRIGNO, 2015). Karl Mannheim (1952 apud FERRIGNO, 2015) diz sobre o perfil das gerações e as transformações sociais que as pessoas se agrupam não somente por serem de uma mesma época, mas por desenvolverem uma consciência histórica, uma identidade coletiva e porque não dizer uma identidade musical.

De acordo com Elias (1994 apud FERRIGNO, 2015) é notória as transformações no modo como acontecem os relacionamentos entre crianças, jovens e velhos desde os tempos antigos até os nossos dias, e isso, independente dos conflitos, hostilidade, repressão distanciamento, indiferença e também dos momentos de cooperação e diálogo que fazem parte do desenvolvimento humano das gerações. Identifica-se então, nos tempos modernos, a sociedade sendo caracterizada pelas diferenciações geracionais e pelo afastamento das idades, pelos espaços sociais exclusivos, minimizando os encontros e as oportunidades de interação das diferentes fases da vida. Dessa forma interessa investigar o papel da música na aproximação das gerações através da história.

De acordo com Cunha et al. (2010), a capacidade de transmitir ideias, sentimento, emoções e valores através da arte são peculiares aos seres humanos. Dentre essas formas artísticas de expressão destaca-se a música, seja através de elementos sonoros ou vocais.

A música está relacionada a vários aspectos da vida do homem, o que, segundo Tomás (2002), dificulta defini-la como uma única área de pensamento. A arte está ligada ao desenvolvimento cultural da humanidade e a música como expressão artística está repleta de narrativas das histórias espirituais, sociais, econômicas, políticas e familiares de uma sociedade. Quando vivenciada diariamente contribui para subjetividade das pessoas, na expressão da realidade interna e externa de um grupo.

Encontrou-se na filosofia grega os embasamentos para analisar a cultura ocidental e a nossa música (Grécia, aproximadamente século XIII a. C). Nesse período

o homem era entendido como parte da natureza, valorizava a imagem de guerreiro, herói e a imagem dos deuses predominantes da época. Tais influências geraram um homem desamparado frente ao seu próprio destino (NUNES, 2003 apud CUNHA et al., 2010). Já no século V a.C, o homem estava voltado para o saber (a filosofia de Sócrates), imerso na superioridade humana, dotado de habilidades manuais. Nesse período apareceram conceitos como o da psique (alma), surgindo também a dimensão de alma e corpo dando a reintegração ao homem.

Para Aristóteles o homem transcendia o natural, por essa razão ele só se realizaria na polis (VAZ, 2006 apud CUNHA et al., 2010). Vale esclarecer que polis significa cidade-estado. O surgimento da polis foi um dos mais importantes aspectos no desenvolvimento da civilização grega. Com o tempo houve o declínio da polis como lugar de realização do homem e este começou a busca pela individualidade e o viver feliz. Desabrocharam a independência, a autonomia e o saber de si mesmo (VAZ, 1992 apud CUNHA et al., 2010).

Nesse contexto histórico encontra-se a música como elemento social acompanhando o cotidiano do homem, ligada a rituais e cerimônias místicas. Platão e Aristóteles conferiam um cuidado especial à música por acreditarem na sua influência poderosa na formação dos valores do cidadão (MAGNANI, 1996 apud CUNHA et al., 2010). Esse entendimento serviu para analisar o poder da música em transmitir ideias e valores nas gerações. Parece que os poetas, filósofos e escritores da Grécia sabiam desse poder, pois a utilizavam para expressar a essência humana em espetáculos, dramas, epopeias, poemas, histórias de heróis, deuses e semideuses, tragédias, diálogos curtos, provocando fortes emoções nas plateias. A música estimulou pensamentos e comportamentos dos cidadãos (STEHMAN, 1994 apud CUNHA et al., 2010).

Percorrendo a história, com a invasão da Grécia pelos romanos, estes romanos foram influenciados pela cultura grega, dando a música um enredo de exaltação aos guerreiros e as questões civis e militares. Já nos primórdios da era cristã, a música pertencia ao circo e a rituais libertinos. Com o passar do tempo a Igreja resgatou antigas melodias gregas como senha de fé (a partir do século XII, sob a influência de Santo Agostinho, Platão, São Tomás de Aquino). Desde então, os cantos eram verdadeiras orações cantadas. Conforme Stehman (1994) a fé cristã fez a ponte entre a música grega e a civilização europeia, chegando a sociedade ocidental.

O recorte histórico até aqui apresentado serve para ligar os pontos até a chegada da música na sociedade ocidental brasileira.

O povo brasileiro sempre foi musical. Desde o século XVI, os missionários utilizavam a música para educação da fé cristã, entretanto, tem-se pouca interferência dos índios na música brasileira. Três raças contribuíram para formação do tipo brasileiro, a branca, a negra e a vermelha. Nossa maior influência na música vem dos negros com o tráfico de escravos (MARIZ, 1983).

Na música a maior contribuição dos negros foi no ritmo. Eles imprimiram acentuada libidinagem a nossa dança. Já as influências portuguesa, espanhola, francesa e italiana foram expressivamente importantes na formação técnica da nossa música. Portugal nos concedeu os instrumentos e a literatura. A Espanha, os boleros, habaneras, e o tango. A Itália, desde o século XVIII tornou-se extremamente importante por causa na ópera no Brasil. A França, trouxe-nos os cantos infantis. A Austrália, a valsa. Escócia e Polônia, os xóti e a polca. Os EUA o jazz. O nacionalismo no Brasil só se afirmou com Heitor-Villa Lobos (MARIZ, 1983).

No século passado, falar em música erudita brasileira era motivo de riso. Os rapazes talentosos do Brasil iam estudar na Europa e eram ridicularizados. Villa-Lobos foi o desbravador brasileiro para as novas gerações. Sua grandiosidade foi manifesta graças a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em fevereiro de 1992. E nesse movimento renovador nacionalista a música brasileira cresceu, impôs-se e cruzou fronteiras (MARIZ, 1983).

De acordo com esse breve relato histórico, a música que vem permeando as relações amorosas e sociais da família estão carregadas de influências multiculturais e seus significados. Foi dentro do ambiente familiar que a música encontrou a sua multiplicação e crescimento. De acordo com Luís Heitor (1956 apud CARDOSO, 2008, p. 118):

A tradição do ensino musical nas casas da Companhia de Jesus conservou-se durante dois séculos, tendo atingido maior complexidade e perfeição na Fazenda de Santa Cruz, situada perto do Rio de Janeiro, onde a crer no que escreveram certos visitantes da Colônia, funcionou um verdadeiro Conservatório, onde alunos não eram mais índios, porém negros escravos que tinham orquestras, coros, desincumbiam-se da parte musical dos ofícios sacros e representavam pequenas óperas. Mesmo depois do banimento da Companhia e conseqüente decadência dessa propriedade, que passou para Coroa, perdurou a prática daquelas execuções musicais, que encantaram a Família Real portuguesa, quando se trasladou para o Brasil em 1808.

Algo muito peculiar é como uma mesma música pode despertar diferentes emoções em diferentes pessoas. Esta ação pode estar relacionada às experiências vividas pela indivíduo ou ao seu contexto social e cultural. Fato curioso é que mesmo não entendendo o seu idioma e conteúdo, ela é capaz de nos despertar emoções ou reações (MIRANDA, 2013).

Em diversas situações, a música passa a ter valor simbólico: conhecer alguém, visitar um lugar, fazer uma viagem, casamento, embalar o filho na hora de dormir, situações onde determinada música passa a fazer sentido por estar presente no momento vivenciado pela pessoa, passando a fazer parte das suas memórias. É dessa forma que se desenvolve uma relação afetiva com determinada canção. O vínculo é estabelecido e quando essa canção é ouvida, ainda que de formas diferentes, nos mais variados contextos, será memória daquele exato momento em que se estabeleceu a conexão (MIRANDA, 2013).

Curiosamente, na maioria das vezes, não associamos a música ao conteúdo da letra, ou a mensagem que o compositor desejava passar, mas a situação vivenciada. A música poderá falar de montanhas, mas o vínculo se estabeleceu na cidade.

De acordo com Sekeff (2007 apud MIRANDA, 2013) as emoções estão diretamente ligadas à constituição pessoal do indivíduo, cada pessoa, segundo a autora, tem o seu ritmo afetivo próprio.

Diversas emoções podem ser evocadas através da música. Alguns julgam que a resposta emocional através da música, pode ser fruto de julgamento estético, racional ou ainda intelectual, que o cérebro responde a decodificação e análise musical, tendo satisfação apenas na observação e reconhecimento dos códigos. Outros acreditam que a música possa despertar emoções do cotidiano: alegria, tristeza, medo, não sendo necessária nenhuma análise formal. Seja como for, segundo o autor, a arte é a forma de se organizar experiências, sendo a técnica o agente realizador e a emoção o agente propulsor.

Na investigação das emoções, busca-se o entendimento das relações familiares e suas manifestações de afetividade através da música. Sendo assim, não se pode deixar de considerá-la uma expressão da linguagem. A linguagem faz mediação entre todas as relações mantidas em nossas vidas. A música tem sido considerada a expressão da pós-modernidade, uma forma de comunicação em um mundo vazio de sentido.

Dentro do senso comum, todos nós aprendemos a cantar em determinado momento da nossa vida. As canções ouvidas desde a mais tenra idade são transmitidas de geração em geração, e este processo é contínuo. De acordo com Monteiro (2003 apud MONTEIRO, 2012) cantar com os outros potencializa a sociabilidade.

A primeira maneira para ensinar os valores e comportamentos fundamentais da nossa cultura familiar é a língua materna. A criança aprende a comunicar-se, ouvindo e imitando principalmente a mãe. Dentro desse quadro estão presentes as canções tradicionais infantis.

A acentuação natural, a melodia e o ritmo numa língua estão incluídos nas suas canções, e com maior destaque na poesia popular, dando origem a padrões que definem a sua originalidade musical (TORRES; MARIA ROSA, 1998 apud MONTEIRO, 2012). Conforme Swanwick (2003 apud MONTEIRO, 2012) não se recebe simplesmente cultura, mas somos intérpretes culturais. Com base nessa afirmação do autor o aprendizado da música ou o ensino desta não se relacionam apenas com a transmissão da cultura, mas também, com a responsabilidade de receber e transmitir as tradições, de forma viva e criativa, numa rede de narrativas onde todos nós temos uma voz musical e também ouvimos muitas outras vozes musicais.

Funcionando como meio de o homem exprimir seus sentimentos e de se comunicar, “a música é um indicador da época, revelando, para os que sabem como ler suas mensagens sintomáticas, um modo de reordenar acontecimentos sociais e mesmo políticos” (SCHAFER, 2001, p. 23, apud FERREIRA, 2005, p. 12). Essa constatação de Schaffer nos faz pensar que a música de cada geração teve o seu objetivo quanto à condução de sentimento, valores, tradições e comportamentos, seja na família, seja na sociedade.

Muitas são as tentativas de justificar a importância da música para as diferentes sociedades do mundo. Há quem diga que sua função principal possa ser facilitar a convivência e motivar as atividades em grupo.

Quanto aos seus efeitos para o homem são psicológicos e físicos. São emocionais, intelectuais, comportamentais, estimulando o sistema sensorial, afetivo, mental, motor e o ser como um todo.

Entende-se que muitos são os benefícios da música, principalmente para o ser humano, quer em nível dos relacionamentos interpessoais, seja em nível pessoal. Ela corresponde às necessidades de gratificação da mente humana, ajuda no equilíbrio



afetivo e auxilia na defesa do organismo, estimula a criatividade, a inteligência, a memória e a capacidade de atenção.

A música aproxima as pessoas, atua nos vínculos familiares, ajuda na convivência de gerações. Música também pode ser vista como um valor, algo que significamos e transmitimos como herança de pais para filhos.

### **3. MÉTODO**

Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória de campo. De acordo com Silverman, (2009), a pesquisa qualitativa tem a capacidade de aprofundar-se na compreensão das experiências pessoais de forma mais efetiva, o que vai de encontro com o objetivo geral desta pesquisa.

A área de realização foi a Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista, S.P.

Foram estudadas seis famílias em suas três gerações: Avós, filhos e netos a partir de 18 anos de uma mesma família. A amostra foi composta por acessibilidade, sendo que a classe social, raça e idade (dos filhos e avós) não foram critérios de exclusão. Neste capítulo apenas uma família será apresentada.

O instrumento utilizado foi a Entrevista semiestruturada e para a coleta de dados houve a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CAAE 57363116.6.0000.5501).

As entrevistas foram realizadas nas residências das famílias e no consultório da pesquisadora, as quais foram gravadas com a devida autorização dos participantes para a transcrição do material.

A análise dos dados foi realizada por meio de técnicas qualitativas do método de análise de conteúdo (MORAES,1999).

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Selecionou-se para este capítulo uma das seis famílias estudadas, cujo pseudônimo é Família Chapim-Azul. O pseudônimo atribuído é o nome de uma espécie de pássaro comum nos parques e jardins de Portugal e corresponde à origem da família entrevistada. Os Chapins são aves muito vocais, sendo o seu canto a vocalização de 2-3 notas agudas, seguidas de uma cascata veloz de notas mais curtas, emitidas pelos machos.

Foram entrevistadas três gerações da família selecionada: Avó 73 anos, viúva, aposentada, portuguesa, canta em coral há dez anos, pai músico. Filha 44 anos, casada, brasileira, Psicóloga. Neto, solteiro, estudante, brasileiro, toca violão. Residentes em Tremembé, S.P.

Considerando os relatos das gerações quanto aos *rituais familiares* envolvendo a música, constataram-se assiduidades da música em hábitos estruturados e repetidos da família como festas de aniversários, Natal, reuniões familiares e demais eventos. Conforme Ferrigno (2015), depois de ter havido um maior afastamento das gerações, velhos e moços se aproximam novamente, sobretudo na família através da música.

Os rituais familiares são momentos no tempo e no espaço que favorecem e fortalecem as relações familiares. Apesar de alguns rituais serem universais, eles se estabelecem de acordo com os valores de cada família (MATTA, 1987 apud CERVENY, 2011). A família tem suas maneiras particulares de existir e transmitir valores e está em constante movimento e mudanças. O que valoriza ou não, passa pela subjetividade, pela cultura, pela mistura de raças, enfim, pela “música”.

Buscou-se ainda compreender sobre a *transmissão de valores* na Família Chapim-Azul, consideraram-se os relatos a seguir:

“A música portuguesa fez parte da minha infância...” (Filha).

“Eu acho que, a sua mãe ou o seu pai vão te mostrar alguma música e de repente é uma música que significa muito pra eles e você entende o porquê. Você vai conhecendo melhor a sua família pelas músicas que eles gostam...” “... “Minha avó passou para a minha mãe as músicas de Portugal e eu gosto também.” (Neto).

É notório que a música portuguesa constituiu-se valor transmitido de geração em geração para essa família, e ainda, que o gosto musical de cada membro desse sistema familiar tornou-se uma forma de ser e de se fazer conhecido.

Pensando sobre a forma simbólica que essa família encontrou de organizar e transmitir valores emocionais e recordações através da música, entende-se que o lugar geográfico e suas influências sócio culturais interferem diretamente nos hábitos e crenças interiorizados e transmitidos.

A música viabiliza o estabelecimento de várias memórias, além das auditivas. Ela desperta sentimentos e sensações e registra a nossa história e as nossas recordações e as nossas memórias são em boa parte as nossas heranças. De acordo com Cunha et al.

(2010), a capacidade de transmitir ideias, sentimento, emoções e valores através da arte são peculiares aos seres humanos.

Os objetivos específicos dessa pesquisa levam a compreensão das *expressões de afetividade* na Família Chapim-Azul, tendo-se em vista os relatos abaixo:

“Quando eu escuto música portuguesa dói aqui dentro... Saudades, alegrias, recordações... É muito bom! Vai fundo! A gente recorda lugares de lá, aldeias... Saudades, alegrias, eu me sinto feliz.” (Avó)... “... Você não esta muito bem, você escuta uma música, ou você está se sentindo pesado você escuta uma música para expressar aquele sentimento. Tenho até um exemplo de Vivaldi com as Quatro Estações. Você está legal você escuta uma Primavera, quando você está um pouco pesado você escuta Verão. Eu costumo escutar quando eu estou mal” (Neto).

A acentuação natural, a melodia e o ritmo numa língua estão incluídos nas suas canções, e com maior destaque na poesia popular, dando origem a padrões que definem a sua originalidade musical (TORRES; MARIA ROSA, 1998 apud MONTEIRO, 2012). Conforme Swanwick (2003 apud MONTEIRO, 2012) nós não recebemos simplesmente cultura, mas somos intérpretes culturais.

Com base nessa afirmação do autor a música não se apresenta apenas como um meio de transmissão de cultura, mas também, tem a responsabilidade de receber e transmitir as tradições, de forma viva e criativa, numa rede de narrativas onde todos são ouvintes e possuidores de vozes musicais. À luz dessas considerações, a vida e a música se enlaçam em uma extensa composição, cheia de expressões e dinâmicas, onde os sentimentos positivos e negativos definem a melodia com frases únicas e peculiares da Família Chapim-Azul.

A influência da música portuguesa como valor transmitido de pais para filhos e de filhos para netos é fortemente presente nesta família. A nostalgia, as lembranças através da música portuguesa envolveram as gerações. As canções infantis continuam como um legado desta família:

“Minha mãe cantava músicas portuguesas... Era assim: Lá em cima tá o tiro liro liro; Cá em baixo tá o tiro liro ló; Juntaram-se os dois na esquina a tocar a concertina, a dançar o sol e o dó... “ (Filha). “Eu também cantava brincando em casa.” (Filha).

A primeira maneira para ensinar os valores e comportamentos fundamentais da cultura familiar é a língua materna. A criança aprende a comunicar-se, ouvindo e imitando principalmente a mãe. Dentro desse quadro estão as canções tradicionais infantis. É o que se observa na transmissão das músicas tradicionais portuguesas nas gerações desta família.

A seguir, esse estudo volta-se para o entendimento do *significado da música* nas três gerações da Família Chapim-Azul, onde se identifica que:

Para a 1ª Geração – Mostra-se relacionada com a figura paterna, aconchego do lar, lugar da infância, país de origem, memórias e o prazer da apreciação musical.

Quanto à 2ª Geração – Como sendo uma figura de fundo, algo que está sempre lá como um cenário montado cuja sonoplastia acompanha a vida.

E para a 3ª Geração – Como condutor de sentimentos, seja de alegrias ou tristezas.

A música de cada geração tem o seu objetivo quanto à condução de sentimento, valores, tradições e comportamentos (SCHAFER, 2001, p. 23, apud FERREIRA, 2005, p. 12). Há quem diga que a função principal da música possa ser facilitar a convivência e motivar as atividades em grupo.

Uma das hipóteses mais aceitas hoje é a de que a música teve função primordial na formação e sobrevivência dos grupos e na amenização de conflitos. Se ela existe e persiste, é porque provoca respostas que agem como um forte fator de coesão social (GIRARDI, 2004, p.76, apud FERREIRA, 2005, p. 12).

O que não se pode negar é que a música vem ocupando um lugar de valor dentro da Família Chapim-Azul, visto o seu *significado ter se mantido e atravessado gerações*.

Identifica-se intergeracionalmente que houve e ainda há:

Repetição em relação às expressões de sentimentos através da música (alegria, tristeza, recordações, saudades) nas três gerações. Esta forma de se comportar através da música faz parte da comunicação desta família.

Repetição de estilos musicais: Música portuguesa como principal herança intergeracional, depois a música sertaneja, o samba, o pagode e o rock na segunda para terceira geração.

Há muitos relatos sobre a influência da música no comportamento humano. De acordo com a visão sistêmica de ver família esta influencia musical abraça um campo muito maior, incluindo gerações passadas e, até mesmo espaços familiares, assim chamados por Torres.

Nesses espaços [familiares] estão fragmentos das memórias musicais que se constituíram na intersecção das relações das memórias familiares, em que os vizinhos e os amigos participavam dessas lembranças musicais, com as músicas que se ouvia no domingo pela manhã, nas festinhas da turma da rua, ou com os discos que eram emprestados e compartilhados (TORRES, 2004, p.735, apud GOMES, 2009, p. 14).

Quadro 1- Trechos das músicas eleitas pela Família Chapim-Azul

<b>Trechos de músicas eleitas para representar a Família Chapim-Azul:</b>	
1ª Geração Oração pela família – <b>Padre Zezinho</b>	...Que marido e mulher tenham força de amar sem medida / Que ninguém vá dormir sem pedir ou sem dar seu perdão / Que as crianças aprendam no colo, o sentido da vida / Que a família celebre a partilha do abraço e do pão! / Abençoa Senhor, as famílias! Amém! / Abençoa Senhor, a minha também...
2ª Geração Pais e filhos – <b>Legião Urbana</b>	...Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo / São crianças como você / O que você vai ser / Quando você crescer...
3ª Geração A grande família – <b>Dudu Nobre</b>	Pirraça pai! Pirraça mãe! Pirraça filha! / Eu também sou da família / Eu também quero pirraçar... / Catuca pai! Catuca mãe! Catuca filha! / Eu também sou da família / Também quero catucar...

Fonte: dados da pesquisa de campo

Os trechos destacados no Quadro 1 foram selecionados a partir das músicas eleitas pelas gerações. Tais canções reforçam a importância dos valores morais e

crístãos da família Chapim-Azul, assim como demonstram a força da repetição já evidenciada intergeracionalmente através da linguagem musical desta família.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este capítulo: Estudo de caso – O significado a música na família numa perspectiva intergeracional, compreende-se que a análise da música no ciclo familiar é muito vasta. As narrativas das famílias misturam-se no tempo e no espaço com as canções que vinculam as suas histórias e o alcance da música nas relações humanas está longe do nosso entendimento.

A experiência vivenciada pela pesquisadora foi construtiva e desafiadora, ampliando conhecimentos de como a música interfere sistemicamente nas relações familiares de forma intergeracional, permeando todas as fases da família dentro do seu ciclo existencial.

Considerando o objetivo geral dessa pesquisa, a compreensão do significado da música na família segundo a percepção de três diferentes gerações, em famílias da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, foi possível constatar a assiduidade da música em hábitos estruturados e repetidos da família, nos rituais familiares: reuniões, almoços, festas de aniversários, Natal, e rotinas diárias.

Os resultados estudados mostram a música como importante instrumento de transmissão de valores dentro do lar, principalmente para as crianças. A frequência da música na família estabelece-se como condutor de transmissão de sentimentos positivos e negativos, como meio de comunicação entre as pessoas. Onde as palavras não são suficientes à música mostra-se como excelente ferramenta de expressão comunicativa.

As pessoas podem ser conhecidas através das músicas que ouvem ou cantam, podem ser transportadas para lugares de sua infância, imprimindo recordações. A música registra as histórias, as vivências, as pessoas amadas, a terra, os pais, os irmãos. E através dela sente-se saudade até de quem se era.

Reconhece-se nesse estudo que a música carrega valor inestimável. Ela aproxima pais, filhos e netos através da sua linguagem comum a todas as idades, aumentando vínculos, unindo a família.

Portanto, pode-se concluir que a música transmite valores e heranças familiares de uma geração para outra, seja de forma despreziosa ou intencional. Que uma simples canção nativa pode contar a história de uma vida. Que muito do que se aprende

sobre os estilos ou gosto musical é recebido dos pais. Que o valorizar ou não valorizar a música também é um valor transferível intergeracionalmente.

Na trajetória deste estudo encontra-se a música como bálsamo, refrigerio nos momentos difíceis, fortalecimento emocional e expressão de fé da família. Viu-se ainda as tradicionais canções infantis serem substituídas por músicas portuguesas, para expressar afetividade.

É perceptível o significado da música como algo bom na família, pertencente à festa, saudade, recordações da infância, expressão de amor. Como patrimônio constituinte da formação da família, vinculando as pessoas de geração em geração.

A partir desse estudo poder-se-á fazer outras indagações para futuras investigações, como: A música e o comportamento do adolescente - Aspectos positivos e negativos; Como a música contemporânea vem afetando os valores morais e cristãos da família? O significado da música na infância e O significado da música na velhice.

“A LINGUAGEM DA MÚSICA É COMUM A TODAS AS GERAÇÕES E NAÇÕES; ENTENDE-SE POR TODOS, JÁ QUE SE ENTENDE COM O CORAÇÃO.” - *Gioacchino Rossini (1792 -1868)*.



Chapim-Azul

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. **Família e Ciclo Vital**: Nossa Realidade em Pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BERTHOUD, C.M.E; CERVENY, C.M.O. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- CARDOSO, A. **A música na Corte de d. João VI, 1808-1821**. São Paulo: Martins, 2008.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CERVENY, C.M.O. **A Família como Modelo**: Desconstruindo a Patologia. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011.
- CUNHA, R.; ARRUDA, M.; SILVA, S. M. Homem, Música e Musicoterapia. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**. v. 1. p. 1-141, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA, T. T. **Música para se ver**. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social. 105f. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- FERRIGNO, J. C. As relações entre idosos e jovens em Programas de Cultura, Lazer e Voluntariado. In: CERVENY, C. M. O. **Manual de longevidade**: guia para melhoria da qualidade de vida dos idosos. Curitiba: Juruá, 2015.
- GOMES, C. H. S. **Educação Musical na Família**: As lógicas do invisível. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música. 214f. Porto Alegre, 2009.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARIZ, V. **História da música no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MED, B. **Teoria da Música**. 4 ed. revisada e ampliada. Brasília, DF: Musimed, 1996.



MIRANDA, M. B. **A música e as emoções**: os benefícios da educação musical amparados na neurociência. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. 36f. Rio de Janeiro, 2013. 174

MONTEIRO, M. T. L. C. P. **Música entre Gerações**. Relatório de Estágio submetido como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Instituto Politécnico de Setúbal. 2012.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista educação**. v. 22. n. 37. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <[http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)>. Acesso em: 28/03/2016.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

TAVARES, M. **A entrevista clínica**. In: CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-V**. 5 ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 45-56.

## Capítulo 13- Espiritualidade: Compreendendo as crenças e os valores de instituições evangélicas para os líderes e liderados

Andreza Maria Neves Manfredini

Lúcia Andréia Gomes de Souza Silveira

*“Ninguém cria completamente uma nova história, mas sim se insere naquela que vem sendo traçada pelas antigas gerações”*  
(WAGNER, 2011 apud SANTOS; MACIEL, 2015, p. 109).

### 1 INTRODUÇÃO

Diante da experiênciapessoal de uma das autoras como membro e líder de uma instituição evangélica, percebeu o quanto seu cotidiano as crenças e valores institucionais influenciavam diretamente no âmbito familiar, pessoal, social e profissional. A partir disso, desenvolveu-se o interesse em aprofundar-se nesta temática para a obtenção do título de especialista em Orientação Familiar, na UNITAU.

Neste Capítulo, será apresentada a pesquisa que foi desenvolvida como conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em “Intervenção Familiar: Orientação”, cujo objetivo geral é identificar e compreender as influências das crenças e dos valores da instituição evangélica na espiritualidade sob a visão dos líderes e dos liderados. Já quanto aos objetivos específicos, identificar e compreender as crenças e os valores que são transmitidos pela instituição evangélica e a repercussão positiva e negativa das influências das crenças e dos valores para os líderes e liderados.

O estudo sobre a religião e a espiritualidade do ser humano passa a ser relevante, bem como a cultura que envolve toda a questão do relacionamento interpessoal. Consideramos o que Dalgalarro (2007) aponta sobre espiritualidade, quando afirma que este conceito vem sendo desenvolvido para entender quais são os medos, crenças, esperanças e o que isto contribui para os significados e propósitos, no cotidiano e ao longo da vida, que surgem por meio da religião. Já Koenig (2012), aponta que o envolvimento religioso exerce grande influência nas redes sociais e que, portanto, afeta positiva ou negativamente os sistemas fisiológicos sensíveis ao estresse psicológico ou a emoções negativas.

Dentro desse contexto religioso e, portanto, coletivo, Gergen e Gergen (2010) descrevem que a construção social é que permite ao indivíduo seu olhar no mundo de maneira diferente. Para este autor, uma liderança com ideias construcionistas não está

condicionada a uma relação tradicional, estática e imposta como verdade absoluta, mas, pelo contrário, o conhecimento se faz por meio da conversação.

No que se trata de uma conversa estabelecida em uma relação social, Farris (2008) coloca que a espiritualidade está ligada com o bem-estar pessoal que advém da relação construída na interação e nas trocas de significados com o outro dentro de uma convivência relacional.

Nas próximas seções, será apresentada uma breve contextualização teórica dos temas: Pensamento Sistêmico; Religiosidade *versus* Espiritualidade, e A Influência da Cultura Institucional na Espiritualidade, para posteriormente serem explicados o método da pesquisa de campo desenvolvido e os resultados principais alcançados e discutidos à luz da teoria sistêmica.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1- A BASE EPISTEMOLÓGICA SISTÊMICA E A ESPIRITUALIDADE

A palavra religião originou-se do latim *religio*, constituído pelo prefixo *re*, denotando “outra vez”, “novamente”, e pelo verbo *ligare*, que sugere “ligar”, “unir”, “vincular”. Foi Agostinho (350-430) quem vinculou à religião a procura de Deus por parte do homem. Surgindo assim um relacionamento entre Deus e o homem fundamentado na submissão e no amor entre o homem e Deus, e para aperfeiçoar e fortalecer essa relação nasce a instituição Igreja. A palavra religião encontra-se necessariamente ligada a um sistema de crenças, de dogmas e de rituais, constituindo de tal modo uma estrutura institucional (SILVA; SIQUEIRA, 2009).

Sendo assim, Koenig (2012) propõe uma definição mais clara da palavra religião, como um sistema de crenças e práticas observado por uma comunidade, com base em rituais reconhecidos e idolatrados por esta, possibilitando uma comunicação com o Divino. Portanto, a estrutura desse envolvimento está nos ensinamentos das escrituras, e como esse indivíduo deve se posicionar em relação a ele e ao mundo a sua volta, na convivência com o próximo, pautando-se também na preocupação de sua vida pós-morte, impondo que todas essas normas devem ser aceitas pela comunidade.

Além disso, a influência da religião sobre o sujeito vai além de uma convivência em comunidade, interfere no âmbito sociocultural e comportamental, aparecendo também em sua constituição. Consequentemente, essas etnias que estão incutidas na

cultura, na lei moral que comprova a atuação no comportamento diante da cultura religiosa, decidem como o indivíduo deve proceder diante do que caracteriza como adequado ou inadequado (HENNING; MORÉ, 2009).

Segundo o DSM, manual diagnóstico e estatístico das desordens mentais, a partir de 1994, passou-se a incluir a espiritualidade como foco de atenção no atendimento psicológico. Buscou-se esclarecer a diferença entre religião e espiritualidade (PAIVA, 2008).

Espiritualidade advém de um termo abstrato, proveniente do adjetivo “espiritual”, mesmo formado de uma palavra de procedência latina, esse adjetivo não existia no latim clássico, sendo conhecido pelo latim da igreja. Dentro desse contexto, a expressão remete instantaneamente a uma referência ao Espírito Santo, surgindo assim a primeira conotação para o sentido da palavra espiritualidade, que passou a ser reconhecida como uma vida conduzida pela ordem do Espírito Santo (RICAN, 2003 apud PAIVA, 2008).

Assim, nos dias contemporâneos, a espiritualidade é vista como o avesso da religião, ou da religiosidade. Vale ressaltar que a religião é uma instituição, onde seus dogmas, normas e liturgias se baseiam dentro de uma comunidade, com liderança que exerce sua autoridade respaldada em princípios bíblicos, onde seus membros apresentam uma atitude de obediência que reverencia as regras com base num comportamento moral e sentimento de culpa (PAIVA, 2008).

Portanto, a espiritualidade veio promover o indivíduo à livre expressão, sobretudo o conhecimento pessoal e afetivo, convivência com direito de escolha, menor apego a bens materiais, gerando um sentimento maior de compaixão, um compartilhar de experiências, com celebrações espontâneas e a inserção ecológica, gerando sentimento de liberdade, verdade, entrosamento e um sentimento de alegria vivido com mais intensidade (PARGAMENT, 1999 apud PAIVA, 2008).

A maneira de olhar para entender o mundo e as relações humanas está relacionada com as ideias de Vasconcellos (2014) quando nos apresenta o pensamento sistêmico novo-paradigmático. Esse pensamento está embasado em três novos pressupostos: complexidade, instabilidade e a intersubjetividade. Esse novo paradigma ampliado da forma de ver o objeto e, dentro disso, sua relação com o meio em que ele vive um processo relacional com os objetos constantemente em mudanças, considerando que os indivíduos são iguais biologicamente, mas cultural e socialmente diferenciados, ou seja, o indivíduo vê e vive o mundo em que ele atua.

Dentro desse novo paradigma, Cervený (2011) afirma que é impossível olhar o sujeito de maneira tradicional e singular, sendo ele inserido dentro dos sistemas interpessoais com um movimento de retroalimentação, considerando que a pessoa afeta com seu comportamento o outro, é também afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas. Consideramos que pensar sistemicamente relaciona-se em ter um olhar ampliado onde as coisas acontecem e não apenas um entendimento dos fatos, mas as vivências dos fatos que englobam o comportamento, tendo múltiplas formas de olhar o sujeito que está inserido nos diferentes contextos.

Diante disso, se compreende que um pensamento sistêmico novo paradigmático é complexo e desafiador, pois

A elaboração de novas ideias depende da libertação das formas habituais de pensamento e expressão. A dificuldade não está nas novas ideias, mas em escapar das velhas, que se ramificam por todos os cantos da nossa mente (KEYNES apud VASCONCELLOS, 2013, p.11).

Bower (1991, apud MACEDO, 2014) fundamenta Vasconcellos (2014) ao considerar que para o indivíduo alcançar sua autonomia é preciso maior interação, possibilidade de reflexão e diálogos para que consigamos atingir maior nível de diferenciação do self, onde o indivíduo passa ter uma habilidade de se separar emocionalmente dos demais.

#### **4.2- A INFLUÊNCIA DA CRENÇA, VALORES NA ESPIRITUALIDADE**

O dicionário Michaelis (2018) define crenças como “o conjunto de princípios ou doutrinas religiosas ou místicas que têm valor de verdade para seus seguidores”, e valores como “crenças em relação ao que é certo ou errado e ao que é importante na vida, em termos morais, culturais e sociais”.

Complementando essas definições, Bruscağin (2013) afirma que as crenças advindas da religião incluem valores morais, a existência de um ser superior ou Deus. Considero as ideias da autora como também aquelas em que são compartilhadas pela instituição religiosa, por propor normas e prescrições no âmbito pessoal e familiar, e são aceitas sem questionamento por seus membros.

Nesse aspecto, a religião não se limita apenas ao campo social e comportamental, colaborando na formação social do indivíduo, na qual é capaz de influenciar na formação da identidade. A decisão de pertencer a um movimento

religioso não se vincula apenas a um sentimento de autopercepção ou uma valorização do objeto religioso, mas a mudança pode ocorrer de maneira positiva e negativa em questões sólidas que chegam a interferir e se fundir na personalidade do sujeito (SENGL,2000; 2002 apud HENNING, MOREÉ, 2009).

Com relação aos benefícios da convivência em comunidade religiosa, Gartner (1996apud BRUSCAGIN, 2013), afirma que ocorre o favorecimento da saúde física, emocional e social, diminuindo os fatores de risco como: depressão, alcoolismo, comportamento criminoso, suicídio, delinquência, assim como o divórcio nas famílias.

A espiritualidade nos dias contemporâneos veio promover ao indivíduo a livre expressão, sobretudo o conhecimento pessoal e afetivo, convivência com direito de escolha, menos apego aos bens materiais, gerando um sentimento maior de compaixão, um compartilhar de experiências, com celebrações espontâneas, e a inserção ecológica, gerando sentimento de liberdade, verdade, entrosamento e um sentimento de alegria vivido com mais intensidade (PARGAMENT,1999 apud PAIVA, 2008).

Entretanto, em algumas situações a busca religiosa, ao invés de proporcionar um bem-estar, pode dificultar os processos de promoção de saúde psíquica e conseqüentemente no relacionamento social.

O sociólogo francês Roger Bastide (1967, apud DALGALARRONDO, 2007) aponta em seu livro “Sociologia das Doenças Mentais” a analogia entre pertencer a certas denominações religiosas e o adoecimento mental. Diante de um estudo detalhado do assunto, o autor afirma que tanto os valores quanto as normas que constituem a cultura de uma instituição religiosa interferem de forma direta ou indireta na ocorrência das doenças mentais.

Ainda, segundo este sociólogo, é preciso destacar que a influência dessa cultura varia de acordo com as classes sociais. Diante disso, ele ainda ressalta que há religião que contribui com um papel fundamental de proteção para esse indivíduo em se tratando de transtornos mentais. Tem o papel de ajudar na formação de uma personalidade sadia e uma convivência saudável em comunidade. Mas é preciso pontuar que também apresenta o lado não favorável, no qual intensifica os conflitos psíquicos, estimulando nesse indivíduo o desejo pelo perfeito e a renúncia aos instintos carnis. Essa cultura moral repressora é mais acentuada dentro das denominações evangélicas pentecostais (DALGALARRONDO, 2007).

### 3 MÉTODO

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa descritiva. A pesquisa descritiva busca observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Busca também precisar, se possível, a relação de um fenômeno com outro, a frequência com que ocorrem, sua natureza e características. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007).

A amostra foi por acessibilidade que, segundo Gil (2008), é um método livre do rigor estatístico, onde “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que eles possam, de alguma forma, representar o universo” (p. 94).

Os critérios de inclusão dos participantes foram: homens e mulheres acima de 18 anos, de classe média, que frequentam a instituição religiosa acima de dois anos, e também líderes de instituições religiosas que estão acima de dois anos nessa função. O instrumento utilizado foi o grupo focal, tendo sido realizados dois grupos, um para os líderes, com a participação de 7 pessoas (3 mulheres e 4 homens) e outro para os liderados, com a participação de 7 pessoas (6 mulheres e 1 homem). Cada grupo era composto por sete pessoas, sendo 14 pessoas no total.

O grupo focal teve como finalidade obter respostas de grupos de pessoas, textos, filmes ou questões extraindo das atitudes e respostas dos participantes sentimentos, opiniões e reações que possibilitariam a formação de um novo conhecimento (GOMES, 2005).

Numa pesquisa qualitativa, o grupo focal é eficiente para a obtenção de dados que envolvam aspectos sobre as opiniões das pessoas. “Os grupos focais, por definição, baseiam-se na discussão grupal para a coleta de dados sobre um tópico determinado pelo pesquisador” (BERTHOUD, 2003apud MANFREDINI, 2007, p.10).

Foi utilizado um roteiro com quatro perguntas semiestruturadas, baseadas nos objetivos da pesquisa. Ocorreram dois encontros (um com cada grupo), com a duração de duas horas cada um. A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com o parecer de número 2.065.479.

Como trata-se de um método qualitativo, por esse motivo a análise do grupo focal dispensou tratamentos estatísticos, reservando-se apenas a codificação dos dados via análise de conteúdo, “ênfatizando a descrição numérica de como determinadas categorias explicativas aparecem ou estão ausentes das discussões, e em quais contextos isso ocorre” (LEVORLINO; PELICIONI, 2001, p. 119).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1- SOB O OLHAR DOS LIDERADOS: AS CRENÇAS, OS VALORES, AS REPERCUSSÕES POSITIVAS E NEGATIVAS DAS INSTITUIÇÕES EVANGÉLICAS

*“Eu sempre tento fazer pelas pessoas aquilo que eu gostaria que fizesse por mim, seja dentro da minha casa ou que seja fora de casa, bíblicamente falando: ‘Amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a mim mesmo’ (Lucas,10:25)”.*

*“Ter comunhão com os irmãos [...] aprender a servir é muito bom [...]”.*

*“A disciplina espirituais que é a leitura da bíblia que é a palavra, o praticarmesmo aquilo que é ensinado, a oração é um costume... à comunhão com as pessoas [...] Ser dizimista”.*

*“Eu acho que a criação dos filhos é muito importante dentro da instituição [...] eles conseguem observar a diferença de quem vive dentro e quem vive fora [...] vem trazendo um principio de família, de relacionamento, de amizade [...]”.*

*“Eu senti que eu mudei, como pessoa, como mãe, no comportamento com meus filhos, dentro da minha casa, sou uma pessoa mais calma mais ponderada sem falar palavrões, eu mudei [...] é a palavra (bíblia), o praticar mesmoaquilo que é ensinado [...]”.*

*“Eu quis participar da célula [...]conhecer outras pessoas fora daquele ambiente da minha instituição [...]”.*

*“Assim como ele abriu mão do próprio filho, abrir mão do próprio querer... até das questões financeiras mesmo [...] ultrapassar o seu próprio limite.”.*

Foi possível perceber que os liderados possuem uma forte **crença** referente à relação com o próximo, o que demonstram ser uma prioridade em suas vidas, fundamentando como justificativa as passagens bíblicas que mostram o sacrifício do Divino para a manifestação do amor ao próximo, cultuam a crença de ser dizimista e ofertante no que se refere à questão monetária, uma vez que creem que essa atitude é reflexo desse amor ao próximo. Pontua-se a relação com a família de origem e a atual, quanto também à ‘família’ gerada pelo contexto da instituição, ou seja, a comunhão com os membros gera o bem-estar, que é compreendido por eles como valorização da espiritualidade, regado com a oração e o estudo da Bíblia.



Outra crença dos liderados é a participação de pequenos grupos e células, a aproximação entre eles e a abertura para a inclusão de novos membros, onde se veem responsáveis pela salvação do próximo, incluindo a família.

Analisando as crenças em uma perspectiva sistêmica observa-se que invariavelmente estas crenças modificam, na mesma medida que são modificadas, a partir das relações mutuamente influenciadoras, resultando em relações mais ou menos fortalecidas entre pessoas e outros sistemas de nível individual e coletivo. Nesse sentido, Wash (1999 apud Cervený, 2004) percebe a influência da crença na construção de vínculos pautados na visão e interesse ao próximo na busca do bem-estar, quando geram mudanças nas experiências das adversidades, dores e sofrimentos, tornando a espiritualidade um aspecto da vida, herança familiar e de sistemas, explicadas também pelos participantes como a renúncia, justificadas pela devoção ao Deus como um Ser superior.

Esses paradigmas podem representar uma percepção libertadora na medida em que é compreendida como um modelo do que é correto seguir, mas também pode apresentar conotação repressora em momentos que impossibilitam outra compreensão, limitando-os ao que pode ser considerado sinal de inflexibilidade e resistência às mudanças (VASCONCELOS, 2013).

*“A gente coloca para o filho que ele tem direito de escolha, o amor dele com o Pai tem que ser individual e não vai depender de mim, então o que ele vai escolher é consequência dele, é fruto dele, é benefício ou maldição para ele”.*

*“O relacionamento com o próximo precisa ser plantado dentro de mim [...] pela instituição”.*

*“Nós somos diferentes, né?...Totalmente diferentes, mesmo que depois eles chamam a gente de ‘crentinho’ [...] expressão que eles usam, para as mulheres e para os homens que eles continuam vendo dessa forma, que ainda tem pessoas que buscam a Deus e oram e muitas das vezes pela vida deles”.*

*“Temos que ser aquilo que nós estamos projetando para nossos filhos, nós projetamos algo através da palavra (Bíblia) que nós fomos instruídos”.*

*“Como que as pessoas estão enxergando a instituição? [...]deveria ser positivo, a gente sabe que muitas vezes não é [...] fiquei chocada... eu fiquei chocada, o que estão vendo de nós lá fora, né?... somos todos cristãos, e agente tem tantos pontos negativos a ser citados [...]então eu acho de uma obrigação enorme da minha parte, reverter esta situação”.*

Quanto aos **valores** cultuados pelos liderados, está a concepção quanto à liberdade de expressão no culto e a possibilidade de estar em outras instituições e à comunicação contínua para falar com Deus, como forma de ouvi-lo por meio do estudo da Bíblia.

A valorização da comunicação familiar e a criação dos filhos com vínculos com Deus, a valorização da família e seu empenho em favor do próximo são expressados como valores para os liderados.

Nota-se diante da conscientização da fragilidade da instituição a preocupação com a imagem institucional, portanto, pertencer a essa comunidade contribuiu para que eles se vissem como indivíduos diferenciados pela sociedade, mesmo que muitas vezes tratados em sentido difamatório ou negativo, quando apelidos como “crentinho” não deixam de transmitir apoio social.

Fica claro para alguns liderados que as decepções geradas no convívio institucional se baseiam em pessoas que a frequentam de pouco caráter, mas cabe a cada um permanecer, pois acreditam que da mesma forma que se “machuca” na instituição, ela também é capaz de “curar”, sendo esse mais um motivo para sua presença e continuidade no sistema.

Isso nos remete ao que Bowen (1957 apud CERVENY, 2014) coloca sobre a diferenciação do self, que vem da habilidade de um indivíduo se separar emocionalmente da massa indiferenciada do ego familiar para conseguir independência e maturidade, sem perder a capacidade de se conectar livremente, tendo maior segurança da sua identidade e se sentir livre para estabelecer relações próximas sem medo de serem sufocadas.

No âmbito da conduta, os valores religiosos constroem uma estrutura elementar de referência em relação aos comportamentos. A partir do momento em que Deus é considerado consciência da família, assim como na instituição religiosa, seus membros procuram agir de acordo com o que irá ‘agradá-lo’, o que justifica ser obediente, honrar seus pais, orar, ler a Bíblia, frequentar a igreja, entre outras, como forma de manutenção e estreitamento das relações com Deus (CERVENY, 2014).

*“Eu tenho liberdade de indagar, de ser ouvida, de ser explicada e ser atendida [...] a gente não precisa concordar com tudo[...] eu tenho o direito de falar ‘não’ ”.*

*“A minha instituição não me dá o direito de questionar até hoje [...] eu me dou o direito de analisar aquilo que é bom pra mim e o que não é”.*

*“Eu juntei um grupo de mulheres [...] eu juntei cadeiras [...] hoje tem cadeira de roda, cadeira de banho, a gente tem andador [...] fiz esse trabalho individual sem apoio da instituição, com apoio de umas pessoas agregadas, e isso tem feito muito bem [...]mas se tivesse a cooperação de mais pessoas e do líder seria melhor”.*

*“Meus pais passaram pra mim, fui criada dentro da instituição, [...] tenho uma família abençoada, tenho dois filhos, minha menina também ama trabalho de missões”.*

*“[...] ir ao culto, escola bíblica dominical, santa ceia, as células e os pequenos grupos[...] o evangelismo dentro e fora de casa, [...] isto traz um relacionamento [...]conhecer outras pessoas fora daquele ambiente da minha instituição [...]”.*

Quanto às **influências da instituição de maneira positiva** no comportamento dos liderados, diz respeito à liberdade de compartilhar experiências e opiniões sem preconceitos e estereótipos, exprimem se sentirem úteis promovendo engajamentos sociais, estudos bíblicos, leituras da Bíblia e orações coletivas. Há um reconhecimento da inovação que é a aproximação social e pessoal entre líderes e outros liderados.

Porém, esse processo de diferenciação não ocorre em todas as instituições religiosas dos participantes, entretanto, alguns liderados afirmam que, apesar desse processo não ser favorecido por sua instituição, eles o fazem independentemente dela, ou seja, se permitem desenvolver sua diferenciação independente do sistema.

Na perspectiva familiar, os valores passados por meio dos aprendizados dentro da instituição promovem um estreitamento de laços, um diálogo valorizando a reflexão e com isso uma melhor convivência familiar.

A participação em comunidade oferece benefício social em momento de crise, esse apoio é devido à frequência regular na igreja, busca na orientação divina, na leitura da Bíblia, o manual de instruções que pauta sua moral religiosa, refletindo, assim, boas ações no seu cotidiano.

Morin (apud SCHNITMAN, 1996) afirma que cada indivíduo é uma parte da sociedade, mas essa intervém desde quando o indivíduo nasce, com sua linguagem, suas regras, suas proibições, sua cultura, e seu saber. Isso é possível observar quando os participantes se remetem à instituição religiosa como um sistema que provocou fortemente mudanças em suas vidas. Da mesma forma que indivíduos interferem nas relações, para Souza (2004), a espiritualidade também é fator essencial na medida em que quando em situações delicadas, os valores internos agem como fundamento de significado para aquilo que antes fugia da compreensão dos indivíduos e que agora compreendem a estrutura e funcionamento dos pensamentos em base da crença.

*“Dentro de uma igreja, o valor é um carro bom, uma casa boa, muito dinheiro no banco e totalmente curado de qualquer doença, esses são os valores. Eu cansei! [...] escuto falar quem é homem ou mulher de Deus não fica doente”.*

*“A mesma instituição que te prega o amor, se você não entrar de acordo com que eles querem [...] você é discriminada no meio”.*

*“Mesma instituição que te traz cura só falta te matar, ela pode matar você, na sua fé [...] fazer você desistir de tudo”.*

*“É uma empresa [...] tem um administrador [...] a liderança ali é toda familiar, se chega outra pessoa ou se encaixa no padrão simplesmente sufocam até sair, isolam [...] você está num lugar onde você se sente preso, não tem liberdade, onde você não se sente amado, seu pastor não te liga quando você falta”.*

*“Mas eu acho o reino injusto por que serve a uma minoria, servem aos líderes, eles têm salários, eles têm benefícios, eles têm tudo como se fossem lá em Brasília, e quando o irmãozinho precisa de alguma coisa, nós não temos nada, não tem, não tem uma cesta básica não tem nada”.*

Quanto aos **aspectos negativos** expostos pelos liderados participantes desta pesquisa, estão relacionados à visão da instituição como uma organização monopolizada por pequenos grupos de liderança. Geralmente, isso tende a acontecer quando compostos por indivíduos com posses materiais e que valorizam o consumo. Pontua-se que alguns líderes torna a relação autoritária e abusiva, o que pode gerar sentimentos de medo e de fraqueza moral aos liderados, por não se sentirem reconhecidos nas suas potencialidades, assim como são constantemente desvalorizados em suas iniciativas.

Também em conotação negativa a transformação do líder, antes próximo quando em pequenas instituições, porém, agora com poder porque em liderança de grandes templos, situação que contradiz os valores cultuados, conferindo à administração cunho empresarial.

Wynne (1984 apud CERVENY, 2011) introduz o conceito de mutualidade para os indivíduos que são capazes de se reconhecerem e reconhecerem o outro, devido à construção de uma identidade positiva e valorizada, portanto, saudáveis. Entretanto, o fenômeno contrário, a não mutualidade, caracteriza-se pela não valorização e percepção de não correspondência às expectativas do outro.

Outro fator que demonstra indignação dos participantes é o sentimento de injustiça quanto ao uso dos recursos financeiros, havendo montante significativo para financiamento de alguns eventos ligados à liderança, sendo assim, não à prioridade de ajuda ao próximo.

A partir dos relatos dos liderados sobre as influências negativas das instituições evangélicas em seus comportamentos, é possível perceber que as queixas com relação à falta de diálogo, ou ainda a ‘proibição’ de questionar ou discordar de seus líderes, são as que mais aparecem. Isso nos remete às ideias de Shotter (1993a), quanto à confiabilidade e a responsabilidade apenas serem garantidas com o diálogo real e aberto, em que os envolvidos possam ter assegurada a possibilidade de questionar, responder, concordar e discordar, assim gerando o surgimento de novas concepções sólidas e compartilhadas.

Os liderados expressam suas responsabilidades e predisposições em promover mudanças no nível pessoal e institucional, fortalecendo a comunhão entre os membros e as comunidades de forma geral, aproximando-se dos indivíduos que não fazem parte do grupo, e tornando-se agentes de transformação no mandamento bíblico “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” (NOVA BIBLIA VIVA, 2010, p.808).

#### **4.2- SOB O OLHAR DOS LÍDERES: AS CRENÇAS, OS VALORES, AS REPERCUSSÕES POSITIVAS E NEGATIVAS DAS INSTITUIÇÕES EVANGÉLICAS**

Foi possível perceber a partir dos relatos dos líderes que os comportamentos destes são influenciados pelas crenças e valores da instituição ao ponto de não conseguirem diferenciar-se dela, sendo percebível por eles sua dificuldade de distinguir a identidade pessoal da identidade institucional.

*“Cristo é presente na minha vida, em todos os momentos e em tudo que eu faço [...] então eu levo a igreja no trabalho, eu levo a igreja onde eu vou tomar um café [...] expressamos uma igreja onde estivermos [...] e o alvo maior de Deus é que outros creiam naquilo que eu creio”.*

*“Me tornar alguém parecido com Cristo, que eu me expesso com o próximo, tanto é que um dos maiores mandamentos de Jesus é amar o próximo”.*

*“Nós projetamos algo através da palavra que nos foi instruído [...]: Jejum para fortalecer a vida espiritual [...], oração [...], leitura da palavra [...], ação social, doar sangue, asilo [...], cultura de ajudar ao próximo, [...] dar aula de reforçopara os que precisam viver de bem”.*

Os líderes possuem a **crença** de que todos os fenômenos possuem influência de Deus, sendo Ele constante em tudo que produzem e reproduzem, portanto, todas suas decisões são em consideração à vontade de Deus, isentando-se por completo de suas vontades. A individualidade e percepções dos indivíduos são negadas e desconsideradas no plano das deliberações, pois ‘Deus está sempre correto’.

Ainda manifestam a crença referente à prática dos ensinamentos no âmbito interno e externo à instituição, sendo reforçada a transferência dos conhecimentos bíblicos para os não institucionalizados de forma a ampliar seu impacto na sociedade. Acreditam ser uma missão pessoal tirar ‘as pessoas do mundo’ e colocá-las dentro da igreja, como exemplo dos ensinamentos bíblicos, e promovendo a mudança de vida e vindo do líder o exemplo, sendo representação da figura divina que lhe confiou o ‘chamado’. Qualquer ação que negue sua representatividade divina é inadmissível, pois não estaria transparecendo aos demais as características de Deus e a elevação espiritual alcançada pelo líder em posse de suas responsabilidades. Assim, diante de toda busca de perfeição se vive uma exigência extremamente desgastante.

Estar em exercício da função pastoral, transcende ao ambiente institucional a função de levar a palavra de Deus, não perdendo a oportunidade de apresentar o texto bíblico que diz ‘pregar tempo e fora de tempo’. Sendo tarefa prazerosa servir a Deus e ao próximo, embora estejam constantemente sob pressão e medo de que não estejam sendo suficientemente efetivos nessa tarefa.

Há ainda as crenças baseadas nos costumes e práticas que auxiliam na manutenção da vida separada, jejum, oração diária, sendo uma dedicação pessoal para que, por meio da Bíblia, encontre respostas de Deus para o trato com a comunidade e para si mesmo. Alinhado a esse credo, os líderes expõem práticas como ações sociais, doação de sangue, aula particular para pessoas carentes, entre outras, visando oferecer qualidade de vida ao próximo.

O grupo de líderes apresenta suas crenças como fatores que não lhe permitem ficar presos em nome da instituição, permitindo-se estar em comunhão com outras entidades de forma a fortalecer os vínculos e promover a disseminação da palavra de Deus, bem como a crença ‘não faça exceção de pessoas’, ao considerar a crença em comum de pertencimento de uma única unidade com base na fé de que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo são um único Deus e superior a qualquer nome de igreja.

No que se refere à identidade do líder, esta apresenta características de distanciamento, aspecto de conformação do eu na medida em que o indivíduo, em suas

relações interpessoais, é influenciado pela participação do outro que em sua subjetividade molda os padrões comportamentais a fim de sanar as expectativas destes impostos sobre esse indivíduo. A esse processo se dá a construção da identidade social, essencialmente conflituosa e também complementar na medida em que ora o “sujeito busca proteger sua existência e sua visibilidade social, ora busca se ‘valorizar e buscar sua própria coerência’ (RUANO-BORBALAN apud MACHADO, 2003).

Farris (2008) conceitua a espiritualidade em seis aspectos básicos: Amor aos outros; Amor ao trabalho; Amor em sentir-se parte da comunidade; Crença no sagrado; Crença na unidade da existência e Crença na transformação. No que se refere ao aspecto amplamente relatado pelos líderes, o amor ao outro reforça a necessidade de construção de relações profundas com os demais. Aliado a esse conceito, viver e acreditar na comunidade é o estímulo para a construção de espaços físicos e emocionais de compartilhamento, possibilitando a rica relação e compartilhamento de necessidades, convicções e metas que desenvolvam um senso de identidade pessoal junto aos outros.

A liberdade permitida pelas instituições religiosas aos seus líderes contribui para o desenvolvimento de características, tais como criatividade, uso da intuição e da autonomia. As instituições religiosas proporcionam o direito de expressar seus valores dentro da organização, pensar e agir sobre o trabalho, orgulhar-se e se identificar com a organização, fatores intimamente ligados ao desenvolvimento pessoal que reforça o sentido e propósitos do trabalho executado, seja ele religioso ou não (SILVA, 2007 apud SILVA; SIQUEIRA, 2009).

*“Um dos maiores mandamentos de Jesus é amar o próximo”.*

*“Somos tribo de diferentes, mas faz parte do mesmo povo, essa diversidade forma realmente o reino de Deus”.*

*“Nós extraímos do ensinamento da Bíblia, foi nos deixado a respeito dos ensinamentos de Deus”.*

*“À medida que fosse crescendo na palavra, a gente ia parar de agir e tomar decisões pelas nossas emoções, fazer parte do caráter do cristão, então você tem que se concentrar para ver o que a palavra fala [...]”.*

Quanto aos **valores**, se torna uma cobrança pessoal não se vangloriar pelas ações promovidas já que todo mérito se deve a Deus e assim viver segundo os comportamentos estabelecidos por ele, passando a ter esse compromisso como

fundamental para a transmissão para cada membro, que deve conseqüentemente transmitir ao próximo, e assim por diante, até promover o crescimento do Evangelho.

Os participantes afirmam que atuar de forma exemplar em ambientes externos à instituição somente será possível quando com pleno entendimento da Bíblia, tornando-se menos vulneráveis às influências das emoções, evitando qualquer ato impulsivo que lhes direcionem às falhas. Nota-se a valorização pela renúncia completa em função do outro, considerando fundamental o exemplo de Deus. O sacrifício dos desejos e vontades pessoais sempre refletirá, de acordo com os participantes, a responsabilidade pelo “chamado” e a real aceitação de Deus e seus ensinamentos.

Pontua, quanto aos valores do grupo de líderes, que a posição que ocupa não deve ser engrandecida, pois se trata somente de uma obrigação, sendo a transformação pessoal e do outro fruto da manifestação divina. Valorizam a intimidade com Deus, mas também reconhecem referências humanas, como em Agostinho, na busca pela perfeição e desenvolvimento do caráter.

Nessa perspectiva, Whetten e Godfrey (1998 apud MACHADO, 2003) afirmam que a existência do eu se dá a partir da interação com outro. A identidade social, por sua vez, é fruto da necessidade de pertencimento e aprovação por parte dos grupos sociais aos quais os indivíduos necessitam se integrar.

Allport (apud VALLE, 2008, p. 93) diz que a atitude religiosa subjetiva de cada indivíduo, seja em seus traços essenciais, seja nos secundários, é distinta de qualquer outra. As raízes da religião são múltiplas, e o peso de sua influência na vida de cada pessoa é diferente em cada um.

Diante do que foi apresentado acima, a inter-relação expressa os valores e as crenças dos líderes, e por assim o fazer, apresentam pontos em comum como mitos, rituais, lendas e jargões que orientam e geram afinidade entre o grupo, tornando-se fácil sua identificação, seja em nível subjetivo ou objetivo, representada pela forma de pensar, agir e tomar decisões. Impossível é pensar nos indivíduos sem sua posição cultural, sendo esta parte fundamental da construção da identidade pessoal e social. Nesse sentido, a cultura permite que os grupos se diferenciem, na mesma proporção que se igualam a seus semelhantes (PIRES; MACÊDO, 2006).

*“A questão da família é algo bem fundamental, o relacionamento dos pais com os filhos, os pais, marido e mulher [...] a importância ao cuidado de família, os pais ouvirem seus filhos, ouvir sua esposa, tempo pra ouvir o marido [...] ela requer muito [...] então, que esse cuidado comece dentro de casa [...]”*



*“[...] depois que o culto acaba a gente vai almoçar como pessoal quase todo domingo, aí tem mais relacionamento, tem mais gente pisando no seu calo, aí que está à graça, você tem que se empenhar pra você se relacionar bem com as pessoas [...], a gente se bateu, se mordeu, mas agora a gente se dá muito bem, se conhece muito bem, isso foi uma coisa muito importante pra nós, na casa dos irmãos tem piscina”.*

Para os líderes, o que as crenças e valores produzem de **influências positivas** em suas vivências são as práticas adquiridas nas instituições para uso pessoal e transmitida a seus membros, e que representam sua conduta de nível pessoal, profissional e em outros aspectos, como na administração financeira. Essa modelagem ocorre de maneira natural e espontânea.

Juntamente às práticas, valorizam o aperfeiçoamento pessoal por meio do estudo teológico com base bíblica. Dessa forma, desenvolver melhor o seu ‘chamado’ é seu compromisso, principalmente quando consciente de suas limitações humanas.

Expõem também a contribuição positiva de reflexão nas relações familiares, manifestando cuidado e intensificação do diálogo de maneira aberta e estimuladora. Entretanto, de maneira preocupada, se alertam quanto ao equilíbrio da dedicação em suas mais variadas atividades, de forma a poder dificultar sua presença no seio familiar.

Outro âmbito que expressa reflexo positivo é a contribuição social realizada dentro e fora da instituição. Nesse sentido, valorizam a presença de crianças para levá-las à compreensão de Cristo como uma figura positiva e não como um carrasco, na relação com os sujeitos por meio do medo e da cobrança, mas pelo amor à comunhão.

Quanto aos valores positivos desenvolvidos pela espiritualidade, é o impacto na autoestima do indivíduo e na ótica do mundo, fazendo-o aproximar-se dos outros para comunhão e produção da qualidade de vida.

Ainda, quanto à relação com o outro, é relatada a construção de vínculos de proximidade com os demais membros da igreja; se por um lado pode representar a perda parcial da privacidade, a relação, portanto, também se mostra presente no âmbito do lazer, representando parte da qualidade de vida e bem-estar pessoal, atuando como um tipo de defesa ao qual Silva (2004 apud MENDES; SILVA, 2006) chama de atividades compensatórias proporcionando sentimento de pertencimento, convivência saudável, aliviando as preocupações pessoais e com seus membros e corpo de obreiros.

*“Vivendo vinte e quatro horas pra igreja [...] minha esposa é meu freio de mão [...] até foi esse o motivo que eu precisei entregar a igreja para eu cuidar da saúde da minha família. [...] eu estava na UTI, minha esposa no telefone e eu tinha deixado uma pessoa*

*no meu lugar e as pessoas ligando no meu celular pra eu resolver problemas [...] ‘mas o pastor é ele’ [...] não pode falar, ele tá na UTI [...] a gente acaba esquecendo de viver e vivendo pra instituição”.*

*“Não se preocupam com o que a gente está sentindo, o que a gente está pensando, porque eles estão acostumados a vir pra gente resolver os problemas deles”.*

*“A família pastoral tem as mazelas muito parecidas [...] muitas delas estão sim ligadas ao nosso trabalho [...] Me sinto esgotado [...] cobrança da família pastoral, ser exemplo de perfeição”.*

*“Todo parasita, ele precisa de um hospedeiro [...] querendo ou não a igreja é cheia de parasitas, que querem ser hospedados pelo líder, eles querem que o líder fale o que eles têm que fazer a todo o momento”.*

*“Colegas que passaram por depressão [...] cobrança muito pesada [...] chega mais cedo, último a sair [...] somos de Deus, mas nos ferimos [...] sentimos rejeição [...] cobrança de perfeição [...] precisamos ter alguém para confiar [...] amizade entre líderes é difícil [...]”*

*“Procurei um psiquiatra, pois não dormia, acordava minha esposa à noite.”*

Quanto aos **aspectos negativos** expostos pelos líderes, está a visão da instituição como organização que ocupa muito tempo, se estendendo à convivência familiar. Estar totalmente voltado à instituição causa nesses indivíduos a sensação do desequilíbrio pessoal e, conseqüentemente, enfermidades. Os participantes ainda citam seus familiares como responsáveis por lembrá-los da necessidade de separar momentos apenas com a família, o que se torna um raro acontecimento.

Um fator angustiante para os líderes é o não reconhecimento de seus esforços, mesmo após ter se dedicado em tempo integral à instituição, renunciando ao tempo da sua família e, mesmo assim, ser pouco reconhecido pela entidade e seus membros. Esse sentimento se intensifica pela perda da utilidade na execução das responsabilidades agora sendo substituído por novos membros. Dizem que toda a história de vida dedicada à instituição não produz segurança, ficando clara a desvalorização, principalmente quando vinda dos seus superiores, se veem descartáveis, bem como a insegurança gerada, colocando-se como uma mercadoria com data de validade expirada.

Os líderes ainda se queixam quanto ao sentimento negativo de exclusão, o sentimento de falta de importância com a sua vida privada gera frustração por contrariar a crença de preocupar-se com os outros na certeza de que estes também estarão preocupados com ele. Ainda, sua posição representativa lhe impede que demonstre

sentimentos e emoções, ainda mais quando negativos, exigindo-se que seja modelo de perfeição, sentindo-se bloqueado em suas manifestações.

Outro aspecto negativo identificado e exposto pelo grupo de liderança é a presença de indivíduos caracterizados como passivos, considerados por alguns participantes como sendo membros parasitas, e que buscam no líder a sua vitalidade, delegando decisões ao entender que estes são possuidores de todas as respostas. Esses indivíduos ainda se vitimizam, gerando desgaste físico e emocional aos líderes que se responsabilizam pelo bem-estar deles. Quanto aos líderes, embora se queixem, também manifestam consciência quanto à existência de outros sujeitos nessa posição que se sentem poderosos por estar à frente das decisões de seus membros. Achar o ponto de equilíbrio entre estar presente em orientações, mas não se responsabilizar pelas decisões, é fator angustiante e de constante policiamento.

Como aspectos em comum, os participantes líderes relatam o contato diário com as dificuldades humanas às quais chamam de mazelas, sentindo-se sobrecarregados pelo acúmulo e variedade de adversidades trazidas a eles. Nesse sentido, apresentam esgotamento físico. As cobranças realizadas através dos julgamentos os incomodam, pois se veem como seres humanos vigiados para cumprir as expectativas dos seus líderes e liderados. Com a cobrança vinda de todos os lados, esta produz, segundo eles, uma solidão no pastoreio, que acaba por chegar até a família do líder que, não sendo vista como uma família comum é alvo de cobrança pela perfeição, produzindo no líder muitos conflitos em nível institucional e familiar.

Concluem que os fatores negativos expressos afetam diretamente na saúde física e emocional. Reconhecem que são vulneráveis como qualquer outra pessoa, sendo seu trabalho muito desgastante, mencionam experiências de depressão devido à exposição diárias às críticas pessoais e familiares, por sentirem-se cobrados por simples tarefas, principalmente por não constituir uma rede de apoio onde possam levar suas dificuldades, dividir conflitos e buscar mecanismos de enfrentamento.

A partir das pontuações dos líderes, é possível compreender que a responsabilidade imposta a eles pela instituição e por seus liderados acarretam prejuízos nas esferas profissionais e, também pessoais. Rocca (2011) defende o fato dos líderes religiosos possuírem momentos pessoais chamados de espaços de crescimento, onde lhe permitam compartilhar suas dores com outros na mesma ou em situações semelhantes, retirada de férias, relaxamento e até auto-avaliação de sua postura como líder.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa buscamos identificar e compreender as influências das crenças e dos valores da instituição evangélica na espiritualidade dos líderes e dos liderados no que se refere à sua transmissão e repercussão positiva e negativa para estes indivíduos.

Como desdobramento desta pesquisa, nota-se, durante a aplicação do instrumento do grupo focal, a promoção de um ambiente e momento em que líderes e liderados de instituições evangélicas puderam refletir a respeito das influências de crenças e valores e suas consequências positivas e negativas nos diversos aspectos de sua vida, propiciando conscientização da percepção e conhecimento de grupo, bem como abertura para compreensão de todos os envolvidos, suas facilidades e dificuldades, de modo a poderem realmente expor todos os fatores e admitir suas fragilidades, medos.

Espera-se que os resultados da presente pesquisa possam trazer uma parcela de contribuição para a construção de um conhecimento contemporâneo na área da intervenção familiar sistêmica. É necessário destacar que a literatura brasileira sobre o tema espiritualidade ainda é escassa, dificultando a comparação com outros estudos empíricos nacionais, o que revela a importância do estudo dessa temática no contexto acadêmico. Ressalta-se a relevância da continuidade do estudo desta temática, objetivando seu detalhamento.

Contudo, os resultados desta pesquisa evidenciaram que, com base no pensamento sistêmico, não é somente a instituição que impacta os líderes e liderados com suas crenças e valores, mas que eles (líderes e liderados) também têm impactado nas crenças e valores da própria instituição, promovendo mudanças no comportamento institucional.

## REFERÊNCIAS

- BRUSCAGIN, C. Família e religião. In: CERVENY, C.M.O. **Família e**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, 2 ed. 1. reimpressão.
- CERVENY, C.M.O. **Família e**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CERVENY, C. M. O. **A família como modelo: Desconstruindo a patologia**. 2 ed. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2011.
- CERVENY, C. M. O. **O livro do genograma**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2014.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 34. p. 25-33. 2007.
- FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão da Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 18. n. 3. p. 381-389. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a12v18n3.pdf>>. Acesso em: 12/01/2016.
- FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão da Literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 18. n. 3. p. 381-389. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a12v18n3.pdf>>. Acesso em: 12/01/2016.
- FARRIS, J. R. Aconselhamento psicológico e espiritualidade. In: AMATUZZI, M. M. (org.). **Psicologia e espiritualidade**. 2 ed. São Paulo, Paulus, 2008.
- FERREIRA, I. V. Ascetismo e sectarismo no pentecostalismo clássico das Assembleias de Deus. **Protestantismo em Revista**. v. 39. p. 21-35. São Leopoldo, 2015.
- FONTANELLA, B. J. B., RICAS, J., TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde. **Caderno de Saúde Pública**. v. 24. n. 1. p. 17-27. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02>> Acesso em: 17/01/2017.
- GERGEN, K.J.; GERGEN, M..**Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, A. A. Apontamentos sobre a pesquisa em educação: Usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS–Revista Científica**. v. 7. n. 2. p. 275-290. São Paulo, 2005.
- HENNING, M. C.; MORÉ, C. L. O. O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. Ano 9. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2009/t\\_henning.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_henning.htm)>. Acesso em: 04/02/2016.

- KOENING, H.G. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MACEDO, R. M. S. Genograma: Origens e usos. In: CERVENY, C. M. O. **O livro do genograma**. 1 ed. São Paulo: Roca, 2014.
- MANFREDINI, A. M. N. **Pais e Filhos**: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição. Dissertação – Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- MENDES, A. M. B.; SILVA, R. R. Prazer e sofrimento no trabalho dos líderes religiosos numa organização protestante neopentecostal e noutra tradicional. **Psico-USF**. v. 11. n. 1. p. 103-112. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v11n1/v11n1a12>>. Acesso em: 20/01/2016.
- NOVA BIBLIA VIVA. **Mateus 22:37**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- OLIVEIRA, A. L. **Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: A dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Tese de Doutorado, Psicologia Clínica no núcleo de Família e Comunidade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2005.
- OLIVEIRA, M. P. **Líderes religiosos cristãos e a formação em psicologia**: Os significados da busca pela formação em psicologia e seus efeitos na prática eclesial. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2010.
- PAIVA, G. J. Psicologia da religião, psicologia da espiritualidade: oscilações conceituais de uma (?) disciplina. AMATUZZI, M. M. (org.). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo, Paulus, 2008.
- ROCCA, M. C. **Saúde dos líderes religiosos**: a vocação em sintonia com a saúde pessoal. Um olhar de cuidados sobre a saúde dos líderes religiosos no contexto atual. Dissertação - Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2011.
- RIGACCI JR., G. A experiência religiosa e o encontro humano: um olhar filosófico. In: AMATUZZI, M. M. (org.). **Psicologia e espiritualidade**. 2 ed. São Paulo, Paulus, 2008.
- SCHNITMAN, D.F. (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1996.
- SHOTTER, J. **Conversational Realities**: constructing life through language. London: Sage Publications Ltd, 1993.
- SILVA, R. R.; SIQUEIRA, D. Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. **Psicologia em Estudo**. v. 14. n. 3. p. 557-564. Maringá, 2009.

VALLE, J. E. R. Religião e espiritualidade: um olhar psicológico. AMATUZZI, M. M. (org.). **Psicologia e espiritualidade**. 2 ed. São Paulo, Paulus, 2008.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: O novo paradigma da ciência. 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

## Capítulo 14- O dinheiro no cotidiano das famílias

Andreza Maria Neves Manfredini

Ceneide Maria de Oliveira Cervený

Valéria Maria Meirelles

### 1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo mostrar aos profissionais da área de saúde e afins como o dinheiro, um dos não ditos da Psicologia e de muitas práticas terapêuticas, faz parte do cotidiano das famílias e das relações humanas das mais diversas maneiras, impactando em suas configurações.

Para tanto, unimos nossas experiências de ensino, pesquisa e prática clínica no intuito de transmitir aos colegas conteúdos que consideramos relevantes à compreensão do mesmo, como mais uma “ferramenta” de atuação, ampliando olhares e práticas, tendo como prioridade o bem-estar tanto do indivíduo como da família.

Pesquisamos dinheiro há mais de uma década e o tema tem se revelado sempre instigante e desafiador, no sentido de ser ainda um tabu para muitas áreas e pessoas, tanto das Ciências como na sociedade. Pior ainda, em tempos de crise política nacional, o dinheiro mais do nunca está associado a poder, ganância, corrupção, colocando sobre uma “aura” negativa, quando, na verdade, dinheiro é apenas uma construção social que pode receber inúmeros significados, que mudam inclusive ao longo do ciclo vital individual e familiar.

Asseguramos que o viver numa sociedade fortemente engajada no consumismo – que se apresenta com certas estruturas e dinâmicas, sob a égide de elementos econômicos que retratam diferentes paradigmas pós-modernos – não nos faz sermos pessoas maldosas, menos humanos ou menos decentes, assim como afirma Granja (2012).

Como escreveram os terapeutas de família Madanes e Madanes (1997, p. 15): “ressentimentos decorrentes de como o dinheiro é manejado são, provavelmente, o mais importante motivo que separa pais e filhos, irmãos e irmãs”, mostrando que o dinheiro está presente nas relações, quer gostemos ou não disto.

Mais ainda, o dinheiro está arraigado em nossa vida, pois em uma sociedade capitalista, precisamos dele para adquirir bens e serviços. Para os pioneiros pesquisadores da Psicologia Econômica Lea, Tarpý e Webley (1987, p.526) “nós



passamos boa parte de nossas vidas engajados em comportamentos econômicos”, o que implica também no uso do dinheiro.

Os relacionamentos entre os membros familiares com o manejo do dinheiro estão sendo constituídos numa diversidade de crenças, valores e padrões que não cabem mais em um único estereótipo. Segundo Cervený (2001), a causalidade circular diz respeito às influências mútuas que são o cotidiano da vida. O comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas. Esta mesma autora coloca que a comunidade é uma entidade que adquire um sistema de crenças e tradições, que deve ser visto, antes de tudo, como um sistema de relações. Ao mesmo tempo em que o comportamento das crianças, jovens, adultos e idosos influencia o sistema econômico do nosso país, este também influencia, reciprocamente, o comportamento de todos os membros constituintes das famílias na vida cotidiana.

Segundo Gergen (2010), é exatamente neste ponto que as ideias do construcionismo vão deslanchar, pois são as relações, e não os indivíduos, que constituem a base da sociedade. Grandesso (2000) também afirma que o foco da atenção, na compreensão do mundo e das relações, fica voltada não exatamente para aquilo que acontece com os indivíduos, mas sim para aquilo que acontece entre eles. Ao considerar essa perspectiva, podemos compreender novas formas de ação e interação; além disso, podemos entender que a representação do dinheiro pode ser tratada como produto de contextos históricos, construída e negociada entre as pessoas em suas relações.

Essa ideia vai ao encontro da perspectiva do pensamento sistêmico novo-paradigmático, que considera a complexidade como um pressuposto que, ao contextualizar o fenômeno, amplia o foco e permite que o observador perceba as circunstâncias em que ele acontece, podendo variar entre relações intra e intersistêmicas. (Vasconcellos, 2003). É esta perspectiva que fundamenta a visão de mundo das autoras, ao abordar, junto à psicologia econômica, a integração entre indivíduo-família-comunidade situada no tempo e no espaço.

Sendo assim, incluir o dinheiro ao pensar sistêmico representa contemplar todos contextos do existir humano, propondo novos e possíveis olhares a um tema que envolve crenças, valores, poder, religião e que varia em demandas e condutas conforme caminhamos ao longo da vida.

Para tanto, inicialmente apresentaremos uma revisão teórica do tema dinheiro, seguida pela revisão sobre socialização econômica na família, o uso mais comum do dinheiro ao longo do ciclo vital da família e por fim, nossos comentários.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1- DINHEIRO (PSICOLOGIA DO DINHEIRO)

Embora o dinheiro faça parte do cotidiano de nossas vidas, excetuando-se a Psicanálise e outras teorias psicológicas como o Behaviorismo, a teoria de Piaget, a “Teoria da Troca de Recursos de Foa”<sup>2</sup> e mais recentemente na perspectiva da Teoria do Apego proposta por Mikulincer e Shaver (2008), seu estudo ainda é restrito especificamente na Psicologia Clínica, tanto que o doutorado da primeira e última autora, abriu possibilidades ao estudo deste campo para futuros interessados.

Para os autores da Psicologia do Dinheiro, Furnham e Argyle (2007), o tema, além de negligenciado por áreas do comportamento humano, incluindo a Psicologia, se instala na categoria dos tabus a serem quebrados tanto entre os pesquisadores como pela sociedade como um todo. Afinal, falar de dinheiro é também falar sobre aspectos que envolvem não apenas a relação consigo mesmo quanto com a família, cônjuge, amigos, trabalho, o que, convenhamos, demanda certo cuidado e até privacidade, conforme revelou os dados de nossa pesquisa.

E o que podemos notar, como bem explicaram os autores acima, é que ele (dinheiro), faz parte das relações humanas, tanto que é estudado em áreas além das fronteiras da Economia, Administração de Empresas e Ciências Contábeis, como por exemplo pela Psicologia Econômica (FERREIRA, 2008) e também, como já exposto, pela Psicologia do Dinheiro (FURNHAM e ARGYLE, 2008)

A Psicologia do Dinheiro se propõe a pesquisar e entender de maneira multidisciplinar os comportamentos financeiros dos indivíduos, considerando suas emoções e relações. Para seus autores, que em 1998 lançaram o livro “*The Psychology of Money*”(2007, p.5-6):

---

<sup>2</sup> FOA, U.G; CONVERSE, J.J; TORNBLUM, K.; FOA, E. Resource Theory: explorations and applications. 1996. Book review, disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3792139?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21100818236811>>. Acesso em 23, mai, 2012

A Psicologia do Dinheiro interessa-se pelos significados psicológicos que as pessoas dão ao dinheiro, como suas crenças e atitudes se estabelecem e como as usam quando adultos. [...] Psicólogos estão interessados em atitudes em relação ao dinheiro, por que e como as pessoas se comportam em relação a ele, o que elas fazem bem como quais os efeitos que o dinheiro tem nas relações humanas.

Ou seja, eles explicitam a relevância do dinheiro nas relações humanas, abrindo novas portas à compreensão do mesmo, algo que anos antes, em 1994, os terapeutas de casal e família Madanes e Madanes (1997) já haviam feito, ao oferecerem a ideia de que muitos conflitos familiares tinham como origem insatisfações, ressentimentos ou injustiças relativas a como o dinheiro era usado ou distribuído na família, gerando conflitos, ora separando ora unindo seus membros.

Furnham e Argyle (2007) ampliando a trilha deixada por Lea, Tarpay e Webley (1987), que são uns dos grandes pesquisadores referências na Psicologia Econômica, criaram a Psicologia do Dinheiro, voltada a uma vasta possibilidade de compreensão do uso do dinheiro, e se dispõe a estudar: atitudes, aprendizagem sobre dinheiro na infância (socialização econômica), dinheiro no cotidiano (poupar, gastar e pagar impostos), dinheiro e família (incluindo casamentos e decisões domésticas), dinheiro e trabalho, formas de doar, desperdício, uso do dinheiro pelos muito ricos até chegar à reflexão sobre se o dinheiro traz felicidade ou motiva as pessoas, todos baseados no modelo econômico vigente.

Explicitaram e detalharam a presença do dinheiro na vida pessoal, familiar e social, aspectos estes intrinsecamente relacionados com múltiplas facetas da existência humana, incluindo as patologias financeiras (Goldberg e Lewis, 1978) e, com isso, ampliaram as possibilidades de pesquisa na área e tornaram evidente a multidisciplinaridade do tema.

Posteriormente, em 2014, Furnham, sem seu colega Argyle que havia falecido, lançou uma versão atualizada e revista da Psicologia do Dinheiro, no livro “*The New Psychology of Money*”, com vários temas, como a compreensão do dinheiro; o dinheiro doméstico, familiar; o dinheiro do trabalho, no qual questiona se o dinheiro é suficiente para as motivações profissionais e por fim, o dinheiro no dia a dia, incluindo o dinheiro digital e as possíveis mudanças na relação com ele. Em 12 capítulos, além de apresentar a Psicologia do Dinheiro, propõe uma nova compreensão do mundo econômico partindo dos adultos jovens, assim como aborda as diferenças de sexo e familiares no uso do dinheiro, as motivações do dinheiro no mundo do trabalho, bem como os aspectos

correlacionados a persuasão, precificação de bens e serviços e dinheiro. Ou seja, Furnham coloca uma lupa poderosa sobre o dia a dia das pessoas em relação ao dinheiro nas mais variadas esferas da vida, sem se esquecer de novamente dedicar um capítulo à saúde mental, ou seja; um livro bem atual e útil aos nossos interesses.

Mas para estudarmos o uso do dinheiro necessitamos também acessar os ensinamentos dos precursores da Psicologia do Dinheiro, Lea, Tarpy e Webley (1987, p.339), para quem não se pode estudar dinheiro sem a compreensão da perspectiva histórica, familiar e de desenvolvimento. Ou, trazendo para a perspectiva sistêmica na qual apoiamos nossa base epistemológica, deve-se considerar todos os contextos e significados atribuído ao dinheiro e às relações ao se buscar entender o uso que as pessoas fazem dele.

E a complexidade do tema é tão grande que concordamos com os pesquisadores Burns e DeVille (2003), para quem uma única teoria ainda não é capaz de dar conta de tema tão complexo, o que evoca a multidisciplinaridade à sua compreensão. Não por acaso, nossa pesquisa se apoia também em teorias voltadas aos valores e crenças, além de entrelaçar com conhecimentos voltados aos estágios do ciclo vital do indivíduo.

Para nossa tese, a revisão da literatura internacional apontou para pesquisas quantitativas com eixos em comum como bem estar, felicidade, Srivasta, Locke e Bartol (2001), que pesquisaram os motivos para se “fazer dinheiro” que levam ao bem estar e de Tatzel (2002), que estudou as atitudes, valores materiais e gastos combinados com materialismo. Desde 2000, a norte-americana Kathleen D. Vohs, juntamente com outros pesquisadores, entre eles Mead e Goode (Vohs, Mead e Goode, 2006) vêm realizando estudos sistemáticos sobre dinheiro e suas consequências no comportamento das pessoas.

Quando o assunto é gênero, Vogler, Brockmann e Wiggins (2008) pesquisaram sobre ganhos financeiros da mulher e horas de trabalhos domésticos (Gupta, 2006), diferenças entre homens e mulheres sobre investimentos (Loebl e Hira, 2007) e diferenças de sexo em pagamentos de taxas (Kastungler et al, 2010). Masuo et al (2004), da Universidade do Hawaii, juntamente com pesquisadores da Universidade da Califórnia, Ryukysm, do Japão e Wonkwang, da Coréia, investigaram as crenças e comportamentos de estudantes americanos e asiáticos frente ao dinheiro, bem como as diferenças nas percepções do dinheiro por homens e mulheres (Masuo et al, 2006).

Reforçando nossa percepção de que há múltiplas áreas de interesse pelo tema dinheiro, os médicos norte-americanos Jellinek e Beresin (2008), escreveram um artigo no *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, com o título: “*Money talks: become more comfortable with understanding a family’s finances*”, no qual ressaltam a importância de se conhecer os comportamentos em relação ao dinheiro na família, e como se estabelecem as relações a partir dele, o que está em consonância com nossa prática clínica junto ao atendimento tanto de famílias quanto de superendividados.

Tais interesses, sobre atitudes, crenças e comportamentos sobre o uso do dinheiro, embora mais frequentes fora do Brasil, em nosso país infelizmente ainda não integram especificamente um “bloco de produção”, principalmente na área das Ciências Humanas, dentre elas, a Psicologia.

Revendo dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e livros, constatamos a existência de poucos trabalhos nacionais envolvendo especificamente o dinheiro, ainda que já tenham se passado praticamente seis anos da elaboração de nossa tese de doutorado.

Em nossas buscas constatamos o doutorado de Moreira (2000), acerca do significado do dinheiro, no qual a autora aplicou a Escala do Significado do Dinheiro (ESD) no Brasil e na Inglaterra, realizando um estudo comparativo entre as populações. Há também o doutorado de Ferreira (Ferreira, 2007) sobre a história da Psicologia Econômica e em 2009, Leite defendeu a tese “Correlatos valorativos do significado do dinheiro para crianças”. Quanto a dissertações, em primeiro lugar, identificamos a de mestrado de Khater (1995) que pesquisou a discriminação e manejo do dinheiro em deficientes mentais treináveis e posteriormente o de Ferreira (1999) sobre os componentes psíquicos frente às transformações econômicas brasileiras na inflação (1985-1994) e na estabilização monetária (1994 -1998). A seguir, aparece o trabalho de Resende (2003) que estudou as relações entre significado do dinheiro e significado do salário para motoristas e cobradores de transporte coletivo urbano e o de Resende (2003) que trata do dinheiro cor-de-rosa, sobre o mercado homossexual. Slemenson (2000) discute a inclusão do manejo do dinheiro na psicanálise e Gross (2008), estudou o dinheiro no âmbito dos honorários na prática psicoterapêutica. Há um pequeno conjunto de dissertações que tratam de temas relativos a família como o de Manfredini (2007) que estuda dinheiro, família e adolescentes, o de Guimarães (2007) abordando o dinheiro nos casamentos de dupla carreira na fase de aquisição e o de Rodrigues (2008)

que enfoca o dinheiro da mulher nos casamentos contemporâneos. Em 2012, Guimarães, defendeu sua tese de doutorado na PUC -SP, no Núcleo de Família e Comunidade, sobre comprador compulsivo em casais.

Estes trabalhos acadêmicos nos levam a pensar que o interesse pelo tema vem aumentando, embora ainda se trate de uma produção pulverizada. Os livros são produtos de teses ou dissertações já mencionadas. Identificamos os de Ferreira (2007), Ferreira (2008) e Ferreira (2011), todos eles decorrentes das pesquisas da autora em Psicologia Econômica.

Na área de família e casais, aparece o livro de Guimarães (2010) e de Tobias e Cerveny (2012), decorrentes do mestrado das primeiras autoras. Meirelles e Souza (2015) lançaram o livro sobre a pesquisa de ambas e em 2017, em um desdobramento desta, um outro, sobre uso do dinheiro na prática clínica (Meirelles, 2017).

Na base de dados BVS-PSI, verificamos que o tema dinheiro está presente em artigos cujas pesquisas envolvem: dinheiro no Brasil (Moreira, 2002), avareza e “perdularismo” (Belo e Marzagão, 2006), amor e dinheiro na clínica da neurose obsessiva (Amaral, 2004), as relações de pagamento entre estagiário e terapeuta (Noronha, 2007), dinheiro na aposentadoria como atividade financeira (Khoury et al, 2010) o significado do dinheiro em projeções aperceptivo-temáticas (Souza, 2004) e manejo do dinheiro na psicanálise (Slemenson, 2001). Alguns destes artigos, como no caso dos livros, também são derivados das dissertações de mestrado já relacionadas nos parágrafos anteriores.

O artigo mais recente, Cenci et al (2017), sobre revisão na literatura a respeito de dinheiro e conjugalidade, foi possível constatar o impacto que ele (dinheiro) tem na mesma, sendo um dos grandes preditores do divórcio e insatisfação.

Como apresentado acima, podemos perceber que a produção científica brasileira, envolvendo especificamente o dinheiro na Psicologia embora crescente, é modesta e dispersa, considerando que o dinheiro vem recebendo cada vez mais atenção na nossa civilização e ganhando destaque em função da globalização da economia.

## **2.2. SOCIALIZAÇÃO ECONÔMICA**

Investigações científicas têm alicerçado a psicologia econômica como uma das áreas de estudo da Psicologia, além de seus avanços nas pesquisas quantitativas e qualitativas no âmbito nacional e internacional sobre comportamento econômico, abrangendo as diferentes fases da vida.

Raynard e Ferreira (2017) acreditam que as origens da psicologia econômica podem ser atribuídas aos filósofos gregos e, mais recentemente, aos economistas do século XVII, que relacionaram questões psicológicas à economia. Estes mesmos autores consideram que, atualmente, a psicologia econômica – compreendida como a ciência da vida mental econômica – e o comportamento estão cada vez mais relevantes, à medida que as pessoas assumem suas responsabilidades diante das próprias decisões econômicas.

Na psicologia econômica estuda-se a socialização econômica na infância, na adolescência e na idade adulta. Concordamos com estes autores quando afirmam que os pais influenciam o desenvolvimento do conhecimento e das habilidades de seus filhos quanto ao uso do dinheiro, indireta e intencionalmente. Da mesma forma, também são genuinamente um modelo para os filhos, quando Manfredini (2007) aponta, em sua pesquisa, que os pais de crianças pertencentes à classe média e que vivem na cidade de Taubaté-SP, em sua maioria, não apresentaram nenhuma intenção de educar financeiramente os filhos. Não incluiremos nesta síntese a literatura sobre a repetição de padrões interacionais de uma geração para outra seguinte, na qual Cervený (2001) se debruça sobre um estudo aprofundado em sua tese de doutorado, uma vez que nesta subseção apenas pretendemos ilustrar as novas contribuições advindas da socialização econômica. Não quer dizer que frente às situações que expressam o não dito, omissões, recusas e evitação de certos comportamentos, o despreparo para ensinar os filhos a lidar com o dinheiro não os dispensa de serem suscetíveis a criar padrão referente ao modo de aprender a se relacionar com o dinheiro. Otto e Serido (2017) também explicam que uma forma comum de socialização econômica parental indireta diz respeito às crianças internalizarem atitudes e comportamentos modelados pelos pais. Estes autores afirmam que, independentemente de os pais terem a consciência da transmissão dos valores e dos comportamentos financeiros que contribuam para o bem-estar econômico dos filhos, ela acontece. Por outro lado, quando os pais ensinam de maneira intencional e de modo direto sobre educação financeira, podem gerar sentimentos de autoconfiança e competência sobre como gerenciar as finanças de forma independente.

Além dos autores citados, Lauer-Leite et al. (2012) remetem à socialização econômica uma preocupação em discutir três questões fundamentais: 1) As fases de desenvolvimento do pensamento econômico; 2) As variáveis que interferem na socialização econômica e 3) Os comportamentos econômicos de crianças.

Desse modo, Otto e Serido (2017) percebem que é frequente na literatura científica o entendimento de que os pais oferecem apoio como agentes socializadores econômicos para seus filhos; entretanto, provavelmente, há também a influência de outros agentes de socialização para desempenhar esta função, como por exemplo, as crianças e os adolescentes, os irmãos, os colegas, os professores e os avós. Para os adultos, em contrapartida, os parceiros amorosos podem se tornar a fonte de socialização econômica. Consideramos também, no que diz respeito à fase adulta, considerar os amigos, os colegas e os chefes de trabalho como aqueles que compartilham de uma rede de troca de experiências, bem como de aprendizados, que influenciam uma socialização econômica.

Egan, Daly e Delaney (2017) entendem que as habilidades não cognitivas tidas como mais preditivas no que se refere à educação e ao mercado de trabalho têm um papel de moldar os comportamentos econômicos. Os autores colocam que, embora haja um reconhecimento dos economistas em relação à capacidade cognitiva como contribuição para o sucesso econômico, as habilidades não cognitivas, consideradas como as diferenças individuais relativamente estáveis nas características psicológicas, também podem contribuir.

Egan, Daly e Delaney (2017) afirmam que, embora haja fortes evidências de que uma capacidade cognitiva alta na infância pode contribuir com o sucesso na vida adulta, ao mesmo tempo, é possível que as habilidades não cognitivas da infância, tais como autocontrole, autopercepção, habilidades socioemocionais, motivação, saúde mental e estratégias metacognitivas possam contribuir fortemente para a construção de um caminho de bons resultados na vida adulta, principalmente quanto ao uso do dinheiro.

As ideias dos autores supramencionados nos remetem ao que Ferreira (2012) já tinha expressado sobre o quanto seria difícil uma educação financeira que não considerasse, por exemplo, os *insights* psicológicos sobre como nossa mente funciona e sobre como o comportamento poderia ser mudado. Dessa maneira, Roth e Slowly (2012) foram categóricos ao afirmar que o dinheiro está mais relacionado com a mente do que com a matemática.

Nesse sentido, Ferreira (2012) enfatiza que a psicologia econômica parte da premissa que nossas decisões econômicas podem ser influenciadas pelo humor, detalhes irrelevantes no ambiente, emoções e dados distorcidos. Estes dados implicam num viés, que se expressa em uma dificuldade da experiência humana em processar informações.



Em decorrência das limitações cognitivas e emocionais, podendo ser complexo ser a tal ponto, minucioso quanto seria necessário ao examinar tudo ao nosso redor.

### 2.2.1. CONTRIBUIÇÕES DE KAHNEMAN<sup>3</sup>

Kahneman (2012) colabora com uma visão de como a mente funciona na tomada de decisão baseando-se na psicologia cognitiva e social. O autor, que é psicólogo, recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 2002 por sua obra pioneira com Amos Tversky (que faleceu em 1996) sobre os processos de tomada de decisão. Em virtude da construção da teoria do prospecto, o autor apresenta elementos básicos a partir de dois sistemas que funcionam o tempo todo na mente no momento do julgamento e da escolha, que são o Sistema 1 (S1), referente às operações automáticas e o Sistema 2 (S2), referente às operações controladas.

Este autor explica que o S1 funciona de maneira impulsiva, intuitiva e sem esforço, o que torna as escolhas e ações projetadas para tirar conclusões precipitadas e com base em pouca evidência. Neste sistema, apresenta-se um modo pouco claro do que acontece consigo mesmo e em torno de si, sendo que as impressões do que muitas vezes acontece transformam-se em crenças. Por outro lado, o S2 funciona na mente como a capacidade de resistir às sugestões do S1; ou seja, basicamente o S2 está no comando, sendo a autocrítica uma das suas funções. O autor coloca que o S2 tem uma tarefa de programar a memória a fim de obedecer a uma instrução que passa por cima de reações habituais.

Ferreira (2015) entende que ser rápido e impreciso nas escolhas torna o indivíduo vulnerável a diversos equívocos referentes à visão de mundo, à memória e à avaliação das situações. Apesar da limitação, o S1, por executar as ações sem pensar, pode levar a variados erros de avaliações e conseqüentemente de escolhas, comumente encontrados como erros sistemáticos.

---

<sup>3</sup> Kahneman e Tversky publicaram “Prospect Theory: An analysis of decision under risk” – Teoria do prospecto: uma análise da decisão sob risco. Esta teoria é um dos fundamentos da economia comportamental e o motivo do qual recebeu o prêmio Nobel de Economia em 2002. Daniel Kahneman é professor emérito de psicologia da Universidade de Princeton e professor emérito de psicologia e relações públicas da Woodrow Wilson School of Public e International Affairs de Princeton.

Para essa autora, ensinar o S1 torna-se um enorme desafio para a socialização econômica, justamente porque as ações frente às tomadas de decisões são automáticas e voltadas a uma impulsividade na execução das atividades, sem considerar as consequências.

Desse modo, pensando numa forma bem-sucedida de lidar com o dinheiro, reconhecemos a existência de um esforço irrefutável do S2 em concentrar-se na tentativa de corrigir os erros cometidos pelo S1. No entanto, a prevalência de ser bastante trabalhoso para o S2 rever e mudar a inconsistência nas atitudes e comportamentos, Ferreira (2012) afirma que nessa perspectiva limitamos a racionalidade.

Concordamos com a autora quando afirma que os sistemas mentais 1 e 2 são um aspecto crucial para ensinar a lidar com o dinheiro. Havendo dois tipos distintos de operações mentais, conforme elucidado por Kahneman (2012), estas podem responder a muitas inconsistências demonstradas nas atitudes e nos comportamentos. Assim, é de suma importância nos concentrarmos no modo como as pessoas têm se comportado com o uso do dinheiro, em especial as crianças e adolescentes, que estão vulneráveis a um desenvolvimento maturacional.

### **3- INTEGRANDO REFLEXÕES DA PSICOLOGIA DO DINHEIRO E DA SOCIALIZAÇÃO ECONÔMICA NAS RELAÇÕES FAMILIARES**

Vivemos em uma sociedade consumista, que estabelece estímulos para atrair e seduzir pessoas de qualquer idade, e ao mesmo tempo em um mundo capitalista, que mantém uma economia orientada ao consumo. Na contemporaneidade, o dinheiro passa a ser um determinante necessário no mundo ocidental (mas não sabemos até quando), ainda que essas necessidades sejam passíveis de criar malefícios em curto ou longo prazo, na natureza e/ou na saúde das pessoas. Para Bauman (2013), é uma sociedade que, especialmente, tem uma condição *sine qua non* de sobrevivência: o descarte rápido dos bens adquiridos.

Esse autor afirma que estamos imersos numa cultura que transformou a modernidade de sua fase sólida para a líquida e, por isso, denominou este momento histórico de modernidade líquida. Este termo metafórico traduz uma característica das inconstâncias e de que a permanência é a provisoriedade dos acontecimentos.

Vivemos numa sensação de obsolescência, de que sempre perdemos algo que foi lançado e que agora já foi passado e obsoleto. Com o advento da globalização e avanços

tecnológicos e científicos, suprimiu o tempo de trabalho e o tempo do lazer como também entre o espaço público e o privado, advindo do mau uso de aparelhos tecnológicos. Crianças convivem com adultos olhando as telas e, rapidamente, temos todos os tempos preenchidos.

Considerando este cenário atual, questionamos: qual o paradigma que devemos construir socialmente para criar mais prosperidade, respeito e responsabilidade com o dinheiro para crianças, adolescentes e adultos?

Em uma narrativa pós-moderna, na educação, os pais objetalizam seus filhos com diversas aplicações de técnicas que são reinventadas ao longo das gerações, numa tentativa insana de buscar a melhor forma de ser “feliz”. Porém não se vê, nesse comportamento, atitudes que valorizem uma ética e responsabilidade quanto ao uso do dinheiro. Na próxima subseção, serão abordadas construções de contextos em que o dinheiro emergiu de interações com o dinheiro das mais diversas formas possíveis.

### **3.1- O DINHEIRO NA VIDA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM SUAS FAMÍLIAS**

Em pesquisas brasileiras, no tocante ao modo de educar os filhos em relação ao dinheiro, tanto pais quanto os filhos, crianças e adolescentes, têm reconhecido o valor da moeda. Para Manfredini (2007), os pais caracterizam o valor do dinheiro como algo importante, considerando o caráter da pessoa e não o que o dinheiro é capaz de comprar, porém, assumem dificuldades para transmitir este valor aos filhos.

Ao passo que Rocha et al. (2012) revelaram, numa amostra de alunos entre 4 a 13 anos, matriculados em escolas públicas, quanto ao mundo econômico, que seus conhecimentos foram construídos socialmente, com base em toda a realidade social à sua volta, mostrando que estabelecem relações entre dinheiro e consumo.

Para Lauer-Leite et al. (2010), o mundo econômico é visto de maneira diferente pelas crianças, quando comparadas à visão do adulto e à própria realidade. No que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento econômico, está bem estabelecida a relação entre tal complexidade e a idade, levando a crer que são necessários alguns pré-requisitos cognitivos para a plena compreensão do mundo econômico.

Tobias e Cerveny (2012) constataram, em pesquisa na classe média, que as crianças de 7 a 8 anos conseguem diferenciar os fatos positivos e negativos em relação ao dinheiro, assim como as crianças de 9 a 10 anos já aliam sentimentos ao fato de ter ou não mais ou menos dinheiro.

Em se tratando dos estudos dos psicólogos Webley e Nyhus (2006), quando são dadas às crianças responsabilidades para aprender sobre decisões financeiras e habilidades econômicas, estas estarão mais aptas a economizar. Acrescentamos a esta ideia o que apontam Tobias e Cervený (2012) quando afirmam que construir relacionamentos com as crianças baseados no consumismo frívolo, minimizando um pensamento crítico, é o mesmo que não dar oportunidade de conhecer o mundo do dinheiro.

Concordamos quando Nyhus (2017) afirma que havendo um melhor entendimento financeiro, provavelmente aumentará a poupança nos níveis individual e familiar. Desta maneira, pressupomos que com o conhecimento apreendido na educação financeira para crianças e jovens, provavelmente mais famílias podem alcançar formas mais adequadas de lidar com o dinheiro, evitando, assim, o endividamento.

O ato de poupar, Tobias e Cervený (2012) apontam como sendo diferente para crianças maiores e menores da classe média, localizadas no interior do estado de São Paulo. Respectivamente, as primeiras tendem a poupar mais e juntam dinheiro para gastar em ocasiões especiais ou com bens materiais especiais, enquanto as segundas costumam gastar todo o dinheiro ganho de uma vez, ou guardam e vão gastando aos poucos. As autoras explicam que este modo de lidar com o dinheiro pode estar associado a como os pais dão dinheiro para os filhos.

Savoia, Saito e De Angelis (2012) afirmam que no Brasil há uma situação preocupante no âmbito da educação financeira, demandando certa urgência na inclusão do tema em todas as esferas, ainda mais em se tratando da desequilibrada distribuição de renda deste país.

Isso nos remete a pensar que construir saberes para atuar no mundo econômico que se apresenta na nossa realidade é simultaneamente desafiador e necessário. Desafiador porque envolve conhecer, manejar e construir significados em relação a uma gama de segmentos diversos e muitas vezes apelativos de informações sobre o dinheiro, sendo, sem dúvidas, uma das tarefas para difíceis para os pais a missão de educar crianças e adolescentes, principalmente em relação ao dinheiro.

### **3.2- O DINHEIRO NA VIDA DOS ADULTOS COM SUAS FAMÍLIAS**

No Brasil, na área da Psicologia, nossa pesquisa a respeito do uso do dinheiro por homens e mulheres ainda é única. Sendo assim, apresentaremos informações referentes a uma camada específica da população, que ganho salarial acima de 10

salários mínimos e formação educacional a partir do ensino médio, que mesmo sendo uma amostra de conviniência, reflete com certa razoabilidade algumas camadas da população brasileira.

Ao analisarmos o uso do dinheiro com as variáveis sexo, idade e estado civil, obtivemos as seguintes informações:

Em relação ao comportamento de gastar, homens e mulheres possuem aprendizados diferentes, sendo que elas associam gastar e presentear ao aprendizado familiar, algo que pode ser pensado pela educação de gênero, que enfatiza mais a importância do cuidado com os outros para as mulheres do que com os homens (Newcomb e Rabow, 1999).

Cumpramos ressaltar a influência da família de origem para ambos os sexos, nos comportamentos de doar, poupar, investir, negociar, economizar e dividir), reforçando a importância dos modelos aprendidos dos pais em relação ao uso do dinheiro.

Em termos de estágio da vida adulta, observamos que os familiares dos participantes mais jovens (abaixo de 40 anos) discutiam mais sobre dinheiro que os pais dos mais velhos, o que indica um efeito geracional no uso do mesmo, considerando que tais comportamentos não existiam com os pais de seus pais.

Precisamos considerar que no período da vida adulta, principalmente a vida adulta intermediária, correspondente no Brasil as fases Fase Adolescente e Madura (Cervený e Berthoud, 2011) existe mais gastos com lazer e *hobbies*, além, claro, gastos com moradia, educação, saúde e filhos.

Um fator que impacta nas finanças da família, especialmente às mulheres, é o divórcio. Constatamos que mulheres divorciadas e com filhos possuem mais despesas com saúde que os homens, provavelmente como consequência do aumento de demandas e responsabilidades com a família, confirmando as pesquisas de Hetherington e Kelly, 2003 e Souza, 2008.

Pela perspectiva de sexo, os homens apresentaram mais o hábito de poupar e investir que as mulheres, confirmando dados de Meier- Pesti e Penz, 2007; Meier, Kirchler e Hubert, 1999; Newcomb e Rabow, 1999; Prince, 1993. Também constatamos que o hábito de poupar e de investir é menos frequente no grupo de pessoas separadas ou divorciadas, cujo comprometimento monetário tende a ser maior em função do comum aumento das despesas decorrentes da separação de casa e suas consequências.

Pode parecer um gesto simples e corriqueiro, mas a forma de pagamento diz muito sobre o comportamento em relação ao uso do dinheiro, as finanças e o

entendimento mínimo de planejamento e juros, especialmente numa época de dinheiro virtual.

Nossa amostra revelou que não há muitas diferenças em como homens e mulheres realizam os pagamentos, o que muda é o período da vida adulta, pois os mais novos preferiam o dinheiro de plástico e débito, enquanto os participantes que estão na Fase Adolescente e Madura (Vida Adulta Intermediária), preferiram cheque e compras parceladas, inclusive na modalidade de cheque de pré-chamado, ainda comum no Brasil.

Neste quesito pagamentos, os mesmos são originários de compras. Temos que mulheres fazem mais frequentemente parcelamento de débitos com viagens roupas e acessórios, eletrodomésticos, móveis e medicamentos, o que remete a um volume de gastos elevado, reforçando a ideia de que o dinheiro feminino é o dinheiro do bem comum, que pode ser usado em lazer e benefícios para todos conforme visto em Meirelles (2001), independente do estado civil. Elas também, por serem mais exigidas socialmente em termos de aparência, acabam consumindo mais peças de vestuário, além de produtos e procedimentos de beleza.

Um fator relativo ao uso do dinheiro, comum em vários países, é a segurança que o mesmo proporciona. No Brasil, a mesma está associada a compra da casa própria e depois, ajudar a família, reforçando mais uma vez o quanto família é um valor na vida do brasileiro, conforme DaMatta (1997) já apontava há anos atrás.

Também pudemos constatar que os participantes de nossa amostra, possuem atitudes em relação ao dinheiro que remetem à privacidade, ou seja, não gostam de falar sobre dinheiro ou suas contas, ocultando-o do olhar do outro, característica inédita se comparada a outros países. E se por um lado não se fala sobre dinheiro, para gastar o mesmo não acontece, especialmente quando envolve o bem estar dos familiares.

Quanto a homens e mulheres, vale apontar que os homens sentem que empregam mais esforço e tem mais habilidade para lidar com o dinheiro que as mulheres, estas, assim como vemos em nossas práticas, consideram-se com menor controle sobre as finanças e com menos ganho financeiro que eles, o que se explica pela ainda existência da diferença salarial média de 20 a 30% entre os sexos.

Refletindo a cultura e valores sociais, para os homens o dinheiro é considerado o aspecto mais central, enquanto às mulheres as relações, principalmente as familiares, estão em primeiro lugar.

Cabe também apresentar brevemente um aspecto muito preocupante: o endividamento ou superendividamento, que é a não capacidade financeira de pagar as contas. Segundo os dados de nossa pesquisa, o endividamento não está relacionado a sexo, período da vida adulta ou estado civil. Este resultado remete à multidisciplinaridade e complexidade do tema e nos faz relacioná-lo a outras variáveis, como por exemplo, os estilos financeiros (Prince, 1993), o mundo pessoal do dinheiro (Tatzel, 2002), as atitudes e valores pessoais (Lin e Shih, 2012), a má gestão pessoal do dinheiro (Stone e Maury, 2006), a impulsividade (Ottaviani e Vandome, 2011), os fatores psicológicos, *locus* de controle e prazer das pessoas em comprar (Lunt e Livingstone, 1992), o intenso desejo de consumir e ausência total de vontade para economizar (Katona, 1975).

Como denominadores comuns no uso do dinheiro, temos crenças e valores, que são transmitidos pela família ao longo do ciclo vital e que refletem também as premissas sociais. Sendo assim, torna-se indispensável considerá-los, uma vez que, como já apresentamos anteriormente, a influência principalmente da família de origem (pai, mãe e irmãos) é determinante na forma do indivíduo aprender e administrar ou não o dinheiro na vida adulta em seus múltiplos contextos e papéis: familiar, profissional, relacional, conjugal, entre outros.

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que, na sociedade brasileira, ter dinheiro é assegurar, no presente e no futuro, uma vida digna, que preserve não somente nossa integridade material, mas principalmente nossa saúde mental. Esta tarefa de ter dinheiro passa necessariamente pela compreensão dos próprios valores, atitudes e crenças que norteiam o comportamento financeiro, entendendo as emoções e todo o contexto que envolve a história e o existir humano.

A teoria explica, conforme apresentado ao longo do capítulo e nossa prática comprova, que modelos familiares financeiros acabam se tornando referências para homens e mulheres na vida adulta, seja para fazerem igual ou, em um processo de diferenciação familiar, usarem de forma bem distinta dos pais.

De uma maneira ou de outra, nós que o estudamos (dinheiro), temos claro que ele pede responsabilidades, compromisso e seu uso passa por uma ética relacional de respeito aos compromissos assumidos com o outro e com coletivo.

Gastar mais do que se pode, atrasar pagamentos, não pagar, são comportamentos que podem nos dizer muito sobre o padrão financeiro de uma pessoa e demanda cuidado e atenção. Neste sentido, realizar planejamento, saber fazer escolhas, tomar decisões que maximizem recursos e levem aos objetivos propostos, ficar atento aos impulsos e demandas de consumo, são tarefas da vida adulta que podem e devem ser aprendidas nas famílias tanto de origem quanto também extensa, a fim de serem levadas ao longo do ciclo vital, com o objetivo de se atingir éticamente os objetivos propostos, em todos os contextos, sejam eles públicos ou privados.

Para tanto, estar atento a si próprio, saber entender e controlar as emoções, retomar e revisar ensinamentos da família, suas crenças e valores, ampliar os conhecimentos econômicos, são tarefas ou compromissos que levam ao crescimento individual, familiar e da sociedade. Entender o dinheiro e considerá-lo desde cedo na educação dos filhos, pela socialização econômica é atuar preventivamente em termos de cidadãos conscientes.

Não por acaso, construir um contexto de conversas genuínas em família, nas quais se incluam desde crianças pequenas até adultos e idosos, abordando as diferentes formas de usar e de entender como nos relacionamos com o dinheiro, pode ser um caminho mais próspero e confiante para os membros constituintes de uma família e também para toda a sociedade.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Zahar, 2013.

BERTHOUD, C.M.E. **Visitando a Fase Adolescente**. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011, p.59-84.

BURNS.T.R; DEVILLE, P. **The three faces of the coin: a socio-economic approach to the institution of money**. *EJESS*, 16 (2), p. 149-195, 2003.

CERVENY, C. M O. **A família como modelo – desconstruindo a patologia**. 1. ed. São Paulo: Livro Pleno, 2001.

DA MATTA, R. **A família como valor: considerações não familiares sobre a família brasileira**. In: A. M. Almeida (org.) *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Espaço-Tempo, 1987, p. 115-136.

EGAN, M., DALY, M. e DELANEY, L. **Childhood psychological predictors of lifelong economic outcomes**. In: RANYARD, R. *Economic Psychology*. Wiley – The British Psychological Society. Centre for Decision Research, University of Leeds, UK, 2017.

FERREIRA, V. R. M. Can We Be De-Biased? Economic Psychology and Financial Education in a Pioneer Programme in Brazil. In: Jaeckel, Gary R. **Teaching Personal financial Education**. Published: Foundation for Teaching Personal Financial Education. Chapter 4 – Mind over Money, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação financeira e psicologia econômica: uma discussão e algumas recomendações**. 2015.

FERREIRA, V. R. M. **Psicologia Econômica – estudo sobre comportamento econômico e tomada de decisão**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008. 338p.

FURNHAM, A.; ARGYLE, M. A. **The Psychology of Money**. 3<sup>rd</sup> Reprinted. New York: Routledge. 1998/2007, 332p.

FURNHAM, A. **The New Psychology of Money**. New York: Routledge, 2014.

GERGEN, K. J. e GERGEN, M. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. Tradução Gabriel Fairman. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

GOLDBERG, H; LEWIS, R. **Money Madness: The Psychology of saving, spending, loving and hating money.** London: Springwood, 1978.

GRANDESSO, M. Para uma epistemologia da Pós-Modernidade. In: GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado:** uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica (pp. 47-112). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRANJA, M. C. L. **O mundo econômico da criança:** uma investigação psicológica sobre o dinheiro. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco – Recife. 152. p. 2012.

GUPTA, S. **Her money, her time: Women's earnings and their housework hours.** *Social Science Research*.35, p.975-999, 2006.

KAHNEMAN, D. **Rápido e devagar:** duas formas de pensar. Objetiva, 2012.

HETHERINGTON, E.M & KELLY, J. **For Better or for Worse: Divorce Reconsidered,** New York, W. W. Norton & Company, 2003.

KATONA, G. **Psychological Economics.** New York: Elsevier Scientific Publishing Company, 1975, 438p.

LAUER-LEITE, I. D. et al. **Socialização econômica:** conhecendo o mundo econômico das crianças. 2010.

LEA, S.E.G.; TARPY, R.M.; WEBLEY, P. **The individual in the economy.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 627p.

LIN, L.Y; SHIH, H. **The relationship of university student's lifestyle, money, attitude, personal value and their purchase decision.** *International Journal of Research in Management*, 2 (1), January, 2012.

LOEBL, C.; HIRA, T. **Exploring Gender Differences in Information Acquisition for Investments.** *Anais do 32nd Iarep Conference*, Ljubljana: Filozofska Fakulteta, p. 504-510, 2007.

LIVINGSTONE, S.M, LUNT, P.K. **Predicting personal debt and debt repayment: Psychological, social and economic determinants.** *Journal of Economic Psychology*, 13, 1992, p. 111-134.

MADANES, C.; MADANES, C. **O significado secreto do dinheiro.** Campinas, SP: Editorial Psy, 1997, 228p.

MANFREDINI, A. M. N. **Pais e filhos:** um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MEIER, K; KIRCHLER, E; HUBERT, A. C. **Savings and investment decisions within private households: Spouses dominance in decisions on various forms of investment.** *Journal of Economic Psychology*, 29, p 499-519, 1999.

MEIER-PESTI, K.; PENZ, E. **Sex or gender? Expanding the sex-based view by introducing masculinity and femininity as predictors of financial risk taking.** *Journal of Economic Psychology*, 29 (2), p.180-196, 2008.

MEIRELLES, V.M. **Feminino superlativo: mulher, família e carreira.** 2001. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MIKULINCER, M; SHAVER, P.R. **“Can´t buy me love”: An attachment perspective on social support and money as psychological buffers.** *Psychological Inquiry*, 19(3-4), p.164-173, 2008.

NEWCOMB, M.D.; RABOW, J. **Gender, socialization and money.** *Journal of Applied Social Psychology*, 29(4), p.852-869, 1999.

NYKUS, E. K. Saving behaviour: economic and psychological approaches. In: RANYARD, R. **Economic Psychology.** Wiley – The British Psychological Society. Centre for Decision Research, University of Leeds, UK, 2017.

OTTAVIANI, C., VANDOME, D. **Impulsivity and household indebtedness: evidence from real life.** *Journal of Economic Psychology*, 2011, p. 754-761.

OTTO, A. e SERIDO, J. Economic socialization: childhood, adolescence, and early adulthood. In: RANYARD, R. **Economic Psychology.** Wiley – The British Psychological Society. Centre for Decision Research, University of Leeds, UK, 2017.

PRINCE, M. (1993). **Women, men, and money styles.** *Journal of Economic Psychology*, 14, p.175-182, 1983.

ROCHA, M. et al. As representações de crianças e adolescentes sobre a inter-relação entre os recursos monetários e o consumo numa perspectiva piagetiana. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 23, n. 2, p. 142-162, 2012.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; DE ANGELIS SANTANA, F. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SOUZA, R.M. **Começar de Novo: as Mulheres no Divórcio.** In: MEIRELLES, V.M. (org.) *Mulher do Século XXI.* São Paulo: Ed. Roca, 2008, p.51-66.

SRIVASTAVA, A.; LOCKE, E.A; BARTOL, K.M. **Money and subjective well-being: It´s not the money, it´s the motives.** *Journal of Personality and Social Psychology*, 80 (6). p. 959-971, 2001.

TATZEL, M. **“Money words” and well being: An integration of money dispositions, materialism and price-related behavior.** *Journal of Economic Psychology*, 23, p.103-126, 2002.

TOBIAS, A. M. N. M. e CERVENY, C. M. O. **Educação financeira na família – como falar de dinheiro com crianças.** São Paulo: Roca, 2012.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência.** Papyrus Editora, 2003.

VOGLER, C.; BROCKMANN, M.; WIGGINS, R.D. **Managing money in new heterosexual forms of intimate relationships.** *Journal of Socio-Economics*, 37, p. 552-576, 2008.

VOHS, K.D.; MEAD, N.L.; GOODE, M.R. **The Psychological Consequences of Money.** *Science Mag*, 314, p.1154-1156, 2006. Disponível em: <[www.sciencemag.org](http://www.sciencemag.org)>. Acesso em 27, fev. 2012.

WEBLEY, P. e NYHUS, E. K. Parent’s influence on children’s future orientation and saving. Special Issue: Economic Socialization. **Journal of Economics Psychology**, vol. 27, 140-164, 2006.

## Capítulo 15- Migração e Identidade Familiar na Percepção da Mulher

Fabiana Gabriel Chemim Gomes Carneiro

Maria José Lima

### 1 INTRODUÇÃO

O objetivo de se escrever sobre a migração e a identidade familiar na percepção da mulher foi o de identificar como esta percebeu as possíveis ressonâncias que a migração pôde trazer para a afetividade, a comunicação, as regras e os papéis familiares.

O tema desse capítulo torna-se relevante a partir do momento em que verificamos que o processo migratório ocorre em nosso país desde quando o Brasil era colônia e, até hoje, há melhorias de cunho político e social a serem feitas para acolher a família migrante. Temos que considerar também que atualmente vivemos num mundo globalizado, em que a migração, inclusive externa (mudar de um país para o outro), está muito mais presente na vida de nosso povo.

Considera-se que as ressonâncias familiares que a migração é capaz de produzir podem afetar a construção da identidade, pois, segundo Gergen (1991), (com a modernidade), dentro da visão Construcionista Social, nos tempos pós-modernos, nos deparamos com um self em que a identidade autônoma, individualizada e permanente se extingue, dando lugar a diversas vozes interiores que definem o indivíduo de acordo com a perspectiva. “A identidade é continuamente emergente, re-formada e redirecionada na medida em que a pessoa se move num mar de relacionamentos em constante mudança” (GERGEN, 1991, p. 139).

A partir do pressuposto da migração, temos que olhar a influência que a globalização traz, pois segundo Giddens (2002), a modernidade diminuiu, de certa maneira, a cultura do risco, facilitando o acesso e o conhecimento daquilo que poderá vir a acontecer; por outro lado, introduziram-se novos fatos desconhecidos de gerações anteriores. Além disso, temos que considerar também que episódios ocorridos do outro lado do mundo podem afetar diretamente lugares mais próximos, e até as “intimidades do eu” (GIDDENS, 2002, p.8).

O que se buscou foi verificar possíveis valores, crenças, mitos e tarefas familiares que foram construídos a partir da migração. Com base nessas questões

referenciadas, identificamos também a influência desse processo na afetividade, na comunicação, nas regras, e nos papéis familiares. Para Cervený e Berthoud (1997), as concepções da vida individual ou grupal que são passadas entre os familiares caracterizam os valores da família. Segredos, tabus, mitos, crenças, religião, rituais e cerimônias realizadas configuram os valores que, geralmente, transcendem gerações e afetam todos os membros do sistema.

Nas próximas seções serão apresentadas uma breve contextualização teórica sobre os temas migração e identidade familiar na percepção da mulher, para posteriormente ser explicado o método da pesquisa de campo e os resultados alcançados e discutidos à luz da teoria.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Segundo o dicionário Michaelis (1998), migração significa ato ou efeito de passar de um país para outro, de um habitat para outro, ação de mover-se. O ato de mudar de habitat, de cidade ou ainda de país, deixa uma história de vida para trás, o que acarreta perdas materiais e não materiais, e estas perdas, conforme Sluzki (1997), nos deixam mais empobrecidos, e de alguma maneira mudados.

Para Sayad (1998), a migração é um processo de deslocamento de pessoas entre fronteiras político-geográficas, culturais ou linguísticas. Considera ele que o ato de migrar torna o indivíduo, ao mesmo tempo, imigrante para o local que o acolheu, e emigrante diante do lugar de origem, ou seja, possui um duplo sentido, é um estado que não é nem provisório, nem permanente.

[...] o que chamamos de *imigração*, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração*; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica com a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal [...] (SAYAD, 1998, p.14).

Falicov (2016), também coloca que os imigrantes desenvolvem uma capacidade de descobrir soluções que vão de encontro com ambos, ao invés de ter que se fazer uma escolha. A autora explica esse fato afirmando que “muitas famílias conseguem viver ‘em dois mundos’, alternando suas práticas diárias, rituais e códigos culturais

dependendo do contexto em que se encontram ou descobrindo novas misturas culturais híbridas.” (2016, p.297).

Segundo Sayad (1998), as condições migratórias fazem com que as pessoas se questionem sobre si mesmas e sobre os outros, pois as colocam em contato com sujeitos que possuem comportamentos distintos e uma sociedade que possui costumes diferentes daqueles em que elas já estavam adaptadas.

Para Moré e Queiroz (2007, p. 123 e 124):

A migração é um fenômeno de mobilidade social atual e que se caracteriza por ser um processo dinâmico e complexo, para o qual converge uma diversidade de aspectos, decorrentes de fatores econômicos, socioculturais e psicológicos, que dão as bases em seu conjunto para aquilo que denominamos de *irrupção do novo* nas relações familiares.

E o que leva o indivíduo a querer migrar, a ir em busca do novo? Desde a época em que o Brasil era colônia, o principal fator de migração é a busca por uma condição econômico-financeira melhor. Podemos verificar isso através dos momentos que tivemos na história do nosso país: extração do pau-brasil, ciclo do ouro, do café, e assim é até os dias atuais.

Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em uma análise feita sobre condições de vida da população brasileira no ano de 2015, na questão da migração:

A população residente da Região Norte, em 2014, 84,8% eram naturais desta Região e 15,2% nasceram em outra região. A Região Nordeste foi a que apresentou maior proporção de pessoas residentes naturais (97,2%), seguida pela Região Sul (93,8%). A Região Centro-Oeste foi a que apresentou menor proporção de população residente natural (69,1%), ou seja, quase 1/3 da população (30,9%) residente na Região Centro-Oeste era natural de outra região. Ao analisar as informações para as Unidades da Federação, notou-se que, em 2004, mais da metade da população de Rondônia (50,4%), Roraima (50,4%) e Distrito Federal (51,3%) não era natural da Unidade de Federação de residência no ano da pesquisa. Em 2014, a proporção de residentes não naturais foi elevada também em Tocantins (30,0%), Amapá (26,1%), Mato Grosso do Sul (30,0%) e Mato Grosso (38,4%). No outro extremo, com população residente basicamente formada por pessoas naturais da Unidade da Federação, estão todas as Unidades da Federação da Região Nordeste, normalmente com menos de 10,0% da população residente não natural, além de Minas Gerais (8,5%) e Rio Grande do Sul (4,2%). (IBGE, 2015, p. 24)

O movimento de migrar, de mudar de cidade ou país, pode ter influência direta na identidade do indivíduo, como já afirmado, pois o coloca em contato com pessoas que possuem crenças e costumes diferentes.

Atualmente as questões que permeiam a identidade podem não ser mais estáticas ou estáveis, visto que vivemos num mundo globalizado, em que nossas relações de trabalho, comunitárias, nossos laços familiares, entre outras, podem não ser mais permanentes como antes. Isso nos leva a acreditar que já não temos mais um único referencial para sabermos qual o rumo que deveremos tomar para a construção da nossa identidade. É o que Gergen (1991), coloca como o fim de uma demanda por racionalidade em relação ao self. Este autor afirma que, com a tecnologia de comunicação, com as novas maneiras de se relacionar, com a quantidade de informações a que temos acesso, os nossos selves, concebidos como construídos nas relações, viveriam em tempos atuais possibilidade de resultar em um self saturado:

À medida que a saturação social tem prosseguimento, tornamo-nos pastiches, montagens imitativas de outros. [...] Não somos um, ou poucos, mas assim como Walt Whitman, “contemos multitudes”. Parecemos uns com os outros como identidades singulares, unificadas por um tecido inteiro. De qualquer forma, com a saturação social, cada um de nós se tornou um abrigo para uma vasta população de potenciais escondidos (GERGEN, 1991, p. 71, tradução nossa).

Para Giddens (2002), esse ritmo acelerado de informações a que estamos dispostos cotidianamente trouxe o que se pode chamar de identidades globais. Essas identidades são construídas nas relações sociais que hoje não dependem mais do tempo e do espaço, e por isso mesmo são globalizadas, e essas informações nos fazem refletir sobre o que somos e nos leva a reformular o nosso eu e as nossas práticas sociais.

A partir das ideias de Gergen e Giddens com relação à construção da identidade pode-se verificar que, apesar dos avanços tecnológicos existentes que nos mantém em interação com o mundo, das informações a que temos acesso, da inserção da mulher no mercado de trabalho, da influência que tudo isso gera no contexto da identidade familiar, constatou-se no levantamento realizado pelo IBGE que, ainda é a mulher que se responsabiliza pelos cuidados do lar, ou seja, apesar de a mulher ter se inserido no mercado de trabalho, ela não deixou de exercer as tarefas domésticas, ela acumulou funções.

Neste trabalho, nos restringimos ao olhar da mulher para a construção da identidade familiar, partiu-se da premissa que os dados do IBGE trazem, mostrando que no grupo de jovens entre 15 e 29 anos, no ano de 2014, a proporção de mulheres que cuidavam dos afazeres domésticos na semana em que essas informações foram coletadas foi de 91,5%, sendo que a proporção de homens era de 43,9%. O número médio de horas dedicadas a estas atividades foi de 28,6 horas para as mulheres e 11,5



horas para os homens. Nas famílias que estudamos, buscamos responder se os dados do IBGE com relação às funções dos homens e das mulheres estão presentes também nas famílias migratórias, pois de acordo com o que afirma McGoldrick (2001), a migração é disruptiva em si mesma, pois requer um reajustamento familiar. Ainda segundo esta mesma autora, há “um prolongado processo desenvolvimental de ajustamento, que afetará os membros da família de modo diferente, dependendo de sua fase de ciclo de vida no momento da transição” (p. 77).

Para Cerveny e Berthoud (1997), a dinâmica familiar pode ser vista pelos objetivos familiares, pelos papéis das pessoas da família, pelas formas de comunicação escolhidas, pelas maneiras de como se demonstram afeto, e, ressaltamos aqui, pela forma em que a família se reorganiza em situações de transição, de mudança e de crise.

De acordo com Carter e McGoldrick (2001), as transições familiares são consideradas estressores horizontais que estão ligadas ao caráter evolutivo dos indivíduos, que podem estar ligadas a questões que são previsíveis, nascimento, casamento, como imprevisíveis, morte de algum familiar próximo ou a migração.

No mundo contemporâneo está se tornando cada vez mais importante a rede social na dinâmica familiar, visto que, segundo Cerveny e Berthoud (2002, p. 20):

Estamos passando por um momento onde a diminuição do número de filhos por casal provavelmente vai ter uma grande influência na família extensa das próximas gerações e acreditamos que a rede social de relações ou mesmo a comunidade vão se configurar no futuro como substitutas dessa família ampliada.

Assim, correlacionando as ideias dessas autoras com a migração, com as diversas perdas que cada membro da família migratória sofre deixando para trás uma rede social pessoal, percebe-se o quanto é relevante o papel da nova rede social no local em que a família irá residir.

Para Sluzki (1997), quando uma família migra internamente (dentro de um mesmo país), ou externamente (para outro país), o sofrimento devido ao que ficou é minimizado pela necessidade de adaptação ao novo local, e isso engloba a procura por criar novas redes sociais.

Esse mesmo autor considera a rede social pessoal como “[...] a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade.” (p. 41). Afirmo ainda que as redes incluem um conjunto

de vínculos interpessoais que abarcam a vida de uma pessoa: “[...] família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais.” (p. 37).

Sluzki (1997), trouxe o conceito de Mapa de Redes que objetiva caracterizar e dar visibilidade à rede de apoio que cada indivíduo utiliza. O autor dividiu o mapa em quatro quadrantes: família, amigos, relações de trabalho/escolares e relações comunitárias (serviços ou religião). Nestes quadrantes, inscreveu três áreas, sendo um círculo interno de relações íntimas, um círculo intermediário com relações com menor grau de compromisso e um círculo externo de conhecidos e relações ocasionais. Conforme figura abaixo:



Fonte: Modelo de Mapa de Redes proposto por Sluzki (1997).

O Mapa de Redes é um registro estático de um momento ou de um fato reconstruído pelo indivíduo que considera todas as pessoas com quem ele interage. Os critérios de inserção na rede devem ser formados de acordo com as intenções da investigação.

A rede pode ser avaliada em termos de suas características estruturais, das funções dos vínculos e dos atributos de cada vínculo. As características estruturais são as propriedades da rede em seu conjunto e foram classificadas por Sluzki (1997) pelo: tamanho (número de pessoas), sendo que as redes médias são consideradas mais afetivas que as grandes e menores; densidade (conexão entre os membros, relacionada a

questões de afetividade, de ligação); composição (proporção da distribuição das pessoas em cada quadrante); dispersão (relacionada à distância geográfica entre os membros e os recursos utilizados para a conservação das relações, pois afeta a acessibilidade das redes, a eficácia e velocidade de respostas em situações de crise); homogeneidade/heterogeneidade (demográfica e sociocultural salientam as variáveis de idade, sexo, cultura e nível socioeconômico dos integrantes das redes, que demonstram possíveis tensões entre sub-redes com especialidades distintas); atributos de vínculos específicos (compromisso e intensidade da relação); e tipo de funções (realizadas por cada vínculo e pelo conjunto), suas colocações abrangem a companhia e o apoio social, apoio emocional, guia cognitivo e conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços e acesso a novos contatos.

### 3 MÉTODO

O método escolhido para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o qualitativo, pois se buscou investigar a vida de famílias migratórias de maneira subjetiva e qual o significado desse processo para as famílias. Dentro da perspectiva construtivista/construcionista social, esse tipo de pesquisa é proficiente por estabelecer que a pesquisadora considere o conhecimento trazido pelas participantes desse estudo, ou seja, a vivência de cada uma. Tal conhecimento, segundo Giddens (1989), é fundamental para a pesquisa, pois o modo como as pessoas compreendem as suas ações faz parte do processo do estudo que está sendo realizado. Para Gergen (1994, p. 49, apud Caregnato, 2009, p. 81), “os termos e os padrões pelos quais alcançamos uma compreensão do mundo e de nós mesmos são artefatos sociais, produtos das trocas histórica e culturalmente situadas entre as pessoas.”

Para alcançarmos todos os objetivos propostos o delineamento da pesquisa foi definido pelo estudo de caso, que conforme descreve Yin (2005, p.32, apud Gil, 2008), este é um “estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.” A pesquisa foi realizada com cinco mulheres, buscando a visão destas diante da migração familiar. Nesse passo, de acordo com Gil (1995), no estudo de caso não há um modelo rígido a ser seguido, e é justamente por isso que foi definida essa forma de pesquisar, pois o objetivo aqui foi

estudar diferentes famílias dentro do contexto de mudança da cidade de origem, e como esse fenômeno afeta a dinâmica familiar.

As entrevistas foram realizadas na cidade de Taubaté, interior do estado de São Paulo/Brasil. As participantes foram entrevistadas em suas residências, para evitar o seu deslocamento e observar a adaptação ao novo local, a partir do ambiente familiar. A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com número CAAE 60370316.0.0000.5501.

O público alvo desse estudo foram mulheres, mães de famílias que não residem em sua cidade de origem; que moram em nova localidade há no mínimo três anos, para que tenham tido um tempo razoável de experiência de vida no processo que a migração envolve; casais com classe socioeconômica e cultural média, assim considerados, de acordo com a sua qualidade de vida, salário, escolaridade, entre outros; e casais com filhos, para que se compreenda melhor os valores, as crenças, mitos da família migratória.

A amostragem dessa pesquisa foi por acessibilidade ou por conveniência, pois as participantes foram algumas pessoas as quais a autora tem acesso, e outras por indicação das pessoas que foram entrevistadas. De acordo com Gil (2008, p.94), nesse tipo de amostra “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.”

As entrevistas foram gravadas para facilitar a transcrição, com a devida autorização das participantes. As participantes foram informadas sobre o sigilo da pesquisa, e de que seus nomes ou quaisquer dados que possam identificá-las não serão expostos.

Os instrumentos para coleta de dados utilizados na pesquisa foram entrevistas realizadas pessoalmente e semiestruturadas, que estão no apêndice; e o mapa da rede social descrito por Sluzki (1997).

Segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 279), a entrevista despadronizada ou semiestruturada é “quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão.”

As integrantes da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento livre e esclarecido, conforme anexo. Ressalta-se também que o projeto para a realização desta monografia foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética para posteriormente ser desenvolvido.

Os dados coletados foram analisados através de um estudo qualitativo interpretativo, que de acordo com Gil (2008) busca ampliar as respostas dos entrevistados a partir da ligação destas com outros conhecimentos anteriormente obtidos. E é justamente o que foi feito com o conteúdo vivencial das entrevistas realizadas fez-se um diálogo com a teoria, utilizou-se como base a Teoria Sistêmica e teve-se como foco responder aos objetivos da pesquisa.

Ainda segundo Gil (2008, p.178), “para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido.”.

Os dados coletados foram organizados em categorias, pois desta maneira, segundo Gil (2008), é possível fazer uma análise satisfatória, sendo que estas categorias foram construídas com base nos objetivos propostos neste trabalho.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor apresentação dos dados coletados, relacionou-se em categorias os dados demográficos das mães entrevistadas. Segue a tabela 1 com tais informações:

4.1 Tabela I - Dados sócios demográficos

PARTICIPANTES (P)	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO E PERÍODO DE TRABALHO DA MÃE	PROFISSÃO E PERÍODO DE TRABALHO DO PAI	RENDA FAMILIAR	NÚMERO E IDADE DOS FILHOS	TEMPO DE CASADOS	TEMPO E MOTIVO DA MIGRAÇÃO
P1	Mestrado	Nutricionista / Do lar	Engenheiro de Telecomunicações/ Integral	Entre 10 a 20 salários mínimos	2 filhos / 1 ano e grávida de 8 meses	11 anos	- 11 anos - Profissão do marido
P2	Pós-graduada	Fisioterapeuta / Meio período	Engenheiro de Produção / Integral	Entre 10 a 20 salários mínimos	1 filha / 2 anos	9 anos	- 9 anos - Profissão do marido
P3	Superior completo	Pedagoga / Do lar	Assistente Técnico de Helicóptero / Integral	10 salários mínimos	2 filhos / 24 e 14 anos	23 anos	- 19anos - Profissão do marido
P4	Superior completo	Professora / Aposentada	Professor / Aposentado	10 salários mínimos	2 filhos / 38 e 36 anos	39 anos	- 20 anos - Profissão do marido
P5	Pós-graduada	Psicóloga / Autônoma	Engenheiro / Integral	Entre 10 a 20 salários mínimos	2 filhos / 13 e 3 anos	13 anos	- 13 anos - Profissão do marido

A partir dos dados acima, foi possível notar que o motivo que levou as famílias a migrarem foi o econômico, confirmando o que já foi descrito na revisão literária com os dados do IBGE 2015. Além disso, as entrevistas também mostraram, sob minha análise, uma concordância com as informações do IBGE 2014, citado na revisão literária, e o que Papalia, Olds e Feldman (2006) escreveram com relação à mulher ainda ser a cuidadora do lar e dos filhos e o homem o provedor e protetor. Foi possível observar que, apesar das mulheres ainda se sentirem mais responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos, essas tarefas são hoje normalmente divididas, mesmo quando aquelas não possuem um trabalho fora de casa: “(...) a gente sempre teve que dividir as responsabilidades da casa.” (participante 1). E: “(...) a gente vai ter que se virar nós três o tempo todo.” (participante 2).

Também se pode verificar que os homens, quando não aposentados, trabalham período integral, e mesmo os já aposentados seguem atuando na sua área profissional, ainda que uma vez na semana. Já as mulheres trabalham menos tempo fora de casa, o que vai de encontro com os dados do IBGE 2014, citados na revisão literária, que mostram que as mulheres trabalham mais dentro de casa do que os homens, apesar de se tratar de uma família migratória, que segundo McGoldrick (2001) requer um reajustamento familiar, há “um prolongado processo desenvolvimental de ajustamento, que afetará os membros da família de modo diferente, dependendo de sua fase de ciclo de vida no momento da transição” (p. 77).

Para satisfazer os objetivos propostos na pesquisa, as categorias foram organizadas buscando respondê-los, conforme as tabelas que seguem:

#### 4.2 Tabela II - Categoria: Novos Valores

NOVOS VALORES	
SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS
Viver o aqui e agora	Valorizar o momento que está sendo vivido.
Flexibilidade	“É uma mistura de cultura, que você acaba tendo que abrir mão um pouco de uma e de outra.” “A gente teve que se abrir mais para as pessoas, teve que entender mais as pessoas.”
Sentimento de pertencer a uma família	“Como casal a gente é muito mais unido. Existe muito mais cumplicidade.”
Amizade	Descoberta da importância do outro. Vínculos mais fortes.

Liberdade	“Eu me sinto muito mais livre hoje do que eu era antes.” Poder construir aos poucos e perceber que vocês conquistaram aquilo junto.
Responsabilidade	Não poder delegar as atividades do dia a dia faz você perceber que a “responsabilidade é nossa.”

Com base em Falicov (2016), a perda daquilo que ficou para trás, a comunidade, os amigos, a família, os costumes, a comida, os rituais fazem parte da migração, e o que, na minha leitura, foi possível perceber nas mulheres entrevistadas é que tais perdas fizeram com que se desenvolvesse um sentimento de valorização do momento que está sendo vivido, o momento presente: “(...) essa questão de valorizar mais a questão da família, de estar junto ali e aproveitar esses momentos.” (participante 1). E ainda, “(...) Eu tentei fazer com os meus filhos uma construção do aqui e agora (...)” (participante 3). O fato de passar para as gerações seguintes também está em consonância com o que essa mesma autora destaca, quando coloca que essas perdas atingem a família de origem e também as gerações futuras, nascidas na cidade escolhida.

Conforme afirma Sluzki (1997), a família migratória deixa uma história de vida para trás, e isso acarreta em perdas materiais e não materiais, o que nos deixa mais empobrecidos, e de alguma maneira mudados. A pesquisa revelou, na minha percepção, que essas perdas mudaram as famílias, mas nem sempre deixaram as pessoas pertencentes a essas famílias mais empobrecidas, ao contrário, foram agregados valores: “(...) houve um amadurecimento grande de nós dois. (...) a gente se tornou muito mais amigo.” (participante 2). E: “(...) a gente construiu o núcleo da nossa família (...)” (participante 3). Ao contrário de Sluzki, Falicov (2016), disse ser possível que as famílias migratórias consigam desenvolver bases familiares e culturais mais fortes no novo lugar, e acrescentou que isso pode cooperar para um bom desenvolvimento das gerações que estão por vir.

Nos dados coletados também se observou, ainda de acordo com a leitura da autora, que o luto vivido pelas perdas é muito difícil de ser superado e este parece ser sentido principalmente pelas mulheres, pois o motivo da migração das participantes foi o emprego do marido. “Eu sofri bastante, porque não tinha ninguém. Não tinha ninguém da família, então fica difícil.” (participante 4). E: “Eu sinto bastante falta de lá, porque a minha família está lá (...)” (participante 5). Falicov (2016, p.301), diz que esse sentimento faz parte de “experiência migratória”.

Falicov (2016) afirma ainda, citando Boss (1999, 2006; Falicov, 2002), que descreveu o conceito de dois tipos de perda ambígua, sendo que em um os membros da família se encontram fisicamente ausentes, mas psicologicamente presentes, como a família migratória; e o outro os membros se encontram fisicamente presentes e psicologicamente ausentes, como um ente com os sintomas do Alzheimer. Boss (1999, apud Falicov, 2016), informa que a migração representa uma intersecção entre esses dois tipos de perda, pois os lugares e pessoas deixados para trás ficam por muito tempo no psique da família migratória; e ainda a ausência de tudo isso somado às dificuldades da adaptação podem deixar algum membro da família migratória incapacitado emocionalmente para apoiar os demais. A pesquisa não revelou o segundo tipo citado de perda, conforme a minha leitura, mas a ausência da família de origem, amigos e lugares foi citada como sendo algo difícil de ser superado por todas as participantes.

Segundo Harris et al., (2005); Miville & Constantine (2006) apud Falicov (2016, p.302), “as famílias migratórias também demonstram maior abertura para buscar aconselhamento profissional.” Esta afirmação condiz, de acordo com a minha percepção, com a flexibilidade percebida nas mães: “A gente teve que se abrir mais para as pessoas, teve que entender mais as pessoas.” (participante 4). E: “É uma mistura de cultura, que acaba tendo que abrir mão um pouco de uma e de outra,” (participante 1) E ainda: “Ele soube entender a maneira que eu penso, e eu soube entender a maneira que ele pensa.” (participante 2).

Quando Gergen (1991) descreve sobre o self saturado do indivíduo, em que parecemos uns com os outros, de acordo com o que foi exposto na revisão literária, a pesquisa mostrou, no meu entendimento, que as mães entrevistadas criaram um vínculo de amizade maior com as pessoas que têm algo em comum, e algumas vezes esse algo em comum foi também o fato de pertencer a uma família migratória: “(...) a gente acaba conhecendo pessoas que estão na mesma situação.” (participante 5).

O estudo revelou, na minha visão, que a busca do novo, de novas possibilidades, de sair da zona de conforto, de enfrentar novos padrões de comportamento, coincidem com o que Giddens coloca como características de nossa identidade, uma vez que trouxe alguns valores para a família migratória: “(...) as aventuras, o fato de você conhecer lugares novos, o fato de você conhecer gente diferente, lidar com gente cada dia diferente, pessoas diferentes, cultura diferente. Isso acrescenta na vida da gente as coisas.” (participante 3). Falicov (2016), também fala sobre a busca do novo, do sentimento de aventura, de melhores condições de vida, da aproximação do casal



adquirida com o tempo de migração, e tudo isso foi confirmado, na minha concepção, nas entrevistas de acordo com o que já foi exemplificado.

Ainda de acordo com a última autora citada, para que uma família seja flexível e estável é necessário que a mudança e continuidade familiar aconteçam concomitantemente, sendo que esses dois processos precisam estar integrados para que exista um enfrentamento daquilo que está por vir. Segunda ela, essa capacidade de enfrentamento deve ser mantida enquanto são construídos novos padrões, crenças, costumes. A pesquisa revelou, ao meu entender, que algumas mulheres se mostraram mais resistentes às mudanças que a migração trouxe: “(...) eu me arrependi de ter vindo (...) o povo era muito fechado (...) Foi difícil também essa parte do trabalho.” (participante 4), e, para outras, ela acabou por trazer coragem: “(...) A gente tem muito mais coragem de apoiar um ao outro. (...) buscando mais com menos medo.” (participante 2).

#### 4.3 Tabela III - Categoria: Papéis Familiares

PAPÉIS FAMILIARES	
SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS
Dividir tarefas	“A gente sempre teve que dividir as responsabilidades da casa.”
Relacionamento com a família de origem	Diferenciar-se da família de origem.
Assumir novos papéis	“Eu passei a ser mãe, esposa e dona de casa.”

As famílias migratórias observadas a partir do olhar da mulher, confirmam, segundo minha percepção, o que Vicente (2013) afirma em relação ao papel dos homens, que passaram a participar mais das tarefas do lar, envolveram-se nos cuidados com os filhos, deixando de ser somente provedores; e das mulheres que saíram em busca da realização profissional, mas não deixaram de ser fundamentais nos cuidados da casa e das crianças, responsabilizando-se pelo suporte emocional de todos os membros da família, em todas as fases do ciclo familiar: “(...) a gente sempre teve que dividir as responsabilidades da casa.” (participante 1). E: “(...) a gente vai ter que se virar nós três o tempo todo. (...) Ah, mas mais uma vez ele vai viajar? (...) hoje existe mais força do tipo, vai sim, vai porque nós (mãe e F2) estamos aqui.” (participante 2).

Com base em Cerveny e Berthoud (2002), é importante que o casal estabeleça um distanciamento da família de origem para que consigam construir novos padrões relacionais. Essa diferenciação da família de origem, a meu ver, pode ser percebida nas

entrevistas realizadas quando as mães colocam que conseguiram adaptar o que é de cada um dos cônjuges para formar o “nosso”. O casal acaba por formar novos rituais, adaptando à necessidade da família no momento que está sendo vivido.

Assumir novos papéis quando falamos de uma família migratória muitas vezes, de acordo com Sluzki (1997), resulta numa sobrecarga pelo acúmulo de funções. No entanto, ao contrário do que o autor disse, na pesquisa realizada foi possível observar, conforme a minha visão, que os casais não ficaram esperando que o outro faça, mesmo nas famílias que tiveram um tempo próximas da família de origem (participantes 3 e 4). Percebi que houve uma distribuição de tarefas e uma diferenciação da família de origem, criando-se assim uma rotina própria da família que foi formada. No caso da participante 5, ela ressaltou que a terapia contribuiu muito para esse momento inicial da migração, onde se assumiu muitos papéis ao mesmo tempo.

**4.4 Tabela IV - Categoria: Redes Sociais**

CATEGORIA: REDES SOCIAIS	
SUBCATEGORIAS	ELEMENTOS
Afinidade, algo em comum	Pessoas com algo em comum, que traz um conforto. “A gente acaba conhecendo pessoas que estão na mesma situação.”
Antiga rede	Apoio, suporte
Internet	Contato com a família de origem e amigos de outros locais através do Skype, whatsapp, facebook.
Profissão	Contribuiu para aumentar a rede inicialmente e trouxe outros relacionamentos.

Sob meu ponto de vista, a pesquisa revelou que a rede social nova das famílias entrevistadas trouxe um sentimento de conforto e, também, que elas recriam um pouco dos costumes que já tinham, buscando características em comum nos vínculos estabelecidos: “(...) essa rede acaba dando um suporte.” (participante1) E: “(...) Essa nova rede teve o papel de confortar, sabe aquele conforto de que está tudo bem. A gente pode sentir saudade, pode ter medo, mas está tudo bem.” (participante 2). Isso corresponde, de acordo com a minha análise, ao que Falicov (2016) traz, dizendo que a “pequena quantidade do solo nativo original” (p. 303), que a família migratória carrega é simbolizada no tipo de famílias que recriam através do que é transmitido aos filhos, dos costumes, das tradições e das amizades que constituem. Também vai ao encontro

das ideias de Cervený e Berthoud (2002), quando descrevem estas ser possível que a rede social se configure como substituta da família ampliada.

A análise dos dados obtidos também mostrou, no meu entendimento, que os meios de comunicação atuais aproximaram e facilitaram o contato com os familiares e amigos da cidade de origem, ou das cidades em que já residiram as participantes. Baldassar (2008, apud Falicov, 2016, p. 304), afirma que nos dias de hoje “(...) as culturas e as relações originais podem ser tanto mantidas quanto transformadas por meio de uma ‘copresença’ mútua de pessoas e lugares.”. Segundo Falicov, esta “copresença” é possível devido às informações estarem mais acessíveis e também à conexão com as pessoas, o que contribui para continuidade dos valores, da cultura, dos costumes e viabiliza mudança que pode influenciar inclusive a família de origem: “(...) a gente se dá conselho, existe troca, muito mais troca do que a mãe que sabe dizendo a uma filha que sabe, mas existe uma troca da filha com a mãe.” (participante 2). Essa aproximação, na minha compreensão, também trouxe para a família migratória o sentimento de apoio, de não estarem sozinhos: “A minha mãe é o Skype (...)” (participante 2). E: “A gente criou esse vínculo de amizade e manteve no face.” (participante 3).

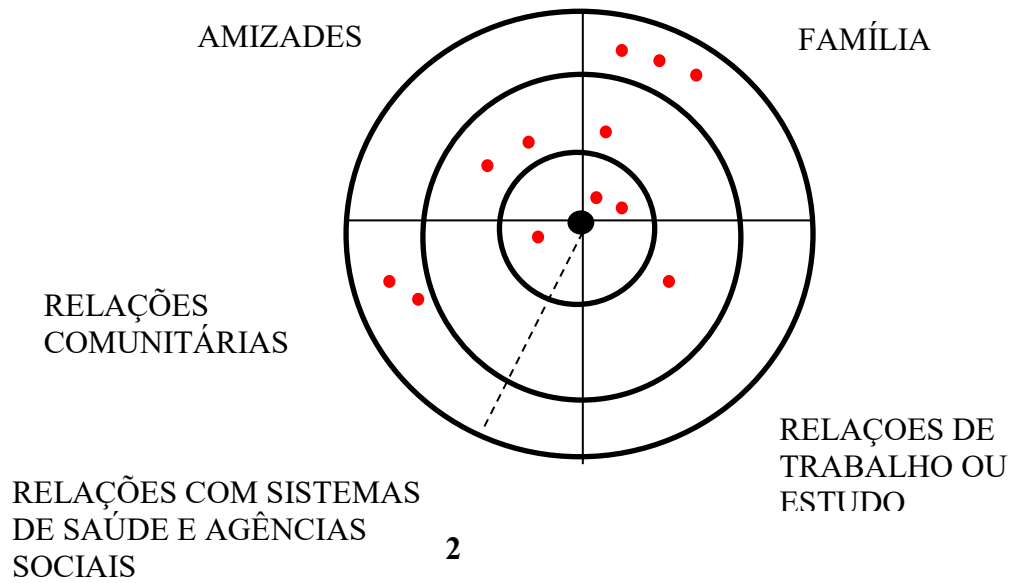
Para Falicov (2007, apud Falicov, 2016, p. 310), a tecnologia dos meios de comunicação atual possibilitou que a família de origem esteja psicologicamente presente na vida das famílias migratórias, é o que ele denomina de “família psicológica ou família virtual em um mundo global.”.

Segundo Falicov (2016), os filhos dos imigrantes não sentem as perdas da migração com a mesma intensidade que seus pais, mas vivenciam os reflexos delas nos seus pais. Desta maneira eles se tornam co-participantes dos momentos em que se recriam um “passado subjetivo e alterado no presente.” (p.311). Um exemplo disso pode ser visto na fala da participante 2: “(...) a gente tem rotina, e ele faz de tudo para estar, mas a maioria das vezes ele chega no meio da janta e nem por isso a gente deixa de jantar. A gente pode até ter acabado de jantar, mas todo mundo fica na mesa esperando ele acabar.”

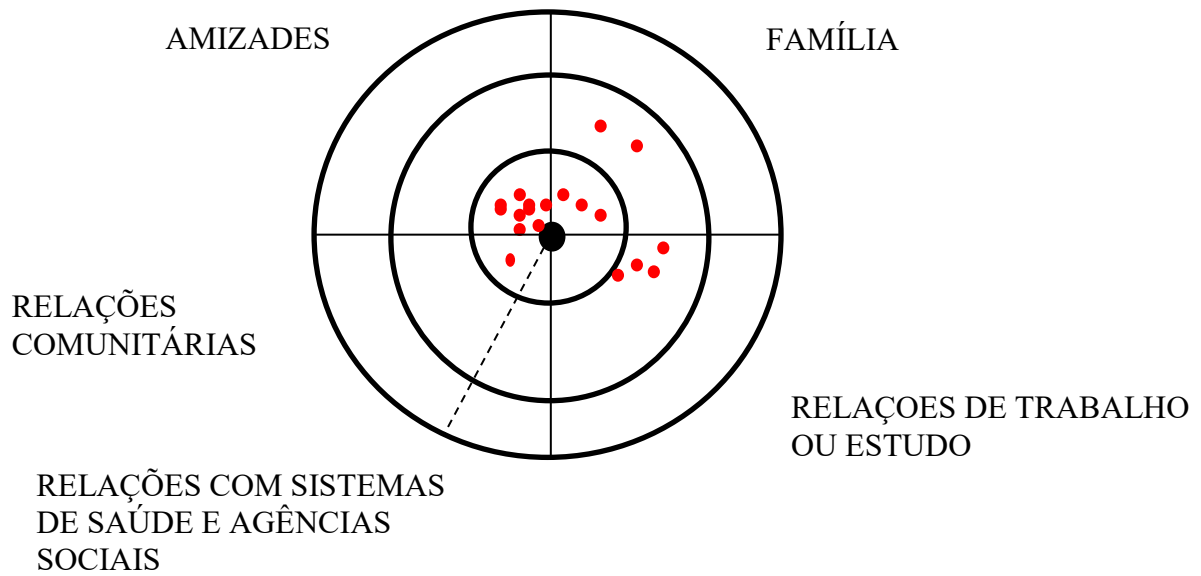
#### **4.5 Mapa de redes**

Para se conhecer e também visualizar a rede social das participantes foi utilizado o Mapa de Redes com todas as participantes:

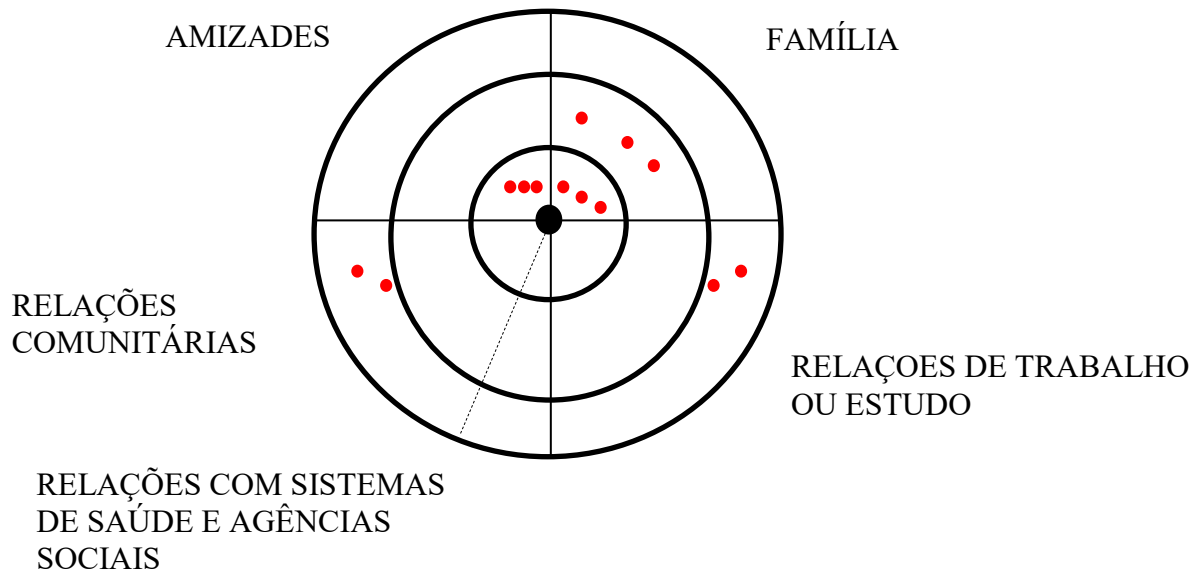
### Mapa de Redes: Participante 1



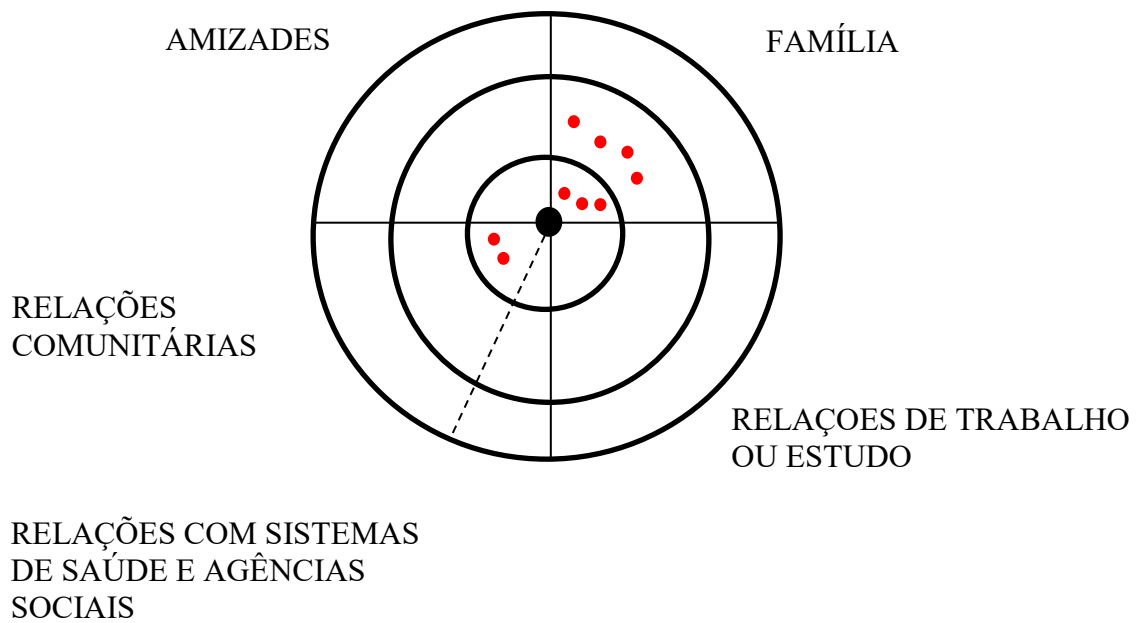
### Mapa de Redes: Participante 2



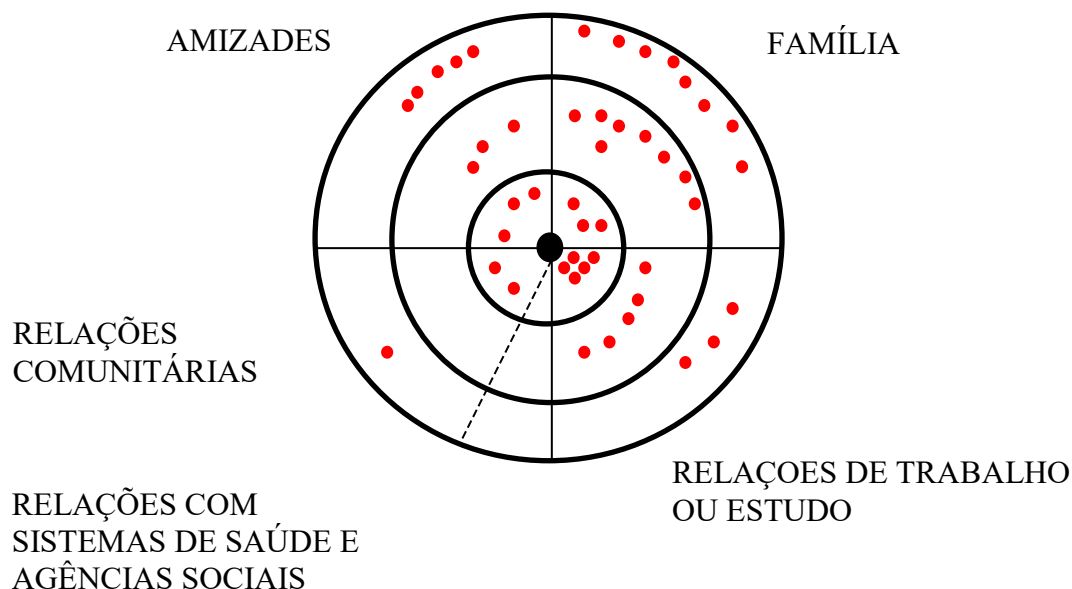
### Mapa de Redes: Participante 3



### Mapa de Redes: Participante 4



## Mapa de Redes: Participante 5



Em conformidade com Sluzki (1997), a rede das famílias migratórias se mostrou nessa pesquisa diminuída, e algumas vezes acabaram por sobrecarregar principalmente o marido, que inicialmente tinha uma vida social maior devido ao emprego: “Eu não conhecia ninguém. Só o M5 que conhecia as pessoas do trabalho (...)” (participante 5). A densidade dos migrantes também condiz com Sluzki, pois ela é alta, o que já foi possível verificar no parágrafo acima quando colocamos sobre os vínculos estabelecidos. Sluzki coloca que a densidade alta pode levar à exclusão de membros, a um estranhamento ou discriminação, e isso foi sentido pela participante 4: “Eu era vista assim, como apadrinhada do reitor, né! (...) Então as pessoas ficavam com medo de serem mandadas embora para que eu ficasse no lugar (...)”

Com relação à distribuição das redes, Sluzki (1997) descreve que quanto mais distribuídas são as pessoas, mais flexíveis e afetivas são as redes, e que esse fato pode facilitar a adaptação no novo local. No mapa de redes das participantes as pessoas são pouco distribuídas, ficando mais concentradas nas amizades e família. Correlacionando esse fato com o vínculo de amizade estabelecido, é possível que devido a esse vínculo mostrar-se tão forte, deixou de pertencer somente ao trabalho ou à comunidade e passou a ser incluído nas amizades. Talvez por isso, não se tenha dificultado a adaptação no novo local.

A dispersão está relacionada à distância geográfica, entre os membros e os recursos utilizados para a conservação das relações, pois afeta a acessibilidade das redes, a eficácia e velocidade de respostas. O acesso fácil ou não à cidade de origem se mostrou bastante valorizado pelas participantes: “E o desfavorável é que é um pouco longe da cidade de origem,” (participante 5). E: “(...) aqui é o lugar ideal (...) perto da cidade de origem.” (participante 3).

A homogeneidade ou heterogeneidade demográfica e sociocultural das redes observadas mostrou características semelhantes, o que facilitou a formação de novos vínculos, e também se mostrou diferente do que foi descrito por Sluzki, pois o autor coloca que provavelmente as características socioculturais seriam diferentes, e, portanto, dificultariam a formação de novos vínculos.

Os atributos de vínculos específicos foram mais difíceis de serem estabelecidos, em conformidade com as ideias de Sluzki, porém, a partir do momento em que se formaram a intensidade foi grande, de acordo com o que já foi exemplificado anteriormente.

De modo geral, de acordo com a minha percepção, a migração mostrou para as famílias entrevistadas a importância de se viver um dia de cada vez, de se aproveitar o momento que está sendo vivido; a importância de se fazer vínculos fortes, de se ter amigos; trouxe um sentimento de união e pertencimento à família formada; ressaltou as dificuldades enfrentadas por todas as famílias em diferentes fases do ciclo vital; trouxe maior liberdade e autonomia ao núcleo familiar para o enfrentamento de novos desafios e para a escolha do caminho pelo qual se quer seguir.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A finalidade desta pesquisa foi a de compreender um pouco melhor como repercute a migração na identidade familiar sob o olhar da mulher, num mundo globalizado.

No desenvolvimento da pesquisa buscou-se verificar quais foram as perdas e os ganhos que a migração trouxe. O que foi possível constatar foi que, para quase todas as mulheres entrevistadas, a migração fortaleceu a família, uniu os casais, trouxe o sentimento de pertencimento a uma família.

Através do olhar da mulher foi possível compreender que é exequível desenvolver visões duais e modos de viver que conservam valores da cultura familiar, sem deixar de se adquirir novos conhecimentos e estar aberta para o novo.

O fato de vivermos em um mundo globalizado em que se amplia constantemente a possibilidade do cidadão ter acesso aos avanços tecnológicos de aproximação das pessoas fisicamente distantes, essa conquista tem sido bastante útil para manter e estender as redes sociais das famílias migratórias e a cultura que trazem da cidade de origem, mormente no contato com familiares e amigos deixados para trás.

A pesquisa também mostrou que a busca por condições econômicas melhores continua fazendo as pessoas migrarem. Outro fator que merece destaque foi o fato de que estamos ainda numa fase de transição com relação ao papel da mulher, pois, como dito, é ela, ainda, invariavelmente, quem necessita abrir mão de sua vida profissional, ou adiar sua entrada no mercado de trabalho, para cuidar do lar e dos filhos.

As redes formadas na cidade destino mostraram-se muito importantes, contribuíram para a adaptação, confortou e deu coragem para as famílias seguirem em frente.

Através do estudo realizado foi possível concluir que a migração, para as famílias pesquisadas, trouxe mais ganhos do que perdas, e que, de uma maneira geral, serviu para unir mais cada núcleo familiar, ao mesmo tempo em que deu liberdade para que fossem aquilo que desejassem ser.

## REFERÊNCIAS

CAREGNATO, S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo vital de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CERVENY, C.; BERTHOUD, C. **O ciclo vital da família: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FALICOV, C. Processos das famílias imigrantes: Uma estrutura multidimensional. In: WALSH, F. **Processos normativos da família: diversidade e complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 297-323.



GERGEN, K. **The Saturated Self: Dilemmas of Identity in Contemporary Life**. New York: Basic Books, 1991.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

Gil A. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORÉ, C.; QUEIROZ, A. Migração, movimento e transformação: irrupção do novo nas relações familiares. In: Cervený, C. M. O. (org) **Família em Movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PAPALIA, D.; OLDS S.; FELDMAN R. **Desenvolvimento Humano**. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

**Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=295011>. Acesso em: 23/03/2016.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VICENTE, R. Família e mudança. In: CERVENY, C. (Org.). **Família e...: comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 39-51.

## Capítulo 16- A influência do consumismo infantil na educação das crianças

Andreza Maria Neves Manfredini

Glaucaia Silva Moreira Assis de Oliveira

### 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade consumista. Somos, das mais diversas formas, bombardeados por campanhas publicitárias da mídia, que tentam nos convencer de que precisamos consumir os produtos por ela anunciados e então passamos a sentir a necessidade de possuir objetos que, na verdade, estão muito além das necessidades básicas à vida. Grandes empresas investem pesadamente em campanhas publicitárias que atinjam seu objetivo: fazer a população se tornar dependente do consumo de seus produtos. Novas percepções de mundo e significados são construídos nas sociedades de consumo, junto de novos valores que aparecem dentro desse contexto.

A demanda por consumo aumenta cada vez mais, transformando as pessoas em consumidores vorazes e insaciáveis. Nesse processo, as empresas eventualmente perceberam que as crianças são consumidores em potencial, e que são elas, não raro, quem determinam o consumo de determinados produtos dentro de suas famílias. Elas, então, se transformaram no principal alvo de grandes corporações, que não tem poupado esforços em estratégias de *marketing* para aumentar seus lucros à custa da ingenuidade e da falta de discernimento da população infantil.

Como os pais, que muitas vezes conseguem conversar com seus filhos apenas no fim da noite, depois de um dia cansativo de trabalho, ou, às vezes, só aos finais de semana, podem “competir” com as propagandas da mídia, que estão ali o tempo todo? Por isso, o objetivo desta pesquisa foi conhecer e compreender como os pais que estão na fase de aquisição do ciclo vital da família ensinam seus filhos sobre o consumo, considerando a influência do consumismo infantil.

Nas seções seguintes será apresentada uma breve contextualização teórica sobre os temas “A família em fase de aquisição frente ao consumismo”, “A criança e o consumo” e “*Marketing* direcionado à criança”. Posteriormente explicaremos o método pelo qual a pesquisa foi pautada e por fim os resultados alcançados e discutidos à luz da teoria.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 A FAMÍLIA EM FASE DE AQUISIÇÃO FRENTE AO CONSUMISMO

Cervený e Berthoud (1997) apresentam uma proposta para compreensão da família dividida em quatro fases: aquisição, adolescente, madura e última.

A fase de aquisição compreende desde a formação, o nascimento da família propriamente dita, e tudo o que envolve essa construção. A motivação, neste momento, é a aquisição. De modo geral, o casal se preocupa em adquirir um imóvel para morar, os bens móveis da casa, um automóvel, etc. (CERVENÝ; BERTHOUD, 1997).

A chegada dos filhos é um marco dessa fase, que traz, dentre tantas mudanças, a alteração dos papéis no sistema familiar. Além de marido e mulher, os cônjuges são pai e mãe e tem responsabilidades e preocupações maiores a partir de então.

Como a família na fase de aquisição é aquela que possui filhos pequenos, é durante essa fase que os pais começam a se preocupar com o que seus filhos assistem na televisão ou internet.

Os progenitores, aqui, preocupam-se com a formação da criança, não somente intelectual, mas também emocional, espiritual, etc., ou seja, preocupam-se com a formação do indivíduo como um todo. Os pais sabem que seus pequenos dependem totalmente deles nesse momento.

Com o avanço tecnológico experimentado atualmente e a facilidade de acesso às mais diversas mídias, os cuidadores têm percebido a necessidade de um olhar mais atento e de um intenso, na medida do possível, monitoramento daquilo que seus filhos consomem por meio desses veículos.

Grande parte dos lares brasileiros possui computadores conectados à rede, bem como *tablets* e *smartphones*, usados por pais e filhos em horas de lazer. Nesses aparelhos, as informações circulam de forma rápida, fluida e, em geral, descartável.

Como esta rede interliga pessoas de qualquer lugar, muitos costumes e produtos que apenas eram vistos e usados em uma determinada região passaram a ser incorporados por culturas diferentes, enaltecendo e impulsionando o processo que conhecemos por globalização.

Conforme assinalado por Silveira (2004), a internet tem influenciado em larga escala a transmissão de valores e alterado as relações entre as culturas locais e a cultura global, unificando costumes, crenças, estilos de vida e determinando principalmente

padrões de consumo, enfraquecendo as identidades culturais e os laços comunitários tradicionais.

Até pouco tempo atrás, era a televisão que ocupava esse lugar, de exercer um papel importantíssimo no desenvolvimento dessas identidades culturais globais, mas, provavelmente, a internet tem hoje a preferência dos jovens mais do que a TV, porque ela permite se comunicar com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo e ter acesso às informações diretamente do seu aparelho móvel conectado à rede.

Segundo dados do IBGE (2015), o acesso à internet em domicílios já é uma realidade para 85,6 milhões de brasileiros, o equivalente a 49,4% da população (acesso de pessoas acima de 10 anos de idade). É importante ressaltar que esses dados são de 2015 e o acesso à internet continua aumentando de maneira exponencial em nossa sociedade, sendo possível inferir que os dados expostos estejam desatualizados.

## 2.2.1 A CRIANÇA E O CONSUMO

Atualmente as crianças têm contato com a televisão e a internet desde muito cedo. Elas passam, muitas vezes, várias horas em frente a essas mídias seja assistindo a programas televisivos ou a vídeos do *Youtube*.

Que a mídia seja capaz de criar hábitos e costumes, mudar valores e formar opiniões não é dado ignorado por ninguém, inclusive tendo sido parte do trabalho realizado até mostrar de que modo isso ocorre. No entanto, quando se trata de crianças, urge a necessidade de que os adultos acompanhem o que elas têm aprendido e ao que elas estão sendo expostas.

A criança brasileira é a que mais assiste televisão no mundo: mais precisamente, 4h51min19s (LINN, 2006). É óbvio, então, que as grandes indústrias passem a utilizar desse público para promover seus produtos. Os efeitos disso podem ser, no entanto, desastrosos. Que tipo de adulto queremos formar? Que tipo de sociedade queremos ter daqui alguns anos se fecharmos os olhos para o que a mídia tem tentado (e, muitas vezes, conseguido!) fazer com nossas crianças? Tais reflexões não são, de modo algum, alarmistas, pois, como afirma Linn:

Focar somente produtos, contudo, significa subestimar a magnitude do problema. De igual importância são: o volume de propaganda ao qual as crianças estão expostas, os valores embutidos nas

mensagens de *marketing* e o comportamento que essas mensagens inspiram. (2006, p. 25)

Isso é muito grave, pois, em sua maioria, as crianças assistem à TV sozinhas, sem qualquer adulto por perto que as ajude a esclarecer as mensagens subjetivas das propagandas sedutoras com que são bombardeadas. Será que temos dado a atenção devida às experiências de nossos filhos enquanto o mundo está influenciando tão fortemente a formação de seu caráter?

A criança aprende a partir de seu próprio mundo e da integração com as pessoas que a cercam, por isso é também importante que os pais sejam exemplo daquilo que falam: deve haver coerência entre as atitudes e o discurso. Erroneamente pensamos que ensinar é discursar, porém, na verdade, não é apenas isso, mas também, quando se trata de nossos pequenos, de manter atitudes que construam e reflitam nossos valores morais, pois sabemos que eles nos observam o tempo todo e assim aprendem conosco.

Nós, pais e mães nesse mundo pós-moderno, também temos muito o que aprender. Vivemos uma dicotomia entre a culpa e o amor, ressentindo-nos por trabalhar muito e tentando, em decorrência disso, compensar o pouco tempo com os filhos atendendo a todos os seus desejos. E os apelos são muitos, geralmente acompanhados de rostos magoados e tristes, de um sofrimento intenso, que muitas vezes nos comove e coage.

Já se perguntou porque as crianças pedem tanto quando estão diante da televisão? As propagandas são carregadas de valores imateriais, como sonho e felicidade. Ao verem aquele cenário perfeito de alegria e mágica, os pequenos imediatamente correm para suas mães, afirmando querer a “tal” novidade, em geral um brinquedo.

Quando pedem pelo brinquedo visto na propaganda da TV ou divulgado na internet, elas querem tudo o que se mostra “parte” do brinquedo. Elas querem a magia do super-herói que voa de verdade, os risos e o ambiente de afeto e harmonia de uma família jogando jogos junto com os filhos. Mas isso não vem no pacote. Quando percebem que o brinquedo é apenas uma bola ou um super-herói de plástico, sem graça, dentro de uma caixa, ficam frustrados. E é essa frustração que os leva à busca por outros objetos do desejo que consigam satisfazê-los.

Essa busca por mais e mais objetos para atingir a satisfação pode desencadear problemas de comportamento na criança. Temos visto isso hoje, crianças insaciáveis e pais esgotados por não conseguirem satisfazê-los (SILVA; VASCONCELOS, 2012).

Os pais, no entanto, precisam aprender a dizer “não” aos pedidos feitos nos intervalos comerciais e a explicar aos filhos o que de fato estão querendo vender a eles, mostrando que aquele brinquedo é só um brinquedo. Ao fazer isso, os pais estarão preparando seus filhos para as frustrações que a vida certamente lhes trará, fortalecendo, dessa forma, esses futuros adultos.

Os pais podem se livrar do sentimento de culpa pela falta de tempo com seus filhos entendendo que o que importa não é quanto tempo é passado na companhia da prole, mas sim se o tempo dedicado a ela é de qualidade e de intimidade, pois é isso o que fará sentido para ela.

O caminho não é fácil, nem tão simples assim, mas é preciso que os pais se perguntem o que realmente é essencial aos seus filhos. Conscientizar-se de que muitas vezes não é só o brinquedo o que a criança quer, mas também os pais brincando com ela, juntamente àquele clima feliz que ela viu na propaganda da televisão (SILVA; VASCONCELOS, 2012).

Santos e Carmo (2012) afirmam que, quanto mais pobre estiver a vida relacional da família, ou seja, quanto menos houver encontros, abraços, beijos e partilha, mais ela precisará consumir coisas externas, em uma tentativa de sanar essas carências emocionais, ligadas ao amor e ao contato.

O consumo se torna um ciclo vicioso: quanto mais consumo, mais preciso trabalhar para saldar essas despesas, e quanto mais trabalho, menos tempo familiar terei para afetos, experiências e encontros.

### **2.2.2 MARKETING DIRECIONADO À CRIANÇA**

As propagandas veiculadas em diversas mídias têm sido apontadas como um dos influenciadores e um dos geradores do consumismo. É importante entender que “cabe ao *marketing* identificar necessidades e atendê-las, criando novos produtos constantemente” (SILVA; VASCONCELOS, 2012, p. 27).

A criação publicitária não leva em conta apenas as nossas necessidades fisiológicas para gerar suas propagandas. O fator humano, nossos desejos subjetivos, são muito importantes para eles. Assim, “refrigerantes vendem juventude, sapatos vendem prestígio social, cereais vendem saúde e joias vendem amor” (SILVA; VASCONCELOS, 2012, p. 28).

Tendo isso em mente, fica fácil perceber que o *marketing* direcionado à criança não é apenas propaganda dirigida à criança, mas sim o estudo dos desejos e necessidades dos pequenos e de seus pais, para que novos produtos sejam desenvolvidos com o objetivo de despertar o desejo de compra.

A influência da publicidade infantil dá-se em duas etapas: indireta e direta. Entendemos por influência indireta aquela em que os pais consomem considerando seus filhos. Exemplo disso é a compra de um carro maior para carregar a criança em uma cadeira específica e com porta malas maior para levar também o carrinho do bebê. Outro exemplo possível é a compra de um apartamento maior para o quarto das crianças.

Já a influência direta ocorre a partir de determinada idade em que a criança, já com a fala em desenvolvimento e o aumento de conhecimento sobre os produtos apresentados na mídia, começa a pedir aos pais os objetos que desejam, que, em sua maioria, são brinquedos e produtos alimentícios com a imagem de seus personagens preferidos. (VELOSO; HILDEBRAND; CAMPOMAR, 2013).

Esses mesmos autores ainda acrescentam o crescimento do mercado de *smartphones* e *tablets* entre crianças. Como elas começam a utilizar tais tecnologias desde muito cedo, esses objetos se tornam seu principal objeto de desejo.

O que se vê hoje pelos restaurantes e ao caminharmos pelos shoppings são crianças carregando seus aparelhos tecnológicos, que acabaram por substituir a televisão, considerada anteriormente a “babá eletrônica” dos pequenos.

Nos restaurantes, muitas vezes, nem percebemos a presença de crianças que, silenciosas, estão mergulhadas em seus mundos digitais através de *tablets* ou celulares dados por seus próprios pais. Dessa maneira, tendo acesso a cada vez mais conteúdo publicitário, elas vão listando aos pais o que devem comprar para elas. E isso não é nem um pouco saudável.

Linn (2006) esclarece que há coisas que nós, como pais, podemos fazer, como, por exemplo, fazer refeições com a televisão desligada, retirar do quarto de nossos filhos os aparelhos de TV, computadores e *tablets*, entre outras medidas, de modo a diminuir a exposição dos pequenos à propaganda massiva e indiscriminada. Sem dúvida, esta não é uma batalha fácil e os pais não conseguem medir forças com a indústria do *marketing*, mas não podemos baixar a guarda.

Os pais devem estar conscientes de que devem monitorar seus filhos e ensiná-los sobre o consumo exagerado. Também devem conversar muito com eles e ouvi-los, pois

o apelo do *marketing* em geral não leva em consideração classes sociais distintas. A mesma propaganda é assistida por crianças de famílias de poder aquisitivo distintos e, não raro, a impossibilidade dos pais de adquirir para seus filhos o objeto desejado causa muito sofrimento para ambos.

É claro que as empresas que criam essas propagandas não estão interessadas nas consequências negativas de seus produtos no desenvolvimento infantil. A infância para essas empresas é apenas audiência, vetor para gerar mais lucros.

### 3 MÉTODO

Essa pesquisa foi delineada como qualitativa por entendermos que tal método de pesquisa é aquele em que os resultados esperados jamais poderiam ser encontrados em dados numéricos ou de quantidade.

De acordo com Manfredini (2007), esse método considera o contexto social, a complexidade e as diferenças individuais, e, por isso, é tão pertinente a nossa pesquisa, pois o objeto do estudo é o contexto familiar e social. A pesquisa foi aceita pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade de Taubaté, com o número do parecer de 2.345.001.

O consumismo é um fenômeno social, e, conforme afirma Richardson (1999), há problemas que só podem ser investigados por meio de uma metodologia qualitativa e, neste caso, não se trata apenas de uma opção de pesquisa em detrimento de outras, pois falamos de entender a natureza de um fenômeno.

Levando em consideração que não conseguiríamos os resultados satisfatórios sem considerar “a emergência dos aspectos intersubjetivos de construção de sentido” (GUI, 2003, p.137), optamos por utilizar o grupo focal como instrumento para esta pesquisa.

Como afirma o autor,

Não se trata, portanto, propriamente de uma coleta, como se o dado ali estivesse à espera de ser capturado, mas sim de captar os significados que emergem no “aqui e agora” da situação de pesquisa, à medida que os participantes refletem e discutem sobre o tema proposto. (GUI, 2003, p.139)

Participaram do grupo focal quatro casais que tinham filhos nas idades entre 8 e 12 anos.



Como nos propomos a investigar as experiências de cada família em relação à influência do consumismo infantil na fase de aquisição do ciclo vital da família, esse instrumento trouxe a luz necessária sobre o assunto, à medida em que cada família pode ouvir as experiências das outras e refletir sobre suas próprias práticas.

Os participantes constituíram uma amostra por acessibilidade. Segundo Gil (1994), nesse tipo de amostra o pesquisador seleciona os participantes aos quais tem acesso e considera que estes representem de alguma forma o universo. É um tipo de amostra destituída de qualquer rigor estatístico e aplica-se em estudos exploratórios ou qualitativos, nos quais não se faz necessária um alto nível de precisão. Outros critérios de inclusão foram: pertencer à classe média e residir na cidade de Taubaté.

O critério de saturação foi baseado no entendimento de que se chegou ao objetivo desejado por meio das respostas obtidas. Entendemos que as respostas e falas dos participantes do grupo se repetiam e, por isso, cessamos o encontro, já que havíamos alcançado o aparente esgotamento do assunto e, portanto, atingido nosso objetivo.

Todos os dados coletados foram analisados por categorias que fazem referência aos objetivos desta pesquisa pois, segundo Bardin (2016), do conjunto de técnicas para análise de conteúdo, esta é a mais antiga e também a mais usada, sendo em nosso caso, um desmembramento do conteúdo gravado, em categorias conforme os objetivos aos quais nos propomos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão do leitor, esta seção está organizada da seguinte forma: primeiramente apresentamos o perfil dos participantes da pesquisa, e, na sequência, as categorias criadas. Em cada categoria, apresentamos uma discussão baseada na fundamentação teórica existente sobre o assunto.

### 4.1 Perfil dos Participantes

	Casal 1		Casal 2		Casal 3		Casal 4	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
<b>Idade</b>	46	48	40	46	38	42	40	50
<b>Escolaridade</b>	Ensino médio	Superior completo	Pós graduação	Superior completo	Ensino médio	Ensino médio	Pós graduação	Ensino médio

	completo				completo	completo		completo
<b>Atividade profissional</b>	Não exerce	Assalariado	Assalariada	Assalariado	Autônoma	Autônomo	Autônoma	Autônomo
<b>Renda Média individual (RS)</b>	Não se aplica	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00	Acima de 3.001,00
<b>Tempo de união</b>	24 anos		09 anos		14 anos		13 anos	
<b>Tipo de união</b>	Casados legalmente		Casados legalmente		Casados legalmente		União estável	
<b>Quantidade de filhos</b>	04		02		01		02	
<b>Idade e gênero dos filhos</b>	22 anos – mulher 20 anos – mulher 12 anos – mulher 12 anos – homem		05 anos – mulher 08 anos – mulher		09 anos – homem		09 anos – mulher 02 anos – homem	
<b>Tipo de escola</b>	Pública		Particular		Particular		Particular	
<b>Renda média familiar (RS)</b>	Acima de 6.001,00		Acima de 6.001,00		Acima de 6.001,00		Acima de 6.001,00	

## 4.2 Categorias do Grupo Focal

### **Categoria 1: Transmissão de valores na educação dos filhos que não estejam vinculados ao consumismo**

Observamos que os pais conversam com seus filhos a respeito do consumo exagerado quando as crianças fazem seus pedidos à medida que recebem algum estímulo que os levem ao desejo de consumir o que se vê e, na maioria das vezes, os pais tentam transmitir a elas os valores aprendidos em suas famílias de origem.

Valores muitas vezes herdados de uma condição financeira mais restrita do que aquela que têm hoje. Os pais afirmam que aprenderam a dar valor ao que tinham, tendo em vista a dificuldade de seus pais em comprar em abundância. Percebe-se que o fato de terem tido uma infância de condição financeira mais restrita os fez pensar em responsabilidades mais do que em futilidades. Valorizavam o que se tinha e, não raro, o que se ganhava era na verdade o objeto ou vestimenta que já havia sido usado pelo irmão maior. Eles tentam transmitir a seus filhos esses valores, mesmo sabendo que a realidade atual em que vivem é muito diferente.

Santos (2012) afirma que esses valores aprendidos na família ficam presentes por toda a vida, mesmo que não tenhamos memória clara deles. Quando precisamos

tomar alguma decisão sobre adquirir ou não qualquer coisa em nosso dia a dia, esses valores participam ativamente de nossas conversas interiores.

Ela reitera que tudo o que é presenciado no núcleo familiar, sejam fracassos financeiros, má gestão do dinheiro ou mesmo a construção de uma fortuna, está registrado dentro do inconsciente de cada indivíduo e o influencia em suas decisões econômicas por toda a vida. Portanto, esses valores que eles tentam passar para seus filhos estão carregados das memórias das vivências de suas famílias de origem.

Os pais tentam trazer seus filhos à realidade, fazendo com que eles valorizem aquilo que já possuem, mostrando a eles que muitas vezes o que é exibido pela mídia não é algo realmente útil ou necessário para toda a família.

É possível ajudar os filhos a enxergar o valor das coisas desde pequenos, começando por ensiná-los a valorizar seus brinquedos e brincadeiras. A criança aprende, brincando, que é mais importante ser do que ter, além de aprimorar suas noções de organização, cidadania e respeito ao outro. Todos esses recursos se revelarão muito úteis à arte de lidar com o dinheiro em sua vida adulta (SANTOS, 2012).

Também desejam fazer com que as crianças entendam que aquilo que se tem não foi conquistado facilmente, sem esforço, mas, sim, que é fruto do trabalho duro dos progenitores. Assim, eles tentam ensinar os filhos a pensarem de forma crítica diante do apelo inebriante da mídia.

Observamos que os pais têm consciência de que os filhos estão a todo o tempo atentos às suas atitudes e reconhecem que mudaram seu comportamento, antes consumista, após serem questionados pelos filhos, diante da incoerência entre o que ensinavam e o que faziam. Passaram a ser mais críticos consigo mesmos e a se perguntar qual seria a utilidade daquilo que queriam comprar, se era ou não necessário adquirir ou mesmo se era o momento certo para a compra.

## **Categoria 2: A influência da televisão e da internet no processo de educar**

Nesta categoria observamos um desgaste por parte dos pais em relação ao conflito entre a mídia e seus filhos. Eles sentem que tudo o que tentam construir, em se tratando de valores, a publicidade desfaz em poucos minutos. A mídia representa para eles um grande inimigo para suas famílias, sentindo que precisam ser incansáveis na vigilância daquilo a que seus filhos estão expostos.

Silva (2012) afirma que ao assistir um comercial de TV em que os pais brincam felizes com o filho e seu brinquedo, a criança vai pedir aos pais para comprarem o produto, mas na verdade o que ela deseja conseguir é a companhia dos pais brincando com ela naquele ambiente de alegria que ela assistiu na televisão. “As propagandas veiculadas em diversas mídias tem sido apontadas como um dos influenciadores e geradores de um grave problema: o consumimos” (2012, p.27).

Os pais se preocupam muito, também, com o conteúdo assistido por seus filhos. Toda a programação que pode ser acessada por meio das diferentes mídias, tanto televisiva quanto digital, envolve conteúdo e propagandas. Em se tratando de conteúdo, podemos citar o jornalístico, o de entretenimento ou mesmo o artístico, entre outros. Então a preocupação dos pais não recai apenas sobre a propaganda, mas também na qualidade do conteúdo que seus filhos têm assistido. Embora eles saibam que por mais que se preocupem, não será possível controlar tudo o que seus filhos assistem e por isso consideram um desafio de alta dificuldade o processo de educar seus filhos frente a essa imensidão de aparelhos tecnológicos e de possibilidades destes aparelhos.

Em relação às propagandas, a preocupação dos pais é que elas incentivem seus filhos a se tornarem crianças materialistas, que valorizam demasiadamente o consumo (VELOSO; HILDEBRAND; CAMPOMAR, 2013). Observamos pelo relato dos pais que as crianças se tornam muitas vezes indecisas, mudando de opinião a respeito de qual brinquedo desejam à medida que assistem aos vários comerciais da TV.

Os autores supracitados declaram que muitos ativistas afirmam que as mídias eletrônicas têm destruído a infância, confirmando que as crianças agora têm acesso a conteúdo sexual e de violência que antes não tinham. No entanto, se consideramos que em outras épocas, de guerras e escassez, as crianças presenciavam a morte, a pobreza, as doenças e a violência de formas muito mais próximas, chegaremos à conclusão de que não devemos demonizar a internet e a televisão como é a proposta de muitos quando em busca de um vilão pronto e único. O que não significa que os pais devem deixar de tomar conhecimento dos danos que podem ocorrer pelo mau uso dessas mídias.

### **Categoria 3: As dificuldades enfrentadas pelos pais frente ao consumismo e como lidam com elas na educação de seus filhos**

Como a mídia mostra um mundo mágico de facilidades, a criança pensa que adquirir tudo o que ela pede é muito fácil também. E quando os pais lhe negam isso,

muitas vezes ela se sente excluída de sua turma de amigos e colegas, por não possuir os brinquedos da moda que, aparentemente, todos têm, o que acaba gerando frustração não somente para as crianças, mas também para os pais. Essa frustração causa neles um sentimento de culpa em relação ao filho, o que acaba fazendo com que, muitas vezes, cedam ao pedido da criança como atitude compensatória por outras situações.

Nossa realidade atual é a de que a mulher precisa trabalhar para complementar a renda familiar e, não poucas vezes, os seus rendimentos representam o sustento integral da família. Com isso, ela fica em casa apenas parte do tempo, o que afeta também a figura do pai, de quem acaba por ser cobrado uma maior participação na vida dos filhos. Ambos não dispõem do tempo que gostariam para cuidar de suas crianças e por isso sentem, mais uma vez, a culpa (SILVA, 2012).

Santos (2012) reitera que quando os pais dizem ‘não’ estão frustrando o filho, mas também protegendo-o e ensinando-o a aguardar para obter aquilo que almeja e isso é na verdade um ato de amor.

Percebemos que, falta aos pais argumentos para explicar aos filhos sobre o que se pode ou não comprar ou o que se deve ou não possuir. As crianças, por terem acesso a muito mais informação do que seus pais quando tinham suas idades, já fazem seus pedidos apresentando a eles a melhor maneira de adquirir seus objetos de desejo. Apresentam ferramentas, formas e facilidades de compra que são informadas a elas nos próprios comerciais da mídia.

O cartão de crédito que os pais usam é um exemplo disso. Para a criança, o pai não precisa de dinheiro, basta o cartão de crédito. Tal questão nos leva a conjecturar a importância de as crianças aprenderem sobre o valor do dinheiro e sobre a forma de administrá-lo ainda em idade escolar.

Muitas vezes, nem os pais estão preparados para realizar essa educação financeira, pois falta a eles próprios a noção disso como alternativa. Alguns aprenderam a consumir conscientemente e a economizar depois de “quebrar” financeiramente e, assim, tentam ensinar seus filhos compartilhando com eles apenas o seu próprio exemplo de vida.

#### **Categoria 4: Estratégias para combater o consumismo**

Nesta última categoria percebemos que os pais fazem uso de muitas estratégias para combater o consumismo em suas famílias. A mais usada, dentre elas, é o diálogo,

utilizado para fazer a criança pensar de forma crítica, mostrando a realidade financeira da família para o infante.

Silva (2012) afirma que mostrar para a criança quanto custa o produto pedido e lembrá-la do que havia sido combinado antes de entrarem nas lojas ou supermercados pode ajudar a contornar muitas dessas situações. Fazendo da conversa franca um hábito, a criança aprende, desde pequena, a focar nas necessidades da família e é grande a tendência de que ela leve esse aprendizado para o resto de sua vida.

Muitos pais compartilham com seus filhos o orçamento familiar, bem como seus planos e sonhos para o futuro da família, para que os pequenos comecem a planejar por si só suas próprias coisas. No entanto, não são todas as pessoas que tem facilidade para compartilhar seu orçamento dentro da família. Mas o ideal é que desde cedo os pais discutam as prioridades econômicas do seio familiar, para que o assunto comece a ser tratado e se torne comum, pois o orçamento participativo é bom para todos dentro do sistema familiar, unindo seus membros em torno de objetivos comuns (SANTOS, 2012).

Outros pais tentam diminuir a quantidade de tempo que seus filhos têm de acesso à internet ou à TV, pensando que com isso evitarão que eles fiquem expostos ao estímulo da mídia ao consumo.

A prática esportiva e atividades extracurriculares, como balé, por exemplo, são também estratégias usadas para evitar o tempo demasiado de exposição à mídias digitais e eletrônicas.

A estratégia de poupar no “cofrinho” é muito usada pelos pais, que consideram essa uma boa forma de que seus filhos aprendam a economizar e a gastar com consciência, pois irão usar o próprio recurso para adquirir aquilo que pedem.

Outra prática ressaltada pelos pais é o ensino pelo exemplo. Eles mesmos se policiam quanto aos seus gastos pessoais, por entenderem que a criança, observando suas escolhas e decisões em relação ao consumo, se tornará um adulto consciente financeiramente.

Para ter filhos independentes e equilibrados financeiramente os pais devem também o serem, pois o exemplo é a primeira e a mais importante lição financeira que eles podem dar aos pequenos (SANTOS, 2012).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender qual a influência do consumismo na educação das crianças com idades entre 8 e 12 anos e como se dá essa relação no cotidiano das famílias, nos deparamos com muitas facetas do assunto.

Fica claro que existe, por parte dos pais, a grande preocupação de que seus filhos saibam consumir com responsabilidade e sustentabilidade. Importante ressaltar que eles conversam sobre esse assunto com seus filhos, mesmo sem a intenção de promover uma educação financeira na família, mas como forma de construção de valores sólidos nos quais acreditam.

Percebemos que a forma mais usada pelos pais para ensinar seus filhos a respeito do consumo saudável e evitar o consumismo é o diálogo, em especial por meio de conversas que se fazem necessárias logo após um pedido das crianças, manifestado pelo desejo incutido pela propaganda que elas acabaram de assistir.

Os pais tentam fazer com que seus filhos entendam que nada na vida deles virá de forma fácil, mas por meio de muito trabalho e que, por isso, devem pensar se realmente precisam comprar aquilo que estão vendo na televisão. Tentam fazer seus filhos pensar de forma crítica, questionando a utilidade do produto anunciado, mostrando o quanto custa esse produto e outras coisas que podem comprar com o mesmo valor.

Foi observado também o quanto as crenças e valores recebidos das famílias de origem permeiam atualmente as convicções dos pais e estão presentes em todos os diálogos que mantêm seus filhos.

A maioria dos cuidadores acredita que uma educação financeira como disciplina básica escolar seria importantíssima para somar à educação que eles promovem em casa, reconhecendo o quanto a ausência desse aprendizado lhes custou.

Em relação à influência que as mídias, principalmente a televisiva e a digital, exercem sobre as crianças, observamos que os pais sentem que têm de ficar alertas quanto ao que seus filhos assistem na televisão ou na internet, pois a mídia apresenta para a criança um universo de facilidades e de apelo ao consumismo, além de conteúdos de fácil acesso não recomendados para a faixa etária de seus filhos.

As crianças, por sua vez, ficam ansiosas e indecisas em relação ao que desejam que seus pais comprem para elas, tendo em vista a grande quantidade de produtos oferecidos em tão curto espaço de tempo.

Identificamos algumas dificuldades enfrentadas pelos pais diante do consumismo infantil para educar seus filhos, pois verificamos através dos relatos dos pais as várias situações com que se deparam em relação ao assunto.

Uma dificuldade muito grande que os pais têm enfrentado, entretanto, é em relação ao desgaste em frustrar seus filhos ao dizerem “não” a um pedido feito pelos pequenos. Ressentem-se por saber que seu filho pode estar sendo excluído do convívio dos colegas por não ter “o que todo mundo tem”, seja um brinquedo, um *tablet*, um *smartphone*, etc.

A preocupação em ser um exemplo do que ensinam aos seus filhos também está muito presente. Os pais se policiam em relação aos próprios gastos para ser coerentes com o discurso que levam para a prole. Observamos uma concordância do casal em relação a essa conscientização.

Para evitar ou combater o consumismo infantil no processo educacional dos filhos, pudemos observar que os pais se valem de várias estratégias para isso.

Ensinam aos seus filhos que poupar é muito importante para que a longo prazo alcancem seus objetivos, e, segundo os relatos, as crianças têm respondido positivamente a tal postura.

As crianças estão sendo incluídas nas conversas a respeito do orçamento familiar e isso tem tido um resultado positivo para as famílias, pois os pequenos passam a sonhar os sonhos do entorno familiar e a pensar mais no coletivo.

Foi possível tomar conta do quanto o assunto é pertinente e do quanto se torna cada dia mais urgente falar sobre ele no cotidiano familiar, para criarmos indivíduos mais críticos em relação à mídia e ao consumo, conscientes de suas responsabilidades em relação ao uso do dinheiro e que possam transmitir a outros essa mesma conscientização e pensamento crítico.



## REFERÊNCIAS

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e Ciclo Vital: Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GUI, R. T.. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 135-159, jan. 2003. ISSN 1984-6657. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>>. Acesso em 03 mar. 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>> Acesso em 21 fev. 2018.

LINN, S. **Crianças do consumo: a infância roubada**. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MANFREDINI, A. M. N. **Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição**. 2007. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, A. R.; CARMO, R. O. **Família, afeto e finanças: como colocar cada vez mais dinheiro e amor em seu lar**. São Paulo: Editora Gente, 2012.

SILVA, A. M. D.; VASCONCELOS, L. R. **A criança e o Marketing**. São Paulo: Summus, 2012.

SILVEIRA, M. D. P. da. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 42-51, dez. 2004. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932004000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000400006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 fev. 2018.

VELOSO, A. R.; HILDEBRAND, D.; CAMPOMAR, M. C. **Marketing e o Mercado Infantil**. São Paulo: Cengage Learning Edições, 2013.

## Capítulo 17- A prática reflexiva na formação clínica em terapia familiar

Sônia Maria de Oliveira

Maria José de Lima

Este artigo tem como propósito a apresentação de nossa prática, identificada como “Supervisão pela Universidade”, como professoras responsáveis, entre outras matérias, pelo estágio em atendimento familiar dos alunos do curso de Pós-Graduação em Intervenção Familiar promovido pela Universidade de Taubaté (UNITAU).

O referencial para tal ação é o mesmo que nos embasa e conduz nossas práticas profissionais privadas: o Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático em sua abordagem Construtivista/Construcionista.

A caracterização “novo paradigmático” para o Pensamento Sistêmico provém dos estudos de Vasconcellos (2005) ao defini-lo como “o paradigma da ciência contemporânea” ou “a epistemologia da ciência novo-paradigmática” (p. 28), por contemplar a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Assim, pode-se “dar voz e vez para a contextualização dos fenômenos, ao se deslocar o foco para as relações, para o constante movimento e a imprevisibilidade dos sistemas, concebendo a coconstrução tanto dos problemas como das soluções...” (LIMA, 2015, p. 25).

A abordagem Construtivista/Construcionista apresenta-se conforme Grandesso (2006), como práticas pós-modernas que possuem como base epistemológica comum, a crença na interconstituição do individual com o social, ultrapassando a possível dicotomia desse par.

É a crença na coconstrução do conhecimento e na interconstituição do social com o individual que nos levou às *Práticas Reflexivas*, que a nosso ver vieram revolucionar as ações psicoterapêuticas, ao sair do lugar *de quem fala para* e posicionar-se como *quem fala com*. Essas são práticas Conversacionais e Colaborativas, cuja escuta se volta para a legitimação e efetiva inclusão das descrições e significados construídos pelos participantes de um encontro, construindo um contexto conversacional colaborativo, no qual a postura do terapeuta seria a de “juntar-se ao cliente numa exploração mútua de sua experiência e compreensão” (ANDERSON; GOOLISHIAN, 1993, p.12).

Para esta postura clínica, de grande utilidade tem sido, para nossa prática, o trabalho de Tom Andersen (2002), que ao dar lugar central no processo terapêutico ao Processo Reflexivo defende a validação de cada fala “nenhuma descrição é melhor que outra” para que depois se promovam buscas para o ainda não pensado e não dito (p. 50).

As Equipes Reflexivas, amplamente utilizada em práticas clínicas que se amparam no Pensamento Sistêmico Novo Paradigmático, fazem uso da presença de uma equipe, em contextos clínicos, para que partilhem suas reflexões, quando perceberem sua possível utilidade para a ressignificação do problema em questão.

Destaca-se de sua postura um profundo respeito pelo outro e pelo poder do diálogo genuíno. Para tanto foi adotada a estratégia de utilizar as Equipes Reflexivas como recurso, colocando-a dentro da sala de atendimento, formando assim, uma equipe terapêutica com os alunos, o professor e a família, organizados no tempo e nas funções para garantir que todos tivessem os benefícios que vieram buscar nesse encontro

## **O contexto**

Alguns aulas preparatórias são realizadas antes do contato direto com a família, com o objetivo de desenvolver a sensibilidade para a postura colaborativa e para a conversa de coconstrução do contexto, treinando perguntas úteis, exercitando a percepção do processo que vive a família e juntando ações individuais numa composição que possam revelar sobre como estão juntos. O foco seria o de compreender como chegaram nisso, para onde poderiam caminhar, de que forma gostariam de lidar com o que vivem e quais os padrões alternativos disponíveis no sistema e na rede social no entorno deles. Tudo isso sempre dentro da consideração de que o “cliente é o especialista.”

Observar os relacionamentos familiares e o lugar que seus membros ocupam, dando um destaque para a voz das crianças que, por vezes, são esquecidas nas psicoterapias familiares que privilegiam a linguagem verbal. Integrar seus jogos às verbalizações dos adultos e valorizar a comunicação construída naquela interação, favorecendo novos entendimentos do que vivem. Nas palavras de Andolfi (2011) “os distúrbios de uma criança (sejam psicossomáticos, cognitivos ou relacionais) falam

através do seu corpo ou de seus comportamentos e são o caminho para se chegar aos nós relacionais da família” (p.39).

Observamos que é, especialmente, difícil para os estagiários integrarem as diferentes demandas presentes no sistema terapêutico, assim como o pedido dos adultos da família, a voz lúdica das crianças, o olhar do professor, a escuta dos colegas, a coordenação com o colega coterapeuta e as próprias críticas. Todas essas demandas são desafiantes e exigirão do grupo um entrosamento, um trabalho com as diferenças e um ajuste frequente dos relacionamentos para que todos sejam atendidos em suas diferentes necessidades.

## **A prática**

Para chegar à prática dos atendimentos, propomos exercícios que coloquem os alunos em conexão com seus sistemas de valores pessoais, com suas experiências como psicoterapeutas e com suas habilidades para a leitura relacional das famílias.

Cada aluno deverá atender uma família em coterapia com um colega e também vivenciar uma Equipe Reflexiva, que é a condição mínima para que se considere formado o Psicoterapeuta de Família. Uma vez divididos em duplas, serão juntados a uma outra dupla e ao professor, com o intuito de formarem uma equipe.

Todas as situações atendidas serão consideradas em conversas posteriores, identificadas, por nós, como Intervisão, a qual segundo Oliveira (2006), se diferencia “por valorizar a construção de uma percepção grupal a partir dos diferentes olhares” (p.47), o que a torna uma proposta diferente da clássica supervisão em psicologia, onde há uma valorização da percepção do profissional mais experiente, sobre as demais.

Como responsáveis pelo estágio, cabe-nos criar um ambiente fértil para reflexões que nasçam do genuinamente vivido no contexto terapêutico, além de ajudar nos ajustes da prática, tal como, propor ações que permitam a ampliação dos temas a serem trabalhados naquela família. Cabe-nos, outrossim, planejar as possibilidades para o próximo atendimento e propor pesquisas e leitura sobre o tema central que se apresenta no atendimento, o qual terá a duração de 12 encontros, quando o caso, então, deverá ser encerrado.

A divisão por duplas de coterapia tem o objetivo de proporcionar um trabalho relacional também entre os terapeutas, evidenciando que em parceria constroem o

sistema de ajuda, compondo com diferentes posturas, somando competências e acomodando dificuldades para oportunizar a riqueza do sistema como um todo.

A eleição das duplas não é deixada ao acaso pela tendência dos alunos de se elegerem por suas afinidades de amizade. Privilegiamos as parcerias complementares, mais do que simétricas e pela responsabilidade do atendimento à família. Propomos pares que se complementem em suas diferentes habilidades (tímido/extrovertido - mais experiente/menos experiente) e se equilibrem, minimizando a competição. Temos consciência de que não controlamos todas as possibilidades dessa parceria, porém, tentamos ajudá-los nessa composição ao longo do atendimento.

No desenvolvimento do atendimento, adotamos um esquema proposto por Minuchin (2009) em quatro etapas, que se inicia com a ampliação da queixa apresentada, desfocando o problema de um só dos membros; num segundo momento, explora as percepções sobre como eles vêm mantendo o problema com suas interações; em seguida, investiga o passado com base na estrutura familiar e na construção da limitação atual e, finalmente, identifica o que precisam mudar e como poderão fazê-lo. (p.25-28). A adoção desse modelo permite ajustar o trabalho de psicoterapia familiar a esse modelo de 12 sessões quinzenais, e oportuniza o aprendizado de um modelo breve e útil para as instituições, que devem privilegiar o tempo e a demanda.

Alguns recursos terapêuticos são adotados para dar celeridade ao atendimento, visto o exíguo espaço delimitado para estágio e para aproveitar o fato de estarmos com uma equipe numerosa de terapeutas, numa relação amparada pela presença de um professor em tempo real. São propostos recortes (seleção de quem participa da sessão), atendimento em duas salas ao mesmo tempo, a utilização de técnicas como a Linha do Tempo, o Genograma, ou a Escultura, entre outras possibilidades que ofereçam à família um espelhamento de seu funcionamento.

Pode-se tomar como exemplo dessa prática, o atendimento de uma família de 9 filhos distribuídos entre crianças e adolescentes que procurou a clínica, tendo como foco o fato de uma das crianças sofrer *bullying* na escola e permanecer passiva diante de provocações. Na relação familiar observou-se violência entre o casal e entre os filhos mais velhos. Pai alcoolista, mãe superprotetora, embora ficasse fora quase o dia todo em função de trabalho, sendo que os filhos adolescentes cuidavam dos mais novos. A mãe falava por todos, as crianças expressavam-se um pouco nos desenhos e os adolescentes eram completamente calados e inexpressivos. Nós não conseguíamos

ver as diferenças, pareciam amalgamados numa única expressão representada pela mãe. Combinou-se, então, que uma terapeuta ficaria com o casal, enquanto outra, sairia com os filhos para ocupar outra sala. Antes do fim da sessão, a família seria reunida para juntar os contextos conversacionais e ouvir a reflexão da equipe.

Entre os irmãos a proposta foi a de conversar a respeito do filme, por eles eleito como o preferido (informação de sessão anterior) “Descendentes 2”. Todos manifestaram empolgação e entrosamento ao saírem da sala de atendimento dos pais. Os adolescentes tiveram espaço para legitimar suas opiniões e começaram a falar com empolgação sobre frases selecionadas do filme, como: “permita com que os outros habitantes da ilha tenham uma oportunidade de viverem diferente em *Auradon*”. Conversaram sobre o quanto se identificavam com os personagens e que gostariam de fazer algo diferente de seus pais, “não fariam o uso de bebida, pois todas as vezes que seu pai bebe torna-se agressivo, dorme alguns dias fora de casa e normalmente discute e briga com todos, entretanto, a mãe também faz uso de bebida para relaxar, mas não cria problemas como o pai.

Quando voltaram para a sala dos pais, retomaram a dificuldade de expressão e pediram para a terapeuta contar sobre a conversa. Os pais demonstraram surpresa e afirmaram nunca ter parado para pensar o quanto estavam incomodando os filhos. Essa abertura para o diálogo fez com que pudessem inaugurar uma fase de menos estranhamento e maior capacidade de incluir os desconfortos em suas conversas. Muitas outras possibilidades de recorte e reconstrução de contextos para o favorecimento do diálogo colaborativo foram desenvolvidas e grande tem sido nossa oportunidade de avançar nas práticas terapêuticas.

No desenvolvimento do estágio é combinado que os psicólogos deverão apresentar relatórios de cada atendimento, contendo uma descrição do encontro, com as participações dos terapeutas, as contribuições da equipe, a compreensão teórica do tema central trabalhado e também uma reflexão sobre a parceria em coterapia, destacando a autorreflexão sobre como contribuíram na sessão. Esses relatórios que versam sobre a vivência terapêutica, devem se eximir de serem apenas descrições burocráticas da sessão, uma vez que, servirão de aquecimento e preparação para a próxima. Nossa evidente preocupação, como formadoras e responsáveis pelo estágio, é a de oferecer o máximo de nossa experiência ao aluno, portanto, autorizamos-nos a comentar suas atitudes, as palavras utilizadas e seu desempenho, na busca de uma coerência epistemológica, considerando que essa é sua oportunidade única de um

trabalho supervisionado ao vivo, e que é nosso objetivo formar psicoterapeutas de família que venham a ser referência na área.

Ao mesmo tempo estamos comprometidas com a realidade familiar daqueles que se inscrevem no Centro Especializado de Psicologia Aplicada (CEPA) e nosso foco é oferecer-lhes o atendimento mais justo possível, para que tenham uma experiência que, verdadeiramente, contribua com seu processo de mudança.

### **A experiência relatada pelos profissionais**

Optou-se por buscar entre os profissionais que fizeram o curso, um relato de sua experiência:

*A experiência do estágio foi de grande contribuição para a minha carreira profissional. Aprendi muito, principalmente com o grupo reflexivo...o que no início era estranho pois, atender e saber que no mesmo espaço havia profissionais me ouvindo era algo novo. Contudo, foi muito importante...a fala de cada profissional para os clientes e depois as conversas feitas somente entre nós, ampliaram o meu olhar para as necessidades e para os detalhes que envolviam o caso. Quando falo de ampliar penso em uma tenda no deserto...que para caber mais pessoas e riquezas precisa ser ampliada...uma tenda que proporcionará alívio à dor e ao cansaço do outro. Para isso, aprendi muito nas intervisões sobre fazer boas perguntas...perguntas reflexivas que proporcionassem ao cliente uma auto percepção...o encontro de outro sentido para o que vivia e com isso aumentar suas alternativas. Estar em dupla também foi desafiador...no meu caso eu sou mais pensamento e minha colega mais fala...saber ouvir foi a chave para um bom trabalho...fiquei mais ousada se posso assim dizer...Até hoje lembro dos textos que compartilhamos...e a teoria sempre me passou segurança e ideias para desenvolver ferramentas que instrumentalizassem meu trabalho. Por fim, posso dizer que faria novamente o estágio...foi um período muito importante...um marco para a minha atuação clínica.*

*Edilene Coelho*

*A vivência do estágio foi muito rica, me deu a oportunidade de atuar, embora já sendo formada, como aluna novamente e ter as duas possibilidades, ao mesmo tempo, o que foi diferente da experiência na graduação. A equipe na sala, com a professora e os colegas compôs esse modelo diferente e inicialmente causou estranheza. Parecia difícil por trabalhar com a família e, ao mesmo tempo, estar sendo avaliada. Mas em contrapartida, no segundo momento, isso dá segurança pelo fato de ser avaliado, mas ter uma devolutiva logo depois da sessão. E, contar com a sensibilidade da professora foi muito bom. O feedback era dado de um jeito suave que corrigia sem criar mal-estar, com jeito carinhoso, com suavidade e isso com certeza, dava segurança. Adorei a experiência, me trouxe ensinamentos e hoje, no consultório, sem equipe, ainda me lembro do que vivemos, até porque continuo*

*atendendo famílias e a experiência me remete ao estágio. Foi rico embora diferente, mas de verdade um grande desafio.*

*Andréa Nogueira de Castro Porto*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Baseadas em nosso compromisso como profissionais, e aqui como professoras, procuramos oferecer um estágio construído com a proposta de praticar os relacionamentos, não somente com as famílias clientes, mas também entre nós, com uma coerência epistemológica que inclui atitudes colaborativas em um ambiente convidativo à expressão daquilo que se pensa e sente. Não pretendemos ensinar a esses alunos como se transformarem em terapeutas relacionais somente no estágio e com as famílias atendidas, gostaríamos que fossem colaborativos na vida. É isso o que pretendemos transmitir! Entendemos este formato de atenção ao estagiário da clínica de família como sendo de alto poder de aprendizagem. Por esse motivo, o recomendamos tanto para o contexto da clínica-escola, como para a clínica privada.



## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Tom. **Processos Reflexivos**. Trad. Rosa Maria Bergallo. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2003.

ANDERSON, Harlene; GOOLISHIAN, Harold. O Cliente é o Especialista. Uma abordagem para terapia a partir de uma posição de Não Saber. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, n 3, p.8-23. Rio de Janeiro, 1993.

ANDOLFI, Maurizio. Como restituir a voz e a competência à criança por meio da Terapia Familiar. **Revista Nova Perspectiva Sistêmica**, n 40, p.39-54. Rio de Janeiro, 2011.

GRANDESSO, Marilene. **Sobre a Reconstrução do Significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Terapias Pós-modernas**. Trabalho apresentado no Congresso da IFTA, em Porto Alegre, nov. 2001. Disponível em: <[www.terapianarrativa.com.br/artigos/pos-moderno.pdf](http://www.terapianarrativa.com.br/artigos/pos-moderno.pdf)>. Acesso em: xx Jan. 2010.

LIMA, Maria José. **A Competência Social do Psicólogo: estudo com profissionais de instituições no atendimento às famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social**. 2010. 166f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

MINUCHIN, Salvador; NICHOLS, Michael P.; LEE, Wai-Yung. Introdução: um modelo de quatro etapas para acessar famílias e casais. In: MINUCHIN, Salvador; NICHOLS, Michael P; LEE, Wai-yung. **Famílias e Casais do sintoma ao sistema**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.15-30.

OLIVEIRA, Sonia Maria. O encontro com a família no cenário clínico. In: OLIVEIRA, Sonia Maria; GONÇALVES, Tereza Elizete. **Famílias e Instituições: enlacs possíveis**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006. p.35-50.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves. Pensamento Sistêmico Novo-paradigmático: Novo-paradigmático, por quê? In: AUN, Juliana Contijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves; COELHO, Sônia Oliveira. **Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais**. Vol. I. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2005. p. 80-90.

## **REFLEXÃO**

## Capítulo 18- Presença e representação no FOFAT

Wanda Rogéria Campos Lima Assis

Para Vinícius de Moraes “*o material do poeta é a vida e só a vida, com tudo o que ela tem de sórdido ou sublime*”. É com esse olhar que a psicologia trabalha a vida, provocando o pensar reflexivo para a expansão dos sentidos, para ampliar conhecimentos e consciência da realidade cotidiana, um viver com sabedoria em benefício próprio, suavizar sofrimentos e solidarizar-se com outros.

Como psicólogos, nos visitamos diariamente, pensamos sobre a emoção e a subjetividade e valorizamos o expressar da humanidade e o que se constrói a partir desses encontros relacionais, trabalhando a interdependência e interconectividade na visão contemporânea em relação ao processo de individuação e singularidade: um sujeito menos objeto, pensador e mais íntegro social e etnicamente. Um sujeito que pode repensar o “si mesmo” integrando o meio científico e o cultural da humanidade. Um olhar de sobreposição.

No contexto terapêutico é relevante tratar as pessoas pensando a transformação de crenças, comportamentos, evitando padrões internalizados que amarram as mudanças. Uma pessoa que se comprometa com sua singularidade responsiva que busque informações, traduções e reconstruções do saber, integrando com as ciências humanas. A humanidade está sempre em transição.

A palavra é o elemento mais significativo e contundente de trabalho do psicoterapeuta. Pela palavra, acolhe e desafia o cliente na apresentação da sua história. Na palavra trazida pelo outro se manifesta o respeito do psicoterapeuta ao mergulhar nos significados dos fragmentos das histórias relatadas. E como o terapeuta conta sua própria história? Quais palavras ganham voz e tornam-se presença para ele?

O FOFAT - Família de Origem e Família Atual do Terapeuta é uma vivência que foi criada para que o profissional da área de família possa olhar para sua história e sua palavra. Esse evento acontece durante o curso de formação de terapeutas de família que é oferecido ou pela universidade ou instituições particulares de ensino.

No mundo contemporâneo, a necessidade de autoconhecimento vem sendo explorada por várias áreas da ciência e, dentre elas, a psicologia que rege um espaço para o falar de si mesmo, colocando inicialmente o próprio psicoterapeuta nessa

experiência. Não é só uma atividade intelectual, mas uma experiência relevante por ser presencial e por ser um encontro de histórias pessoais com interesse nas áreas familiar, cultural e social de profissionais como psicólogos, médicos, teólogos, serviço social e outros. Podemos chamar esse encontro de momento envolvente e único de percepção, do sentir e do ser tocado de forma sensível na história pessoal, na história dos outros e suas diversidades com profissionais experientes e cuidadores.

Por um tempo, podemos permitir ser e sentir, conforme as situações emergem, provocando uma variada forma de entendimentos entre os participantes que engendra a arte da imaginação e desenha possibilidades de experienciar a subjetividade. Arejar o si mesmo.

Falar sobre o FOFAT é um desafio, mesmo estando há décadas no próprio curso de especialização da área de família. O benefício dessa experiência é mal compreendido pelos estudantes e desconsiderado, algumas vezes, pelo psicólogo. As pessoas se prendem ao epistemológico e à aprendizagem por meio da linguagem e, quando se propõe experienciar, sentir, deixar-se tocar por algo ou pelo outro no relatar das histórias, observa-se, às vezes, o desdenho: “não preciso porque já entendi pela lógica que isso existe.”

Algo que sempre tentamos resgatar no FOFAT é o corpo em presença e o sentido por outras vias que não seja só da lógica e da episteme. O corpo treme, arrepia, muda batimentos cardíacos e temperatura, a respiração cessa e muda de ritmo. É o corpo em funcionamento, trabalhando, vivendo e comunicando experiências. Sobre a questão de integração do corpo, tenho repensado a partir dos recentes estudos com Marcelo Pakman e Pietro Barbetta (2017, 2018) de valorizar o corpo em nossas experiências de dimensão de sentido, de ir além da linguagem e dos processos de significação. São diferenças marcantes nas experiências do cotidiano.

As necessidades básicas de entendimento acontecem em uma dimensão que envolve a sensorialidade e a corporalidade. É a própria realidade, sem representação. A pessoa não é totalmente determinada, não está pronta. Temos inclinações e somos contraditórios, paradoxais. O corpo reage aos eventos, às palavras e gera sintomas.

É preciso sentir e expressar essa problemática da vida cotidiana familiar que surge momentaneamente ou já está lá instaurada, mas guardada e acomodada pela rotina das necessidades e prioridades. Psicólogos familiares têm expertise para o investimento no si mesmo e a responsabilidade do olhar do homem sobre esse si mesmo e sobre as questões relacionais, culturais, familiares em tempos históricos diversos.

O curso de família tem muito a contribuir com o olhar sobre intergeracionalidade e a relação de interdependência entre as pessoas. Hoje, enquanto se trabalha o “si mesmo” no FOFAT, revemos alguns conceitos do cotidiano como consciência da realidade, expansão dos sentidos, benefícios próprios, solidarizar-se com o outro para fazer a diferenciação, a singularidade e, também, integração e interatividade de um todo circular. Isso aparece ao conversar com o outro sobre comportamentos e discursos, sobre a intimidade no entre das relações, atuando em ações do presente, buscando um estado de alerta para o futuro relacional, percepções aguçadas e maior consciência sobre os desconfortos, imperfeições e fragilidades da vida.

Além da herança dos estudos da filosofia entre outras ciências, a psicologia debruçou-se sobre o homem psicossocial e no como ele se observa e reproduz os aprendizados sobre si mesmo, sobre os outros e o mundo. As expressões “vamos refletir sobre isso”, “vamos debruçar sobre esse tema”, “vamos aprofundar e desdobrar sobre essa questão” são os convites do FOFAT: refletir sobre as famílias de origem e atual e de compartilhar com outros profissionais as experiências e os conhecimentos de vida, antes de querer entender a família de outros. Foi preciso criar um lugar íntimo e acrítico para falar da própria família de forma clara, sem vaidade e pudor. Pela experiência, somos transformados.

Assim, revemos mitos e verdades de sistemas e de épocas diferentes, e quando esse olhar cruzar com o do cliente, conseguimos nos distanciar do que carregamos e trocamos pelos filtros dos estudos e aprendizados. Estamos em plena era da comunicação, mas também da dificuldade em fazê-la. Tropeçamos em palavras que dificultam o relacionar e tropeçamos em emoções que nos deixam, às vezes, agressivos, magoados, indignados e frustrados e se faz necessário um espaço para que as palavras possam ter vida. Uma vida com reflexão e sensibilidade para que a palavra seja resgatada em sua complexidade de significados e sentidos.

O FOFAT é uma vivência terapêutica de 50 horas, no curso de Taubaté, criado pelas mestras Rosa Macedo, Ceneide Cervený, Mathilde Neder na PUC/SP, que experienciaram com os pioneiros da terapia familiar nos Estados Unidos. Há anos ensinam a prática dessa vivência. Bowen é um dos pioneiros dos estudos de família, abordando a intergeracionalidade e acompanhado pelos estudiosos McGoldrick, Froma Wash no mesmo tema e investiram na formação e capacitação de profissionais nesse assunto. No Brasil, Ceneide Cervený e Wanda Assis lançaram-se também nesse

conhecimento teórico e prático. Tem o objetivo de trabalhar a experiência de vida com os futuros terapeutas e orientadores de famílias, preparando-os de um lugar de pessoas para um lugar profissional.

O FOFAT promove um descontínuo no cotidiano e faz uma imersão de vivências e reflexões sobre um estudo da família, pensando nas trajetórias e dinâmicas de gerações e como cada participante conduz suas escolhas, abrindo novas possibilidades por meio desse estudo intergeracional até os dias atuais. É possível visualizar as épocas e as transformações que ocorrem nas gerações em variados temas estudados pela terapia de família.

O curso integra vários autores e teorias com diferentes temas e conceitos para compreender a construção relacional no que diz respeito aos comportamentos e padrões repetitivos geracionais porque as pessoas se formam em variados contextos sociais sem questionar os aprendizados adquiridos. Quebrar padrões familiares significa conversar e compreender, ajustar situações e relações com o tempo da história do profissional participante.

Um tempo de desdobramento sobre si e familiares articulado por profissionais com interesses convergentes: o pensar livre de pressões cotidianas permite um mergulho nas histórias, permite ressignificações que inspirem sua atividade como especialista em famílias. Um incentivo para todos os profissionais que desejam um autoconhecimento e mais do que isso, uma experiência que amplie o *saber de si em contexto* familiar.

Uma equipe de profissionais habilitados oferece, durante o curso, a oportunidade de os futuros terapeutas ter um enlaçamento afetivo, que fará diferença na prática de estágio, quando estiverem atuando nas atividades de coterapia ou de equipe reflexiva no próprio curso. Podemos contabilizar os ganhos que vão além curso e aparecem nos trabalhos relacionais com a comunidade, consultório e na própria vida do profissional. Estudar a família de origem e atual do terapeuta relaciona-se à vida e vai além do preparo de profissionais, traz um ser humano renovado e mais consciente.

A estrutura do curso de família é baseada nos pilares teóricos sistêmicos novo-paradigmático uma parte prática de estágio supervisionado na clínica, na comunidade ou na instituição. Práticas desenvolvidas por professores Doutores em Psicologia Clínica e especialistas em terapia familiar, tornando o curso uma real experiência de formação. Entendemos que para ser um orientador ou psicoterapeuta de família, o profissional deve ser bem trabalhado e, desse modo, uma equipe prepara o FOFAT e faz dele um encontro de pessoas em processo de humanização.

No caminhar da história da humanidade os estudos e suas especificidades foram agregando e interconectando conhecimentos para entender o homem em seu habitat de compartilhamentos. Compreender as diversas culturas, portanto, tornou-se cada vez mais necessário para o aprendizado do convívio diário com respeito de uns com outros em suas diferenças.



**UNITAU**  
Universidade de Taubaté

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-9561-083-5



9 788595 610835